

Samanta Rosa Maia

**GUSTAVO TEIXEIRA:
O POETA QUE A CIDADE ENGOLIU**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a
obtenção do Grau de Bacharelado em
Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Alckmar Luiz
dos Santos.

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Rosa Maia, Samanta

Gustavo Teixeira : o poeta que a cidade engoliu /
Samanta Rosa Maia ; orientador, Alckmar Luiz dos Santos -
Florianópolis, SC, 2013.

281 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão. Graduação em Letras Português.

Inclui referências

1. Letras Português. 2. Gustavo Teixeira. 3. Literatura
Brasileira. 4. Parnasianismo. 5. Poesia. I. Luiz dos
Santos, Alckmar. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Letras Português. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS



“GUSTAVO TEIXEIRA: O POETA QUE A CIDADE ENGOLIU”

SAMANTA ROSA MAIA

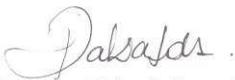
Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi julgado adequado para obtenção do título de

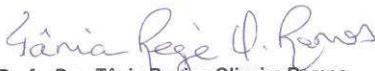
BACHAREL EM LETRAS

e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras - Habilitação Bacharelado em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da UFSC.

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Alcides Luiz dos Santos
Orientador e Presidente da Banca


Profa. Dra. Dalva de Souza Lobo


Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos

Campus Universitário – Trindade - Florianópolis
Fone: 3721-9293 FAX: 3721-9817

AGRADECIMENTOS

A todos os que conheci, Daila, Douglas e Gentila, e não conheci, que sustentam o Museu Municipal Gustavo Teixeira, e ao Rodrigo, essa “voz de assistência” (imprescindível) dos emails, pela confiança e pelo carinho.

Ao Seu Martello, que nem sabe da melhor estadia que me deu! E ao Carlito, pela corrida de táxi que me guardou dos ventos misteriosos de São Pedro.

Ao Luiz Henrique e à Stella, à Dona Maria Emília e aos familiares presentes, pela acolhida, pelas conversas, pelo socorro, pela segurança.

A todos os familiares de Gustavo Teixeira que de alguma forma contribuíram com este trabalho.

Ao Alckmar e ao NuPILL, por um norte.

À minha família, pelo apoio e pelos cuidados comigo.

E ao Giuseppe, com todo o amor do mundo, por todo o amor do mundo.

Este obscuro passou, sem nunca haver deixado,
Empós de um sonho vão, a terra em que nasceu.
Como inglório, por lá, nos campos o avinhado
Canta e morre a cantar, inglório assim, morreu.

Seu canoro instrumento em surdo som magoado
Estalou. Sob a cruz de estrelas deste céu,
Tão belo aí fora, jaz em tumulto ignorado,
Só das feras sabido, o sertanejo Orpheu.

Mas não morreu seu canto. Anda em livros o nosso
E o leem homens; o dele, entre rios e flores,
Luar ou sol, num soluço a repeti-lo estão

As aves, o fremir do vento, o ruído grosso
Das cachoeiras da serra e com os mais trovadores
O arrastado gemer das violas do sertão.

Alberto de Oliveira

RESUMO

Buscando dar maior visibilidade ao poeta são-pedrense Gustavo Teixeira (1881-1937), este trabalho traz um levantamento de publicações e anúncios de publicações do escritor, antecedido por uma breve discussão sobre o cenário literário da virada do século XIX, percorrendo temas como: o espaço inaugural do escritor, a abundância de versos, o fortalecimento da imprensa e a adesão ao “novo” urbano; bem como uma reunião de escritos diversos acerca do poeta e sua produção, sob o título “Fortuna Crítica”.

Palavras-chave: Gustavo Teixeira. Literatura Brasileira. Parnasianismo. Poesia.

ABSTRACT

Hoping to grant more visibility to Gustavo Teixeira (1881 - 1937), the poet from São Pedro, this work contains an ensemble of publications and announcements of publications by the writer, preceded by a brief discussion on the literary scenery in the turn of the nineteenth century, covering topics such as: the inaugural space for the writer, the abundance of verses, the strengthening of the press and the adherence to the urban "novelties"; as well as a reunion of various writings about the poet and his production, under the title of "Critical Essays".

Keywords: Brazilian Literature. Gustavo Teixeira. Parnassianism. Poetry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 – A EMENDA DOS SÉCULOS: O XIX-XX	17
1.1 “... <i>COMPREENDENDO OS ÍNTIMOS ANSEIOS</i> ”.....	19
1.2 “ <i>LAUTA MESA DE RARAS IGUARIAS</i> ”.....	20
1.3 “ <i>AS LETRAS, LENTAMENTE, DE UMA A UMA</i> ”.....	25
1.4 “ <i>A NOSTALGIA AZUL DOS TEMPOS DE AFRODITE...</i> ” – “ <i>NÃO TEM MAIS FIM A BÁRBARA TORTURA!</i> ”.....	30
1.5 “ <i>TINHAM A COR TRIUNFAL DAS PÚRPURAS ROMANAS</i> ”.....	33
1.6 “ <i>NO PÁRAMO SIDÉREO A MINHA ESTRELA</i> ”.....	36
2 – GUSTAVO TEIXEIRA	39
2.1 “ <i>DA CIDADE E CERCANIAS, AS LANDES E AS SERRANIAS</i> ”.....	41
2.2 “ <i>PARA TE DESCREVER AS FORMAS HARMONIOSAS</i> ”.....	43
2.3 “ <i>TODA UMA VIDA AZUL, COMO NUM COSMORAMA</i> ”.....	46
2.4 “ <i>QUEM O ESCREVEU EM LUZ NA ASA DAS BORBOLETAS?</i> ”.....	56
2.5 “ <i>DE PÁGINAS DE LUZ, RECORDAÇÕES DE TUDO</i> ” – PERCURSO EM PERIÓDICOS.....	58
2.6 “ <i>SOBRE O PAPEL CORRENDO, LINHA A LINHA</i> ” – NO ENCALÇO DAS PUBLICAÇÕES.....	59
2.7 ACERVO GUSTAVO TEIXEIRA.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	91
ANEXO A – Fortuna Crítica	99
ANEXO B – “Embarque para a posteridade”	267
ANEXO C – Farmácia de Miguel Carretta, na Rua Nicolau Mauro (São Pedro, SP)	269
ANEXO D – Casa em que se hospedava Oswald de Andrade, na Rua Nicolau Mauro (São Pedro, SP)	271
ANEXO E – “Herma do poeta são-pedrense”	273
ANEXO F – Museu Gustavo Teixeira	275
ANEXO G – Acervo Gustavo Teixeira	277

ANEXO H – Estante de “caixas” do “Acervo Biblioteca G.T.”.....	279
ANEXO I – Estante das demais “caixas”	281

INTRODUÇÃO

Quem foi Gustavo Teixeira? Ora, não bastando a dificuldade em responder quem ele é, com tal insistência se me afigura também – e principalmente – o passado [de] Gustavo Teixeira.

O são-pedrense não veio a mim por meios acadêmicos, nem sequer por meios interessantes – a história de sua chegada talvez não mereça espaço: o trabalho surgiu da leve inclinação inicial, e inconfessável, que de quando em quando nos move em associação às coisas – para simplificar e esconder bastante o puro “gosto”. Logo Gustavo Teixeira se tornou um grande representante da riqueza literária, por vezes esquecida ou sublinhada em seus “excessos” com certo desgosto, do fim do séc. XIX e início do séc. XX, e em se tratando de literatura paulista, ficou evidente sua importância.

O rascunho do primeiro projeto para a pesquisa e realização do trabalho tinha como proposta a análise da obra do poeta, e não demorou a ser abandonado, em razão não somente da escassez – cabe dizer, imediata – de estudos sobre Gustavo Teixeira voltados à literatura que fossem mais que “apreciações adjetivosas”, mas também do custoso acesso a esses materiais.

Alterada a proposta, programou-se uma viagem até São Pedro, cidade do poeta, no interior de São Paulo. Os dias 22 a 25 de julho de 2013, passados no Museu Gustavo Teixeira, numa concentração com um sem número de papéis do escritor, livros de seu acervo pessoal e documentos relacionados, boa parte fotografados por mim, serviram de medida real para o que é e o que pode ser.

Parte da pesquisa, dedicada à investigação e análise de periódicos (o exame das ocorrências de “Gustavo Teixeira” serviu de instrução para o direcionamento e a ampliação das buscas) e ao estabelecimento de uma bibliografia, pôs-se em andamento já em setembro de 2012, e prosseguiu até o momento de elaboração do trabalho por escrito.

No retorno com os materiais que o plano do trabalho se resolveu: reunir o que houvesse de produções sobre Gustavo Teixeira como “Fortuna Crítica” (para o que serviu de apoio- primeiro o livro “Gustavo Teixeira: poeta da solidão e da renúncia” de Arruda Dantas, por conter uma bibliografia básica sobre Gustavo Teixeira), juntamente com um estudo, obrigatório, de seu tempo (a fim de introduzir o poeta como um ponto de resistência ao próprio tempo e à recharacterização da cidade e das letras); listar as publicações do poeta (até 1937, ano de sua morte)

em periódicos e descrever ligeiramente a situação do Acervo Gustavo Teixeira.

CAPÍTULO 1

A EMENDA DOS SÉCULOS: O XIX-XX

1.1 “... *COMPREENDENDO OS ÍNTIMOS ANSEIOS*”

Em uma conferência sobre Olavo Bilac, Amadeu Amaral, explicando o “mecanismo” dos sonetos bilaquianos, que, segundo ele, eram repletos de imagens, e não simplesmente imagens, mas “representações de ideias abstratas sob formas concretas e coloridas” (1920, p. 23), cita duas condições para que, fundidas umas às outras, corporificadas, estas imagens se impregnem no “espírito do leitor” e, finalmente, adquiram “pleno relevo e sequência”. A primeira das condições mencionadas é a exigência de um leitor culto, que “tenha uma cabeça sofrivelmente mobilhada de ideias”; a segunda, que me interessa destacar e é o motivo do resgate dessa conferência, cabe apresentá-la à maneira do autor:

A segunda condição para que as imagens do poeta ganhem plena significação, ligando-se e completando-se, é que se leia com simpatia. Também este elemento é indispensável. Se toda arte, ainda a mais singela e acessível, exige do leitor ou do ouvinte a colaboração da sua inteligência, também não existe arte, por mais impressionante e vitoriosa, que não exija a colaboração da simpatia – uma espécie de boa vontade que se submete e se abre, contente e voluptuosa, mais ou menos como uma flor se deve entregar a um raio de sol. Arte é comunhão. Comunhão de espíritos. Só a simpatia dá relevo, cor, brilho, eficácia ao trabalho do artista. Ela procura nesse trabalho, guiada como por um faro divino, através do que é frustrâneo e opaco, o mínimo filão recôndito de beleza que ele contenha, dilata-o, sublima-o, e goza-o com delicada ternura. Arte é elevação. (AMARAL, 1920, p. 24-25)

Afora o brilhantismo e as lantejoulas típicos das conferências da época, é certo que não se vai muito longe com uma obra ou com um autor se se dispensa logo de início a mínima “abertura para a simpatia” – e o “mundo helênico” dos parnasianos, por exemplo, não é dos mundos literários o mais propício a despertar a tal disposição exigida.

Datam de 1899 as primeiras publicações de poemas de Gustavo Teixeira em jornal, e, dos livros publicados em vida, de 1908 o primeiro, *Ementário*, e de 1925 o segundo, *Poemas Líricos*. O trato de um poeta cuja produção de sua obra desenvolveu-se do século XIX para o XX impõe uma tentativa de superação do automatismo da leitura do período como “pré” ou “pós” – já questionada por autores como Flora Süssekind, em *Cinematógrafo de letras*. Desvincular essa transição de século da ideia de decadência de movimentos literários anteriores, como o parnasianismo ou mesmo o simbolismo (que de modo muito tortuoso infiltrou-se na literatura da época) ou ainda da ideia de balbúcio do que viria a ser o modernismo, não é tarefa fácil.

1.2 “LAUTA MESA DE RARAS IGUARIAS”

Em “Movimento literário de 1906 a 1910”, José Veríssimo mencionara uma primeira geração de parnasianos, cujos nomes o crítico não se dá o trabalho de citar por supor estarem “na boca de todos”, e “cujos poemas são ainda a flor da nossa poesia de 1870 para cá” (1979, p. 220), isto é, donde alguns poucos se salvaram; seguida de uma tentativa desastrosa de simbolismo e do que chamara de “poesia científica”, em meio a uma explosão de “poetas estéreis” da primeira década do séc. XX.

O que Veríssimo apontara como “extrema pobreza de fundo poético” é explicado por Amadeu Amaral, no artigo “Poesia de ontem e de hoje” (publicado originalmente na “Gazeta de notícias”, em 1923, quando escrevia críticas literárias para o jornal), como “vulgarização extrema dos modelos ilustres”. Passado o calor da estreia e o momento de real contribuição às letras, o parnasianismo vinha se enfraquecendo com a própria multidão de admiradores que arrastava consigo: “repetidores mais ou menos habilidosos, que inundaram o país de bonitos sonetos e de poemas sorríveis – apenas com o defeito de não serem “nascidos”, mas “fabricados.”¹ (AMARAL, 1924, p. 45).

Também Sílvio Romero denunciara com pesar, em “Versos, versos, e mais versos...” (*Outros estudos de litteratura contemporanea*), o crescente número de poetas no Brasil, em “enorme desproporção”, nos últimos trinta e quatro anos desde 1870. Até mesmo em pequenos

¹ E assim finaliza: “Chegou-se mesmo a temer, e com fundamento, que dentro em pouco passassem a fazer-se peças pseudo-parnasianas como se fazem chapéus ou sapatos – em cooperação, e às pilhas.” (AMARAL, 1924, p. 45).

periódicos, de caráter artesanal, que circulavam em restritos centros literários, comuns na época, o tema era reavido – o jornal literário “A Florescência”, de São Paulo, que teve suas edições impressas por volta de 1916-1917 (tendo como subtítulo nos últimos números: “Orgam do Centro Litterario Amadeu Amaral”), traz, na segunda página do jornal número 7 (de janeiro de 1917), um curto ensaio intitulado “Poetas...”, no qual o ensaísta Wale Nuces, comentando uma crônica lida em que se dizia haver mais poetas no Brasil do que “as estrelas do Cruzeiro multiplicadas por si mesmas”, dá seu depoimento assombrado em favor dessa constatação – segundo ele, motivados pelo “puritanismo atual”, os poetas fizeram da inspiração produção do verso, quando deveria de acontecer o oposto²: “Poetas de pouco ou sem merecimento, pululam por aí, às levas, quais vermes, nas lagoas pútridas da mesquinha literatura”.

O que para Sílvio Romero era “claro indício” dum povo de “defeituosa organização social e da pouca profundidade de sua cultura” (1905, p. 70), e para José Veríssimo “sinônimo de mediocridade”, era para Amadeu Amaral “uma admirável floração de talentos interessantes, vivos, maleáveis, inquietos, com uma grande riqueza de pendores independentes” (1924, p. 46).

Amadeu Amaral não só navegou em contrário ao geral pessimismo, como ele mesmo dissera, mas defendeu serem falsas as correntes afirmações sobre a multiplicação dos poetas no país – “Afirma-se todos os dias que os poetas enxameiam nesta terra como gafanhotos, alastram como as abóboras; e passou a ser clássica a pilhéria de que toda a gente faz versos no Brasil. Nada mais falso. É falso que a poesia tenha assim tantos cultores neste país.” (AMARAL, 1924, p. 23).

A citada comparação entre os poetas e os gafanhotos fora feita por Wenceslau de Queiroz na seção Crítica Literária do jornal “Correio Paulistano”³, publicada no dia 09 de outubro de 1904. A crônica trata

² “O puritanismo atual, levou ao ridículo a beleza da inspiração. Sim, já hoje, a inspiração deixa de produzir o verso para ser por ele produzida.” (NUCES, 1917, p. 2).

³ O parágrafo donde fora retirada a mencionada comparação é o seguinte: “E pois que os talentos robustos e pessoais não exuberam por aí como os gafanhotos ou moscardos, enxameando por tal forma que nos tapem o sol, o que, no entanto, se dá com as hordas bárbaras dos inúmeros sarrafaçais que se rotulam com o título de escritores, justifica-se até certo ponto o paradoxo estético de que nunca se deve encorajar estreade algum na carreira das letras, mas, ao invés, se deve mostrar que na orografia intelectual são quase

da apatia da crítica diante dos livros recebidos, que, segundo o autor, ou se desfaz em uma “crítica sistematicamente louvaminheira” ou “os atira [os livros] à vala comum do recebemos e agradecemos”; para por fim elogiar o trabalho literário, de tradução português/francês-francês/português e criação em ambas as línguas, de Hippolyto Pujol.

“A crítica é uma drenagem necessária no campo da literatura”, devendo basear-se na “apreciação justa e verdadeira, sem ridículas curvaturas de espinha dorsal, nem aprumos de uma severidade de pedagogo” e deve combater o que Wenceslau de Queiroz chama de “fenômeno assustador de uma superprodução de farandulagem literária”.

A resposta mais elaborada e direta, por parte de Amadeu Amaral, à crônica publicada no “Correio Paulistano”, veio em “Brasil, terra de poetas...”, em que o autor acusa Wenceslau de Queiroz de fazer afirmações “falsas como pratas de chumbo”. Para Amadeu Amaral não há razão para se dizer que um país “onde oitenta por cento da população não sabe ler, onde não há senão uma literatura incipiente e uma arte andrajosa, onde a caça ao dinheiro predomina desenfreadamente [...], onde não há opinião, não há tradições, não há cultura [...]” (1924, p. 29) é uma terra de poetas. Além do que, espera-se do crítico que ele não disperse “a nuvem dos saltões versejadores”, mas que lhes imprima “o cunho das suas ideias”.

Contudo, é bem verdade – e isto o próprio autor de O elogio da mediocridade observou – que os livros de poesia começaram, nas primeiras décadas do século XX, a entulhar as livrarias⁴. A seção “Livros Novos” da revista “A Cigarra”, de São Paulo, teve em sua maioria de anúncios literários livros de poesia, muitos dos quais não se têm nenhuma outra notícia até hoje (serve como exemplo o misterioso Walkyrianas, de “José Testamantis”⁵) – a Arte de Amar, de Júlio César

inacessíveis as montanhas, cujas cumiadas se perdem nas nuvens, e que o caminho para chegar até lá em cima vai beirando abismos, é estreito, abrueto, áspero, produz vertigem, tal qual a que acometia Heráclito no cimo das colinas de Éfeso, não passando a tão almejada glória, por fim, de uma fita de fumaça prismando-se em cores de arco-íris, sedutora e aliciante ao longe, mas fugidia, incoercível e efêmera” (QUEIROZ, 1904, p. 1). *Jornal* n.º 14785.

⁴ “Acham que estamos saturados de poesia... Entretanto, os raros livros que aparecem no decorrer de um ano ficam empilhados nas prateleiras dos livreiros, se não são jeitosamente propinados aos incautos, como bilhetes de rifa.” (AMARAL, 1924, p. 24).

⁵ A primeira coluna da seção “Livros Novos”, página 42 de “A Cigarra” n.º 337 (correspondente a segunda quinzena de novembro de 1928) traz a curiosa notícia de lançamento: “Ao abrirmos este livro, deparamos com esta coisa

da Silva, publicado pela editora de Monteiro Lobato, foi um dos raríssimos casos de “best-seller da lírica”.

Entretanto nós somos um país de poetas! Em cada esquina encontra-se uma escola de arte, em cada café corre desabrido esse processo epicamente nacional de sova literária, no interior das livrarias fervilham as novas escolas de arte. Como os homens variam e os livros não são lidos, oh! senhor Deus! ler todos esses volumes! (RIO, s.d., n.p.).

O que foi na visão de muitos, mais um pretexto para alçar voz contra o atual, “pouco intenso, sempre defeituoso, quase nada original” fenômeno literário:

Em todas as literaturas, é hoje o romance, a epopéia da vida democrática e burguesa moderna, o gênero predominante e mais numeroso. O verso vem depois. Em a nossa acontece o contrário: os livros – eu diria melhor os folhetos – de verso são a nossa produção mais copiosa, incomparavelmente mesmo mais copiosa que qualquer outra. (VERÍSSIMO, 1977, p. 137)

terrível, este atentado às regras, às comezinhas regras gramaticais: nome masculino craseado. Mesmo assim, continuamos a ler a obra do senhor Testamantis. Na capa, como o “caven canem” das vivendas romanas, havia este aviso-incitação: SÓ PARA HOMENS. Lemo-lo à pressa. Com medos de sermos apanhados em flagrante. Ler assim não é ler. Haverá poesias boas? Más? Não podemos garantir. Talvez sim, provavelmente não. Em último caso, servirão de “aperitivos”... (os leitores adivinham que espécie de aperitivos!...) a certos organismos depauperados. Quando pretendia relê-lo, a “Cigarra”, a sisuda mademoiselle “Cigarra”, que é uma senhora de costumes severos, à antiga, pois usa, em pleno século do aeroplano e rádio, cabelos e vestidos compridos, e não dança o “charleston” nem pinta os lábios, muito ciosa do seu pundonor, tomou-o das nossas mãos e rasgou. Logo...”.

Diria Amadeu Amaral que esse volume todo de livros é pouco em face do que deveria ser – “Saturados de poesia, saturados de arte vivem os povos de larga e intensa cultura, as nacionalidades potentes e expansivas que nós procuramos imitar” (AMARAL, 1924, p. 24) – mas em pelo menos uma coisa concordavam os críticos: não há quem leia; o Brasil não sabe ler.

E não só eles. Por ocasião da morte de Machado de Assis, no fim do mês de setembro, em 1908, acompanhada da morte de Artur de Azevedo, um fervoroso leitor de “O País” (RJ), tido como Sergio Rud, decide-se por recorrer à imprensa com o propósito de comunicar à Academia Brasileira de Letras “umas tantas ideias” suas – “Se eles indagarem dos motivos que determinaram V. Ex. a aceitar essa profissão pseudo-postal, diga-lhes, de minha parte, que nós ansiamos aqui por aliviar uma formidável pressão intelectual e moral.” (RUD, 1908, p.5). Assumindo não ser literato – “sei ler mal e escrever pior” –, comovido com a morte de dois grandes escritores, e no desejo de alertar os imortais para “catástrofes vindouras”, lembrando uma palestra de Artur de Azevedo sobre Machado de Assis, Rud põe-se a estudar a “triste situação dos literatos brasileiros” – “Cria-me, porém, V. Ex.: eu gosto dos literatos. Refleti, por isso, maduramente, na supra-mencionada Palestra. Excogitei, quanto m’o permitiu o fósforo cerebral, em meios de suavizar as amarguras dos escritores nacionais.” (RUD, 1908, p. 5). Na patriótica declaração “sobre assuntos vários”, publicada em 16 de novembro de 1908⁶, sob o título de “Cartas de longe”, Sergio Rud assegura que o mal de que padecem os escritores – a falta de dinheiro –, e o abarrotamento de livros não vendidos (“Machado de Assis cedeu a propriedade literária de suas obras por dez réis de mel coado”), não são culpa do governo, como o colocou Artur na dita palestra⁷, e sim culpa “nossa”: “o brasileiro tem muito em gastar o cobre e pouco cobre para gastar. Custa-lhe reservar umas economias mensais para a verba da leitura [...] nós, povinho, não temos os olhos esbugalhados para a ciência nem para a arte” (1908, p. 5). Tamanha foi a perspicácia do leitor, que nem os jornais, nos quais se liam unicamente romancistas franceses⁸, escaparam de suas farpas. A primeira das soluções propostas

⁶ “Anno XXV – N.º 8810”.

⁷ “Artur só topou um recurso: apelou para o governo. Ora, veja, V. Ex., para quem foi o dramaturgo apelar!” (RUD, 1908, p. 5).

⁸ “Abrimos os jornais, corremos aos folhetins e devoramos como iguarias o Xavier de Montepin, o Ponson de Terrail, e agora, no País, o Julio Lermina. Esses romancistas são franceses, V. Ex. e seus colegas proclamam que são de

é, que nos “rodapés dos jornais radiassem as estatísticas da casa”, a segunda, que os editores se empenhassem em anunciar “largamente” seus produtos – “Ganhar dinheiro, escrevendo, é, afora a excelência do produto, uma função comercial análoga a vender manteiga mineira ou banha de Porto Alegre. Requer uma operação econômica importante: obter mercado.” (RUD, 1908, p. 5) –, e a terceira, dado que a educação do povo, que seria “o meio infalível de aumentar o consumo”, é um meio “longo, fastidioso e de êxito problemático”, que a língua portuguesa é uma “camisa de força”, pois não há, fora do Brasil, quem a decifre, Sergio Rud lança a proposta de que os imortais se ocupem em traduzir o que fosse aqui produzido⁹, e atirem as traduções ao “mercado externo” “com foguetório, botando por cima da capa: obra premiada e publicada sob os auspícios da Academia Brasileira de Letras, e no envoltório de cada exemplar, um dístico em tipo garrafal: Grand succès” (RUD, 1908, p. 5), seria esta a receita para o enriquecimento dos escritores nacionais, e arremata: “Nós andamos carecidos, cá por baixo, de um professor de civilidade, que nos ensine a mentir bonito”.

1.3 “AS LETRAS, LENTAMENTE, DE UMA A UMA”

Como pode um país assim desenvolver-se, em matéria de cultura, em torno da “letra impressa”? Cabe o retrato nem um pouco estático do cenário, como o pinta Flora Süssekind: havia no Brasil “uma paisagem tecno-industrial em formação”; de início “um confronto – primeiro hesitante, meio de longe; mais tarde convertido em flirt, atrito ou apropriação” (SÜSSEKIND, 1987, p. 15). O universo intelectual, o boêmio, e também aquele de reuniões estudantis, deixa de se centralizar em espetáculos para incorporar a imprensa, e a imprensa, de público tão restrito, trabalha em ritmo acelerado para atingir maior espaço social.

É anunciada na virada de século, conforme Nelson Werneck Sodré, a virada da imprensa, de “empreendimento individual, como aventura isolada” à empresa jornalística¹⁰. A modernização do

primeira água. Nós só conhecemos a eles; quando poupamos uns cinco mil réis magros, compramos os livros deles.” (RUD, 1908, p. 5).

⁹ “O único jeito é mudarmos de roupa: traduzirmo-nos”. (RUD, 1908, p. 5).

¹⁰ “Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. Se é assim afetado o plano da produção, o da

jornalismo em indústria “lança os jornais na direção de um público de massa” (SÜSSEKIND, 1987, p. 73), e dá para a colaboração dos escritores, “como a única trilha concreta em direção à profissionalização” (SÜSSEKIND, 1987, p. 74).

Em entrevista concedida a João do Rio, que mais tarde viria a compor *Momento Literário*, conjunto de entrevistas com escritores realizadas entre março e maio de 1905, publicadas primeiramente no jornal *Gazeta de Notícias* (RJ), declara Olavo Bilac “o jornalismo é para todo o escritor brasileiro um grande bem. É mesmo o único meio do escritor se fazer ler. O meio de ação nos falharia absolutamente se não fosse o jornal — porque o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade.” (RIO, s.d., n.p.). Entrementes, “o jornal é um problema complexo”, diz Bilac. A ampliação do público leitor não escondia a “falta de instrução” a qual viam os proprietários de jornal presas suas tiragens.

“O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”, a “pergunta capital” de João do Rio firmava o inegável: “sob qualquer aspecto, era porém injusto negar o papel do jornalismo no desenvolvimento da literatura brasileira” (BROCA, 1975, p. 218).

O jornalismo era para muitos a “atividade central” não apenas por ser um meio de sustento, ou “porque possibilitava certo grau de profissionalização, mas também pelo aumento de prestígio e influência política que os homens de letras pareciam adquirir”¹¹ (SÜSSEKIND, 1987, p. 75). As gerações surgidas por volta de 1900, não presenciavam mais os gracejos da geração boêmia de 89 que, como observa Brito Broca, tinha então suas figuras aburguesadas: “a geração nova de então surgia nesse clima diferente, em que já não se compreendia a atitude do artista morrendo de fome, do escritor sacrificando tudo pelo ideal literário” (1975, p. 7). Este processo, pelo qual passou a imagem do poeta e da poesia, é indicado em “O calvário dos poetas”, ensaio de

circulação também o é, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores.” (SODRÉ, 1983, p. 275).

¹¹ Diz Olavo Bilac, no prefácio de “Ironia e piedade”, sobre suas contribuições à “Gazeta”: “É que a Gazeta daquele tempo, a *Gazeta de Ferreira de Araujo*, era a consagradora por excelência. Não era eu o único mancebo ambicioso que a namorava: todos os da minha geração tinham a alma inflamada daquela mesma ânsia. Não era dinheiro o que queríamos: queríamos consagração, queríamos nome e fama, queríamos ver os nossos nomes ao lado daqueles nomes célebres.” (BILAC, 1916, p. 9).

1908, de Amadeu Amaral: entre “nós aqui chegamos ao exato conceito de poesia: caraminholas¹²” (1924, p. 19) e:

Passada essa época [do romantismo], as coisas melhoraram sensivelmente. [...] Mas era acabado o tempo do poeta-pedinte, do poeta-protegido e do poeta-madraço. Hoje, vêmo-lo a viver honestamente e trabalhosamente do jornalismo, da magistratura, do funcionalismo, do magistério, e até das letras. A poesia deixou de ser esse passa-tempo ou um salvo-conduto para a malandrice: a poesia é-lhes um meio de vida, ou uma sobre-carga de trabalho, com que espontaneamente se oneram para dar emprego ao excesso da sua atividade mental. (AMARAL, 1924, p. 21-22).

Tem publicado Matheus de Albuquerque, o poeta de Visionário, breve colaborador de “O País” (RJ), no dia 19 de agosto de 1911¹³, em “Carta para a província”:

Quanto a coisas literárias, em que tão fervorosamente te empenhas, apenas saberás que, como era de supor, também os hábitos mudaram, neste particular, com a transformação da cidade. Já lá se foram os tempos em que neste país se olhava para o homem de letras com uma piedade misturada de desprezo, fazendo-se do mísero uma criatura à parte, perfeitamente dispensável, um zero à esquerda entre valores sociais. [...] Porque a verdade, meu caro, é que hoje o homem de letras no Brasil, pelo menos no Rio de Janeiro, é positivamente uma afirmação social, tem o seu papel definido, é mesmo um elemento de que já se

¹² “A palavra “poeta” equivale à palavra “tipo” no seu sentido familiar, exatamente porque o poeta, no conceito comum, é nada mais, nada menos que um tipo – um ente desclassificado e vagamente perigoso. A publicação de meia dúzia de sonetos é um passaporte para o descrédito.” (AMARAL, 1924, p. 18).

¹³ “Anno XXVII – N.º 9813”.

não prescinde no concerto coletivo.
(ALBUQUERQUE, 1911, p. 1)

Dentre as considerações do poeta sobre literatura, não poderiam faltar as corriqueiras notas sobre “uma febre de produção a escaldar o cérebro dos moços”¹⁴, e a proliferação das academias. O “mercado dos produtores”, por sua vez, parece o único, na opinião de Matheus de Albuquerque, a estar, talvez, em uma crise que pode de algum modo alcançar financeiramente os escritores:

Diz-se todos os dias, e nós bem o sabemos, que em nosso país ninguém vive da pena, porque não há leitores que paguem compensadoramente o trabalho do escritor. [...] Se alguma crise existe a dificultar o conforto material dos nossos homens de letras, é, talvez, crise de produtores, de profissionais idôneos, de lutadores de polpa, que vençam os últimos obstáculos da cidadela – crise agravada pela escassez absoluta de editores, que antes de tudo são comerciantes, e para quem tanto valem os lucros da venda de obras nacionais, como os que lhes rendem as xaropadas estrangeiras. (ALBUQUERQUE, 1911, p. 1)

Matheus de Albuquerque e Sergio Rud, escritor e leitor, com avaliações bastante próximas, coadunavam-se nos mesmos exames de seu momento literário.

A boemia estava desaparecendo e o que favorecia sua partida, para Nelson Werneck Sodré, era “a generalização de relações capitalistas com as quais ela era incompatível” (SODRÉ, 1983 p. 296). A profissionalização levava alguns a não admitir que o poeta e o cronista pudessem instalar-se na mesma residência.

¹⁴ E segue: “Estamos em pleno esplendor de glórias novas, energias juvenis despontam para as pugnas sagradas, novas liras fogosas agitam-se ao serviço de Apolo redivivo. Andamos aos empurrões com os eleitos, quase a bater-lhes familiarmente na barriga.” (ALBUQUERQUE, 1911, p. 1).

Oscar Lopes¹⁵, na intenção de comentar um novo livro de Goulart de Andrade, Névoas e Flamas, na coluna “A Semana” (de 05 de outubro de 1913) que mantinha em “O País”¹⁶, iniciara seu texto com “São os poetas que fazem a língua”; disto saltando para uma argumentação que corroborasse com o que dissera, embrenha-se numa resposta para “E os prosadores, não? Impertinente pergunta! Difícil e espinhosa resposta!”:

Creio, sem a mais leve sombra de dúvida, que o número de prosadores de mérito vai diminuindo. Só se pode atribuir o fato aos atropelos da profissão jornalística. O jornal moderno, que é a invencível atração de todas as aptidões literárias (e em certos casos também das mais perfeitas inaptidões) procede com a ferocidade clássica dos abismos: atrai, engole e fica tudo por isso mesmo, porque abismo que se preza não se dá o trabalho de restituir à luz e à liberdade os infelizes que lhe caem no bojo.

Mas (não faltará quem pergunte), isso que tem, que mal há no exercício permanente da imprensa para os escritores se, em vez de extinguir, o jornal desdobra as qualidade brilhante de um plumitivo? O mal é sutil e terrível: o jornal desenvolve o jornalista, mas anula o escritor de livro. Ao mesmo tempo que forma um comentador, estrangula um criador [...] O estilo dissolve-se para dar lugar à frequência da produção. (LOPES, 1913, p. 2)

O colunista esclarece não julgar que o jornal extinguisse o talento, mas sim que ele o poderia transformar, modificar, “para poder adaptá-lo à nova função”. As intrigas quanto aos “homens de jornal” eram cochichos acanhados daqui e dali – “a ligação entre “poetas” e “imprensa” é descrita como uma relação amorosa” (SÜSSEKIND, 1987, p. 80). E os escritores comumente dividiam-se entre o “lugar artístico” e o “espaço jornalístico”, adotando estratégias estilísticas que se fixassem cada uma em seu campo.

¹⁵ Oscar Amadeu Lopes Ferreira.

¹⁶ “Anno XXIX – N.º 10590”.

Igualmente o jornalismo, em seus primórdios, aderiu aos artifícios literários – “O noticiário era redigido de forma difícil, empolada. O jornalismo feito ainda por literatos é confundido com literatura, e no pior sentido.” (SODRÉ, p. 282), era o “tempo do soneto na primeira página, dedicado ao diretor ou ao redator principal da folha...” (EDMUNDO, 1938, p. 910) – a ponto de as narrativas água-com-açúcar se generalizarem¹⁷, associadas imediatamente ao carimbo dos literatos – daí a “superornamentação”, alegada por Flora Süssekind, como uma “das vias preferenciais de delimitação do lugar do “artístico”” (SÜSSEKIND, 1987, p. 77), de que são exemplo Olavo Bilac e Coelho Neto.

1.4 “A NOSTALGIA AZUL DOS TEMPOS DE AFRODITE...” – “NÃO TEM MAIS FIM A BÁRBARA TORTURA!”

Os críticos, desde homens profundamente interessados em literatura, escritores até palpiteiros de jornal, frequentemente justificam a profusão de versificadores esteticamente desqualificados pelas características mesmas que o estilo em voga – um então parnasianismo, de acordo com Péricles Eugênio da Silva Ramos, resultante das empresas francesas de Artur de Oliveira e suas divulgações, e da “força de pregação” de Machado de Assis – reclamaria de seus adeptos.

José Veríssimo, transcorrido algum tempo depois da “fulguração daquela plêiade admirável de 1885” (AMARAL, 1924, p. 46), da qual ainda restava Alberto de Oliveira para resguardar a integridade da escola, incrimina a poesia contemporânea por uma “lamentável uniformidade, que no caso é sinônimo de mediocridade” (1979, p. 220),

¹⁷ Nos modelos de “Passionarias”, de Coelho Neto: “De onde vem as lágrimas? Há duas versões, curiosa: faze tu mesma a escolha. Vem da alma, para uns; para outros, vem do coração. A alma venturosa tem o sorriso, que é a luz; a alma sofredora tem a agonia, que é a treva. [...] Cada um de nós traz dentro de si a fonte amarga que abebera os olhos e dessedenta a alma. Lágrimas... Falemos do sorriso.”, e “As mulheres de preto”, de Raimundo Reis: “Eu sempre tive pelas mulheres vestidas de preto uma predileção especial e maníaca. [...] Não sei se é porque no amor (como em todas as demais cousas humanas) o Egoísmo domina. Talvez seja. [...] Eu sou egoísta. [...] Creio que é por isso que adoro as mulheres trajadas de luto. Elas são para mim seres abandonados e melancólicos, sonhadores e felizes, que necessitam do meu amparo e de meu carinho...”; ambas publicadas no “Correio Paulistano” (SP), dia 01 de maio de 1916 (N.º 18965).

devido a, primeiro, um “arcadismo inato, hereditário da nossa poesia”, o gosto “no pior sentido do termo, da arte pela arte” (1979, p. 220), e segundo, em decorrência da primeira causa, a aceitação imediata da produção literária francesa (a que se detinha nas preocupações da forma), levando a uma das máximas parnasianas: o “impessoalismo¹⁸ do poeta”. Rica exageradamente em qualidades exteriores e vulgar quanto ao seu “fundo poético”, é possível confundir os poetas “na mesma inspiração e maneira” “sem as virtudes íntimas que a [poesia] distingam e caracterizem, ou sequer assinalem e separem, com destaque notável, os poetas uns dos outros.” (VERÍSSIMO, 1979, p. 219).

Das mesmas “falaciosas miragens” parnasianas falou Silvio Romero – estabelecendo-as nas “primeiras situações” de seu esquema de evolução do lirismo brasileiro¹⁹. No estudo mencionado anteriormente, diz o crítico que a “produção de mérito” da escola romântica foi muito maior do que a das escolas que a sucederam, e, concernente ao valor dos novos poetas, como Olavo Bilac, Raimundo Correia, Teófilo Dias, Alberto de Oliveira, Luiz Murat, Bernardino Lopes, Múcio Teixeira, Emílio de Menezes e Cruz e Sousa, não o ignora, igualando “estes” com “aqueles” “no que a poesia brasileira tem de mais significativo – o lirismo”, se “estes” têm mérito, é “pelo que neles é um reflexo, um survival da velha escola” (ROMERO, 1905, p. 71).

Assim, não se decidem eles se o surto de metrificação, ocorrido mais tarde, fora um surto pela facilidade de aplicação de técnicas de versificação, a favor de uma escola cuja prioridade era a descrição e o manejo da forma, ignorando o “gênio criador”, ou por ter sido absorvido pela classe letrada como atividade intelectual, portanto, de prestígio (o verso passando a servir de entrada para a classe dos salões, das

¹⁸ “A impersonalidade e o cuidado extremo e exclusivo da forma, acarretando forçosamente o sacrifício da ideia, deviam não só privar o parnasianismo do principal fator da poesia, a emoção, mas levá-lo rapidamente, como aconteceu, ao esgotamento, acabando por fazer predominar nele a feição meramente pintoresca e descritiva. E o mal que ele produziu foi que, fazendo da perfeição métrica, da riqueza e raridade da rima, das combinações rítmicas, o critério da poesia, facilitou-a a uma multidão de sujeitos sem pensamento, sem ideia, sem emoção, sem inspiração nem estro.” (VERÍSSIMO, 1977, p. 154).

¹⁹ “Todo o lirismo, nas grandes literaturas, segue esta evolução; começa por descrições de cenas simples da natureza; passa depois a descrever os fenômenos mais complexos do mundo exterior; após aparecem as narrativas de fatos históricos [...]” (ROMERO, 1949, p. 301-302).

conferências, das “celebridades literárias”), ou ainda se fora apenas uma instância do tecnicismo da época.

O parnasianismo, ademais, não resolvia um problema tão caro aos homens de letras naquele tempo: o da constituição de uma literatura nacional original. Juntando os “princípios parnasianos” ao fato de serem importados da França, e terem se estendido tão descomedidamente, tocando inclusive em outros movimentos literários, engavetando essas tendências diversas consigo e convertendo-se, de um parnasianismo rígido mas não-nomeado de 1870 (substituto imprevisto das recentes poesia filosófico-científica, realista e socialista), a um estilo tão maleável, no início do século XX – sendo também ingresso para as despudoradas páginas de publicações – é compreensível o disparo de tantas críticas.

Os “letrados”, providos de penas, em “legião”, tomados pelo furor da descoberta dos hoje ditos parnasianos – isto é, em décadas em que a “tendência” era já nomeada, concorria com outras (ao mesmo tempo em que se misturava) e popularizava-se –, tornavam-se eminentes cultores da forma, no estilo fotográfico-helênico típico, e posteriormente se desligavam dessa fotografia, desfilando vestidos com trajes clássicos parnasianos por lugares não tão condizentes com o figurino. Não obstante, há que se atentar para a transferência (em verdade, um câmbio), cuja conjectura é admissível, dos desdoirados temas repetidos na imprensa, para as produções literárias (habitualmente poéticas); levando a diferenciações – não muito corretas de se fazer – entre, por exemplo, “sonetos artísticos” e “sonetos de revista”. Por conta desse amadorismo, cuja localização é muitas vezes imprecisa, como o é a demarcação público/artista, surgiram reações do próprio “público”, aspirante a poeta, camufladas:

NOVOS E VELHOS

Leio os poetas novos: que amestrados
Artífices da métrica e da rima!
Um se avanta em ritmos complicados.
Outro hemisfério desengata a lima.

Este rebusca termos antiquados,
Esse, ao contrário, em ser moderno prima
E detesta os vocábulos sovados
Para que ideias do futuro exprima.

Quantas coisas insólitas, abstrusas!
 Tu, mestre Hugo, que renovaste as musas,
 Tremeras diante destas ousadias!

Este que leio é fértil em surpresas:
 Mas, cansado afinal de tais belezas,
 Fecho o livro... e vou ler Gonçalves Dias.
 (VAL, 1916, p. 47)

Manifestações dum fastio de reproduções e dum pesar sobre o remoto e “desusado” romantismo. Combiná-los com uma superficialidade do modo de lidar com a realidade²⁰, aprisionando-os a ela, é exagerar uma homogeneidade caricatural, quer dizer, repisar um projeto de homogeneidade, que é também discutível, diante da vasta aceitação que a “prática do verso” tinha entre a média e alta sociedade como mais um evento da “vida mundana” (diria Brito Broca).

1.5 “*TINHAM A COR TRIUNFAL DAS PÚRPURAS ROMANAS*”

“A vitória definitiva é o sinal seguro da ruína, e a aceitação geral prenuncia o declínio irreparável.” (AMARAL, 1924, p. 45). Novas tendências ameaçavam o parnasianismo, que “como todas as escolas ou todas as correntes, na estagnação das suas idealidades inspiradoras, na mecanização dos seus processos; não podia deixar de ir deslizando para o artifício”, até tornar-se uma “terra de ninguém onde toda gente penetra e onde se instalam todos os que o desejem.” (AMARAL, 1924, p. 45).

²⁰ Como o faz Nelson Werneck Sodré, ao dizer que o naturalismo “[...] foi contemporâneo do parnasianismo, e nem por coincidência – tendia a criar o virtuose, e pelo virtuosismo disfarçar a sua inevitável penúria.” (1976, p. 383): “A realidade não estava, como nunca esteve, entretanto, naquilo que constitui a superfície do mundo externo [...] A sua colheita [do fato superficial], entretanto, como processo linear e definitivo e isolado, parte do pressuposto de que a realidade é estática, imutável, passível de uma reconstituição integral em dado momento. E isso leva o artista à posição de espectador, à impassibilidade, e traduz uma posição cuja falsidade é fácil de verificar. O empobrecimento artístico que isso representa se denuncia, entre outros aspectos, pelo esforço formidável em valorizar a forma, divorciando-se do conteúdo.” (1976, p. 382-383).

Na segunda parte “Poesia de ontem e de hoje”, Amadeu Amaral ainda teve de se defender de uma das crônicas de Helios (pseudônimo de Menotti del Picchia), intitulada “A conversão de Amadeu Amaral”, publicada na seção “Crônica Social do “Correio Paulistano”²¹, que o tivera como parnasiano renegado, e o faz assegurando que, se disse que “o “parnasianismo” (chamemos-lhe assim) vai em franca decadência”, “disse uma verdade de simples e vulgar observação, que nem o mais convencido e mais intolerante dos discípulos de Leconte e Heredia poderá contestar. Ora, isso não é uma opinião sobre o valor estético da escola: é um diagnóstico.” (AMARAL, 1924, p. 53). Todavia, insistira o estudioso do dialeto caipira em seguir contrário ao pessimismo, “que só enxerga perpetuamente sinais de decadência ou de impotência em nossas letras” e reparou no que Sílvio Romero veio a reparar depois de “Versos, versos, e mais versos...”:

No Brasil, não há passadismo, nem academicismo, nem professorismo, nenhuma forma de autoritarismo literário. Não há barreiras para nada. O que há, e entra pelos olhos, é uma larga bonachona, ondulante tolerância para com todas as novidades, e até para com todas as extravagâncias. (AMARAL, 1924, p. 48)

Quando mais contendiam os críticos entre si em discussões sobre a validade do “*parnasianismo*”-(chamemos-lhe-*assim*), suas influências, suas características, seus diálogos com outros movimentos, já não se podia falar propriamente de parnasianismo. Perceber que a produção literária da época, em especial a poesia, não era conduzida nos moldes exatos da poesia de 1870/80/90, em 1923, quando a Semana de Arte Moderna recém completava um ano (e brotavam por todos os lados poemas de métrica irregular, prenunciadores do modernismo), era mais simples do que percebê-la na primeira década do séc. XX, como o fez, porventura, Sílvio Romero. A despeito dos registros atinados de Amadeu Amaral, Hermes Fontes, em “Novas Forças”, publicado no “Correio Paulistano”²² (SP), havia felicitado a terra de Vicente de Carvalho pelas novas revelações literárias em janeiro de 1918,

²¹ Jornal do dia 8 de maio de 1923 (n.º 21490).

²² N.º 19588.

entretanto, colocou num mesmo saco Menotti del Picchia, Gustavo Teixeira e Guilherme de Almeida.

O escritor das “Zéverissimações” redigiu, em março de 1909, uma apreciação ao livro *Visionário* – anexada no fim da segunda edição (lançada em 1912 por uma editora portuguesa) – do “poeta do norte”, outrora aqui convocado, Matheus de Albuquerque. O juízo do livro se divide em duas partes; na primeira, Romero resume em um punhado de palavras a “carreira” das escolas literárias brasileiras das últimas três décadas do século XIX – “no grande mundo e, depois no Brasil, sucederam-se filosofismo, realismo, naturalismo, decadismo, simbolismo, impressionismo, psicologismo, exotismo, naturismo, um verdadeiro cinematógrafo em ismos... em vertiginosa rapidez.” (ROMERO in ALBUQUERQUE, 1912, p. 134) –, em que se encontra:

Assim se passaram as cousas, durante os decênios de 1869-89. Desenrolaram-se todas as escolas, ou supostas tais, todos aqueles ismos acima citados.

Percebi imediatamente que toda aquela confusão tendia a acabar, ficando apenas de pé o lirismo de boa seiva, largo, vasto, independente, livre, sem preocupações de escolas, sem lemas doutrinários: suprema expressão das agitações doridas d’alma moderna, n’ânsia inesgotável de exprimir e simbolizar artisticamente, poeticamente as peripécias da vida e mais as emoções e assombros dos enigmas da existência. (ROMERO in ALBUQUERQUE, 1912, p. 137)

O testemunho de Sílvio Romero é similar ao de Amadeu Amaral, adiantado, porém, uma década. E as duas visões ainda mais se avizinham no início da segunda parte:

A plêiade dos admiráveis representantes desse possante lirismo independente, com que sonhava de trinta anos a esta parte, depois que palpei a inviabilidade das escolas sucedâneas do romantismo, acha-se agora à frente da poesia brasileira.

Vicente de Carvalho, Pereira Barreto, Emílio de Menezes, Goulart de Andrade, Amadeu Amaral, Hermes Fontes, Costa e Silva, Gustavo Ferreira, são do número. (ROMERO in ALBUQUERQUE, 1912, p. 139)

Ambos descrevem a reação literária das duas primeiras décadas do séc. XX como independente, para a qual qualquer ensaio de definição, neste período, seria no mínimo embaraçoso – a explicação para este desarranjo está contida nas considerações anteriores. Estas décadas reparam-se, no entanto, como válidas enquanto sítio literário em paridade com os outros, e não mais exclusivamente como “intervalo” – embora não se possam ignorar as dependências de traços estilísticos. Tem-se hoje os “novos” como o sopro parnasiano que se encompridou: “[...] depois de 1893 poetaram em nosso meio os parnasianos, os seus epígonos neoparnasianos e os simbolistas de duas gerações. Neoparnasianos são pois aqueles poetas que os próprios parnasianos, como Bilac, consideravam novos [...]” (RAMOS, 1967, p. 28).

1.6 “NO PÁRAMO SIDÉREO A MINHA ESTRELA”

A “nova plêiade” de Sílvio Romero contava com escritores do norte e pelo menos três de São Paulo: Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral e Gustavo “Ferreira”, todos atuantes no Rio e São Paulo – espalhavam-se gradualmente os centros literários.

Noticiando uma conferência sobre Machado de Assis, pronunciada em São Paulo por Alfredo Pujol, disse Sebastião Sampaio, na “Revista da Semana” (RJ), em dezembro de 1915:

[...] as duas intelectualidades continuam vivendo isoladas uma da outra, a do Rio e a de São Paulo. [...] Como a produção literária no Rio é grande, naturalmente São Paulo conhece e lê os nossos livros, tem ouvido ultimamente os nossos conferencistas, sem se aproximar espiritualmente dos autores. Mas é só. Quanto a nós, não conhecemos escritores paulistas e quase nunca os lemos. É a verdade. E é uma pena! Ainda na última crônica eu me lembrava da geração de que

fiz parte obscura, no meu Estado, geração que conta no seu seio poetas e escritores como Ricardo Gonçalves, Monteiro Lobato, Sampaio Freire, Gustavo Teixeira, para falar apenas de alguns. (SAMPAIO, 1915, p. 22)

Sobre o lançamento de “Névoas e Flamas”, de Goulart de Andrade, discorre “J. R.” em “O Pirralho” (SP) de outubro de 1913: “Como poetas, dizemos dele que está muito bem à frente dos únicos grandes dessa geração: Martins Fontes, Ricardo Gonçalves, Gustavo Teixeira, Da Costa e Silva e Octavio Augusto”. Havia o reconhecimento de uma tenra geração de escritores, e falava-se em promessas da literatura paulista e nacional²³, de um grupo que garantiria o futuro das letras²⁴ – não contavam que tomaria outros rumos... rumos “futuristas”, como por um tempo se convencionou chamar.

²³ Aguiar Tinoco, na edição de julho de 1914 de “O Pirralho” (SP), assim responde a pergunta “Qual o melhor poeta paulista vivo?”, para a “A nossa enquete literária”: “Vicente de Carvalho, que malgrê os seus Versos da mocidade, é um poeta quase perfeito. Depois, Amadeu Amaral, Francisca Júlia, Martins Fontes, quase gênio, Manoel Carlos, Ricardo e Gustavo Teixeira, são talentos que prometem muito.”, e não pode deixar de alfinetar o “número”, juntamente com seus desafetos das letras: “No gênero poesia, o número dos ridículos em São Paulo é fantástico. A corrente se abre com Saturnino Barbosa e se fecha com um tal de Menotti del Picchia...” (TINOCO, 1914, p. 18).

²⁴ Hermes Fontes, insurgindo contra a transformação das costumeiras conferências em “pretexto comum de exibição ou exploração”, em abril de 1916, escreveu para o “Correio Paulistano” (n.º 18959): “Tenho serena fé em que, ao serem linotipadas, ou compostas em ferro, essas garatujices de mau prosador, a elite intelectual de S. Paulo estará aplaudindo e consagrando um dos seus artistas mais originais e cintilantes, em quem a despreocupada modéstia não consegue apagar o radioso talento, tão digno da geração de Gustavo Teixeira, Amadeu Amaral, Aristeu Seixas e tantos outros, cuja gloria nascente, sobre ser legitimamente paulista, começa a ser também carioca, irregional, brasileira... [...]” (FONTES, 1916, p. 3), e João Eduardo, para a seção de publicações de “A Lanterna” (SP), apresentando “Versos”, de Nuto de Sant’Anna, após uma reclamação sobre o descaso da imprensa e do público com os lançamentos de livros: “Neste marasmo vão-se abastardando as melhores inteligências. É preciso que haja uma reação para a elevação moral da literatura entre nós. E essa tarefa deve caber aos novos, a esses que ainda têm a alma cheia de ilusões e de aspirações elevadas e nobres, que ainda não foram empolgados pela deturpada ambição do ouro – o mal de que enferma a

O que acabaria por ofuscar aos olhos das gerações vindouras uma porção de jovens poetas dessa prole, entre os quais estava o suposto Gustavo “Ferreira”, que ninguém mais podia ser além do são-pedrense Gustavo Teixeira (não há dúvidas quanto ao nome porque, primeiro, não havia nenhum Gustavo “Ferreira” entre os escritores da época, muito menos que fosse colocado ao lado de Vicente de Carvalho, como era costume de se fazer com Gustavo Teixeira; segundo, Sílvio Romero lera o “Ementário” [1908], fato que se sabe pelo trecho de uma carta sua publicada na primeira edição de “Poemas Líricos” [1925], e, terceiro, o mesmo erro de grafia do nome já havia sido cometido no jornal “Correio Paulistano”²⁵ (SP) de 06 de julho de 1925, na seção de lançamentos de livros “A Semana Literária” [p. 4] escrita por Candido Motta Filho, sob a inscrição: “POEMAS LÍRICOS” – Gustavo Ferreira – Os nossos poetas n. 8, – Mensário dirigido por Nuto Sant’Anna”).

literatura paulista. E novos, há-os felizmente de grandes talentos e de invejável futuro, se se não deixarem dominar pela epidemia da época e continuarem, com a mesma veemência de até aqui, perlustrando os altos domínios das letras. Nuto de Sant’Anna, Affonso Schmidt e Gustavo Teixeira, para só citar estes, são uma trindade que nos dá as melhores esperanças. [...] Ementário, de Gustavo Teixeira é uma revelação fulgurante. Nas belezas que nos patenteia, faz-nos antever maiores belezas para o futuro, quando o espírito do poeta desabrochar em plena florescência.” (EDUARDO, 1918, p. 2).

²⁵ N.º 22250.

CAPÍTULO 2

GUSTAVO TEIXEIRA

2.1 “DA CIDADE E CERCANIAS, AS LANDES E AS SERRANIAS”

Três reações, na medida em que o horizonte técnico se configurava no Brasil, transladavam-se em “procedimentos básicos” de interferência na técnica literária, de acordo com Flora Süssekind: imitação, na trilha da linguagem jornalística, como tentativa “de capturar a velocidade da movimentação mecânica [...] das imagens obtidas pela fotografia e pelo cinematógrafo” (1987, p. 89); estilização, a superornamentação na contramão do instantâneo jornalístico – o registro da modernização na eternidade –, e o deslocamento, a resistência em via do realojamento na “criação de um mundo-outro”: “interiores, “artefatos puros”, quadros históricos: assim se reage à difusão de novos aparelhos, ao império da publicidade, do instante e da velocidade e a padrões, ritmo e formas industriais de produção.” (1987, p. 118). Gustavo Teixeira se move, sobretudo, através do terceiro procedimento exposto.

O poeta são-pedrense teve marcante participação na “proliferação de interiores” da poesia brasileira de início de século, verificada por Flora Süssekind. Boa parte de sua poesia refugiou-se na intimidade, em gravuras singulares, “redutos onde se tentam preservar profundidade e personalidades ameaçadas de se converter de repente em algum portrait-charge ou reclame” (SÜSSEKIND, 1987, p. 122). Enquanto muitos escritores “ficcionalizavam subjetividades”²⁶ em obra, observavam interiores pelas janelas, “enquadrando privacidades” nos seus esconderijos e criando esconderijos, janelas e quartos que pudessem ser enquadrados, Gustavo Teixeira, que teve um primeiro momento de dedicação à construção das novas Grécia e Roma brasileiras, esteve dentro de seu cenário poético o tempo quase todo: São Pedro, cidadezinha no interior do estado de São Paulo.

São Paulo, a cujo enredo de transformações o poeta, por breve período, tentou se ajustar, foi onde, por carregar dentro de si a antítese desses arredores, rendeu-se à cidade, engolido, no esquecimento a que estariam fadados aqueles que não consoassem com o seu ritmo. Sua relevância funda-se ao passo que extrapola a São Pedro no movimento diverso do que geralmente se via – o de recusa a um centro de grande dimensão literária, como São Paulo (ainda que não se comparasse ao

²⁶ “[...] num momento em que a influência da dicção jornalística parece sugerir um progressivo apagamento da figura do narrador [...]” (SÜSSEKIND, 1987, p. 92).

Rio de Janeiro), para onde foi e para o qual deu a réplica que o consagrou: o retorno, à São Pedro – e consolida-se com sua obra.

Suas origens defronte à desenvoltura como poeta, desestabilizavam algumas das convicções da crítica, no passado comuns, com as quais uns poucos prosseguiram obstinados. E levaram Vicente de Carvalho a inquirir, no prefácio do Ementário (1908): “Como conseguiu Gustavo Teixeira, no seu inulto retiro de S. Pedro de Piracicaba, conquistar as preciosas qualidades de um fino e educado artista?” (1908, p. 8).

A espantosa situação do poeta causara alvoroço desde 1899, quando, com 17 anos, enviara uma carta com sonetos para serem publicados no “Correio Paulistano” (SP) na coluna “A propósito...”, e Álvaro Guerra desacreditou que os poemas pudessem ser dele: “E isto por duas razões: 1.a) porque não se me afigura verossímil que haja produzido tais sonetos quem escreve tão incorretamente uma carta; 2.a) porque sua senhoria, segundo me comunica, é colecionador de produções alheias [...]” – da sua coleção de “produções alheias” tratar-se-á mais tarde. O prefaciador da primeira edição de Poesias completas (1959), Cassiano Ricardo, foi outro a inculcar o “amor à Grécia, em S. Pedro de Piracicaba” de G. Teixeira: “[...] há na vida de cada um de nós o “momento em que somos gregos” [...] O poeta talvez não tenha escapado a esse tributo; o estranho é que, simples como foi, em seu lirismo pessoal, tenha ele sido tão grego nas condições “municipais” em que escreveu seu “Ementário”.” (1998, p. 8).

Pretendendo um acordo entre Gustavo Teixeira e sua obra, o escritor de Poemas e canções questiona a tríade taineana “raça, meio, momento histórico”: “Taine quer à viva força que os artistas sejam um produto do seu meio. O moço poeta do Ementário dá um novo e vigoroso desmentido ao sistema já tão contestado do crítico; e faz-se mais um exemplo de que o talento é planta sempre exótica [...]” (1908, p. 8). Se para Vicente de Carvalho este acordo é de responsabilidade do talento, e para Cassiano Ricardo, que se sentiu compelido a perfazer a afirmação acima citada com: “não se quer dizer com isto que houvesse sido Gustavo Teixeira um “poeta municipal” em relação ao federal, segundo o malicioso poema de Drummond²⁷. [...] Não lhe faltou sequer ser “grego”, isto é, universalizar-se pelo espírito.” (1998, p. 8), é da

²⁷ O poema, dedicado a Manuel Bandeira, publicado em *Alguma poesia* (1930), é “Política Literária”: “O poeta municipal/ discute com o poeta estadual/ qual deles é capaz de bater o poeta federal./ Enquanto isso o poeta federal/ tira ouro do nariz.” (DRUMMOND, 2002, p. 15).

“universalização do espírito”, para Antonio Osvaldo Ferraz essas ideias não passam de “misticismo em torno dos espíritos de polpa.”

Em um ensaio sobre Gustavo Teixeira escrito em 1919, publicado em *Fôlhas esparsas* (1954), Antonio Ferraz justifica sua opinião, dizendo que os “homens de eleição” – como Tristão de Athayde havia chamado, em conferências, os casos não-decifrados pelo princípio do “produto do meio” –, “embora dotados duma organização mais robusta, dumas circunvoluções mais acentuadas, duns nervos mais sensíveis, duns sentidos mais refinados, refletem, indubitavelmente, a realidade, os sonhos e os anseios do seu próprio meio.” (1954, p. 64), e acrescenta a isso uma lista de “gênios”, de Claudio Manoel da Costa, até Renoir e Beethoven, que não poderiam ter crescido em outro lugar senão “no doce sossego ou na aborrecida quietação da província.” (1954, p. 65). O afinco de sua postura é uma demonstração da vontade, diminuída no meio de tantas interpretações da história, de dar as devidas retribuições a Gustavo Teixeira e a São Pedro, além de prover, visivelmente, da influência de Sílvio Romero sobre a crítica – o trecho “A arte não é uma caduquice. Ela tem que acompanhar as grandes correntes do pensamento de cada época.” é paráfrase d’um trecho de “A poesia de hoje”, que abre *Cantos do fim do século*: “A arte não é agora uma caduquice quando a música rejuvenesceu, e a poesia atende a todas as perplexidades contemporâneas [...] Deve ser uma consequência e uma síntese de todos os princípios que até aqui hão agitado o século.” (1878, p. 8-9).

Há os que, como Leonardo Arroyo, em “Gustavo Teixeira, o grego municipal” (notícia de lançamento de *Poesias Completas*, publicada na seção “Vida Literária” do jornal “O Estado de S. Paulo”, em 1960), veem no helenismo de Gustavo Teixeira “seu maior prejuízo”, e delatam na sua discrição um provincianismo que o importunou de obter maior êxito com seus escritos.

De “gregos”, contudo, a literatura brasileira de então estava farta. O impressionante de Gustavo Teixeira é precisamente o fato de ele combinar a erudição citadina de poeta com a rústica singeleza proveniente da sua “municipalidade”.

2.2 “PARA TE DESCREVER AS FORMAS HARMONIOSAS”

Inserido Gustavo Teixeira na reunião de episódios do seu tempo, e fundamentada, parcialmente, a atenção que aqui se lhe confere, é vez de, afinal, apresentá-lo, concedendo antes alguns reparos acerca do

acervo crítico a seu respeito, que forneceu as principais informações sobre sua vida e obra.

Acha-se no final deste trabalho, um conjunto de textos, reproduzidos de jornais, revistas e livros, posto em anexo, encabeçado pelo rótulo de “Fortuna Crítica”. Não convém por agora o tratamento “formal” (em que se reúnem informações sobre as fontes dos textos, os critérios de transcrição e de ordenação, etc.) deste conjunto, dele ocupar-se-á depois. Cumpre dizer, entretanto, que na coleção de “críticas”, assim rotuladas, estão agregados desde anúncios de lançamentos de livros do autor, acompanhados às vezes de comentários curtos, às vezes de análises mais desenvolvidas, até apreciações ligeiras, textos que beiram a crônica, outros que foram preparados para serem proferidos em palestras e conferências, e textos que mais poderiam ser tidos como resenhas do que críticas. A escolha para que essa variedade de escritos estivesse coligida e regulada pelo mesmo nome [“Fortuna Crítica”], foi pautada no que há de comum entre quase todos eles, além do assunto (tudo o que circunda Gustavo Teixeira): um aparente consenso, ou um reflexo de um antigo consenso, de que o exercício crítico, ou a avaliação literária não se desligaria do escritor, e um descuido quanto a um suporte que dê validade às afirmações feitas. O que se faz com essas observações é notá-las e tentar entendê-las, dentro do propósito da pesquisa, pois é dessa crítica que foram colhidas as direções sobre a vida e a obra do escritor, e é nelas que a visão da recepção dessa obra é possível.

Competiram – coexistindo e se fecundando “mutuamente num processo de polinização” (1983, p. 101) –, no Brasil, três “famílias espirituais da crítica”: a linhagem histórica²⁸, a impressionista²⁹ e a

²⁸ “O que caracteriza e distingue esta família é o fato de seus membros encararem a literatura não tanto como fenômeno essencialmente estético, desligado, por consequência, em certa medida, do tempo, mas, ao contrário, como um problema de história, que ao tempo deve o seu caráter e nele encontra sua explicação.” (MARTINS, 1983, p. 91-92).

²⁹ “Impressionismo passou a ser, em crítica, sinônimo de diletantismo, argumento polêmico que nada significa como caracterização de uma família espiritual”. Definida como a crítica baseada no gosto pessoal do crítico, no subjetivismo, o termo “impressionismo”, para Wilson Martins, deriva de um mal-entendido, porque “justificar o gosto com base na cultura e nos fatos estéticos parece o único mandamento do crítico literário; e se o gosto não exclui, naturalmente, o estudo e a pesquisa [...] menos ainda pode excluir o subjetivo que a interpretação necessariamente compreende.” (MARTINS, 1983, p. 101).

humanística³⁰, até 1870, quando, de acordo com Wilson Martins, “surge com Sílvio Romero o primeiro representante da linhagem sociológica” (1983, p. 102), seguido da “família estética ou formalista, com Machado de Assis”, e da gramatical, com Rui Barbosa.

Antonio Candido, no início de Formação da literatura brasileira, fala sobre a herança romântica de um “nacionalismo crítico” na crítica brasileira, em que “o valor da obra dependia do seu caráter representativo” (1981, p. 28), esta representação foi logo vinculada ao escritor – deu o princípio relativista o viscoso determinismo crítico. Para Afrânio Coutinho, em “A Crítica literária no Brasil – 1” (publicação da Revista Interamericana de Bibliografia, em 1964): “de modo geral, pode afirmar-se que o estudo histórico e crítico da literatura no Brasil, obedeceu, na sua maior parte, a uma orientação historicista, sociológica e psicológica, profundamente marcada pelas teorias deterministas da segunda metade do século XIX.” (1980, p. 92). Abstendo-se de qualquer compromisso com os estudos discursivos, serve de amparo um fragmento das explanações de Michel Foucault sobre os procedimentos internos de delimitação do discurso, em que examina o “comentário”³¹.

Foucault concebe que há um desnível entre o texto primeiro e o texto segundo que “desempenha dois papéis solidários” (2006, p. 25): um que permite ao texto primeiro pairar acima do segundo e deter, dentro de seu “estatuto de discurso sempre reatualizável, o sentido múltiplo ou oculto” (2006, p. 25), outro que assenta ao texto segundo “dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro” (2006, p. 25). O comentário busca uma resposta para o texto primeiro, “conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado” (FOUCAULT, 2006, p. 25-26), que esteja contida e mascarada nesse mesmo texto, por isso não deixa de ser um modo de repeti-lo. Complementando o comentário, e a autoridade do texto primeiro, está o autor, “aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAULT, 2006, p. 28). Foucault dá sequência a esta parte, por ser inegável “a existência do indivíduo que escreve e inventa” (2006, p. 28),

³⁰ “O que caracteriza, pois, os críticos da linhagem humanística é a posse de um espírito erudito, inclinado à investigação, típico dos humanistas mais eminentes. Para eles, o fenômeno literário é de natureza filosófica, e a literatura, um instrumento de conhecimento.” (MARTINS, 1983, p. 106).

³¹ O tipo de discurso que deriva do discurso de tipo fundamental ou criador.

marcando-a como “função autor”: é a partir dele que se busca recortar “o perfil ainda trêmulo de sua obra” (2006, p. 29).

“Esse indivíduo que escreve e inventa” prefere-se distinguir do autor.

Na crítica cingida de “delegados da realidade”, é o escritor o modelo de encaixe da obra. Em prefácio, fazendo menção ao Método crítico de Sílvio Romero, Candido diz que nele tentou mostrar “a inviabilidade da crítica determinista em geral e mesmo da sociológica, em particular quando se erige em método exclusivo ou predominante” e, ainda “até que ponto a consideração dos fatores externos (legítima e, conforme o caso, indispensável) só vale quando submetida ao princípio básico que a obra é uma entidade autônoma no que tem de especificamente seu.” (1981, p. 16). É o talhe da “conformidade”, lado autêntico da crítica, notadamente, que evidencia a presença do crítico – “não há, porém, uma crítica única, mas vários caminhos, conforme o objeto em foco [...]” (CANDIDO, 1981, p. 33).

Perigando por grande desequilíbrio, nas datas de Gustavo Teixeira, numa invocação difusa de elementos biográficos, a crítica e a biografia se dispuseram uma dentro da outra, aparelhando-se, e convertendo-se em uma separação inviável, que se fará apenas quando o ensejo for razoável. No mais, seguem irmanadas as duas nesta apresentação.

2.3 “TODA UMA VIDA AZUL, COMO NUM COSMORAMA”

Tendo falecido Gustavo Teixeira, em setembro de 1937, dia 22, o jornal “Correio Paulistano”, no dia 11 de novembro do mesmo ano³², publica a reprodução de uma autobiografia do poeta, “por ele deixada em um álbum de jovem professora residente em São Paulo”, publicada primeiramente no “Jornal de Piracicaba”:

Nasci em São Pedro, no sítio São Francisco, perto da serra, em 4 de março de março de 1881, sendo meus pais Francisco de Paula e Silva e Miquelina Teixeira de Escobar e Silva. O meu nome todo é Gustavo de Paula Teixeira. Estudei as primeiras letras em casa, com minha

³² N.º 25052.

mãe. E comecei a ler versos. Em 1901 (janeiro) fui para São Paulo onde continuei os estudos com o meu irmão Francisco de Paula Teixeira, espírito cultíssimo, que além de meu professor, foi o meu guia espiritual, iniciando-me na carreira das letras. Trabalhei, em 1905, na “Folha Nova”, de Garcia Redondo. Colaborei, naquele tempo, nos principais jornais e revistas de São Paulo. Em fins de 1905, tendo desaparecido a “Folha Nova”, voltei para São Pedro, onde fui nomeado secretário da Câmara, cargo que ocupo até esta data.

Em 1908, publiquei o “Ementário”, livro de versos, prefaciado por Vicente de Carvalho. Em 1925, publiquei os “Poemas Líricos”.

Tenho para publicar: “O Sonho de Marina”, poemeto; “A Canção da Primavera”, poemeto; “Último Evangelho”, poema sobre a vida de Jesus (em preparo), e um grosso volume de poesias avulsas, ainda sem título.

São esses os traços principais de minha vida.

São Pedro, 6-10-31.

(a.) Gustavo Teixeira.

Como ele mesmo diz, foi sua mãe, Miquelina Teixeira de Escobar que estudara em Itu, no Colégio do Patrocínio, filha de Joaquim Teixeira de Barros³³, fundador, com seus irmãos, da cidade de São Pedro – nascido, segundo conta Maria de Lourdes Teixeira em A carruagem alada, filha de um primo de Gustavo Teixeira, em 1790, irmão mais velho de três: José Teixeira de Barros e Luís Teixeira de Barros, e falecido em 3 de outubro de 1897 –, quem o ensinou as primeiras letras. Miquelina faleceu dia 11 de fevereiro de 1924, com 76 anos de idade e já viúva.

³³ “[...] casou-se com Joaquina Brandina Escobar, de cujo matrimônio nasceram onze filhos. Viveu até às vésperas de completar 108 anos e está sepultado com a esposa na igreja de São Pedro, cuja capela inicial fora por ele construída juntamente com os irmãos no ano de 1856.” (TEIXEIRA, 1986, p. 4).

É sabido que seus pais possuíam alguns livros, que forneceram a Gustavo Teixeira suas primeiras leituras³⁴. Francisco de Paula e Silva, o “Chico Padre”, seu pai, nascera em Sorocaba, e “cursara o velho colégio paulistano Moritson [...], a seguir, o seminário, que abandonara para casar-se, pouco antes da ordenação sacerdotal” (TEIXEIRA, 1986, p. 35). A nota de seu falecimento fora publicado pelo “Correio Paulistano”³⁵ em 24 de dezembro de 1913, trazendo a relação de nomes dos irmãos de Gustavo Teixeira:

FALECIMENTO

S. PEDRO, 23 – O sr. Francisco de Paula e Silva, cujo estado de saúde inspirava cuidados, faleceu, na sua fazenda Pinheiros, a dois quilômetros desta cidade, às 6 e meia horas da tarde.

O finado, que contava 77 anos de idade, era casado com a exma. sra. d. Miquelina Teixeira de Barros, digna irmã do sr. coronel Joaquim Teixeira de Toledo, da mais numerosa e antiga família deste município.

Deixa os seguintes filhos, Francisco de Paula Teixeira, funcionário da Junta Comercial, nessa capital; Olegário, Aristides e Elizio de Paula Teixeira, lavradores neste município; Gustavo Teixeira, secretário da Câmara Municipal; Otaviano de Paula Teixeira, guarda-livros em Santos; Alonso de Paula Teixeira, professor da escola do bairro do Jacaré Popira e a exma. sra. d. Etelvina Teixeira Parreira, viúva do finado tabelião Antonio Martins Parreira, de Dois Córregos.

O enterro teve lugar hoje às 4 horas da tarde, vindo o féretro da fazenda para a matriz e desta seguindo para o cemitério com grande acompanhamento.

Pêsames à família enlutada.

³⁴ Segundo Aristeu Seixas: Relicário, de Vicente de Carvalho, e, depois das indicações do irmão, Francisco Teixeira, “Mármore, de Francisca Júlia, e as Poesias de Machado de Assis, de Raimundo Correia, de Olavo Bilac e de Alberto de Oliveira.” (1917, p. 190).

³⁵ N.º 18115.

Gustavo Teixeira não cursou nenhum curso regularmente, ainda que com 14 anos, de acordo com Luiz Edemir Prati, numa matéria intitulada “Um Poeta: Gustavo Teixeira”, para o “Jornal de Piracicaba” de 18 de setembro de 1973, tivesse frequentado por três meses uma escola local – pelo que Aristeu Seixas fizera questão em frisar ser o poeta descendente de uma família de lavradores, pois que seus avôs “ao que sabemos, não se dedicaram nunca às letras, nem tiveram mesmo cultura mediana.” (SEIXAS, 1917, p. 188): “É um fato digno de nota e tantas vezes repetidos, este de se multiplicarem, em todos os tempos, não só os poetas, mas também os escritores de larga fama e subido engenho sem o curso de qualquer escola, sem o diploma correspondente ao estudo metódico das academias.” (SEIXAS, 1917, p. 189). É esse o ponto que, mormente, teve repercussão dentre os traços da vida do escritor e, em torno do qual, cavou-se a comovida crítica, que muito fazia assustar-se com tal “incompatibilidade”.

Mas foi seu irmão mais velho, Francisco de Paula Teixeira, que assim como o pai cursou o seminário, responsável por encaminhá-lo ao metro parnasiano e desbastá-lo nas instruções das letras, quando em 10 de janeiro de 1900 o levou para São Paulo (SEIXAS, 1917, p. 189). Pouco antes disso Gustavo Teixeira havia dado aulas em uma escola rural, por seis meses, na “fazenda chamada pleonasticamente “Campestre”, grande propriedade de criação de gado de seu tio Joaquim Teixeira.” (TEIXEIRA, 1986, p. 36), e enviara a mencionada carta, em julho de 1899, para a coluna “A propósito...” do “Correio Paulistano”. Álvaro Guerra, comparando a carta de Gustavo aos sonetos, recusou-lhe a publicação – “seus sonetos não parecem elaborados por quem, tão baldo de instrução começou de poetar há pouco tempo” –, e interpretou a informação sobre a coleção de poemas que Gustavo Teixeira mantinha como um indício de que os poemas enviados ao jornal fossem plagiados. Maria de Lourdes confirma a existência dum

[...] caderno de grande formato em que estavam colados numerosos recortes com poemas aparecidos em jornais e revistas, bem como artigos críticos referentes à sua obra. Mas o que logo me atraiu a atenção foi, na página de abertura, um grande retrato da princesa Yolanda, da Itália, retirado dum magazine estrangeiro [...]
(TEIXEIRA, 1986, p. 42)

Hoje não há notícias sobre esse caderno, mas um bom número de recortes, acumulados por Gustavo Teixeira, o Museu Municipal de sua cidade tem preservado em acervo. A prática de reunir poemas recortando-os ou copiando-os era costumeira na época por causa da pouca circulação de livros, e permaneceu em São Pedro um pouco mais, “a ponto de muitos estudantes, moços e moças, possuírem álbuns ou simples cadernos onde haviam copiado poemas do autor do Ementário, já que a esse tempo não existiam novas edições de sua obra [...]” (TEIXEIRA, 1986, p. 43).

Oferece-se então, Álvaro Guerra, a publicar os sonetos enviados com a condição de que o poeta comprovasse sua autoria, satisfazendo suas recomendações em um novo soneto:

Faça-me um soneto no mesmo teor de sua carta, isto é, descrevendo a vida de desconsolo que sua senhoria leva na roça, por imaginar que é um éden este fervet opus em que a alma de um verdadeiro poeta, desiludida e cansada, sempre suspira pela paz nos campos. Conte-me tudo isso, maviosamente, num soneto em que sejam esdrúxulos os versos 1º, 4º, 5º e 8º, agudos o 11º e 14º, e graves todos os mais.

Em agosto de 1899 recebe o colunista a resposta, “o soneto exigido, mando-lh’o nesta, e, se esta prova for insuficiente, estou pronto a dar-lhe mais”: “Insônia”. Paga a contenda, Gustavo Teixeira tem, por definitivo, aceitas suas publicações no “Correio Paulistano”, até o ano de sua morte.

Em São Paulo tentou carreira no jornal, trabalhando na “Folha Nova”, fundado por Garcia Redondo, cujas tiragens logo cessaram. Nesse período foi visitante das rodas literária e deu início ao veemente ciclo de publicações que manteve ao longo da vida: foi colaborador da Vida Moderna (SP); d’O Archivo Illustrado (SP); do Echo Phonographico (SP); de A Musa (SP), em que conheceu René Thiollier e Júlio Prestes, proprietários da revista (um fragmento de “A Gazeta”, encontrado no acervo do Museu Municipal, indica o nome de Dario Polito como terceiro fundador – trata-se do mesmo jornal citado por Pedro Ferraz do Amaral, datado de 29 de setembro de 1951, que traz

publicada uma foto de 1905 dos colaboradores d'A Musa³⁶; a mesma foto fora publicada Episódios de minha vida [1956], de René Thiollier), e outras personalidades, como Batista Cepelos, Wenceslau de Queiroz, Múcio Teixeira, Veiga Miranda, Francisco Lagreca e Júlio Cesar da Silva –; e ainda da Capital Paulista (SP) e Nova Cruz (SP), revistas nas quais seu irmão Francisco também publicava. É provável que sejam desses anos as colaborações “não-involuntárias” de Gustavo Teixeira no semanário literário português A Folha, de Ponta Delgada dos Açores, dirigido por Alice Moderno – com quem, segundo Pedro da Silveira (1981, p. 29), o poeta chegou a se corresponder.

“São desse tempo os versos que Gustavo Teixeira reuniu no “Ementário”: 1904-1907.” (AMARAL, s.d., p. 97).

Em 1905, recusando convites de amigos, como Martins Fontes e Emílio de Menezes, para trabalhar em outros jornais do Rio de Janeiro e São Paulo (TEIXEIRA, 1986, p. 37), retorna a São Pedro, morando com a mãe e com Marcelina, “preta ou antes – cafusa – idosa agregada à família” (TEIXEIRA, 1986, p. 42).

De lá, cidade natal na qual permaneceu até a morte, trabalhando na secretaria da Câmara Municipal, e viajando ocasionalmente para São Paulo e Santos (onde tomava banhos de mar, por recomendação de médicos), lançou Ementário, em 1908 – livro que sai prefaciado por Vicente de Carvalho. O mesmo texto escrito por Vicente como prefácio, foi publicado no jornal “O Estado de S. Paulo”, em 19 de junho de 1908, com o título de “A’ frente de um livro”.

Um ano depois, o livro ganhou a vez no “Registro Literário” de Osório Duque-Estrada, do “Correio da Manhã” (RJ) de 26 de julho. De “perfeito acordo com Vicente de Carvalho”, Duque-Estrada foi o primeiro a rascunhar algum defeito na composição dos poemas, perdoado pela “sobriedade” no “cultivo dos sonetos” e “estrofes que poderiam ser assinadas pelo mais aclamado dos poetas da nossa terra”.

Das mulheres que passaram pela vida de Gustavo Teixeira, muito pouco se sabe. Maria de Lourdes Teixeira diz que ele gostava muito de uma prima, Clementina, mas o pai se opunha ao casal pela “condição de poeta” de Gustavo (1986, p. 34). O “Correio Paulistano” de 26 de fevereiro de 1916³⁷ noticia o casamento³⁸ do “ilustre poeta”, no dia 20,

³⁶ Ver ANEXO B.

³⁷ N.º 18902.

com “a senhorita Geja Bourgoigne, filha do farmacêutico capitão Pedro Bourgoigne, cavalheiro muito estimado na localidade”, e informa que o casal seguiu em viagem, no mesmo dia, para o Rio de Janeiro. O “Correio Paulistano” de 17 de novembro³⁹, do mesmo ano de 1916, comunica, em “S. Pedro: notícias diversas”, outro casamento do “sr. Gustavo Teixeira, secretário da Câmara Municipal”, no dia 15, com Edith Machado, “filha do dr. Heitor Machado, engenheiro da Diretoria de Viação” – moça que fora destaque no dia seguinte ao casamento, por ter fugido com o namorado (TEIXEIRA, 1986, p. 39). “Anos decorridos” e, de acordo com Maria de Lourdes, casara-se com Stela Amadi, “espanhola de nascimento”, com quem teve sua filha, Ondina (1986, p. 40). No entanto, esta última informação não procede, pois, segundo familiares, Ondina de Paula Teixeira, nascida em São Pedro, em 15 de fevereiro de 1922, é filha de Maria Esther Rodrigues. Ondina casou-se com Italo Barberio, adotando como nome de casada Ondina Teixeira Barberio, teve quatro filhos (8 netos e 2 bisnetos), e faleceu em São Paulo, dia 09 de outubro de 1991.

Continua a publicar em jornais e revistas aqui e ali sem sair de São Pedro. É então em 1917 que Aristeu Seixas, crítico na seção “Bons & Maus” da revista “Panoplia”, decide publicar uma série de ensaios críticos sobre Gustavo Teixeira, um projeto de estudo seu que pretendia cobrir inteiramente a obra do poeta. Quatro partes foram publicadas, sendo que as três primeiras nada mais fizeram que atender a desavenças pessoais de Aristeu com Vicente de Carvalho.

Na época da fundação da Academia Paulista de Letras do Dr. Joaquim José de Carvalho, Vicente de Carvalho não compunha o grupo de sócios, além do que, cogitava-se excluir a possibilidade de candidatura daqueles que já fizessem parte da Academia Brasileira, e por isso o escritor de Relicário lançara uma campanha contra a Academia. Com o lançamento de Névoas, de Amadeu Amaral, Aristeu Seixas, do grupo de J. J. de Carvalho, não perdeu a oportunidade de atacar o livro (publicando um voluminho intitulado Um poeta, em 1911), dizendo haver em torno dele um círculo de “panelinhas de elogios mútuos”, de que faziam parte Amadeu Amaral, Valdomiro Silveira e Vicente de Carvalho. Assim andaram as coisas até que, por

³⁸ Ainda segundo o jornal, foram padrinhos “por parte da noiva o sr. Egidio de Moura, importante comerciante desta praça, e por parte do noivo o talentoso acadêmico Sebastião Caiuby da Costa Soares.”

³⁹ N.º 19165.

insistência, Vicente de Carvalho disputou vaga na Academia com Aristeu Seixas, e ganhou.

A última das quatro partes do estudo de Aristeu Seixas, que finalmente trata da vida de Gustavo Teixeira, foi que cimentou o modelo de análise da obra do escritor:

A simplicidade em que hão decorrido os dias de sua vida justifica perfeitamente o temperamento do poeta; é, a bem dizer, uma fonte de informações que satisfazem, de algum modo, a curiosidade do leitor menos frívolo, e guiam a crítica com uma relativa segurança no pedantesco e incertíssimo domínio das deduções psicológicas. (SEIXAS, 1917, p. 188)

O que mais se escreveu sobre Gustavo Teixeira a partir desse tempo data de 1925, quando publicou *Poemas Líricos* (como segundo número da série “Os Nossos Poetas”, mensário organizado por Nuto Sant’Anna), e era já colaborador regular de *A Cigarra*, ao lado de Alphonsus de Guimaraens, Octacílio Gomes, Paulo Setubal, Batista Cepelos, Joinville Barcellos, Laurindo de Brito, Guilherme de Almeida, Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral, Martins Fontes, Olegário Mariano, Francisca Julia da Silva, Luis Carlos, Arlindo Barbosa, Aristeu Seixas, Ronald de Carvalho, Sérgio Milliet, Ribeiro Couto, Menotti del Picchia e Fáblio Montenegro.

Conquanto fosse mesmo recolhido, e tivesse suas manias de doença – segundo relatos, era cliente fiel da farmácia⁴⁰ da Rua Nicolau Mauro, de Seu Miguel Carretta (bem mais tarde, em 1943, eleito prefeito da cidade), que, juntamente com Martins Fontes em Santos (GOMES, 1937, p. 6), aplicava-lhe todo o repositório de injeções, em São Pedro –, ou mesmo por isso, garantira a simpatia das modernas figuras do momento, como Menotti del Picchia, Candido Motta Filho e Oswald de Andrade.

Menotti, sem deixar de registrar, como ele mesmo diz, “o triunfo da corrente nova, tendo os processos de Gustavo Teixeira como póstumos”, vê em Gustavo Teixeira um “verdor de cousa morta” a apelar para o lirismo obstinado da “sentimentalidade atual”, e Candido

⁴⁰ Ver ANEXO C.

Motta Filho, notando alguma tendência satânica, vê qualidade lírica que menciona Menotti, e prevê a construção de “um duradouro edifício poético” se o poeta abandonasse os “velhos moldes”. Oswald, que em suas visitas a São Pedro, hospedava-se em uma casa⁴¹ próxima alguns metros da farmácia de Miguel Carretta, fora quem, conforme a notícia de falecimento publicada no “Diário da Noite” (RJ) de 23 de setembro de 1937, comunicara a morte de Gustavo Teixeira.

A rede entre conhecidos e pessoas que escreveram sobre Gustavo Teixeira se amarra aos poucos; Antonio Osvaldo Ferraz, jornalista em Piracicaba, que escreveu um dos ensaios reunidos neste trabalho, por exemplo, era cunhado da noiva (Adelaide Guerrini de Andrade) de Nonô, filho de Oswald de Andrade, e conheceu Oswald no casamento dos dois, em 25 de janeiro de 1940 (ANDRADE, 2003, p. 40); e Nicolau Pero era amigo da família Carretta – tem publicado em 12 de julho de 1936, o “Correio Paulistano”⁴², uma coluna na página 27 intitulada “Joaninha Carretta”, uma homenagem de Nicolau à filha de Miguel Carretta e Mariquinha Lunardi Carretta, com então 14 anos, que muito bem tocava piano e recitava poemas de Gustavo Teixeira, tendo sido inclusive imortalizada num de seus sonetos.

O restante dos anos de sua vida Gustavo Teixeira passou “a repolir e reapurar cada soneto e, por assim dizer, cada rima”, como diz João Luso em matéria para “A Noite” (RJ) de março de 1937, de “O último evangelho”, livro que mantinha consigo, em incansável processo de reescrita, para futura publicação.

O poeta chegou a ser eleito para a Academia Paulista de Letras como sucessor de Paulo Setúbal, em agosto de 1937, mas faleceu antes da posse, com 56 anos de idade, pouco depois do falecimento de Ciro Costa e Martins Fontes. Recebera diversas homenagens; em São Pedro, o largo da matriz passou a denominar-se Praça Gustavo Teixeira, em 23 de setembro de 1937, na sessão do Rotary Clube de Campinas, José Dias Leme prestou homenagens ao poeta; a Liga Acadêmica da Faculdade de Direito realizou uma sessão solene no “Centro de Estudos e Debates”, na qual Auro Soares de Andrade falou sobre a “vida, obra e personalidade do ilustre homem de letras”; dia 9 de outubro de 1937, era a vez da Academia Paulista de Letras homenageá-lo (a primeira de várias reuniões em memória dos falecidos no ano), fora nessa “reunião-almoço” incumbido Altino Arantes de “prosseguir nos entendimentos

⁴¹ Ver ANEXO D.

⁴² N.º 24638.

com o livreiro José Olympio” para a publicação de uma edição das obras completas de Gustavo Teixeira, em vista das precárias condições econômicas em que se achava a família do escritor – em 15 de outubro de 1940 o “Correio Paulistano”, em “Notas e comentários”, sob o título de “Um poeta”, indagava a Academia sobre a demora no lançamento da prometida edição⁴³, que veio a sair de fato, mas somente em 1959, pela editora Anhambi, organizada por Cleomenes Campos e prefaciada por Cassiano Ricardo. Dez anos mais tarde, “O Estado de S. Paulo” noticiou, em 25 de setembro de 1947, as solenidades em homenagem à memória do poeta e inauguração de sua herma⁴⁴, realizadas em São Pedro, em que esteve presente Guilherme de Almeida, em nome da Academia Paulista de Letras.

Fosse um adepto à “claridade na poesia” (por carta, a Nuto Sant’Anna, publicada no “Correio Paulistano” em 23 de março de 1914⁴⁵, declarou: “A poesia, para agradar, precisa ser bem entendida, e para ser bem entendida precisa ser clara.”), cultivou, certamente, mais de um “tipo poético” – para comprová-lo, basta a leitura de Ementário e Poemas Líricos.

A resposta dada à enquete de “A Noite Ilustrada” (RJ) de 18 de julho de 1934: “O mais belo verso ilustrado”, pode ser tida pela sua ambiguidade:

⁴³ Segue a transcrição do trecho final: “[...] Mas o tempo está passando, e a Academia, até hoje, não deu cumprimento à missão que espontaneamente a si mesma se propôs. Os admiradores de Gustavo Teixeira continuam na expectativa da anunciada publicação, que teima em não aparecer. Teria porventura a Academia encontrado no acervo literário deixado por Gustavo Teixeira alguma recomendação do poeta, contrária à publicação póstuma de sua obra inédita? Não é provável, porque Gustavo sempre pensou em dar à publicidade todos os seus trabalhos. Em carta de 22 de abril de 1937, escrita ao jornalista Hélio de Sousa, seu amigo, informava o poeta: “O Último Evangelho” está pronto e é provável que saia logo, ainda este ano”. Não saiu até hoje, infelizmente. Mas aí está a prova de que Gustavo Teixeira não tencionava negar ao público a leitura de seus últimos versos. Há naturalmente uma razão ponderável a justificar o retardamento de tal publicação. Mas a Academia sabe, por certo, que, quanto mais cedo se desincumbir da tarefa que tomou a seu cargo, tanto maior será o serviço a prestar às letras nacionais. Daí acreditarmos que a razão da publicação seja mais ponderável que a razão da demora. Posto que não conheçamos a segunda.”.

⁴⁴ Ver ANEXO E.

⁴⁵ N.º 18201.

GUSTAVO TEIXEIRA, poeta (São Paulo):

O mais belo verso brasileiro? É difícil a escolha entre tantas preciosidades de Bilac, Raimundo, Alberto, L. Delfino, M. Fontes e outros. Vou citar um, de Bilac. É, senão o mais belo, um dos mais belos da poesia brasileira:

Roma não vale um só dos beijos dela!

É previsível, porque obediente ao inventário de leituras parnasiano; é reveladora, por representar (através da escolha do verso em particular), com a transposição dos modelos clássicos para segundo plano, a rendição de Gustavo Teixeira ao “lirismo” – temas que ficam para um estudo posterior.

2.4 “QUEM O ESCREVEU EM LUZ NA ASA DAS BORBOLETAS?”

Compete elucidar, quanto ao material acomodado como “Fortuna Crítica” que, o curto tempo entre a escolha do tema da pesquisa (setembro de 2012) e a exploração dos resultados (julho de 2013), fez inexequível qualquer projeto que atentasse para uma fundamentação teórica que alicerçasse os critérios de disposição das informações. Portanto, os critérios admitidos na transcrição e ordenação dos textos são pessoais, mas prezam pela clareza e simplicidade na exposição, bem como pela fidelidade aos originais.

Os textos foram compilados de fragmentos de jornais fotografados na visita ao Acervo Gustavo Teixeira; de periódicos disponíveis para consulta no site da Hemeroteca Digital Brasileira, montado pela Fundação Biblioteca Nacional; e no site do Arquivo Público do Estado de São Paulo, da página do Acervo Digitalizado; e dos acervos digitalizados dos jornais “Folha de S. Paulo” (Acervo Folha, no qual se encontram edições da “Folha de S. Paulo”, “Folha da Manhã” e “Folha da Noite”) e “O Estado de S. Paulo” (Acervo Estadão).

Muitas publicações, raras, sobre o poeta, não foram encontradas, como a de Leôncio Correia no jornal “A Pátria”, de 06 de dezembro de 1925, mencionada por Pedro Ferraz do Amaral, e as de Lygia Fagundes Telles, “Gustavo Teixeira, o poeta dos humildes”, publicada no suplemento literário (ano I, n.º 14) de “A Gazeta Magazine”, em 27 de abril de 1941, e “A “Mansfield” da Faculdade de Direito de São Paulo”,

publicada em “Dom Casmurro”, em 26 de junho de 1943, listadas por Arruda Dantas na bibliografia de “Gustavo Teixeira, o poeta da solidão e da renúncia” (1977).

A “Fortuna Crítica” divide-se em três grupos, cujos títulos explicam o conteúdo: o primeiro, “Publicações em jornais e revistas” (contendo 22 textos); o segundo “Palestras, conferências, trechos de livros” (contendo 4 textos – publicações isoladas, em livros ou suplementos), e o terceiro, “Prefácios” (contendo 3 textos). As transcrições, todas listadas no sumário, organizam-se por ordem cronológica, baseada na data de publicação do periódico que encerra o texto transcrito.

Acompanha cada texto um “cabeçalho” explicativo, em que estão dispostos os dados sobre o texto. Para “Publicações em jornais e revistas” o modelo do cabeçalho adotado, com pequenas variações, foi:

Nome do Jornal/Revista – Sigla do estado em que circula
Dia e mês (dia da semana) ano, número da(s) página(s)
Título da publicação – Assinatura/pseudônimo (Nome)

Para “Palestras, conferências, trechos de livros”:

Tipo original de texto (indicação do suporte de publicação – “Título do livro”)
Ano, número da(s) página(s)
Editora – Sigla do estado em que o livro foi publicado
Título – Assinatura

E para “Prefácios”:

Prefácio de “Título do livro”, Edição.
Ano, número da(s) página(s)
Editora – Sigla do estado em que o livro foi publicado
Título do prefácio – Assinatura

Observação:

- Para assinalar a ausência de alguma das informações, utilizou-se a abreviação “n.i.”, significando [dado] “não-informado”.

Dos critérios para a transcrição dos textos:

- Atualizou-se a ortografia;

- Foram mantidas marcações gráficas (com exceção das marcações nos títulos, todos reproduzidos em letras maiúsculas, para facilitar o reconhecimento do texto) como: negritos, itálicos, parênteses, trechos em letras maiúsculas. Saltos em branco entre parágrafos também foram mantidos.

- Trechos ilegíveis foram assinalados com [trecho ilegível]. Deu-se a classificação de “trecho ilegível” para quando uma palavra inteira ou mais de uma não estava legível.

- Partes ilegíveis de palavras foram assinaladas com [x], independente do número possível de letras faltantes.

Outras observações:

- Na transcrição da publicação de Candido Motta Filho, de 06 de julho de 1925, a grafia “Gustavo Ferreira” foi corrigida.

- As informações (jornal e data) sobre a publicação de Helio de Sousa provêm de anotações a caneta, feitas no papel em que o recorte estava colado.

2.5 “*DE PÁGINAS DE LUZ, RECORDAÇÕES DE TUDO*” – PERCURSO EM PERIÓDICOS

Acompadrando-se da fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897, vieram as alterações na imprensa, motivadas, como o desbotamento da boemia, conforme Nelson Werneck Sodré, pela “generalização das relações capitalistas”:

[...] a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colonismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários, avultando agora, e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e até os mundanos. (SODRÉ, 1983, p. 296)

Tais alterações acarretaram mudanças para aqueles que queriam persistir na carreira das publicações: “aos homens de letras, a imprensa

impõe, agora, que escrevam menos colaborações assinadas sobre assuntos de interesse restrito do que o esforço para se colocarem em condições de redigir objetivamente reportagens, entrevistas, notícias.” (SODRÉ, 1983, p. 296-297) – “É pouco dessa transformação que decorre a proliferação das revistas ilustradas que ocorre a partir daí. Nelas é que irão se refugiar os homens das letras, acentuando a tendência do jornal para caracterizar-se definitivamente como imprensa [...]” (SODRÉ, 1983, p. 297).

Em São Paulo, entre 1870 e 1920, tão acelerado fora o avanço econômico da cidade que, segundo Heloisa de Faria Cruz, “nas duas últimas décadas do século XIX, vieram a público mais de seiscentas publicações paulistanas, o quádruplo das quatro décadas anteriores” (2000, p. 77), o que propiciou um desprendimento do meio literário da Academia de Direito do Largo São Francisco: “os códigos da escritura e da leitura, movendo-se em direção ao cotidiano da cidade começam a penetrar terrenos exteriores aos círculos das elites tradicionais.” (CRUZ, 2000, p. 68). Dentro dos seus limites, esse avanço proporcionou, além de uma mudança nos grupos sociais e nos modos de viver (atestada, por exemplo, na série “Aspectos da rua”, de Couto de Magalhães, da revista “A Cigarra”), um alcance fortuito das letras até interiores como São Pedro – a recordar que as primeiras publicações de Gustavo Teixeira foram enviadas por carta, de sua cidade, para o “Correio Paulistano”.

Destarte, rastrear as publicações de Gustavo Teixeira é não só deslocar-se pela história da imprensa e dos círculos literários de São Paulo e Rio, mas também pelo itinerário de sua poesia.

2.6 “SOBRE O PAPEL CORRENDO, LINHA A LINHA” – NO ENCALÇO DAS PUBLICAÇÕES

Assim como a “Fortuna Crítica”, a organização dos quadros de publicações também não teve comprometimento com teorias que lidassem com o tratamento de materiais e acervos, deixando pendente este ponto, ao encargo de trabalhos futuros. Os critérios adotados foram pensados em favor de um arranjo pessoal dos dados, para que ele servisse de auxílio durante a pesquisa, e foram ligeiramente modificados a fim de o converterem em um estudo apresentável, cuja ordenação se fizesse acessível a outros interessados.

A apuração dos resultados computados pelas ferramentas de buscas, que alguns dos sites ofereciam, em impressos digitalizados,

exigiu um trabalho que consumiu muito tempo para a visualização, anotação e organização das ocorrências de “Gustavo Teixeira”. O “Jornal do Brasil”, por exemplo, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, por ter sido impresso em letras pequenas, para as quais a ação do tempo foi ainda mais danosa, mesmo apresentando ferramenta de busca, que acusou duas ocorrências de poemas de Gustavo Teixeira, entre os anos de 1900-1902, teve de ser examinado “manualmente” – e como em abril de 1900 passou a lançar também uma edição vespertina, sendo o “primeiro jornal em nosso país a tirar duas edições diárias” (SODRÉ, 1983, p. 274), 730 (365 + 365) jornais de cada ano, 1900, 1901 e 1902, de 4 a 6 páginas cada, tiveram de ser “folheados”. Os jornais e revistas disponibilizados no Acervo Digitalizado do Arquivo Público do Estado de São Paulo, que não oferece ferramenta de busca, também tiveram de ser examinados individualmente; o que foi feito, por exemplo, com cerca de 390 exemplares da revista “A Cigarra”, de, em média, 50 páginas cada um.

As informações reunidas em quadros foram coletadas das mesmas fontes das quais se recolheu os textos que compõem a “Fortuna Crítica”: Acervo Gustavo Teixeira; periódicos disponíveis para consulta no site da Hemeroteca Digital Brasileira, montado pela Fundação Biblioteca Nacional; e no site do Arquivo Público do Estado de São Paulo, da página do Acervo Digitalizado; e acervos digitalizados dos jornais “Folha de S. Paulo” (Acervo Folha, no qual se encontram edições da “Folha de S. Paulo”, “Folha da Manhã” e “Folha da Noite”) e “O Estado de S. Paulo” (Acervo Estadão).

Dividem-se os quadros em dois grupos: o primeiro, designado como “Anúncios de publicações”, é composto de notícias de publicações recentes de Gustavo Teixeira em outros jornais e revistas que não os anunciantes; o segundo, designado como “Publicações”, é composto das publicações propriamente ditas, verificadas nos próprios jornais e revistas em que se deram (com exceção do quadro 29 de publicações, referente a “A Cidade de Campinas,” para o qual a fonte foi um documento da caixa de número 18 do acervo do poeta, que dizia: “Em cuidadoso levantamento, que abrangeu o período de 1897 até 1910, quando cessa a coleção do Centro de Ciências, um dos Autores da presente comunicação (José Nogueira Novais), relacionou crônicas, tópicos e poesias assinados pelos acadêmicos fundadores Benedito Otávio de Oliveira, Basílio de Magalhães, Alberto Faria, Sílvio de Almeida, Freitas Guimarães, Amadeu Amaral e Presciliana Duarte de Almeida, e pelos acadêmicos sucessores Álvaro Guerra e Gustavo

Teixeira. Eis a colaboração de: Gustavo Teixeira [...] Em o jornal “A Cidade de Campinas”, publicou [...]”), indicadas pelo título. Optou-se por não fazer distinção, dentro desses dois grupos, entre jornais e revistas.

Anúncios de publicações:

Os quadros de “Anúncios de publicações” possuem como título o nome do periódico sobre o qual os anúncios foram veiculados, e estão em ordem alfabética (sendo que, para os nomes precedidos de artigos, considerou-se a letra inicial do nome), tendo ao lado, entre parênteses, o estado de circulação do periódico (a falta dessa informação é sinalizada com um ponto de interrogação).

São formados por quatro colunas, da esquerda para a direita: a primeira corresponde ao número de edição do periódico em que a publicação anunciada foi publicada (tendo, ao lado, o número do ano de edição, nos casos em que a sequência dos números de edição do periódico é irregular); a segunda ao título da publicação anunciada (todas, poemas); a terceira ao título do periódico que comportou o anúncio (tendo ao lado, entre parênteses, o estado em que circula) e a quarta, à data de publicação do anúncio (dia, mês e ano separados com barras). Os anúncios listados em cada quadro seguem ordem cronológica, a partir da data de publicação do periódico em questão.

Outras observações:

- Para assinalar a ausência de alguma informação referente ao conteúdo da primeira, segunda ou quarta coluna, utilizou-se a abreviação “n.i.”, significando [dado] “não-informado”.

- O número das páginas que traziam os anúncios de publicação foi omitido devido ao volume de anúncios e ao tempo para anotações mais completas.

Publicações:

Os quadros de “Publicações” possuem como título o nome do periódico no qual as publicações foram veiculadas, e estão organizadas do mesmo modo dos quadros de “Anúncios de publicações”: em ordem alfabética (sendo que, para os nomes precedidos de artigos, considerou-se a letra inicial do nome), tendo ao lado, entre parênteses, o estado de circulação do periódico (a falta dessa informação é sinalizada com um ponto de interrogação).

São formados por quatro colunas, da esquerda para a direita: a primeira corresponde ao número de edição do periódico; a segunda, ao

número da página na qual está situada a publicação (para a numeração de periódicos não-paginados adotou-se o número da página do documento gerado na digitalização, em formato pdf); a terceira, ao título da publicação (todas, poemas) e a quarta à data de publicação do periódico (dia, mês e ano separados com barras). As publicações listadas em cada quadro seguem ordem cronológica, a partir da data de publicação do periódico em questão.

Outras observações:

- Para assinalar a ausência de alguma informação referente ao conteúdo da primeira, segunda ou quarta coluna, utilizou-se a abreviação “n.i.”, significando [dado] “não-informado”.
- Foram consideradas apenas publicações de poemas integrais. Publicações de trechos foram descartadas por serem poucas, não trazerem mais que quatro versos, e, geralmente, repetirem a estrofe final do poema “Consolado”, citação de Vicente de Carvalho no prefácio de “Ementário”.

ANÚNCIOS DE PUBLICAÇÕES

Quadro 1 – Alvorada (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	29/08/1914

Fonte: Acervo Estádio (*online*).

Quadro 2 – Caminhos de minha vida (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
04	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	01/01/1936

Fonte: Acervo Estádio (*online*).

Quadro 3 – Capital Paulista (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
10 (ano II)	Ao adormecer	O Estado de S. Paulo (SP)	07/04/1900
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	07/06/1900
13 (ano II)	n.i.	Gazeta de Petrópolis (RJ)	27/09/1900
15 (ano II)	Il ritorno	O Paiz (RJ)	17/09/1900
19 (ano III)	Sonho negro	O Paiz (RJ)	18/02/1901
08 (?)	A janela	O Estado de S. Paulo (SP)	18/03/1901
35 (ano IV)	A um artista	Gazeta de Notícias (RJ)	29/06/1902

37 (ano IV)	Aurora	O Estado de S. Paulo (SP)	20/10/1902
-------------	--------	---------------------------	------------

Fonte: Acervo Estádão (*online*); Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 4 – Cigarra, A (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	29/08/1914
105	n.i.	Correio Paulistano (SP)	01/02/1919
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	01/05/1919
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	15/06/1919
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	16/06/1919
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	01/08/1919
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	01/10/1919
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	02/03/1921
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	27/01/1923
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	24/09/1925
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	24/10/1925
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	15/10/1926
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	15/10/1926
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	28/10/1926
n.i.	As minhas rosas brancas	O Estado de S. Paulo (SP)	29/10/1926
n.i.	Balada do Natal	O Estado de S. Paulo (SP)	19/12/1926
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	21/12/1926
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	21/12/1926

n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	18/05/1927
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	31/05/1927
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	31/05/1927
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	15/06/1927
n.i.	Confissão	Correio Paulistano (SP)	13/01/1928
n.i.	Balada antiga	Correio Paulistano (SP)	15/02/1928
n.i.	Balada antiga	Folha da Manhã (SP)	15/02/1928
n.i.	Primeira página de um poema	Correio Paulistano (SP)	30/03/1928
n.i.	Primeira página de um poema	Folha da Manhã (SP)	30/03/1928
n.i.	Balada cambiante	O Estado de S. Paulo (SP)	13/04/1928
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	27/04/1928
n.i.	Lira azul	Correio Paulistano (SP)	13/07/1928
n.i.	Lira azul	Folha da Manhã (SP)	13/07/1928
n.i.	Lira azul	Folha da Noite (SP)	14/07/1928
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	13/11/1928
n.i.	n.i.	Folha da Manhã (SP)	14/11/1928
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	14/11/1928
n.i.	Balada do anjo mau	Correio Paulistano (SP)	15/01/1929
n.i.	Balada do anjo mau	Folha da Manhã (SP)	15/01/1929
340	n.i.	Diário Nacional (SP)	17/01/1929
n.i.	Paraiso perdido	Folha da Noite (SP)	14/04/1931
n.i.	Paraiso perdido	Folha da Manhã (SP)	15/04/1931
n.i.	No horto	Folha da Noite (SP)	14/05/1931
n.i.	n.i.	Folha da Manhã (SP)	16/10/1931

n.i.	Saudade	A Noite (RJ)	24/11/1931
n.i.	n.i.	Folha da Manhã (SP)	16/03/1932
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	17/03/1932
n.i.	n.i.	Diário Nacional (SP)	25/08/1932
n.i.	n.i.	Correio de S. Paulo (SP)	09/03/1933

Fonte: Acervo Estádão (*online*); Acervo Folha (*online*); Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 5 – Comentário, O (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	Jornal do Brasil (RJ)	25/08/1931
21	A eterna canção	Diário Nacional (SP)	17/11/1931

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 6 – Destino, O (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
08 (ano II)	n.i.	Jornal do Brasil (RJ)	28/01/1903

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 7 – Echo Phonographico (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
17	Ao fim do dia	Correio Paulistano (SP)	03/08/1903

19	Quadras antigas	Correio Paulistano (SP)	05/10/1903
20	Inverno/O livro de um morto	Correio Paulistano (SP)	02/11/1903
22	A tempestade	Correio Paulistano (SP)	18/01/1904
23	Jesus	Correio Paulistano (SP)	01/02/1904
n.i.	O cego	Correio Paulistano (SP)	12/03/1904
28	Noite de amor	Correio Paulistano (SP)	04/07/1904
n.i.	Na igreja	Correio Paulistano (SP)	08/12/1904
40	Amor eterno	Correio Paulistano (SP)	02/06/1905
44	A partida	Correio Paulistano (SP)	14/10/1905
n.i.	O leque	Correio Paulistano (SP)	08/03/1906
n.i.	Aspiração/Incoerência/A menina/Luz	Correio Paulistano (SP)	03/10/1906
59	O meu ideal	Correio Paulistano (SP)	19/01/1907
64	n.i.	Correio Paulistano (SP)	14/06/1907

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 8 – Fita, A (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	09/04/1918

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 9 – Jornal de Piracicaba (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	08/08/1921

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 10 – Kodak (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
03	A minha roseira	O Estado de S. Paulo (SP)	24/08/1912

Fonte: Acervo Estação (*online*).

Quadro 11 – Minerva (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
04	Frínia	O Estado de S. Paulo (SP)	17/12/1903
11	Impassível	Correio Paulistano (SP)	18/07/1904
n.i.	n.i.	Tagarela (RJ)	01/09/1904

Fonte: Acervo Estação (*online*); Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 12 – Musa, A (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
01	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	01/02/1905

Fonte: Acervo Estação (*online*).

Quadro 13 – Nova Cruz, A (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
01 (ano I)	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	09/06/1905
03 (ano I)	As estátuas	O Estado de S. Paulo (SP)	07/08/1905
03 (ano I)	As estátuas	Correio Paulistano (SP)	13/08/1905
05 (ano I)	n.i.	O Paiz (RJ)	12/10/1905
06 (ano I)	No declínio	Correio Paulistano (SP)	13/11/1905
04 (ano II)	Os triunfadores	Correio Paulistano (SP)	13/10/1906
05 (ano II)	Os triunfadores	Correio Paulistano (SP)	14/11/1906
06 (ano II)	Castigo	Correio Paulistano (SP)	11/12/1906
07 (ano III)	Sombras/ A concha	Correio Paulistano (SP)	11/02/1907
10 (ano III)	As meninas que amei	Correio Paulistano (SP)	10/03/1907
n.i.	Tempestade	Correio Paulistano (SP)	09/06/1907
n.i.	Ao pé de um túmulo	Correio Paulistano (SP)	10/01/1908
n.i.	A agonia da árvore	Correio Paulistano (SP)	24/05/1908
12	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	03/08/1908
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	06/09/1908
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	09/09/1908
n.i.	Velho tema	Correio Paulistano (SP)	21/09/1910

Fonte: Acervo Estadão (*online*); Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 14 – Orchidéa (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
------------	----------------------	------------	------

02	n.i.	Jornal do Brasil (R.J)	14/02/1903
----	------	------------------------	------------

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 15 – Panóplia (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	09/12/1917

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 16 – Pimpão, O (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	19/06/1919

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 17 – Pirralho, O (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	05/09/1915

Fonte: Acervo Estádão (*online*).

Quadro 18 – Portugal e Brasil (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
------------	----------------------	------------	------

02	Veneza	Correio Paulistano (SP)	24/05/1908
----	--------	-------------------------	------------

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 19 – Rajada, A (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	Balada das folhas mortas	Jornal do Brasil (RJ)	19/04/1920
06	Balada das folhas mortas	O Paiz (RJ)	19/04/1920

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 20 – Revista do Brasil (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
45	n.i.	Correio Paulistano (SP)	07/10/1919
71	n.i.	Correio Paulistano (SP)	29/11/1921

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 21 – Revista dos Educadores (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
09	A agonia da árvore	Correio Paulistano (SP)	13/09/1911

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 22 – Revista Nova (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
09	Aranhol	O Paiz (RJ)	02/05/1908

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 23 – Silhueta (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
06	n.i.	Correio Paulistano (SP)	25/02/1928
06	n.i.	Diário Nacional (SP)	26/02/1928
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	17/03/1928
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	22/04/1928
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	27/05/1928

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 24 – Vanitas (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
42	n.i.	Diário de Notícias (RJ)	12/08/1934

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 25 – Vida Moderna, A (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
------------	----------------------	------------	------

n.i.	Trovas	O Estado de S. Paulo (SP)	12/04/1917
n.i.	O eterno assunto	O Estado de S. Paulo (SP)	25/09/1919

Fonte: Acervo Estação (*online*).

PUBLICAÇÕES

Quadro 26 – Almanach do Paraná (PR)

N.º edição	Página	Publicação	Data
12	p. 186	Milagre	25/10/1909

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 27 – Archivo Ilustrado, O (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
20	p. 156	Noite ideal	15/10/1900
33	p. 255	Extremo porto	n.i./n.i./1903
37	p. 285	Marinha	n.i./n.i./1903
39	p. 302	Dilúculo	n.i./n.i./1903
41	p. 319	O enterro de Julieta	n.i./n.i./1903
42	p. 326	Coração defunto	n.i./n.i./1904
45	p. 351	Esther	n.i./n.i./1904

46	p. 358	Lírio morto	n.i./n.i./1905
47	p. 366	Em viagem	n.i./n.i./1905

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 28 – Capital Paulista (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
10 (ano II)	p. 136	Ao adormecer	n.i./04/1900
02 (ano II)	p. 153	Última página	n.i./05/1900
13 (ano II)	p. 8	Página funesta	n.i./07/1900
15 (ano II)	p. 37	Il ritorno	n.i./09/1900
19 (ano III)	p. 107	Sonho negro	n.i./02/1901
20 (ano III)	p. 119	A janela	n.i./03/1901
21 (ano III)	p. 135	Ponto final	n.i./04/1901
25 (ano III)	p. 12	Matinal	n.i./08/1901

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (*online*).

Quadro 29 – Cidade de Campinas, A (SP) *

N.º edição	Página	Publicação	Data
916	p. n.i.	Lira azul	23/03/1904
1276	p. n.i.	Novo Cristo	06/06/1905
1413	p. n.i.	No cárcere	23/11/1905
1484	p. n.i.	Ontem e hoje	18/02/1905

Fonte: Acervo Gustavo Teixeira – Museu Municipal Gustavo Teixeira.

Quadro 30 – Cigarra, A (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
12	p. 19	A tentação	25/05/1914
09	p. 38	Magdalena	29/08/1914
05	p. 15	O salgueiro	14/10/1914
24	p. 47	A violeta	01/08/1915
104	p. 16	A espera	16/01/1919
105	p. 29	Em sonho	01/02/1919
109	p. 38	Algumas estrofes d'O sonho de Marina	01/04/1919
111	p. 21	O sonho de Marina – excerto	01/05/1919
112	p. 29	O Sonho de Marina (excerto de um Poema Inédito)	15/05/1919
114	p. 30	Balada das rosas	15/06/1919
115	p. 20	Balada	01/07/1919
121	p. 27	Angelus	01/10/1919
141	p. 5	Morta	01/08/1920
150	p. 49	São Pedro – Silhuetas	15/12/1920
153	p. 19	História	01/02/1921
155	p. 36	Na escola	01/03/1921
172	p. 24	Balada do violino	15/11/1921
176	p. 23	Sempre	15/01/1922
178	p. 26	Balada de um morto	15/02/1922

185	p. 12	Balada da agonia	01/06/1922
189	p. 17	Lira azul	01/08/1922
200	p. 22	A dor maior	15/01/1923
208	p. 30	Balada da rainha da beleza	15/05/1923
222	p. 25	Canção da noite sem aurora	15/12/1923
233	p. 39	Amor	01/06/1924
237	p. 27	Jardim abandonado	15/09/1924
243	p. 65	Noite de inverno	15/12/1924
249	p. 36	A feia	15/03/1925
251	p. 27	Renúncia	15/05/1925
255	p. 27	A canção do pegureiro	15/06/1925
261	p. 27	O fim de tudo	15/09/1925
286	p. 25	As duas coroas	01/10/1926
287	p. 25	As minhas rosas brancas	15/10/1926
290	p. 41	Balada do Natal	01/12/1926
296	p. 21	Ressurreição	01/03/1927
299	p. 45	Minha mãe	15/04/1927
300	p. 23	Canção da tarde lilás	01/05/1927
301	p. 39	Última balada	15/05/1927
302	p. 23	Rosa	01/06/1927
316	p. 21	Confissão	01/01/1928
318	p. 23	Balada antiga	01/02/1928
322	p. 24	Balada cambiante	01/04/1928
323	p. 52	O Espelho	15/04/1928

327	p. 26	Teu nome	15/06/1928
328	p. 34	Lira azul	01/07/1928
336	p. 22	Canção da tarde triste	01/11/1928
338	p. 42	Balada das velhas cartas	01/12/1928
360	p. 38	A carta que ela escreve	01/11/1929
425	p. 16	O meu amor	01/08/1932

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (*online*).

Quadro 31 – Correio Paulistano (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
12899	p. 1	Insônia	01/08/1899
12922	p. 1	Flor da ressurreição	24/08/1899
18625	p. 3	Balada nupcial	24/05/1915
18965	p. 4	Lira azul	01/05/1916
19126	p. 2	À sombra dos montes	09/10/1916
24568	p. 42	O batismo/ A eucaristia/ Ecce homo!	25/12/1935
24755	p. 15	Renúncia	26/11/1936
24896	p. 15	A libélula	13/05/1937

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 32 – Estado do Espírito Santo, O (ES)

N.º edição	Página	Publicação	Data
26	p. 1	O dinheiro	31/01/1904
166	p. 1	Noite de amor	17/07/1904

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 33 – Folha da Manhã (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
n.i.	p. 3	A agonia da árvore	29/12/1926
n.i.	p. 2	Magdalena	25/10/1928
n.i.	p. 2	No presépio	27/12/1928

Fonte: Acervo Folha (*online*).

Quadro 34 – Jornal do Brasil (RJ)

N.º edição	Página	Publicação	Data
270	p. 3	Il ritorno	27/08/1900
134	p. 1	Última página	14/05/1902
193	p. 1	Sonho azul	12/07/1902
217	p. 1	As estações	05/08/1902
220	p. 1	Perfídia	08/08/1902
319	p. 7	Agouro	15/11/1902

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 35 – Notícia, A (PR)

N.º edição	Página	Publicação	Data
512	p. 1	Um devoto	21/06/1907
519	p. 1	Incoerência	01/07/1907
628	p. 1	Poder do amor	08/11/1907

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 36 – Nova Cruz, A (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
01	p. 15	Horas negras	n.i./06/1905

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (*online*).

Quadro 37 – Pacotilha (MA)

N.º edição	Página	Publicação	Data
175	p. 2	A agonia da árvore	25/07/1908
204	p. 2	A agonia da árvore	30/08/1909
162	p. 2	A concha	12/07/1916

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 38 – Pirralho (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
------------	--------	------------	------

36	p. 3	Balada do violino	13/04/1912
54	p. 15	O espelho	17/08/1912
55	p. 15	Morta	24/08/1912
61	p. 14	O crisântemo	12/10/1912
80	p. 16	Paraíso perdido	01/03/1913
243	p. 13	Minha alma	n.i./n.i./1917

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 39 – Revista da Semana (RJ)

N.º edição	Página	Publicação	Data
51	p. 22	Pañtum	09/01/1916

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 40 – Rua do Ouvidor (RJ)

N.º edição	Página	Publicação	Data
234	p. 4	Página funesta	01/11/1902

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

2.7 ACERVO GUSTAVO TEIXEIRA

A fim de obter informações sobre Gustavo Teixeira, a existência de manuscritos e documentos seus, entrei em contato com o Museu Municipal Gustavo Teixeira por email (fornecido pelo site de São Pedro) no dia 23 de fevereiro de 2013. A resposta, positiva, logo veio, no dia 25 do mesmo mês, por um dos responsáveis pelo museu, Rodrigo Luiz dos Santos, que atualmente exerce o trabalho como voluntário, com quem troquei inúmeros emails até a decisão e preparação da viagem para a cidade.

Com o objetivo de tomar nota e fotografar o que havia de Gustavo Teixeira no museu, viajei no dia 21 de julho de 2013, um domingo. Os dias 22, 23, 24 e 25 foram dedicados à pesquisa no Museu Municipal Gustavo Teixeira⁴⁶, localizado no centro de São Pedro – ao lado da Biblioteca Municipal –, na Rua Joaquim Teixeira de Toledo (nº 524), inaugurado em 1972, e reinaugurado em junho de 2008, no prédio do antigo Grupo Escolar [1913] e Grupo Escolar Gustavo Teixeira [1939] (SANTOS, 2009, p. 104), onde se mantém o Acervo Gustavo Teixeira. Como, nesses dias, Rodrigo, que separou os papéis de Gustavo e montou o acervo, não pôde estar presente, receberam-me outros voluntários: Daila, Douglas e Gentila, que me ajudaram como puderam. A viagem de retorno se deu no dia 26 de julho.

O Acervo Gustavo Teixeira acha-se no porão do museu. Está acondicionado em pastas plásticas azuis com elástico, etiquetadas, guardadas enfileiradas na vertical em duas estantes de ferro, em meio a outras estantes, que guardam documentos de outra natureza, e alguns objetos do museu que necessitam de manutenção.

A primeira das duas estantes⁴⁷ contém, armazenados em 21 pastas, numeradas de 1 a 21, sob o título de “Acervo Biblioteca G.T.”, ocupando as quatro primeiras prateleiras (de cima para baixo), os livros da biblioteca particular de Gustavo Teixeira e outros livros. O número que segue o nome “Registros” (que indica o conteúdo da “caixa”), na etiqueta, se refere ao número de exemplares de livros contidos na pasta. No quadro abaixo, apresento as descrições das pastas segundo as etiquetas que apresentavam:

⁴⁶ Ver ANEXO F.

⁴⁷ Ver ANEXO G: no canto esquerdo da foto, da esquerda para a direita, a terceira estante; e ANEXO H.

Quadro 41 – Pastas do “Acervo Biblioteca G.T.”

Pastas etiquetadas
Acervo 001 Registros 001-015
Acervo 002 Registros 016-036
Acervo 003 Registros 037-049
Acervo 004 Registros 052-062
Acervo 005 Registros 063-083
Acervo 006 Registros 085-108
Acervo 007 Registros 109-129
Acervo 008 Registros 130-148
Acervo 009 Registros 149-161
Acervo 010 Registros 162-179
Acervo 011 Registros 180-190
Acervo 012 Registros 191-200
Acervo 013 Registros 0201-207
Acervo 014 Registros 0208-0219
Acervo 0015 Registros 0220-0234
Acervo 016 Registros 0235-0243
Acervo 017 Registros 0244-0250
Acervo 018 Registros: (livros com dedicatória) 026/ 033/ 035/ 059/ 065/ 072/ 077/ 078/ 085/ 096/ 099/ 100/ 106/ 107/ 137/ 142/ 210/ 211/ 216/ 217/ 229

Acervo 019 Registros 0254-0266
Acervo 020 Registros 0267-0269
Acervo 021 Registros 0270-0272

Fonte: Acervo Gustavo Teixeira – Museu Municipal Gustavo Teixeira.

Na segunda estante, ocupando a primeira e parte da segunda prateleira⁴⁸, estão as demais pastas. De 1 a 23 estão numeradas as pastas menores, cada uma tendo após o nome “Registros” a descrição, às vezes não muito explícita, do seu conteúdo geral. Outras pastas (das quais tenho seis anotadas: Registros Semana G.T. Poesias; Registros Acervo G.T.; Registros Documentos diversos; G.T.; família G.T.; Registros Maria de Lourdes Teixeira; Registros Eleição G.T. Academia Paulista de Letras; Registros Papéis diversos), maiores, etiquetadas como “Registros”, completam a terceira e quarta prateleiras da estante, juntamente com pastas de “Registros” de Maria de Lourdes Teixeira. E um terceiro tipo de pastas, do mesmo tamanho das anteriores, das quais não tomei nota, contendo documentos das “Semanas Gustavo Teixeira” de cada ano, é guardado nas demais prateleiras da estante. No quadro abaixo, apresento as descrições das 23 pastas (etiquetadas como “caixas”) menores segundo as etiquetas que apresentavam:

Quadro 42 – Pastas da segunda estante

Caixas
Caixa: 001 Acervo: 001-0169 Registros: Poesias Publicadas
Caixa: 002 Acervo: 070 Registros: Papéis esparsos, 41 folhas
Caixa: 003 Acervo: 0171-0235

⁴⁸ Ver ANEXO G: no canto direito da foto, das três prateleiras ao fundo, a do meio; e ANEXO I.

Registros: Poesias não publicadas
Caixa: 004 Acervo: 00236-0366 Registros: Poesias publicadas no livro GT
Caixa: 005 Acervo: 0367-0463 Registros: Poesias Publicadas no livro
Caixa: 006 Acervo: 0464-0619 Registros: Poesias completas
Caixa: 007 Acervo: 0620-0699 Registros: O Último Evangelho
Caixa: 008 Acervo: 0700-0793 Registros: G.T. encadernado
Caixa: 009 Acervo: 0794-0869 Registros: Poesias publicadas em jornais
Caixa: 010 Acervo: 0872-0874 Registros: G.T. espiritismo
Caixa: 011 Acervo: 0875-0893 Registros: G.T. Cartas
Caixa: 012 Acervo: 0894 Registros: Documento da prefeitura
Caixa: 013 Acervo: 0895-0921 Registros: G.T. recortes de jornais
Caixa: 014 Acervo: 0922-1000 Registros: Poesias/Autores recortes de jornais
Caixa: 015 Acervo: 1001-1170 Registros: Poesias/Autores recortes (recentes) de jornais
Caixa: 016 Acervo: 1171-1196 Registros: Poesias Publicadas no livro Êxtase, Poesias completas

Caixa: 017 Acervo: 1197-1220 Registros: Poesias Publicadas no livro, poesias completas
Caixa: 018 Acervo: 1221-1229 Registros: G.T. discursos
Caixa: 019 Acervo: 1230 Registros: Lira Azul
Caixa: 020 Acervo: 1231-01236 Registros: G.T. poesias/Outros
Caixa: 021 Acervo: 1237-1239 Registros: O Sonho de Marina
Caixa: 022 Acervo: ----- Registros: 199 rascunhos de G.T.
Caixa: 023 Acervo: ----- Registros: documentos redigidos por G.T.

Fonte: Acervo Gustavo Teixeira – Museu Municipal Gustavo Teixeira.

Explicações detalhadas sobre a formulação das etiquetas não foram possíveis por conta do fato de estar ausente o coordenador do trabalho com o acervo, Rodrigo Luiz dos Santos. A história da montagem do acervo, no entanto, foi contada por ele, a pedido meu, em resposta a algumas perguntas, das quais tenho selecionado um trecho:

“Qual a origem dos papéis do Gustavo? (quem doou, se foi parcialmente doado, onde ficavam guardados anteriormente... [...])”

“Entrei para trabalhar no museu, ainda como estudante de história em 2005, e comecei a vasculhar as coisas, não somente o disponível no Museu (que até então era uma sala no segundo andar da Biblioteca), como em diversos setores da Prefeitura, inclusive, aquilo que chamavam de

Arquivo Morto, que mais parecia um cemitério abandonado há anos. Essa documentação [...] achei (papéis e livros), todas numa caixa, entulhadas, com um pano em cima, em um antigo armário de madeira da Biblioteca, que creio que ali estava adormecido há décadas. Tinha bolor, estava úmido.

Tirei tudo de dentro da caixa, e coloquei tudo aberto no chão [...]

Quem doou quando da abertura do Museu, em 1972, me parece que foi uma tia do Gustavo, dona Eponimia, [...] conversando aos poucos com os familiares [...] uma prima do Gustavo me disse, que já que ele faleceu, a própria família jogou fora e queimou no quintal as coisas dele. [...]

Parto do principio, analisando os papéis, que esses estavam guardados na Câmara Municipal e na Prefeitura, guardados pelo próprio Gustavo, e que uma vez achados, foram doados a família, que os guardou.”.

Numa contagem rápida dos papéis de cada pasta, estimei cerca de 2000, considerando tudo o que havia nas pastas: desde manuscritos e datiloscritos de Gustavo Teixeira até recortes de jornal, cópias de notícias de jornal, discursos feitos sobre o poeta e certidões de óbito. Dos papéis escritos por Gustavo Teixeira, número superior a mil, a maior parte é datilografada e possui alterações manuscritas, a outra parte é inteiramente manuscrita.

Como ainda não pôde ser elaborado um projeto de classificação para o material, nenhum desses papéis possui registro individual.

Dado o tamanho do acervo, não foi possível fotografá-lo todo, muito menos olhar o acervo fotográfico e a coleção de jornais da cidade, também guardados pelo museu. Um acidente, no fim do segundo dia de pesquisa, com a transferência das fotos das máquinas fotográficas para um pendrive, resultou na perda de todas as fotos tiradas até então (aproximadamente 2000).

Cuidando de planejar o trabalho para os dias restantes da viagem, pôde-se, fazendo novas fotos dos materiais, restituir o que se havia perdido – uma quantidade suficiente para dar a conhecer a riqueza do conjunto. E, mesmo que tal imprevisto nunca tivesse sucedido os quatro

dias de trabalho no museu não teriam sido suficientes para que, ao cabo, se pudesse apresentar um registro completo do acervo. A profusão de documentos, manuscritos, poemas datilografados, livros com dedicatórias e tanto mais, anuncia a necessidade de uma viagem futura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como quem quisesse furtar o mar, feito Miguel, apropriar-me “de algo considerável, imenso, esmagador, que por sua própria extensão fosse insuscetível de ser capturado, embora também o fosse de ser escondido”, realizar o ato mental do furto e dirigir os tributos somente a mim, é que ofereço esta coleção de conchinhas.

Com desmedida confiança em algum traço teimoso de Gustavo Teixeira foi que cheguei ao mesmo tempo a todos os lugares – o que não diz que foram todos examinados. O poeta ultrapassa o meu tamanho.

Publicações daqui e dali, comentários acolá, pastas pastas, papéis papéis, lê a biografia de quem, empresta o livro, listagem de parentes, vê esses ensaios, datas. A pesquisa não poderia ter sido mais proveitosa, perambulou por uma miuçalha danada de assuntos de... “fino consumo” – bagunça para a qual nem o professor mais austero me jogaria –; uma verdadeira “biblioteca” que despencou de repente sobre mim. Nem a melhor das apostas garantiria São Pedro como terrinha tão boa e nem que tanto se acharia lá.

Do que mais se pode falar é de quantidade. Lidar com o volume de informações (critérios de organização, espaço de armazenamento, esquecimentos, etc.) e com o desenvolvimento paralelo dos inúmeros lados da pesquisa que foram se desmembrando, assim como dar coerência a todo o material, foi sem dúvida a grande lição.

O trabalho vale sim a pena e é uma fração mínima do que há para ser feito.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS. 70 anos da Academia Paulista de Letras. São Paulo: Gráfica Sangirard, 1979.

ALBUQUERQUE, Matheus de. *Visionário*. 2. ed. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1912.

AMARAL, Amadeu. *O elogio da mediocridade: (estudos e notas de literatura)*. São Paulo: Empresa Editora Nova Era, 1924. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00050200#page/1/mode/lup>>. Acesso em: 11 março 2013.

_____. Um soneto de Bilac: Conferencia realizada em Jahú, no Jahú Club, em 25 de agosto de 1920. São Paulo: Edição do Jahú Club, 1920. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00051900#page/5/mode/lup>>. Acesso em: 11 março 2013.

AMARAL, Pedro Ferraz do. Gustavo Teixeira. *Separata de: Revista da Academia Paulista de Letras*, n.º 94, s.n.t.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ANDRADE, Marília de; RIBEIRO, Ésio Macedo (Org.). *Maria Antonieta d'Alkmin e Oswald de Andrade*: Marco Zero. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

ATHAÍDE, Tristão [Alceu Amoroso Lima]. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.

BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BILAC, Olavo. *Ironia e piedade*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916. Disponível em:

<<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00291300#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 6 agosto 2013.

BROCA, Brito. A vida literária no Brasil – 1900. 3. ed.. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1975.

_____. Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

CANDIDO, Antonio. Formação da literatura brasileira (momentos decisivos). 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. v. 1.

_____. O método crítico de Sílvio Romero. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAROLLO, Cassiana Larcercda (Org.). Decadismo e simbolismo no Brasil: crítica e poética. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1980. 2 v.

COUTINHO, Afrânio (Coord.). A literatura no Brasil. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. Crítica e poética. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CRUZ, Heloísa de Faria. São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890 – 1915. São Paulo: EDUC : FAPESP, 2000.

DANTAS, Arruda. Gustavo Teixeira: o poeta da solidão e da renúncia. São Paulo: Editora Pannartz, 1977.

EDMUNDO, Luís. O Rio de Janeiro de meu tempo. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. 3 vols.

FERRAZ, Antonio Osvaldo. Fôlhas esparsas. São Paulo: Indústria Gráfica Cruzeiro do Sul Ltda., 1954.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O espírito e a letra: estudos e crítica literária I, 1902-1947, São Paulo: Companhia das Letras, 1996. v. 1.

MARTINS, Wilson. A crítica literária no Brasil. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 1.

NUNES, Zilma Gesser. Espectros do texto (Resgate de Poemas Inéditos de Ernani Rosas). 1995. 311 f.. Dissertação (Mestrado em Letras, Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

O'DONNELL, Julia. De olho na rua: a cidade de João do Rio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

PACHECO, João. A literatura brasileira: vol. III – O Realismo (1870-1900). 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

PEREIRA, Lúcia Miguel. Prosa de ficção (de 1870 a 1920). 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Do barroco ao modernismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1979.

_____. Poesia parnasiana – antologia. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

RIO, João do [João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto]. O momento literário. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-00800.html>. Acesso em: 31 julho 2013.

ROMERO, Sílvio. A poesia de hoje. In: _____. Cantos do fim do século. Rio de Janeiro: Typographia Fluminense, 1878. Disponível em: <<http://archive.org/details/cantosdofimfose00romeogoo>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

_____. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. v. 5.

_____. Outros estudos de litteratura contemporanea. Lisboa: Typographia da “A Editora”, 1905. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01616100#page/9/mode/1up>>. Acesso em: 30 julho 2013.

SANTOS, Rodrigo Luiz dos (Org.). São Pedro: educação, cultura e turismo. São Paulo: Noovha América, 2009.

SCHERER, Marta Eymael Garcia. Bilac – sem poesia: Crônicas de um jornalista da Belle Époque. 2008. 250 f.. Dissertação (Mestrado em Letras, Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SILVEIRA, Pedro da. Os últimos luso-brasileiros. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SOUTO, Luiz Filipe Vieira. Artur de Oliveira: ensaio biográfico. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1935.

SÜSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Tal Brasil, qual romance?: uma ideologia estética e sua história : o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TEIXEIRA, Gustavo. Ementario (Amor-Aquarelas-Cambiantes). São Paulo: Typographia da Maré & C., 1908.

_____. Poemas lyricos. Os nossos poetas [fev., n. 2.], São Paulo: [s.n.], 1925.

_____. Poesias completas de Gustavo Teixeira. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. A carruagem alada. São Paulo: Pioneira, 1986.

VERÍSSIMO, José. Estudos de literatura brasileira: 2ª série. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

_____. Estudos de literatura brasileira: 4ª série. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

_____. Últimos estudos de literatura brasileira: 7ª série. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

Jornais

A ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS REALIZOU, ONTEM, A SUA REUNIÃO-ALMOÇO. Correio Paulistano, São Paulo, 10 out. 1937. p. 5.

ALBUQUERQUE, Matheus de. Carta para a provincia. O Paiz, Rio de Janeiro, 19 ago. 1911. p. 1.

ARTE de amar. Correio Paulistano, São Paulo, 15 abr. 1924. p. 4.

CARVALHO, Vicente de. A' frente de um livro. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 19 jun. 1908. p. 1.

EDUARDO, João. A Lanterna: folha anti-clerical e de combate, São Paulo, 14 jun. 1918. p. 2.

FALECIMENTO. Correio Paulistano, São Paulo, 24 dez. 1913. p. 8.

FONTES, Hermes. Novas Forças, Correio Paulistano, São Paulo, 18 jan. 1918. p. 1.

FONTES, Hermes. Uma conferência, Correio Paulistano, São Paulo, 25 abr. 1916. p. 3.

GUSTAVO TEIXEIRA. Correio Paulistano, São Paulo, 11 nov. 1937. p. 7.

LETRAS E LETRAS. Correio Paulistano, São Paulo, 23 mar. 1914. p. 2.

LOPES, Oscar. A Semana. O Paiz, Rio de Janeiro, 05 out. 1913. p. 2.

NETO, Coelho. Passionarias. Correio Paulistano, São Paulo, 01 mai. 1916. p. 4.

- NOTÍCIAS DIVERSAS. Correio Paulistano, São Paulo, 26 fev. 1916. p. 3.
- NUNES, Wale. Poetas... . A Florescência, São Paulo, jan. 1917. p. 2.
- PERO, Nicolau. Joanhina Carretta. Correio Paulistano, São Paulo, julh. 1936. p. 27.
- QUEIROZ, Wenceslau de. Crítica Literária. Correio Paulistano, São Paulo, 09 out. 1904. p. 1.
- REIS, Raimundo. As mulheres de preto. Correio Paulistano, São Paulo, 01 mai. 1916. p. 4.
- RUD, Sergio. Cartas de longe. O Paiz. Rio de Janeiro, 16 nov. 1908. p. 5.
- S. PEDRO: NOTÍCIAS DIVERSAS. Correio Paulistano, São Paulo, 17 nov. 1916. p. 3.
- SIMPLÍCIO [Álvaro Guerra]. A propósito... . Correio Paulistano, São Paulo, 09 jul. 1899. p. 1.
- UM POETA. Correio Paulistano, São Paulo, 15 out. 1940. p. 5.

Revistas

- JÚLIO TESTAMANTIS – “WALKYRIANAS”. A Cigarra, São Paulo, nov. 1928. p. 42.
- O FUTURISMO – O MOVIMENTO FUTURISTA EM SÃO PAULO: MÁRIO FLAMMA. A Cigarra, São Paulo, 01 jul. de 1921. p. 24.
- O MAIS BELLO VERSO BRASILEIRO – RESPOSTAS AO INQUÉRITO D’A NOITE ILLUSTRADA. A Noite Illustrada, Rio de Janeiro, 18 jul. 1934. p. 9.
- R., J. Névoas e Flamas. O Pirralho, São Paulo, 04 out. 1913. p. 6.
- SAMPAIO, Sebastião. A Semana Elegante. Revista da Semana, Rio de Janeiro, 18 dez. 1915. p. 22-23.
- SEIXAS, Aristeu. Bons & Maus. Panóplia, São Paulo, jun.1917. p. 35-39.
- SEIXAS, Aristeu. Bons & Maus. Panóplia, São Paulo, jul. 1917. p. 81-86.
- SEIXAS, Aristeu. Bons & Maus. Panóplia, São Paulo, ago. 1917. p. 133-136.
- SEIXAS, Aristeu. Bons & Maus. Panóplia, São Paulo, set.1917. p. 188-191.
- TINOCO, Aguiar. A nossa enquete literária. O Pirralho, São Paulo, 4 jul. 1914. p. 18.

VAL, Ivo do. Novos e Velhos. A Cigarra, São Paulo, 18 fev. 1916. p. 47.

ANEXO A – FORTUNA CRÍTICA

SUMÁRIO

PUBLICAÇÕES EM JORNAIS E REVISTAS

[1899a] Correio Paulistano - A propósito.....	103
[1899b] Correio Paulistano - A propósito.....	105
[1909] Correio da Manhã - Registro Literário: “Ementário, versos de Gustavo Teixeira”.....	107
[1917a] Panóplia - Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário.....	111
[1917b] Panóplia - Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário.....	117
[1917c] Panóplia - Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário.....	127
[1917d] Panóplia - Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário.....	135
[1925] A Cigarra - Livros Novos: Poemas Líricos, por Gustavo Teixeira.....	141
[1925] Correio Paulistano - Poetas.....	143
[1925] O Estado de S. Paulo - Bibliografia.....	145
[1925] O Imparcial - Crônica de livros: Gustavo Teixeira - “Poemas Líricos”.....	153
[1925] Jornal do Brasil - Registro Literário: “Poema Lírico”.....	157
[1925] Correio Paulistano - A Semana Literária: “Poemas Líricos”..	163
[1936] Correio Paulistano - Gustavo Teixeira.....	165
[1937] A Noite - O poeta Gustavo Teixeira.....	169
[1937] Folha da Manhã - O poeta da primavera.....	173
[1943] O Estado de S. Paulo - Gustavo Teixeira: o poeta do espírito.....	177
[1943] O Estado de S. Paulo - Gustavo Teixeira.....	181
[1950] Correio Paulistano - Gustavo Teixeira.....	185
[1960] O Estado de S. Paulo - Vida Literária: Gustavo Teixeira, o grego municipal.....	187
[1961] A Gazeta - Gente Ilustre (15): O poeta Gustavo Teixeira.....	189
[1966] A Gazeta - O verdadeiro perfil de Gustavo Teixeira.....	193

PALESTRAS, CONFERÊNCIAS, TRECHOS DE LIVROS

[1937] Conferência (livro integral) - Gustavo Teixeira: o poeta da Solidão e da Renúncia.....	195
-----------------------------------------------------------------------------------------------	-----

[1954] Ensaio (em livro) - Gustavo Teixeira	209
[1967] Apresentação para antologia (em livro) - Gustavo Teixeira.....	219
[1977] Palestra (em revista) - Gustavo Teixeira.....	223

PREFÁCIOS

[1908] Ementário - Prefácio.....	241
[1959] Poesias Completas de Gustavo Teixeira - Gustavo Teixeira: Presente.....	251
[1981] Poesias Completas de Gustavo Teixeira - Introdução à poesia de Gustavo Teixeira.....	261

Correio Paulistano – SP
 09 de julho (domingo) de 1899, p. 1
 A propósito... – “Simplício” (Álvaro Guerra)

A PROPÓSITO...

Nero sentia o belo horrível quando contemplava, ao longe, as labaredas de um grande incêndio. Era uma sensação estética que muito o deliciava...

Maior prazer, porém, deve experimentar, no remanso plácido das selvas, o mísero mortal que, fatigado deste viver febricitante da cidade, pode respirar ali, a largos haustos, o ar embalsamado das montanhas, ouvindo a música silvestre da solidão e assistindo todos os dias, as grandiosas mutações do cenário da natureza.

É lá que o homem, sentindo-se mais próximo de Deus, pode gozar o belo amável. Se é poeta, assenta-se, como Anacreonte, sob as árvores floridas, onde zumbem insetos e chilreiam pássaros, – e, inspirado, deixa o cálamo, deslizar impetuosamente pelo papel, como impelido por estranha força. “Est Deus in nobis...”, – dizia o bardo mantuano.

Pois essa ventura, não a sente o sr. Gustavo de Paula Teixeira, que, de S. Pedro, me enviou, há dias, uma carta, com seis sonetos (!) para serem publicados no A Propósito. “Triste, muito triste é minha vida aqui, onde apenas tenho, por divertimento, poesias para ler”, – pondera-me, desconsolado, o meu desconhecido correspondente. Conta ele apenas 17 anos; vive isolado numa fazenda; e por lá anda a arrastar uma existência infeliz...

Procurando desculpar-se de quaisquer incorreções dos seus versos, o desalentado jovem adverte-me de que “nunca frequentou colégio: o que sabe, aprendeu-o na roça”. Há pouco tempo, comprou ele a metrificação de Castilho e, corajosamente, entrou a “versejar” (sic). Tem já escrito tantos versos que, reunidos, dão um bom volume...

Atirando às urtigas os biocos da modéstia, declara-me, afinal, o obscuro vate:

“Hoje deliberei sair da penumbra em que vivo, enviando-lhe alguns versos. Se acaso eles forem dignos de publicidade, continuarei a versejar; se não, quebrarei minha lira”...

Confesso que, muito d’alma, lamentaria a quebra da lira do sr. Teixeira... Não quero, absolutamente, concorrer para o prejuízo de quem

quer que seja. Como, aliás, o meu desconhecido correspondente se me antolha muito sinceramente através da sua carta, vou-lhe eu declarar, também, com a máxima franqueza, que lhe não posso publicar os versos.

Por quê? – perguntar-me-á sua senhoria, naturalmente surpreendido. Será porque não prestam?

Não: é exatamente pelo contrário. Os seus sonetos não parecem elaborados por quem, tão baldo de instrução começou de poetar há pouco tempo. E isto por duas razões: 1.a) porque não se me afigura verossímil que haja produzido tais sonetos quem escreve tão incorretamente uma carta; 2.a) porque sua senhoria, segundo me comunica, é colecionador de produções alheias, cujo número já anda em duas mil...

Alimento, entretanto, o desejo de ser agradável ao sr. Teixeira. Não se me dá, por isso, de publicar aqui todos os seus sonetos. Preciso, porém, que sua senhoria, com a necessária lealdade, me prove ser, efetivamente, o autor dos versos que me remeteu. Para isso, peço pouco. Faça-me um soneto no mesmo teor de sua carta, isto é, descrevendo a vida de desconsolo que sua senhoria leva na roça, por imaginar que é um éden este fervet opus em que a alma de um verdadeiro poeta, desiludida e cansada, sempre suspira pela paz nos campos. Conte-me tudo isso, maviosamente, num soneto em que sejam esdrúxulos os versos 1º, 4º, 5º e 8º, agudos o 11º e 14º, e graves todos os mais.

Por muito feliz me darei eu, se tiver a glória de revelar ao mundo a existência de mais um bom poeta brasileiro...

SIMPLÍCIO.

Correio Paulistano – SP
 01 de agosto (terça-feira) de 1899, p. 1
 A propósito... – “Simplicio” (Álvaro Guerra)

A PROPÓSITO...

Os que me fazem a graça de ler esta seção – escrita, às vezes, sabe Deus como – devem estar lembrados de que, há dias, respondi a um poeta residente em São Pedro, propondo-lhe certas condições para a publicação de uns versos de sua lavra. Satisfazendo aqueles requisitos, – escreve-me o poeta as seguintes linhas:

“Li a sua crônica de 9 do corrente, na qual s.s. diz que acha inverossímil que haja elaborado os sonetos que aí estão, quem escreve tão incorretamente uma carta.

Efetivamente, não está correta, confesso; pois escrevi-a ao correr da pena, com muita pressa e pouca atenção, porque não julguei que a crítica recaísse sobre ela.

S.s. exige-me um soneto em que eu descreva a vida triste que levo aqui, pois julga-me um plagiário.

Ora, teria muita graça que eu quisesse adornar a minha pequena com jóias alheias; e depois?!

O soneto exigido, mando-lh’o nesta, e, se esta prova for insuficiente, estou pronto a dar-lhe mais”.

A prova pedida ao desconhecido poeta era contar-me ele em verso o que revelava na sua carta. Isso, porém, deveria ser num soneto composto de decassílabos, dos quais fossem esdrúxulos o 1.º, o 4.º, o 5.º e o 8.º, agudos o 11.º e o 14.º, e graves todos os mais. Cumprindo tais requisitos, o sr. Gustavo Teixeira (assim se chama o poeta) enviou-me este soneto:

Insônia

Vai alta a noite. Taciturno e pálido,
 Contemplo o vasto e plúmbeo firmamento...
 Nem uma estrela resplandece. O vento
 Traz-me das rosas o perfume cálido...,

Inclino a fronte e choro. Uma diabólica
 Praga minh’alma solta, num lamento...
 E eu sozinho!... Meu Deus! que desalento

Sinto esta hora fria e melancólica...

Tenho um oceano de pezares n'alma!...
Amei outr'ora e nunca mais se acalma
A saudade em meu triste coração!

Não basta o desalento que me invade,
Não basta a dor atroz desta saudade,
E inda esta negra e fria solidão!...

S. Pedro, – 20 – 7 – 1899.

Gustavo Teixeira.

Convenhamos que, como obra de encomenda, não podia estar melhor a Insônia do sr. Teixeira.

Dou-me por satisfeito com ela.

Oportunamente publicarei os demais sonetos assinados pelo meu correspondente.

Não me queira mal sua senhoria por ter eu duvidado de que o autor da carta fosse o mesmo dos sonetos, ou... vice-versa. É que, como reza o prolóquio, “gato escaldado té d'água fria tem medo”.

Amanhã, ou depois (se m'o permitir o meu estômago), contar-lhe-ei a história de certa gralhazinha que, há tempos, se adornou com penas de Guimarães Júnior, para vir pavonear-se no meu A Propósito.

A esta, como à outra de Lafontaine, cumpre que se aplique a pena merecida.

SIMPLÍCIO.

Correio da Manhã – RJ

26 de julho (segunda-feira) de 1909, p. 1

Registro Literário: “Ementário, versos de Gustavo Teixeira” – Osório Duque-Estrada

Ementário, versos de Gustavo Teixeira

Estou de perfeito acordo com Vicente de Carvalho (um dos maiores poetas que o Brasil tem produzido), quando afirma esta verdade:

“Basta, às vezes, um verso para revelar um poeta. Há versos que, por assim dizer, ficam fulgindo nos olhos e cantando no ouvido de quem os lê.

Um verso desses é um acaso feliz de felicidade rara em alguns, frequente em outros, mas que os deuses propícios só concedem aos poetas que de verdade o são.”

Há mais de um exemplo dessa felicidade no livro do jovem poeta paulista. Para não citar outros, basta a deliciosa quadra que o seu distinto prefaciador patenteou às boas graças da crítica:

“Quem perde uma ilusão ridente, nada perde
 Pois outras ilusões
 Se abrem no coração, que é uma roseira verde
 Coberta de botões.”

Só um poeta, em verdade, acharia na simplicidade dessa estrofe a roupagem justa e perfeita para a ideia que tão naturalmente lhe despontou no cérebro. Se a poesia é, como disse um crítico, uma sugestão de imagens, dificilmente se encontrará conceito mais feliz e mais poeticamente traduzido que o daquela pequenina joia.

Uma informação preciosa que o mesmo prefácio ministra aos leitores: o autor é um rapaz de vinte e cinco anos, nascido e criado em S. Pedro de Piracicaba, onde vive e exerce funções modestas de secretário da Câmara Municipal.

Não era preciso mais para que eu folheasse com simpatia e curiosidade o livro do sr. Gustavo Teixeira.

Encontrei nele algumas desigualdades e imperfeições, que sempre as há, mesmo em trabalhos de mestres; mas, a par de um ou outro descuido, de meia dúzia de composições fracas e sem capricho, não

foram poucas as belezas, nem raras as preciosidades que essa leitura me deparou.

Gustavo Teixeira é autor de algumas estrofes que poderiam ser assinadas pelo mais aclamado dos poetas da nossa terra. Cultiva pouco o soneto, ou, pelo menos, com mais sobriedade que os outros vates da sua geração. É um novo título que o deve recomendar à estima pública, principalmente porque os sonetos só lhe saem da pena com o apuro e o remate que se devem sempre exigir em tais produções. É exemplo disso o seguinte:

“No jardim do castelo, em majestosa fila,
Quedam marmoreamente as estátuas radiantes;
O orvalho matinal que, rútilo, cintila,
À cabeça lhes forma estemas de brilhantes.

São os filhos da Grécia heróica. Entre bacantes
Sileno empunha a taça e Minerva, tranquila,
A égide opõe a Amor, que as setas coruscantes
Da aljava arranca, sempre em vão, para feri-la.

Riem ninfas gentis, de olhos claros, serenos,
E cisma Apolo, o Deus que em época remota
Dominou gerações e gerações de helenos!

E Adônis, cujo olhar não há pincel que imite,
Conserva na pupila eternamente imota
A nostalgia azul dos tempos de Afrodite.”

Mais simples, posto que não menos apreciável, é a Agonia da Árvore, cujo metro decassílabo, mais adequado ao soneto, tem a vantagem de fazer parecer mais espontânea a inspiração do poeta:

“Vai-se uma folha e exalas um lamento...
Estranhas cousas no sussurro dizes!
Desde que começou teu sofrimento
Fogem de ti os pássaros felizes!

Tu que lutavas com o tufão violento,
Empedrada nas sólidas raízes,
Agora pendes, quase morta, ao vento,
Toda cheia de roxas cicatrizes...

Não te lastimes, árvore sem flores,

Erguendo ao céu, em vez da fronde linda,
Os braços nos extremos estertores!

Já não tens sombra para os namorados,
Mas os teus galhos servirão ainda
Para aquecer no inverno os desgraçados!”

Muitas outras produções poderiam ser citadas, com grande lustre para o autor. Limito-me a deixar aqui os meus mais entusiásticos aplausos ao jovem artista do verso, afirmando que o Estado de São Paulo possui agora o seu segundo poeta na pessoa de Gustavo Teixeira.

Panoplia: Mensario de Arte, Sciencia e Literatura – SP

Ano I, n.º 1, junho de 1917, p. 35-39

Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário. 1ª parte, O prefácio I – Aristeu Seixas

I.ª PARTE O PREFÁCIO I

Com os defeitos de que se não libertam os incipientes e com as belezas que não mínguam em poetas de talento, mas de muito talento e de muita inspiração, deu-nos o sr. Gustavo Teixeira um livro de versos, de elegantes e sonoros versos, a que chamou Ementário. Em 126 páginas de texto encerram-se 64 composições, ou sejam 41 sonetos e 23 poesias estróficas.

O referido trabalho, que traz a data de 1908, divide-se em três partes: Amor, Aquarelas, e Cambiantes; e vem prefaciado pelo sr. Vicente de Carvalho, que o apresenta “como livro de um estreante, mas, de modo nenhum, como o de um principiante”.

E bem. Temos sob os olhos uma coletânea rimada precedida de conversação preambular, à guisa de proêmio, planeada e executada por mão estranha a que delineou o texto.

Não somos contra os antelóquios, e até os temos, sinal de que os aplaudimos e adotamos, em mais de um livro de nossa lavra. Mas, entendemos que não devem eles fazer parte de uma obra de arte como simples peça decorativa, valendo assim por umas cariátides que, nos grandes monumentos arquitetônicos, fingem sustentar nos ombros as pesadas arquivadas, as silenciosas, brutas cornijas...

Esse fato, o antelógio do ilustre sr. Vicente de Carvalho, nos faz adiar para a 2.ª parte deste estudo a apreciação que, há muito, prometemos ao sr. Gustavo Teixeira do seu formosíssimo livro de versos.

Ementário, a nosso ver, podia e devia ter dispensado o prólogo do sr. Vicente de Carvalho, sem dúvida nenhuma um bom poeta; mas, talvez, por isso mesmo, sem acentuadas inclinações para a arte de criticar. Certamente s.s. se persuade com Wordsworth de que a faculdade crítica pouco vale, e a põe, ainda com o grande poeta inglês, em plano muito inferior ao da faculdade criadora. É possível que assim pense, despertando por isso a cravelha das apreciações estéticas. E

ninguém tem o direito de o obrigar a não pensar assim; sendo certo, entretanto, que não rezam pela mesma cartilha nem Lesing, nem Macaulay, nem Pelayo, nem Hagel, nem Schopenhauer, nem Valera, nem Goethe, nem Zola, que, não obstante, foram todos luminares da crítica, em que conquistaram invejável renome.

É Mathew Arnold quem diz, contestando William Wordsworth, ser inegável que o exercício de um poder produtor, de uma ingênita capacidade criadora é a sublime função do homem, por isso mesmo que ele encontra nesse dom a sua verdadeira felicidade; mas da mesma forma, continua Arnold, é inegável que os homens podem ter a impressão de exercer essa mesma atividade de outros modos, que não produzindo grandes obras de literatura ou arte; e, se assim não fosse, ficaram quase todos privados da suposta ventura real. Podem, conseqüentemente, acrescenta o mesmo notável escritor, exercê-la na beneficência, no ensino e na crítica.

Aceitamos, todavia, como secundária, a missão da crítica. Mas nesse caso, quem assim entender, não deve exercitá-la de modo nenhum, sobretudo de maneira rudimentar, que vá contribuir para maior descrença dos pessimistas nesse particular.

Ninguém nega que o sr. Vicente de Carvalho se tenha apoderado dos segredos da forma, tanto na poesia, como na prosa. Mas, na prosa, muito mais do que no verso, não basta a maneira de dizer. É preciso que num período primorosamente cinzelado, numa frase redondamente acabada se encerre uma ideia, se engaste um pensamento, se resuma um conceito. Tudo quanto disto se afaste, pode ser muita coisa e coisa muito bonita, mas não será obra de um escritor, que, na frase do próprio sr. Carvalho, “é o artista da palavra escrita, o mestre na arte de manejar por escrito a língua nacional”, e, segundo o nosso entendimento, tudo isso e mais um inesgotável viveiro de sentimento e reflexões. Escrever com gramática e dispor as palavras com elegância, já é muito; mas não é tudo. Não recusamos a glória de real triunfo aos que conseguem dar sentido ao que escrevem... O que lhes pedimos, e com fervoroso empenho desejamos, é que esse sentido contenha uma verdade, e que essa verdade seja seleta. Desta forma teremos conceito, que é, efetivamente, a expressão de um pensamento real, escolhido e elevado.

Isto é tanto mais de rigor, quanto é certo que a crítica não admite devaneios exclusivamente. O seu objetivo, em todos os ramos do saber humano – teologia, filosofia, história, arte e ciência – é fazer que vejamos, consoante opina o autor da Crítica na atualidade, o objeto tal como é em si mesmo.

A crítica é indiscutivelmente uma escola, em que se agitam, se discutem, e se esclarecem os mais variados assuntos. Como tal e por ser tal, deve delinear-se consciente e, mais ou menos profunda, sempre austera, independente e leal. Dessa austeridade e independência, bom é que seja dito, não devem participar a chacota, os remoques, a ironia e a sátira, que, no judicioso dizer de um contemporâneo e excelente cronista, é o refúgio da incapacidade. A ignorância é uma fraqueza de que se não deve rir ninguém. Permitti-la é, todavia, um crime; diminuí-la um dever. Um dever e uma esmola que se faz de lábios mudos, coração aberto e olhos fechados... Alardeá-la é reduzir a nobreza da ação e a piedade do gesto. Só é possível ensinar a quem não sabe; e, pois, não cabe um riso de sarcasmo onde de entreva a incipiência.

Nem de outro modo se nos apresenta a sensata e verdadeira crítica, que, por verdadeira e sensata, não comporta as pequeninas discussões rasteiras. Quem faz crítica, não despica, ensina. É, contudo, um ensinamento que só se prodigaliza aos que se fazem dignos dele, aos que aparece na arena, senão armado de égide e lança, ao menos com decisivo pendor para aquilo cujo caminho perlustram.

Taine, o esteta por excelência, tão compenetrado de sua arte que, envolto nas sombras da morte, fora conduzido às galerias do Parthenon para que se cumprisse o seu último desejo, Taine não elogiava diretamente os autores: analisava-os, discutia-os, comentava-os; e só nisso, ou em tudo isso, consistia o seu melhor encômio. Com efeito, criticar é sinal de apreço, e apreço não se consagra senão a um bom trabalho.

Como vínhamos dizendo, quem faz crítica não desagrava, não vinga, não desforra: esclarece. Impingir ao público, com o rótulo pomposo de crítica, um amontoado de palavras amargas contra o autor, ou adocicadas em excesso, mas em qualquer dos casos com ausência de bons conceitos e legítimas doutrinas, é iludir os desassisados e representar papel de segunda plana perante os que podem aquilatar o assunto.

Em verdade, numa análise justa, num julgamento sensato, numa apreciação desinteressada, impõe-se-nos o dever de aplaudir comedidamente, prudentemente, o que se nos afigura bom, assim como o de censurar, com a delicadeza que a severidade não exclui, o que se nos depara errado. Exprobrando ou advertindo, razão não há para que desertemos a cordura, para que fuçamos à lhaneza. Não satisfaz, porém, não satisfaz e não basta dizer que isto é bom e aquilo é mau. A razão do elogio ou da censura claro é que a devemos dar, já como defesa da

opinião expendida, já para orientação do autor criticado. A questão é, parece, pois, conveniente fugir a tais princípios em assuntos que respeitem a crítica literária, ou a crítica de qualquer outra natureza.

Citando os erros e senões, os desvios e fraquezas de um autor, não procura o crítico levá-lo a picota dos que lêem com entendimento. Basta que não haja malícia de um lado e mediocridade de outro. Onde existe talento, existem belezas, que hão de aparecer, ainda que emergindo da multidão dos defeitos. E, mantendo este equilíbrio a esta autonomia, poder-se-á dizer que a crítica se encaminha para a conquista serena da simpatia e do aplauso.

Assim pensando na crítica em geral, de outro modo não pensamos dos prefácios.

Todo prefácio é uma crítica a priori com respeito à impressão e divulgação do trabalho a que se refere. O prefacista não está, por consequência, na obrigação de turibular incondicionalmente o seu apresentado pela só razão de que o apresenta. Não. O apresentante é um crítico como qualquer outro, e não deve deixar prear-se pela simples gentileza de um convite, turbando a verdade com o tumulto hiperbólico das expressões lisonjeiras. O prefaciador é um crítico com responsabilidades, senão maiores, pelo menos iguais às de todos os outros que lhe sucedam na análise da obra.

A crítica, tendo diante de si um trabalho para julgar, pode, como muitas vezes acontece, desconhecer o autor e, ipso falso, o meio que o cerca e a evolução por que haja passado o seu espírito. E, tais circunstâncias ignorando, a apreciação ficará imperfeita, o juízo apenas esboçado; que um consciencioso estudo-crítico se não limita à obra em julgamento, senão que passa do livro ao autor e do autor ao meio em que este há vivido.

Ao inverso, porém, do que se dá com o crítico propriamente dito, ao apresentante não fica bem alegar a ignorância desses fatos. Por isso que é incoerência apresentar um desconhecido, deve o último daqueles conhecer o autor e o seu meio, os traços principais de sua vida, o seu estado de alma, e as lutas renhidas pelo seu espírito, ou a placidez em que, porventura, lhe deslizem os dias. Para tal cousa afirmar não é preciso ter lido Winckelmann, nem Taine, nem Brunetière, nem Benedetto Croce, nem Sainte-Beuve, nem Hennequin, nem Tarde, nem Guyau, nem Gustavo Planche, nem Albalat, nem Pompeio Gener, nem

Veron: basta ter senso-comum e não ser completamente cego nas questões do espírito.

Quem prefacia um livro não tem diante de si tão somente o prefaciado, a quem bastaria, quiçá, o mais simples gabo para que se lhe afrouxassem desde logo todos os nervos da vaidade satisfeita. Tem, sim, para o julgar, o tribunal supremo de todas as opiniões menos eruditas, ou seja, aquele que, com efeito, profere em última e valiosa instância a sentença de obscuridade ou consagração dos escritores. E se o prologuista é um crítico, como convém que seja, corre-lhe a obrigação, muito elementar aliás, de, apontando os defeitos, indicando as falhas da composição, fazer que lhe ressaltem as belezas. Porque, em suma, num conjunto, num trabalho de arte, máxime num livro de versos e versos de um estreante, não pode deixar de haver senão, ao lado embora de imperecíveis belezas; sendo que o mérito do autor, a vitória do artista consiste justamente em que estas ou sejam em maior número que aqueles, ou de tal magnificência, que, não obstante reduzidas em número, venham a salvar o conjunto pela qualidade. Desses altos e baixos, que o crítico, com a sua perspicácia e experiência, com o seu estudo e observação, desenrola aos olhos do leitor, resulta ainda o contraste – fonte muitas vezes do belo, por ser um dos meios de que a arte de escrever dispõe para armar o efeito. E este trabalho compete ao crítico, ou, para melhor dizermos, ao prefacista, que faz o papel de cicerone erudito, a guiar o leitor nas suas complicadas, nas labirínticas regiões da arte.

E não será jamais um guia digno desse nome aquele que se limite a levar o profano das letras através da urdidura finíssima de um livro, desviando-o mudamente dos espinhos, e alvoroçando-se apenas diante da soberana beleza das flores.

A beleza também aumenta ou diminui o círculo do seu esplendor, conforme o ponto de vista sob que a estudamos, conforme o entendimento que dela temos.

Por outras palavras, a beleza pode existir imperceptivelmente para uns, e toda irradiação para outros; e, para que aos olhos de todos ressalte e pompeie e resplenda, força é que o crítico a indique e demonstre em todos os seus pormenores.

Procurando-a, encontrando-a, ostentando-a, o crítico repassa naturalmente a obra de arte, ou, se quiserem, estudando a obra de arte vai pondo em evidência toda a beleza que nela existe, e aparece, e fulge, e se derrama...

Pode haver num trabalho literário, para particularizarmos desde já o caso, muitas passagens admiráveis, que o leitor despreocupado e desprevenido percorra, passe e não veja. É quando, então, a quem lê faz o prefacista alguma coisa de útil no que respeita ao seu ofício; despertando-lhe a atenção, digamos, para a graça de um torneio, que não fora percebida, detendo-o ante uma precisa descrição, a exaltar-lhe a delicadeza do colorido e a firmeza dos traços, a variedade da expressão e a elegância do estilo.

Isto, bem que se não entenda com todos os que lêem, há de ser por muitos, por muitíssimos, rigorosamente aproveitado.

E não exageramos: há entre nós indivíduos, que passam por muito letrados, e que, entretanto, nunca formaram juízo seguro e pessoal a respeito de um livro. Nem são da família dos fonógrafos, porque ouvem pouco e repetem mal; nem suportam os enxertos, de raquíticos que são; nem se lhes pode chamar parasitas, porque lhes faltam a ele o encanto e a beleza com que aquelas vivem uma vida inconsciente que não é sua.

E interpretem e analisem – míseros parvoinhas! – quase sempre carregados por quem não precisa de satélites para ser grande e brilhar...

Fazer crítica é, afinal de contas, o dever de quem delinea uma prefação, de quem faz do seu juízo o pórtico de um trabalho literário e, servindo-se do prestígio do seu nome e dos argumentos que expende, procura arrancar dos leitores o turbulento coro dos aplausos.

Não cuide pessoa alguma que aqui viemos para tecer simplesmente a apologia ou a objurgatória dos proêmios. Não. É que, por obra do acaso, estamos escrevendo de um livro que traz prefácio, e tal circunstância azou magnífico ensejo para falarmos, em geral, desse dúbio gênero literário; e, em particular, do que abre o inspirado livro do sr. Gustavo Texeira, do que foi concebido por uma celebração poética de primeira plana, e tracejado por mão que, não raro, é de mestre, quando borda a oiro nos domínios misteriosos da Poesia...

Vila Desdêmona, 23 de janeiro de 1916.

Panoplia: Mensario de Arte, Sciencia e Literatura – SP

Ano I, n.º 2, julho de 1917, p. 81-86

Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário. 1ª parte, O prefácio II –
Aristeu Seixas

I PARTE
O PREFÁCIO
II

Prefácio há que, mal orientando o leitor, danam a verdadeira compreensão da obra. O do sr. Vicente de Carvalho não está bem neste caso; e, todavia, é um agrupamento de palavras, que não constituem de forma alguma um estudo, senão um gracioso brinde ao poeta, gracioso e inofensivo. Vale, talvez, por uma interjeição, mas não vale mais do que isso. Elogia com todas as forças, e todas as forças parecem serem empregadas com sinceridade, o que aliás não aumenta nem diminui o mérito ou demérito do trabalho: todos sabemos que há muita ignorância sincera e muita força inconsciente. Além disso estamos farto de turbulações. O que precisamos inadiavelmente é de crítica, mas de boa crítica, serena e corajosa, justa e independente, que se não dedigne de baixar a um tugúrio para saudar a beleza, nem vacile em subir a uma cadeira de juiz para corrigir e verberar os defeitos.

Para a crítica inflexível, nada vale a posição social do indivíduo; importa-lhe unicamente a arte tal como em si é. Requerendo, porém, a crítica variados e múltiplos conhecimentos, além de vocação especial, bom seria que entre nós houvesse mais amor ao estudos; e os que não pudessem, a um tempo, brilhar nesse ramo da literatura e resolver a valorização do café, por exemplo, que se decidissem por uma ou por outra cousa. Fazer uma delas com perfeição, é preferível a fazer as duas atabalhoadamente.

Achamos dispensável o prefácio com que o sr. Gustavo Teixeira fez abrir o seu livro de versos, e achamo-lo sinceramente. Nessa introdução o que, em resumo, se diz é que o autor do Ementário é poeta. A chama sagrada, como lá dizem os entendidos, ou a fúria sonora, como lhe chamou Camões, foi descoberta pelo prefacista nesta encantadora quadrinha:

Quem perde uma ilusão ridente nada perde:
Pois outras ilusões

Se abrem no coração, que é uma roseira verde
Coberta de botões..

à semelhança de conhecido crítico, que, por seu turno, adivinhara outro poeta nest'outra quadra:

Quando as rosas da vida nos fenecem,
Das folhas mortas linda virgem sai;
Como novas roseiras nascem, crescem,
Da semente da rosa que se esvai.

O sr. Vicente de Carvalho descobriu o poeta, mas não o criticou. Fez o papel de garimpeiro, que apanha o diamante e o entrega ao lapidário para fazê-lo brilhar...

Felizmente, poetas como o sr. Gustavo Teixeira são, a um tempo, se nos permitem a expressão, garimpeiros e lapidários de si mesmos. Para fulgirem, não precisam de ir à casa do artífice: rutilam até nos esconderijos, rutilam e ofuscam, indistintamente, por entre arestas de censor amargo ou em mãos eburneas de formosa dama...

Como quer que seja, a verdade é que o paraninfo ilustre do Ementário disse muita coisa no seu preliminar, mas se proveito real para o poeta. S. s. não é crítico, e lealmente o confessou a páginas 6 do livro de Gustavo Teixeira: '... não sou crítico, nem tenho inclinações para esse lado'.

Ora, convenhamos, sem malícia e sem rancor, se a confissão é sincera, por que aceitou, então, o encargo de se pronunciar sobre um livro de versos? Se, ao contrário, nenhuma dose tem ela de sinceridade, por que a fez, quando ninguém lh'a pediu? Se o sr. Vicente de Carvalho não é crítico, nem tem inclinações para esse lado, diga-nos, pois, que intuito houve, s. s. escrevendo e fazendo imprimir um prefácio, que ou é obra de crítica, ou não é coisa nenhuma?

O fato, porém, de não haver crítica nas páginas preambulares do Ementário não é o único defeito desse prefácio. O que mais afeia a introdução assinada pelo sr. V. de Carvalho são os atentados à eufonia, são as discordâncias gramaticais, são as incoerências na enunciação das ideias, são as expressões redundantes, são as frases ambíguas, são os períodos incompreensíveis, são as expressões desnecessárias, tudo isto a constituir, no pórtico de um livro de estreia, a praga aniquiladora da linguagem. Enumerar e justificar alguns desses defeitos vai ser agora o

nosso trabalho. E o faremos sem benevolência, mas também sem ódio. A nossa censura não resvalará pelo insulto; e se houver uma feliz oportunidade para o elogio, este, consumando-se, por certo não há de rastejar em torno do elogiado.

Nem uma só vez trocaremos o nome do sr. Vicente de Carvalho, nem a nenhum dos seus trabalhos chamaremos ‘epitelioma’ uma só vez. Não somos juiz, nem temos sessenta anos de idade; nunca fomos secretário de Estado, nem somos membro da Academia Brasileira; não nos pesa a responsabilidade de um diploma de bacharel, nem temos ainda a suprema ventura de ser pai de catorze filhos. Modesto de nascimento, nada até hoje se nos deparou na vida, material ou intelectualmente falando, que transformasse em opulência a adorável pobreza de que proviemos. Somos quase um anônimo, que só deixa de o ser no resumido mundo de cinco ou seis amigos, e na serena paz da família. Não fomos, não somos, e decerto nunca seremos mais do que isso.

E, todavia, é preciso não perdermos a compostura. É por índole, pois, que falamos e não gritamos; é por princípio, está visto, que lutamos com a força do argumento, deixando aos garotos espirituais o pretenso direito de intimidarem com o escândalo do assobio.

Revidem da rua co o alarido das vaias. Nós ficaremos no gabinete, gozando o contraste da assuada, que lá fora ensurdece, com o silêncio dos livros, que cá dentro ilumina. A saraivada dos costumeiros ápodos, responderemos invariavelmente com a austeridade da crítica.

Bem sabemos que para quem a pupa, uma crítica não é castigo, é prêmio.

É um prêmio esta crítica. Ao que se segue não chame ninguém dádiva duradoura do ferro em brasa: que isto, não sendo a vereda do céu, tão pouco será o caminho que leva a penas eternas a vaidade irritada e a pretensão derruída.

- I. – É do proêmio do Ementário, páginas 4, as linhas que se vão ler:

“Se a poesia é um bem – e assim há de parecer aos olhos dos que a namoram e requestam com paixão mal compensada e fiel – é bem que só se adquire par droit de naissance. Não há esforço que assegure essa RECOMPENSA SEM CAUSA, que os deuses prodigalizam unicamente aos eleitos da sua graça”.

Não há sofismas que absolvam o sr. Vicente de Carvalho do pecado contido no trecho acima reproduzido.

RECOMPENSA SEM CAUSA... A primeira condição, sine qua non, para que um ato seja considerado de recompensa, é haver uma causa. Recompensar é dar uma recompensa; e “recompensa é o prêmio oferecido em reconhecimento de um serviço, favor ou boa ação”, diz Brunswick.

Aulete não nos deixa dúvida sobre isso, quando assim define tal substantivo: “Recompensa – retribuição, reconhecimento de um serviço ou de uma ação meritória”. Para mais elucidar o significado dessa palavra, cita Aulete o seguinte exemplo de Herculano: “Os longos serviços feitos por ele ao islamismo espanhol... tornavam-no digno de tão alta recompensa”; e mais este de Garrett: “Que agradecido grande recompensa pela ação generosa me fadara”.

Ainda na acepção de castigo, não pode haver, senão talvez para o autor dos “Poemas e canções”, recompensa sem causa. É o mesmo Aulete quem diz: “Os vícios têm a sua recompensa merecida na perda da saúde, na miséria e no desprezo”.

No sentido de indenização, é igualmente um dislate dizer-se recompensa sem causa. “Foi-lhe concedida uma pensão como recompensa das perdas e danos que sofrera com a invasão”, é também exemplo arrolado pelo mesmo dicionarista, como o são todos os que se seguem: “Deus recompensa a virtude com a paz da consciência”. – “Recompensou-o da insolência com uma bofetada”. – O lucro da lavra não recompensa o trabalho”. – “Recompensar-se das fadigas com o descanso”.

Moraes, no seu Dicionário da língua portuguesa, assim define a palavra recompensa: “Compensação, satisfação, ESPÉCIE DE TROCA DE UMA COUSA POR OUTRA; retribuição de benefício recebido”.

Vêm-nos ao lanço os seguintes exemplos, colhidos no repositório do grande dicionarista: “Amor mal recompensado”; “valor recompensado”; “serviços recompensados”; “benefício recompensado”; “mal recompensado com outro tal”; “o que esta louça da Índia tem de quebradiço, recompensa com a barateza de seu custo”.

É de Fr. Domingos Vieira, Dicionário da língua portuguesa, tomo 5º, páginas 13, coluna I.ª: “Recompensa – reconhecimento de um serviço. – Em recompensa de sua dedicação. – ‘Contra o voto do qual houve outros, que eram remirem este negócio por alguma boa soma de dinheiro, dizendo que, entregues os cativos com mais este dinheiro em recompensa do dano que era feito ao primeiro capitão que ali veio,

seríamos satisfeitos'. João de Barros, Década 2, livr. 6, cap. 3". – Em sentido contrário, castigo. – Receber recompensa do seu crime. – Compensação, ressarcimento, reparação. – Para recompensa de seus serviços, concedem-lhe uma pensão".

Segundo Constâncio, recompensa quer dizer: “compensação, indenização, remuneração, prêmio, gratificação, RETRIBUIÇÃO DE SERVIÇO FEITO, DE BENEFÍCIO RECEBIDO POR QUEM REMUNERA. (Novo dicionário crítico e etimológico).

Roquete, no seu Dicionário de sinônimos, páginas 352, assim discorre: “GRATIFICAÇÃO, RECOMPENSA. Estas duas palavras têm uma ideia comum, qual é a REMUNERAÇÃO DE QUALQUER TRABALHO; porém, distinguem-se pelo caráter com que se dá. A qualidade distintiva destas duas palavras consiste em que a primeira é produzida pelo reconhecimento, a segunda PELA COMPENSAÇÃO. Na gratificação pode obrar a vontade; na recompensa só o dever. Gratificação é a entrega de alguma coisa em remuneração de qualquer serviço; recompensa É A SATISFAÇÃO QUE SE FAZ DE UMA COUSA POR OUTRA EQUIVALENTE. A gratificação nunca será uma paga como a recompensa. A gratificação leva consigo a generosidade e o reconhecimento de serviços antecipados que merecem um prêmio; a recompensa É OBRIGATÓRIA, PORQUE TAL É A FORÇA DAS AÇÕES QUE A MERECEM, QUE SE FALTARIA À JUSTIÇA SE NÃO SE OBRASSE DESTA MODO. – A gratificação dá-se; a recompensa adquire-se”.

Lacerda, em o Novíssimo dicionário dos sinônimos, 2.^a edição, 1860, páginas 112, escreve: “GRATIFICAÇÃO, recompensa. – Gratificação é um ato de agradecimento. Recompensa é um ato de compensação. Gratificação é a concessão, a entrega de uma coisa em remuneração de um serviço prestado. Recompensa É A SATISFAÇÃO DE UMA COUSA POR OUTRA EQUIVALENTE. A gratificação dá-se; a recompensa DEVE-SE”.

Brunswick discreta por esta forma, no Dicionário de sinônimos, de que é autor. Ed. Lisboa, 1899, páginas 484: “GRATIFICAÇÃO, RECOMPENSA. – A gratificação é um ato voluntário por parte de quem a dá, mas não deixa por isso de ser até certo ponto merecida por parte de quem a recebe. Um empregado que mostra zelo e inteligência no exercício de suas obrigações é merecedor de uma gratificação, a qual é como um suplemento ao seu ordenado, e corresponde ao suplemento de trabalho que ele teve para apressar a conclusão daquilo de que estava incumbido. Recompensa É A EQUIVALÊNCIA, OU O QUE SE

REPUTA COMO EQUIVALENTE A ALGUM SERVIÇO PRESTADO, fora de toda a obrigação”.

Cândido de Figueiredo, o mais moderno e quiçá o menos competente dos lexicógrafos da nossa língua, diz também que “recompensa é o ato ou efeito de recompensar”, e que “recompensar É RECONHECER OS SERVIÇOS OU BOM PROCEDIMENTO DE, dando-lhe alguma cousa; é premiar, é galardoar, é compensar, é pagar”. E, em que muito pese aos que falseiam a significação das palavras e o valor das expressões ninguém premeia o bem, nem galardoa senão o mérito, nem compensa senão alguma cousa, nem paga senão o que é devido. Sem causa nada disso fazemos, nem fazem os deuses, nem faz o próprio sr. Vicente de Carvalho, posto que o escreva sem propriedade.

Podem, pois, os deuses prodigalizar aos seus eleitos tudo quanto quiserem, sem que para isso haja causa; mas, o que nos garantem, com absoluta segurança, todos os dicionários portugueses que consultamos é que a isso não se pode chamar recompensa. Chamasse-lhe graça o sr. V. de Carvalho, e lhe não chamaria mal. A graça pode ser feita sem causa, sem um motivo que a torne obrigatória ou simples benevolência. Chamasse-lhe favor, e chamar-lhe-ia ainda com muita mais propriedade.

Ambos os termos referidos se empregam como concessão, e não como retribuição; ambos são considerados dons gratuitos, não implicando nenhum deles a ideia de sacrifício, mas a de proeminência de poder, sem todavia patentear superioridade de fortuna. O favor, porém, revela predileção pela pessoa a quem é feito; o que não acontece com a graça, que não importa essa ideia. Por isso, no caso vertente, opinaríamos pelo emprego de favor, como o mais oportuno e vernáculo.

Foi por inadvertência, pois, que pingou da pena de ouro do consagrado escritor paulista a ilógica expressão – recompensa se causa. Aliás não teria ela vingado em trabalho de quem tanto cura da pureza de sua língua e da legitimidade de suas letras. Foi por descuido: que só por descuido claudica quem tão puro nos parece...

2. – A página 4 do citado livro, escreveu o sr. Vicente de Carvalho:

“Perdoamos aos maus, FUGINDO-LHES. Mas não os condenemos a pena mais severa, e antes DEIXEMOS QUE OS ACOMPANHE E CONSOLE A NOSSA SIMPATIA.”

Testemunhar simpatia a uma pessoa de quem fugimos, é ação impraticável. É, com franqueza, uma simpatia muito original... Com efeito, simpatia, escreveu o doutíssimo filólogo sr. Adolfo Coelho, no Dicionário manual etimológico da língua portuguesa, é a TENDÊNCIA PARA ALGUÉM, para uma coisa; é a INCLINAÇÃO RECÍPROCA DE DUAS PESSOAS; é a conformidade de gênio”. Brunswick diz que é o “sentimento de ATRAÇÃO MORAL QUE DUAS PESSOAS SENTEM UMA PELA OUTRA”. Aulete estende-se ainda mais, assim discorrendo: “Simpatia é a tendência natural para uma coisa. “INCLINAÇÃO OU TENDÊNCIA INSTINTIVA QUE FAZ ATRAIR DUAS PESSOAS SUMA PARA A OUTRA; conveniência ou harmonia de gênio e de inclinação entre as pessoas. “Influência mútua entre duas coisas. “Influência ou modificação que duas coisas produzem reciprocamente uma sobre a outra quando se aproximam. Começo de amor, primeiros sentimentos de amor”. Moraes exprime-se da seguinte maneira: “Simpatia – correspondência de qualidades que os antigos imaginavam haver entre certos corpos: ter simpatia, afinidades, ATRAÇÕES. “Semelhança, conveniência de inclinações, gênios e humores, que gera afeição e atrai e enlaça amizades, UNIÃO de interesses”.

E Domingos Vieira, que dirá a respeito de simpatia? Diz o seguinte: “Inclinação instintiva QUE ATRAI DUAS PESSOAS UMA PARA A OUTRA. Espécie de inclinação suporta pelos antigos entre os diferentes corpos; TENDÊNCIA A UNIREM-SE: o mercúrio une-se ao ouro por simpatia.

Fechemos, neste caso, o nosso rosário de citações com a opinião luminosa de Bluteau, a cujo respeito escreveu Rui Barbosa: ⁽⁴⁹⁾ “Apesar de ter a data do século XVIII, não é um livro anacrônico no século XX a obra de Bluteau. Em todas as questões onde se intente ventilar a árvore da degeneração das palavras no nosso idioma há-de ser, a todo o tempo, um repositório imprescindível e inestimável de informações autorizadas. Ainda além dessas raías, porém, isto é, ainda quando a controvérsia recaia sobre questões de atualidade em nossa língua, o voto desse antigo lexicógrafo será muitas vezes digno de ponderação, quando não for decisivo. Para desdenhar de Bluteau, é necessário não o conhecer. Infelizmente a sua raridade não o põe ao alcance de todos. Mas os que tiverem ocasião frequente de versar aqueles dez volumes, neles

⁽⁴⁹⁾ Projeto de Código Civil Brasileiro, v. I, pág. 595.

reconhecerão, para o latim e o português, uma vasta mina de noções preciosas”. Bluteau, o velho e judicioso Bluteau, além do muitíssimo mais que escreve sobre a palavra simpatia, assim se exprime logo ao topo da sua longa definição: “Simpatia. Deriva-se da partícula Grega Sym, que responde à partícula Latina Cum, e de Pathos, que vale o mesmo que Afeto, é uma conformidade de qualidade naturais, da qual nasce uma mútua alteração, e propensão recíproca em matérias, ainda que separadas, e distantes. Também em cousas de diferente natureza, pode haver simpatia, e parentesco de afetos, como entre o corpo, e a alma, como mostra a experiência no impulso da vontade, e no movimento local, e em outras infinitas uniformes operações da alma, e do corpo para conservação da vida. Desde o céu até a terra, em todas as ordens, e estados da natureza espiritual, e material, intelectual e corporal, domina a simpatia. Começando pelas inteligências, e espíritos celestes, aos Anjos (segundo a doutrina dos Platônicos) dá Deus ofídios conformes a sua própria inclinação natural; de sorte, que os Espíritos mais dados a contemplação da fortaleza, são os Anjos da guarda dos conquistadores; os que mais se deleitam com as obras da sabedoria, assistem aos Legisladores, Ministros de Estado, etc., donde nasce aquele trato familiar de alguns Santos, e Santas com os seus Anjos custódios, que levados da sua inclinação natural, comunicam com eles, e nos sonhos, ou com sinais lhes dão salutíferos conselhos.

Entre os planetas há uma certa amizade, originada das qualidades predominantes, cuja semelhança faz a Venus amiga de Martes, ao Sol amigo de Mercúrio, e a Júpiter amigo do Sol. Nos três Reinos do mundo subllunar, a saber, no reino vegetal, e mineral, e animal, são mais sensíveis os prodigiosos efeitos da Simpatia; e certamente são tão prodigiosos, e em tão grande número, que há tratados grandes, e livros inteiros deles, aos quais remeto os curiosos, particularmente ao livro do Padre Atanásio Kircker, intitulado, Magnets, siue de Arte magnetica, aonde se acham infinitos exemplos da Simpatia de plantas, pedras, metais, animais, etc. Simpatia de naturais, gênios e costumes. Ter uma pessoa simpatia com outra. TRÊS COUSAS obrigam os homens a se querer bem, benefícios, esperanças, e simpatia de gênios”. (Vocabulário português e latino, vol. 7.º, págs. 813 e 814).

Argumentemos com todas as letras, muito embora se alonguem as inevitáveis transcrições; e neguemos com vigor e abundância, como é de justiça, a propriedade da expressão que ao mestre escapou corrente calamo.

Não padece dúvida que simpatia traz consigo a ideia clara e precisa de atração, de união, de inclinação mútua, de tendência recíproca. Tudo isto, e mais aquilo que nos faz participar das penas, dos prazeres e das impressões de outrem – chama-se simpatia.

Ideia diametralmente oposto nos sugere, porém, a expressão: “Perdoemos os maus, fugindo-lhes...” Fugir é desviar-se precipitadamente, é retirar em debandada, é evitar alguma cousa, é sair furtivamente; é escapar-se, é coar-se, é desaparecer; é afastar-se, é insular-se, é desprezar. É mais ainda: é desaconchegar-se, é desprender-se, é acabar, é extinguir-se...

E, pois, é contra-senso, na mais rigorosa expressão da palavra, dizermos que tem a nossa simpatia quem de si nos obriga a fugir. O que o apresentante de Gustavo Teixeira quis escrever não foi, ao que parece, simpatia, mas idiopatia.

Promanam, certamente, de um lapsus calami as linhas criticadas: que com tanto acerto as podia ter composto quem tão bem conhece a arte da palavra escrita...

(Continua).

Vila Desdêmona, julho de 1917.

Panoplia: Mensario de Arte, Sciencia e Literatura – SP

Ano I, n.º 3, agosto de 1917, p. 133-136

Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário. 1ª parte, O prefácio II (conclusão) – Aristeu Seixas

I PARTE
O PREFÁCIO

II
(Conclusão)

3, – Ainda a páginas 6 do aludido proêmio discreiteia por esta forma o ilustre sr. Vicente de Carvalho:

“uma estrofe assim é sempre um acaso feliz; ACASO PROCURADO ou não, pouco importa, mas que só se depara aos que os deuses parcialíssimos protegem”.

Não nos parece bem. Quem encontra porque procura não encontra por acaso. ACASO PROCURADO não é acaso; é, com perdão da palavra, uma grandessíssima tolice.

Aprendam, os que não sabem, em Moraes a significação exata, restrita de acaso; para que o não empreguem tão desacertadamente como aquele inspirado poeta: “Acaso, s.m. Sucesso imprevisto, inesperado, DE QUE NÃO SE SABE A CAUSA. Acaso, Destino, Fortuna, Sorte, sin. Entre Destino, Fortuna, Sorte de um lado, e Acaso do outro há uma espécie de oposição; as três primeiras implicam uma ideia de regularidade ou de intenção. O Destino é a ordem imutável, fatal das coisas; a Fortuna, embora caprichosa, é considerada como obedecendo a uma tendência determinada; a Sorte, conquanto parece em mais estreitas relações com o Acaso, tem também elementos invariáveis. Fulano é perseguido pela sua má Sorte, diz-se, E NUNCA FULANO É PERSEGUIDO PELO SEU MAU acaso. Cada um, É PERSEGUIDO PELO SEU MAU acaso. Cada um, cada cousa tem seu destino, sua fortuna, sua sorte; NINGUÉM TEM SEU acaso, PORQUE O acaso A NADA ESTÁ LIGADO, DE NADA DEPENDE, EXCLUI TODO O ENCADEAMENTO DE ANTECEDENTES E CONSEQUENTES, que Destino, Fortuna e Sorte necessariamente compreendem”. (Dic. Da ling. port., 7.ª ed., Lisboa, 1877).

A argumentação do reputadíssimo lexicógrafo é cerrada e é forte, é judiciosa e é completa. É bem de ver, por conseguinte, que de nada mais precisaríamos para a defesa da nossa crítica. Quem tão bem e tão copiosamente discorre sobre determinada matéria, prescinde por certo de outras opiniões sobre o caso. Demais, sem ofensa a Adolfo Coelho e Cândido de Figueiredo, que ainda vivem, o grande trabalho de António de Moraes Silva continua a ser o primus inter no gênero referido. É, para nós, a maior autoridade da língua em matéria de dicionário. Oxalá fosse tão farto de vocábulos como o daquele filólogo a que acima nos referíamos em segundo lugar!

Mas a nossa crítica, dadas as circunstâncias especiais em que é feita, precisa de ser abundantemente documentada. Além disso, já houve, mesmo com respeito a nós, quem chamasse o bolorento Moraes ao conspícuo dicionarista...

E bem. Não é só com Moraes que discutimos: as provas vêm-nos ao lanço sem dificuldade, uma após outra.

Vejamos o que diz Aulete: “Acaso – acontecimento CUJA CAUSA SE IGNORA, sucesso IMPREVISTO: O acaso é uma palavra sem significação filosófica, porque todo o efeito tem uma causa”. “O acaso, o conjunto de acontecimentos NÃO LIGADOS A UMA CAUSA”.

É de Adolfo Coelho: “Acaso – caso fortuito. Eventualidade. O todo dos sucessos NÃO LIGADOS A CAUSAS”.

Domingos Vieira assim discorre: “Acaso – Eventualidade, evento, SUCESSO IMPREVISTO, azar, casualidade, acidente fortuito. Combinação de circunstâncias INDEPENDENTES DA VONTADE, QUE SE NÃO PODEM EVITAR, NEM PREVER, NEM TÃO POUCO EXPLICAR A RAZÃO DELA”.

Colhemos em Roquete: “Acaso, antes caso, do latim casus (de cado, cecidi, casum, cair, acontecer), toma-se algumas vezes em lugar de fortuna, mas referindo-se não a uma série ou encadeamento de sucessos, SINÃO A UM SÓ QUE FORTUITAMENTE ACONTECE, como disse Vieira falando do jogo: “Nos dados e nas cartas nenhum lugar tem a razão e o juízo, senão a temeridade e o caso (XIII, 252).

Lacerda, no seu Novíssimo dicionário de sinônimos, assim escreveu sobre a palavra acaso: “Também não designa um ser real a palavra acaso, cuja significação contudo é análoga à da palavra fortuna; porém acaso parece referir-se mais particularmente a um fato solitário, só por só, sem ligação a outros; enquanto que fortuna parece referir-se a uma certa série de fatos. CONTUDO acaso DISTINGUE-SE

ESSENCIALMENTE DE FORTUNA, ENQUANTO CONSIDERAMOS AQUELE INDEPENDENTE DA NOSSA VONTADE, a qual pelo contrário julgamos que pode concorrer de algum modo para que a fortuna tenha no seu obrar, embora inexplicável, antes um do que outro resultado”.

Fr. De S. Luis, no Ensaio sobre alguns sinônimos da língua portuguesa, diz acerca de acaso o seguinte: “Acaso é outra palavra que não significa objeto algum real. Dela nos servimos em um sentido análogo ao da palavra fortuna; MAS CO ALGUMA DIFERENÇA: porque acaso se refere mais ordinariamente a um fato só por só, QUE NOS PARECE NÃO TER RELAÇÃO ALGUMA COM OUTROS ANTECEDENTES OU CONCOMITANTES, e que por isso supomos SEM CAUSA; ao mesmo passo que fortuna parece referir-se mais propriamente a uma série de fatos, que na sua mesma inconstância e variação, mostram um desígnio, E TÊM ALGUM NEXO E CERTA ORDEM. Demais, O QUE ATRIBUIMOS AO acaso É TOTALMENTE INDEPENDENTE DA DILIGÊNCIA OU PROVIDÊNCIA HUMANA; não assim o que atribuímos à fortuna; porque esta julgamos nós que umas vezes favorece a nossas diligências, e que outras vezes capricha de as contrariar ou desprezar”.

Brunswick, o mais recentes dos dicionaristas que se hão ocupado da sinonímia da língua portuguesa, escreve ainda, ao tratar de acaso, fortuna, sorte, fatalidade, destino, fado, ventura, dita e estrelas, o que em seguida se lê: “O acaso, o mais fantástico de todos os seres desta série, OBRA ARBITRARIAMENTE; prepara combinações de circunstâncias TÃO IMPOSSÍVEIS DE PREVER, COMO DE IMPEDIR, e delas provêem fatos, felizes ou desgraçados, que nos deixam estupefatos de prazer ou de dor. As suas manifestações não são constantes; isto é, não se lhe referem fatos sucessivos; revela-se de quando em quando; oculta-se, reaparece; persegue-nos ou abandona-nos; favorece-nos ou esmaga-nos. É nisto que não se assemelha à fortuna, pois esta, como veremos, parece obrar de um modo constante, e ao acaso só se imputam fatos isolados, TENDO POR ISSO MUITA ANALOGIA COM A FATALIDADE”.

Não há dúvida: acaso procurado é garbulha que se não entende. De fato, se acaso é aquilo que acontece independente da nossa vontade, e se procurar é fazer diligência por encontrar, é buscar, é tratar de conseguir, de obter, é fazer que alguma cousa se nos depare, não se pode dizer acaso procurado. Acaso é aquilo que se verifica sem depender de

nada, excluindo todo o encadeamento de antecedentes e consequentes; e não em virtude da nossa procura, do nosso esforço, da nossa diligência.

Aí está. Muito caminhávamos para documentar a congruência do sr. Vicente de Carvalho. Poucos nos terão de certo acompanhado nesta pesquisa, porque fomos efetivamente demasiado prolixos. Continuaremos, todavia, nesse mesmo caminho, embora fastidioso; pois só assim não fugiremos à norma da boa crítica, que deve ser repleta de autorizados exemplos e copiosa documentação para ser honesta e convincente.

Profligamos, por justas razões, por motivos ponderosos, a errônea expressão do velho escritor paulista; ou, para melhor dizermos, profligaram-na por nós alguns mestres conspícuos da portuguesa língua. Com efeito, o sr. Vicente de Carvalho, neste caso do acaso andou muito afastado daquilo que se chama propriedade de expressão; e não sabemos bem se s. s. errou por acaso ou se nem por acaso acertou... Como quer que seja, não ficou menos brilhantes por isso: que, por exceção, tanto pode falsear o mestre de grande saber e assinalado engenho, quanto acertar o aprendiz de apoucada vocação e resumidas letras...

4. – A página 3:

À CATA DELA malbaratam a vida inteira, etc.”

Estamos que essa catadela, que mancha as primeiras páginas de um livro estreante, lançadas à maneira de apadrinhamento, não soa bem aos aparelhos auditivos do leitor. Pede monda, que se lhe não pode negar a bem da harmonia da frase.

5. – A página 5 da questionada introdução, lêem-se palavras tais:

“Eles (os deuses) darão talvez às nossas teorias irrefutáveis um IRÔNICO SORRISO de BENEVOLÊNCIA”.

Perdoe-nos o sr. Vicente de Carvalho a rude franqueza com que o analisamos, e releve-nos dizer que o s. s. não conhece bem a química do nosso linguajar. Nos torneios da palavra as combinações também se fazem, como na química, sob preceitos e regras que se não podem

desprezar. Na linguagem, que também é uma ciência, há leis e há processos a seguir.

Ironia e benevolência são cousas que se repelem uma a outra, são atos cujos fins se não conciliam. A ironia a modo que tresanda a perversidade; enquanto que a benevolência é um gesto sereno da bondade. Sorriso irônico de benevolência não se diz, nem se escreve.

Sorriso irônico tem sido em todos os tempos coisa muito diversa de sorriso de benevolência. Se ironia vale o mesmo que sarcasmo, como sabe toda a gente, como se pode ver benevolência num sorriso em que há ironia, ou ironia num sorriso em que há benevolência?

O sr. Vicente de Carvalho não devia escrever em prosa. O lirismo, a que tão bem se adapta o seu temperamento tumultuoso de superficialidade, é que comporta, na opinião de muitos, essas incoerências que a prosa condena e repete. A prosa, já disse Balart, é a linguagem da vida real; e, por isso mesmo, demanda uma firmeza de pulso e uma cultura de espírito, que o ilustre poeta da Rosa, rosa de amor nunca se decidiu de atingir, no domínio das letras ou fora dele; conclusão a que chegará qualquer pessoa esclarecida depois de atenta leitura das suas obras impressas.

Versos, e versos líricos, é o que exclusivamente devia s. s. escrever. A poesia lírica é, por assim dizer, uma futilidade permanente e divina, que disfarça os erros com o encanto das rimas e o embalar dos ritmos. A prosa requer outros conhecimentos, maior descortino, mais justeza no período, mais segurança no gesto, mais profundeza na ideia: que se aquela tem a peia da rima e do metro, esta só tem o limite da inteligência e do gosto.

6. – Ainda a página 12, do trabalho de que ora se questiona, se lê:

“GUSTAVO TEIXEIRA, INTENCIONALMENTE
OU NÃO, encara e canta o amor como um gracioso
ornato da existência”.

Isto, se houvesse sido escrito com reflexão, será taxar de inconsciente o formoso poeta do Ementário. O sr. Gustavo Teixeira encara ou não encara o amor como simples ornato da existência. Em qualquer dos casos, porém, pratica um ato propositado, muito propositado mesmo; age de acordo com o seu temperamento, de harmonia com o seu sentir e pensar.

A própria significação do verbo encarar arreda a hipótese de uma ação não intencionalmente executada.

“Encarar, na acepção de que tratamos, diz Aulete, é considerar, estudar, analisar: ENCAROU a questão por dois lados.”; que é o caso do sr. Gustavo Teixeira, que “encara o amor como simples ornato da existência”, isto é, “considera-o, etc”. E quem considera, quem estuda, quem analisa, não opera senão intencionalmente.

Todas as ações correspondentes ao verbo encarar são ativas; não há uma só passiva, que se possa realizar sem o deliberado propósito de alguém.

Se é verdade, pois, o que do seu prefaciado escreveu o prefaciador, isto é, que ele encara e canta o amor como simples ornato da existência, o poeta do Ementário, sobrepondo a tudo a sua lúcida consciência, consuma, com isso, um ato absolutamente intencional: que só os loucos fazem o que não sabem, e não sabem o que fazem...

7. – Iríamos muito longe, alongaríamos sem conta esta parte do presente estudo, se assentáramos de respigar todos os defeitos, todas as imperfeições que enxameiam o antelóquio do sr. Vicente de Carvalho. Vamos, portanto, encerrar as nossas observações com a análise das suas últimas sete linhas, que realizam assim:

“Um poeta de talento sente, adivinha por intuição, o que mais convém à feição do seu espírito. Se FOSSE POSSÍVEL, SÓ UM CONSELHO SERIA LÍCITO DAR-LHE: O DE TER INSPIRAÇÃO, E MUITO AMOR À SUA ARTE. SÃO QUALIDADES QUE SE NÃO ADQUIREM A CONSELHO DE OUTREM. DEMAIS, GUSTAVO TEIXEIRA POSSUE-AS AMBAS, E EM ALTO GRAU: prova-o triunfantemente o Ementário”.

A chave do tal preâmbulo é simplesmente admirável! Digam lá os que podem julgar da arte difícil da palavra escrita, se temos ou não razão quando afirmamos que o sr. Vicente de Carvalho baralha as cousas e faz trabalho de fôlego pelo tamanho, mas nulo ou quase nulo pelo que realmente exprime. Vejamos.

Diz s. s. no trecho transcrito, que, se fosse possível, seria lícito dar um conselho ao poeta, qual o de ter inspiração e muito amor à sua arte. Mas tal conselho, acrescenta logo em seguida o sr. Carvalho, não pode ser dado, por se tratar de qualidade que se não adquirem a

conselho de outrem. E, depois de tudo isso, deixa escapar a confissão de que o aconselhado possui todas as virtudes que imaginara e desejara nele ver!

Assim temos que s. s., conforme declara e afirma:

I.º - imaginou aconselhar uma cousa;

2.º - estava certo de que essa cousa não era cousa que se adquirisse por conselho;

3.º - sabia que o aconselhado já possuía a tal cousa, isto é, o objeto do conselho lembrado como lícito, mas considerado absurdo.

E, pois, diga-nos agora o prefaciador ilustre a razão por que se lembrou desse conselho. Porque este poderia, com proveito, ser seguido pelo sr. Gustavo Teixeira? Não, o próprio sr. Vicente o reconhece e proclama. Porque do referido conselho precisava o poeta do Ementário? Também não, é o mesmo sr. Vicente quem entusiasticamente o assevera e jura.

Nesse caso, que pretendeu s. s. com aquelas sete linhas inexpressivas e inúteis, descabidas e desconexas, levemente pensadas e absurdamente largadas na cauda do seu escrito de apresentação?

É resposta que a vaidade humana não deixa vir à flor dos lábios; que a pretensão apertada e prende nas paredes da garganta.

Vila Desdêmona, agosto de 1917.

ERRATA:

No I.º n.º da Panóplia, p. 36, I.ª coluna, onde se lê: “Assim pensando na crítica em geral”, leia-se: “Assim pensando da crítica em geral”.

No 2.º, p. 82, 2.ª coluna, onde se lê: “É do proêmio do Ementário”, leia-se: “São do proêmio do Ementário”.

Panoplia: Mensario de Arte, Sciencia e Literatura – SP

Ano I, n.º 4, setembro de 1917, p. 188-191

Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário. 2ª parte, A Vida I – Aristeu Seixas

II PARTE

I

A VIDA

Disse o prefaciador ilustre do Ementário, falando de Gustavo Teixeira, “não saber que vida ainda tão curta e deslizada toda em tão remota e sossegada vila, possua história que se conte”. E disse-o muito bem: quatro linhas mais em seguimento a estas, e teremos tracejado, sem prejuízo dos fatos principais, narrativa dessa existência modesta e honrada, que tem sido a do elegante bardo paulista. Por simples não deixa ela, todavia, de nos interessar e atrair para os efeitos da crítica; por curta ainda, e desataviada em todo o seu curso, singela em todos os seus estádios, não deixará de figurar a sua história, também singela e curta, na parte respectiva da apreciação literária que lhe diz respeito. A simplicidade em que hão decorrido os dias de sua vida justifica perfeitamente o temperamento do poeta; é, a bem dizer, uma fonte de informações que satisfazem, de algum modo, a curiosidade do leitor menos frívolo, e guiam a crítica com uma relativa segurança no pedantesco e incertíssimo domínio das deduções psicológicas.

Gustavo Teixeira, ou melhor – Gustavo de Paula Teixeira nasceu em uma fazenda próxima à cidade de São Pedro, então vila de São Pedro de Piracicaba, aos 4 de março de 1881. Seu pai, já falecido, fora o agricultor Francisco de Paula e Silva; e sua mãe, que ainda sobrevive, é d. Miquelina Teixeira de Escobar. Ambos receberam instrução apreciável, havendo aquele, ao que nos consta, feito todo ou parte do curso de teologia para a carreira eclesiástica, que não seguiu por ter, em certa altura, mudado a sua resolução de vestir, para todo o sempre, a negra samarra simbolizadora das ordens religiosas.

Quanto a genitora de Gustavo Teixeira, fora ela educada no Colégio das Irmãs de São José de Itú, onde lhe foi ministrada a instrução que possui.

Francisco de Paula e Silva, pai do poeta, não era simplesmente um homem culto, por isso que nele se manifestavam decididas tendências literárias. A sua atividade intelectual, exercida apenas sob a

forma de diletantismo, foi principalmente dedica à história; havendo, todavia, na sua adolescência, escrito também alguns versos, que a família ainda conserva em seu poder. O teatro mereceu-lhe, igualmente, certa atenção; e, nesse gênero, deixou o manuscrito de um drama, que não havia, então, terminado, quando a morte o colheu vai para cinco anos.

Os avôs de Gustavo Teixeira, ao que sabemos, não se dedicaram nunca às letras, nem tiveram mesmo cultura mediana. Foram, porém, o tipo acabado do paulista severo e destemido. O seu avô paterno, de quem o pai de Gustavo tomara o nome por inteiro, chamava-se Francisco de Paula e Silva, e fora agricultor abastado no município de Sorocaba. O avô materno do poeta, falecido aos 108 anos de idade, tinha nome Joaquim Teixeira de Barros. Homem de princípios austeros, caráter de rija têmpera, destemidez de bandeirante, mantivera em toda a sua vida o dever como lema e a honra como apanágio. Foi o fundador de São Pedro, que havia de ser, quase um século mais tarde, o berço neto cantor, cujo estro admirável e cujo admirável talento correm paralelamente com a sua peregrina modéstia.

Se se impusesse aos moldes deste trabalho o examinarmos com profundidade a árvore genealógica dos Teixeiras, iríamos seguramente defrontar com um dos vultos mais sombrios, mais trágicos, mais sanguinolentos que a história registra no repositório eterno das suas páginas: o famigerado duque d'Alba (I) que, além de outros feitos que lhe caracterizam a ferocidade da índole, tem o de haver, no reinado de Filippe II, governado as províncias revoltadas dos Países Baixos, onde, mais que em parte nenhuma, deu largas ao seu instinto de opressor, e onde, todavia, menos triunfos que em outro qualquer lugar conseguira sobre os oprimidos.

Mas, não foi para nos referirmos ao seu gênio belicoso e ao seu instinto de perversidade, que aqui mencionamos o nome lendário do lendário duque. Foi precisamente pensando nas suas raras qualidade intelectuais, no seu fino espírito, sempre fino e sempre pronto na frivolidade dos momentos e nos momentos mais difíceis, foi exatamente considerando o seu grande amor às letras, estereotipado, além do mais, no gesto do reimprimir, à sua custa, as obras de fr. Luis de Granada, foi tendo em vista esses predicados da inteligência, que para aqui o trouxemos, que aqui o registramos, ligando de alguma maneira, mau grado os séculos que os separam, os dotes espirituais do tirano vencedor da ponte de Alcántara, ao estro magnífico do bardo primoroso do Ementário.

Gustavo Teixeira descende, porém, diretamente, como vimos, de uma honrada família de lavradores. Foi, pois, distante do bulício aterrador das cidades, da vaga barulhenta dos grandes centros populosos, que o cantor de Cleópatra afrontou, na inconsciência ou na ingenuidade do desabrochar, os insultos das primeiras tempestades da vida. Teve ele, ao abrir os olhos, ao escancarar as janelas que dão para a existência, teve ele diante de si, sem falsos adornos, o quatro cem vezes maravilhoso da natureza bruta.

Nasceu e cresceu na despreocupação da vida agrícola, brincando sobre a relva pontilhada de boninas, à sombra das árvores amigas, ao chilrear do passaredo em festa, e contemplando, pela manhã, o reboição dos animais na manjedoura; e, à tarde, a redescender dos campos longínquos, a bela, a tarda, a longa, a encantadora fila da boiada...

Nasceu e cresceu, dizemos nós, porque o poeta só deixou o sítio tranquilo, o remansoso torrão natal aos 19 anos de idade, isto é, a 10 de janeiro de 1900, quando veio para S. Paulo, fixar-se, como se fixou, em companhia de seu irmão mais velho – o sr. Francisco de Paula Teixeira, poeta também, e prosador erudito, com inegável capacidade para os estudos de crítica literária e psicológica, como a que levou a cabo com respeito ao Ateneu, de Raul Pompéia; poeta e prosador quase desconhecido, porém, pela maneira avara com que oculta, aos olhos do público e às indiscrições da crítica, as suas composições literárias. Antes, entretanto, de se transferir para a capital paulista, o autor do Ementário se ocupara, em 1898, como professor particular, na fazenda denominada Campestre, de propriedade de seu tio Joaquim Teixeira de Toledo, político residente no município de São Pedro; havendo, algum tempo depois, exercido as funções de professor substituto de uma das escolas públicas da sua cidade natal.

Gustavo Teixeira não fez nenhum curso regular, podendo mesmo dizer-se que jamais frequentou qualquer escola primária ou secundária. É um fato digno de nota e tantas vezes repetido, este de se multiplicarem, em todos os tempos, não só os poetas, mas também os escritores de larga fama e subido engenho sem o curso de qualquer escola, sem o diploma correspondente ao estudo metódico das academias. Já Latino Coelho, a propósito das conclusões tiradas pelos biógrafos de Camões, de que este, pela volumosa erudição que ressumbra nos seus poemas, especialmente nos Lusíadas, devera forçosamente ter perlustrado as escolas e os estudos maiores, já Latino Coelho assim dizia: “Não há, porém, mais viciosa e mais inconsistente conclusão. O exemplo manifesto, recente, incontrastável de eminentes

escritores, que à sua própria energia autodidática deveram quanto de saber e de instrução nos legaram em seus escritos, está averbando de suspeitas ou falazes tão ligeiras e infundadas ilações. Quando vemos que Alexandre Herculano primava nas suas obras em vária e profusa erudição histórica, jurídica, literária e agrônômica, apesar de que das escolas superiores apenas frequentou, sem fruto e sem exame, o primeiro ano da academia de marinha, onde se matriculou em 1824, seremos rebeldes a conceber que igualmente o Camões, ao próprio esforço devesse porventura o muito que sabia? Que estudos regulares e sistemáticos tinha caso seguido Rebello da Silva, que na escola politécnica e na universidade, onde cursou, não conseguiu habilitar-se numa só disciplina?"⁵⁰. E, agora Camões, Herculano e Rebello, em Portugal e no Brasil os exemplos se avolumam, cada qual mais eloquente, cada qual podemos quase chamar o criador da língua portuguesa, desde Barros até Camilo Castelo Branco, na lusitana pátria; desde Bento Teixeira Pinto, no Brasil, até Quintino Bocaiuva, até Machado de Assis, até Olavo Bilac, muitos são os escritores de notável erudição não conquistada nos cursos sistematizados das escolas.

Gustavo Teixeira entra para essa legião de esforçados, ou, se quiserem, para a plêiade esclarecida de rebelados contra a oficialização dos conhecimentos humanos. Pode ser que tudo isso seja uma simples obra do acaso; mas pode ser também um protesto lançado conscientemente, pelo que assim pensam, contra o limite que, de algum modo, os institutos estabelecem à sabedoria do homem.

Gustavo não frequentou jamais uma escola. Estudou as primeiras letras na casa paterna, com sua mãe; e, na data a que acima nos referimos, prosseguiu os seus estudos com Francisco Teixeira, que não é apenas uma apreciável ilustração, senão também um caráter de primeira ordem, um espírito reto, um coração bem formado, e um fiel cumpridor de seus deveres.

Foi deste irmão que Gustavo recebeu os salutarens ensinamentos, com os quais pode, aproveitando e aprimorando as suas naturais tendências literárias, ascender como artista para as regiões misteriosas da poesia; foi com este irmão que o poeta do Ementário adquiriu o conhecimento de várias disciplinas constitutivas do curso de humanidades, preparando dess'arte o seu espírito para o estudo e assimilação de outras matérias simpáticas ao seu temperamento e ao seu pendor para o beletismo.

⁵⁰ Galeria de Varões Ilustres, Luís de Camões, 38 e 39.

Antes, porém, que lhe deslumbrassem a vista os esplendores da capital artística, já Gustavo Teixeira, no sossego da sua vila e na quase rusticidade do seu espírito, se sentia atraído pelos encantos do verso. O metro e a rima tinham já para ele alguma estranha magia, que o arrastava, através do tumulto da inspiração, para o banquete maravilhoso das Musas. Ainda aí, foi seu irmão mais velho quem os passos lhe guiou na escolha dos melhores autores.

O primeiro livro de versos lido pelo poeta fora o Relicário, de Vicente de Carvalho; sendo certo que só mais tarde, e ainda por indicação de Francisco Teixeira, Gustavo pôde perflustrar as páginas de autores de maior vulto, em quem o fogo sagrado não se divorcia nunca da mais escrupulosa correção de linguagem. E, pois, a seguir, leu os Mármore, de Francisca Júlia, e as Poesias de Machado de Assis, de Raimundo Correia, de Olavo Bilac e de Alberto de Oliveira.

“São estes os parnasianos, dizia-lhe o irmão, e os parnasianos são para mim os melhores poetas”. E Gustavo Teixeira os lia, lia-os sempre, e os apreciava sobre todos os outros, informou-nos ele, “certamente por sugestão”.

De suas preferências, que não são tendenciosas, por este ou aquele autor, trataremos em outra parte deste estudo.

Ao findar o ano de 1905, voltava o nosso poeta a aninhar-se de novo nas nemorosas e sossegadas paragens do seu nascimento, levando já, como patrimônio glorioso, um nome mais ou menos conhecido e apreciado nas rodas intelectuais desta formosa paulicéia. Porque Gustavo Teixeira colaborava, então, com certa assiduidade em muitos jornais do interior do Estado, e nas melhores revistas que, por essa época, saíam ao lume no populoso e movimentado centro paulista.

Regresso à sua terra, à plácida São Pedro de seu nascimento, e para logo, a 6 de novembro de 1906, se empregou como secretário da respectiva câmara municipal, instalada havia cerca de quatorze anos, com a elevação da vila a cabeça de comarca, em virtude da lei estadual n.º80, de 25 de agosto de 1892. Regressou à sua terra, e aí se conserva até hoje, sem aspirar, ao que parece, ao turbilhão das grandes cidades, arredio do convívio dos propugnadores da divina arte, de que ele é sem dúvida um paladino emérito, afastado desta civilização tempestuosa das capitais, voluntariamente exilado na pequena nesga de terra, em que o perfume das flores silvestres lhe embalsamara o beco, e a brisa selvagem dos sertões lhe acalentara os sonhos do alvorecer.

Gustavo Teixeira levou, então, para São Pedro um bom número de composições poéticas, realizadas no último ano de sua permanência

em São Paulo, com as quais havia de, mais tarde, formar o volume do seu Ementário; mas foi principalmente em São Pedro que o distinto poeta escreveu a maior parte do livro, dado à estampa em 1908, como dissemos ao iniciar esta apreciação.

Daí para cá, não nos deu ele quaisquer outras produções de sua autoria enfeixadas em volume. Conserva, entretanto, inéditos vários trabalhos em verso, que deverão formar um novo livro, batizado com o título muito simples de Poemas Líricos.

E é só. Sua vida, seus traços gerais, é apenas isso. Tudo mais, que lhe dá relevo e graça, chama-se talento, chama-se estro, chama-se ilustração, chama-se arte, chama-se engenho, e chama-se caráter.

Vida desinteressante para todo mundo. Menos para os que sabem e sentem as torturas com que a alma do poeta se desprende da matéria vil para divinizar, sedenta de beleza e de glória, a magnificência do verso e os esplendores da rima...

Vila Desdêmona, outubro de 1917.

A Cigarra – SP

II quinzena de março de 1925, p. 38

Livros Novos: Poemas Líricos, por Gustavo Teixeira, 1925 – n. i.

POEMAS LÍRICOS, por Gustavo Teixeira, 1925

O segundo número da coleção artística *Os Nossos Poetas*, editada pelo nosso brilhante e querido confrade de imprensa Nuto Sant'Anna, enfeixa os Poemas Líricos, de Gustavo Teixeira. O volume, que apresenta uma vistosa, sugestiva capa de Meirelles, é impresso em excelente papel Bufon. E quanto aos versos do ilustre poeta do Ementário, pode-se dizer que encantam pelo ritmo e pela inspiração. Certo Gustavo Teixeira ao compraz ainda, no seu heptacórdio quereloso, em evocar, em surdina, as belas manifestações do sentimento, cantando-as à maneira antiga, em versos metrificados e (cousa rara!) escritos em português). As novas correntes, ao que parece, não o tentaram ainda, se bem que, por exemplo na *Canção da Noite sem Aurora*, mau grado á sistematização rítmica, já se nota qualquer cousa que o divorcia dos velhos padrões poéticos. A arte, é possível, que não envelheça; todavia, em que parece ao carrancismo dos que se fossilizam dentro de fórmulas imutáveis, está sujeita a variações contínuas e, como a moda, deve refletir as exigências e o gosto contemporâneos. Sem dúvida hoje, como sempre existiu, existe uma poesia nova. Bilac foi novo no seu tempo, como o foram Castro Alves, Gonçalves Dias, Gonzaga, o remoto Gregório de Mattos nas épocas em que suspiraram e fulguraram. Atualmente há um espírito de inovação, que anseia pela originalidade. Esse espírito, mal interpretado, a cada passo revela pelo absurdo, não raro pelo ridículo. Os grandes poetas, porém, vão realizando alguma cousa séria, que vem contribuir com novos cabedais para o patrimônio das nossas letras. Ora, Gustavo Teixeira, que é um artista consumado, talvez deva estudar esta recente face da literatura – e então, ele que, em arte antiga, como ainda agora nestes Poemas Líricos, nos dá tantos primeiros, certamente nos dará, em arte nova, trabalhos que o atualizem e que soberbamente nos deliciem pela frescura e bizarria das suas concepções.

Correio Paulistano – SP
17 de março (terça-feira) de 1925, p. 4
Poetas – “Helios” (Menotti del Picchia)

POETAS.

Nuto Sant’Anna e Gustavo Teixeira, cuja longa hibernação no silêncio fazia-nos viver apenas da saudade do tempo em que empolgavam a poética paulista, ressurgiram, de mãos dadas, numas lindas e pequeninas edições cuidadas por Nuto, dando-nos uma bela florada de versos.

Eu não sei se esses dois livros se encartam bem no nosso atual instante anti-romântico e formidavelmente pragmático.

Sei apenas que ainda adoro o velho Chopin, depois de uma elétrica e álgida explosão jovial de Villa Lobos e Malipiero...

Gustavo Teixeira tem no seu acervo lírico algumas jóias imortais. Vicente de Carvalho – onde está o projeto de herma de Vicente de Carvalho? – soube sublinhá-la com seu alto senso crítico, num prefácio que glorificará sempre o suave poeta do “Ementário”. Nestes novos poemas, dentro da técnica que manteve irreduzível, há ainda toda a comoção romântica de sua alma, toda a virginal beleza lírica do seu desalento de homem inatual, inadaptável à bárbara violência deste século másculo, de cabotinos, “nouveaux-riches”, “cowboy”, rudes conquistadores da glória e da fortuna.

Sua sentimentalidade refoge à corrupção do mundo moderno, aferrado à penumbra das sinceridades, dos sentimentos belos e nobres. É um luminoso e terno fantasma de uma arte que culminou em “Poemas e Canções”, o evangelho dos lirodos românticos. E nossa alma, flagelada pelos jatos dos arcos voltaicos, sacudida pelos trancos dos 60 H. P., tornada cética e estéril pela ganância dos traficantes onzenários, refugia-se como num jardim ensombrado, sonoro de repuxos, dentro da deliciosa poética de Gustavo Teixeira. Por muito tempo ainda esse lirismo dominará as resistências da nossa sentimentalidade, cuja transfusão na estética moderna demorará o prazo que demora a vitória das renovações. Não hesito, porém, um só instante em registrar o triunfo da corrente nova, tendo os processos de Gustavo como póstumos, vivendo no tempo como a trepadeira a que se cortou as raízes e que sobrevive a si mesma, no verdor da euforia das suas folhas, até que pouco a pouco se estiole, seque, amareleça.

Esse delicado verdor de cousa morta e suave é o que me comove ainda, acordando no meu espírito o eco dos velhos ritmos, que fizeram a beleza espiritual e sonhadora da minha mocidade...

Helios

O Estado de S. Paulo – SP
04 de abril (sábado) de 1925, p. 3
Bibliografia – Sud Mennucci

BIBLIOGRAFIA

GUSTAVO TEIXEIRA – Poemas Líricos – in Rev. Os Nossos Poetas, n.º 2, de Fevereiro de 1925 – Instituto Anna Rosa – São Paulo.

Em 1908, um livro de autor quase desconhecido teve o condão de atrair sobre ele a atenção dos maiores da crítica indígena e, em especial, daqueles aristarcos reputados os verdadeiros cérberos da literatura nacional. Esse livro era o “Ementário” de Gustavo Teixeira e representava uma estreia de tão alto valor artístico que Vicente de Carvalho, já então no apogeu de sua glória, se julgava no dever de prefaciá-lo.

Recebido com os mais calorosos e os mais significativos aplausos (nesse tempo ainda não era praxe o elogio da obra dos néscios) ao contrário do que era de esperar, Gustavo Teixeira desapareceu do cenário artístico paulista. Durante o espaço de dezessete anos, não tivemos dele mais que uma ou outra poesia esparsa, assim mesmo publicada em jornais de província de reduzidíssima circulação regional ou nalguma revista da capital de tiragem incapaz de sustentar a nomeada de um homem.

Este ano, após um tão longo hiato de silêncio, Gustavo Teixeira ressurgiu no mensário, dirigido por Nuto Sant’Anna e intitulado “Os nossos poetas”, cujo segundo número é inteiramente abrangido pela primeira série dos seus “Poemas Líricos”. E nessa ressurreição, o vate de São Pedro mostra que o Gustavo Teixeira de 1925 é o mesmíssimo poeta de 1908. Não se deixou encantar pelas maneiras do modernismo nem quis sacrificar nada de sua arte às correntes estéticas em voga. Lírico era, na forma vincadamente passadista do Fagundes Varela, lírico permanece, com as mesmas características que lhe trouxeram o êxito do “Ementário”.

Vegetando naquela pequenina e retardatária cidade de província, que as vias de penetração comercial do Estado foram esquecendo de um lado, para realizar, talvez, o estranho paradoxo de ter, a poucos minutos do progresso, um recanto perdido entre montes que tão afastado delas se afigura como se estivesse encurralado nos sertões do Mato Grosso,

Gustavo Teixeira, surdo aos convites dos amigos e admiradores, alheio ao “brouhaha” que a civilização lhe grita em torno, cuida apenas das atas das sessões da Câmara Municipal de São Pedro, de que é secretário e encerra-se, como num sonho, dentro da torre de marfim que é a sua Poesia.

Cá fora, estruge a luta pela glória e [trecho ilegível] berrantes e violentos, os cartazes das novas orientações artísticas; engalfinham-se, em polêmicas espetaculosas, os reformadores e os reacionários, e, na ânsia de ser algo no cenário mundial, de representar um valor na barafunda social contemporânea, organizam-se “jazz-bands” literários, que, em esgares e trejeitos, tentam dominar a esquiva e arredia curiosidade pública...

E o alarido não chega às plagas tranquilas, onde o poeta mora: Ele pode rever, como no seu “Canto real da glória”, que, com toda a serenidade:

“Sob o régio docel do heleno firmamento,
 Donde os Titãs revéis foram precipitados,
 Homero, a lira em punho, celebra o valimento
 Dos argivos heróis por Palas aureolados.”

E pode rever ainda a Fídias, todo atento a trabalhar no mármore de Paros:

“Saltam lascas do bloco, estala a pedra dura:
 - Um par de seios mostra a rara cinzelura,
 Das curvas de Afrodite o encanto predomina
 E as pernas, do brancos ondeante da neblina,
 Sustêm do torso grego a perfeição marmórea
 Com que o gênio imortal as gerações fascina.”

E dentro de seu sonho de artista, esquecido da hora presente e do mundo revoltado e indisciplinado “d’après-guerre”, apela para Atenas e roga:

“Protege os que, durante a humana trajetória,
 Haurem o fel que o mundo ao Sonhador propina
 Para alcançar o beijo olímpico da Glória!”

É pois, Gustavo Teixeira, irrecusavelmente e conscientemente, um “démodé”.

E, entretanto, em que pese à atitude mais ou menos declamatória dos idealistas da chamada renovação, esse “démodé” é ainda um poeta na verdadeira e na fiel acepção do vocabulário.

Fora da moda de seu tempo, incapaz de vestir os seus versos pelo figurino do último grito, imunizado contra as modernas sensações não febris, mas febricitantes dos nossos fazedores de rimas, há, contudo, na sua arte uma sinceridade quase ingênua de emoção, de que recuma, a espaços, como a água de uma talha muito cheia, a dolorosa angústia de sua ala.

E essa dor sentida derrama-a pelos seus versos, que palpitam como carne, cuja cadência e cujo ritmo são de uma finura e de uma elegância espontânea e nativa, sejam eles alexandrinos, decassílabos, heróicos ou simples redondilhas.

E isso vem a dar, mais uma vez, razão a Lorenzo Stecchetti, quando traçou aquele seu conhecidíssimo preceito: “Non vi sono ne veristi scrittori Che scrivono bene e degli scrittori che scrivono male, ecco tutto”. Preceito a que se poderia aplicar, no caso, uma paráfrase: “Não há nem futuristas nem passadistas; há poetas que são poetas e outros que são apenas versejadores”.

Sim, porque não há preocupações de escola ou mania de época capaz de diminuir a beleza destes decassílabos dolentes, onde estua a paixão incontida e onde explode a mágoa de um sentimento que não pode ficar mais longamente calado:

“Logo, porém, tudo esqueceste... E agora,
Quando à beira do Atlântico divagas,
Hás de, escutando a voz do mar, que chora,
Teu nome ouvir na música das vagas.

São os meus versos que através das ondas
Pelas conchas escoam de angra em angra
Como suspiros desse mar que sondas,
Como o clamor de um coração que sangra!

Atende! São meus cânticos dispersos
Que em ecos plangem pela tarde calma
O mar guardou nas conchas os meus versos
Com eu guardo teu nome dentro da alma”.

Nem ninguém se lembrará de pedir impressionismo ou de exigir o cumprimento geométrico de uma regrinha moderna, a estas duas quadras deliciosas, em que perpassa, dentro de uma onda de ternura carinhosa, um reproche de amor e que o vate apelidou de “Sacrifício inútil”:

“Diante do confessor te ajoelhas e, tremente,
Para ficar com a alma azul, resplandecente,
Com o céu ao tomar a comunhão da aurora.

Murmuras em seguida as mais ardentes preces.
Batendo com [trecho ilegível] no imaculado peito:
Mas Deus não te ouvirá, por
Enquanto eu não perdoar o mal que me tens feito”.

E quem não concordará com a justeza desta observação perversa, que, em “Vaidade”, à guisa de conselhos paternais e doutrinários, esconde um verdadeiro madrigal de despeito?

“Porque eu, num madrigal, te comparei ás rosas
Ficaste crendo que és das flores a rainha:
E já queres subir a alturas prodigiosas
Ter surtos de condor com asas de andorinha.

É tão bom ser violeta, e, à sombra de uma leira
Em flor, guardar intacto o aroma azul! [trecho ilegível] olha:
A rosa de mais graça e púrpura é a primeira
Que a coroa real de pétalas desfolha...”

Entretanto, esses são simples brincos com que a imaginação do poeta se deleita. Sente-se neles a graça, o sabor, a leveza, mas não se sente a angústia.

Nesse folheta, de apenas noventa páginas, há porém, a “Canção da noite sem aurora”, “[trecho ilegível] do mais dorido acento” e à sua leitura sentimo-nos tentados de perguntar, se será absolutamente necessário ter o espírito forrado de todas as pieguices dos vanguardistas do “claro riso” e de todas as normas e postulados que eles dizem módulos da verdadeira arte [trecho ilegível], para compreender, num frêmito sincero, toda a sagrada comoção e toda inenarrável amargura daqueles versos.

É quase impossível fugir ao desejo de transcrevê-la quase na íntegra:

“

Na voz do vento dobra um sino...
 E enquanto o vento plange fora
 E acorda o [trecho ilegível]
 Dentro da noite sem aurora
 Tu jazes frio, frio, frio...
 Meu coração, sangrando, chora!

.....

Não te pranteou de um sino o dobre
 No escárnio dessa tarde de ouro,
 Num jaspe ou mármore recobre
 O teu esquife de anjo louro
 Nas na urna estreita que te encerra,
 Não estás só! Toda a [trecho ilegível]
 Minh'alma, que entre sombras erra,
 Vai-te embalar em noite escura,
 Vai-te aquecer dentro da terra.
 Da sorte o sopro álgido e [trecho ilegível]
 Celou-te as mãos, fechou-te os olhos,
 De amor, partiu-se em mar de escolhos.
 Antes de um ano! Era tão cedo!
 E eras tão belo! E eras tão forte!
 E já sabias rir, contente,
 Abrindo os braços num transporte
 Para cingir-me docemente!
 E suportaste a dor da morte!
 Que graça tinhas! Com que encanto
 Gestos fazia a mão querida!
 Eu te adorava tanto, tanto!
 Eras o enlevo desta vida
 Que naufragou num mar de pranto!
 Em vez do tépido conforto
 De um seio e do calor materno,
 Tens hoje, no silêncio do Horto,
 As frias lágrimas do inverno!
 E para todo o sempre és morto!
 Mas, num altar onde alvorada

Não luz por ti, que és mudo, exangue,
 Sempre há de arder, da dor [trecho ilegível]
 Sempre! Uma lágrima de sangue
 Como uma lâmpada sagrada!...”

Que página de amor, incendiada nos estos de uma alegria pagã, poderia oferecer-nos, em rigor, em intensidade, em beleza, a sensibilidade emotiva que brota desse acabado poemeto da aflição e do desconforto?

*

Não se feche esta notícia bibliográfica sem uma nota de [trecho ilegível] à [trecho ilegível] obra que a direção do mensário “Os nossos poetas” começou a realizar.

A lembrança [trecho ilegível] de fazer voltar à [trecho ilegível] da publicidade muitos nomes de poetas esquecidos, a que a profissão, a fortuna ou o deliberado propósito haviam afastado das lides literárias – nomes entre os quais havia mais do que simples promessas – não pode deixar de merecer o aplauso de todos quantos, nesta terra, trabalham consciente, modesta e sinceramente, pela criação de uma literatura nacional, cujo primeiro apanágio seja, de fato, o cunho de brasileirismo, o único, aliás, que lhe pode dar originalidade.

Poder-se-iam citar, ao correr da pena, alguns desses trânsfugas das letras – Sampaio Freire, Manuel Carlos, Paulo Setúbal, Raymundo Reis – cuja obra está a pedir divulgação entre um público maior porque, oriunda de espíritos de elite, não deve jazer olvidada em simples folhas volantes de duração efêmera de vinte e quatro horas ou enterrada nas gavetas desses literatos... em férias.

É impossível que esses homens hajam abandonado definitivamente a pena. O testemunho que deixaram, as provas que deram de sua irresistível vocação artística não lhes permitiriam uma renúncia tão completa e formal de seus [trecho ilegível] de mocidade, que são os únicos verdadeiros e duradouros, mesmo quando a vida, ao depois, nos mostra o seu [trecho ilegível] de sobreceño carrancudo.

Se fosse [trecho ilegível] o de Gustavo Teixeira [trecho ilegível] por mais de três [trecho ilegível] e agora, ao reaparecer, traz-nos uma lista de livros novos que orça por [trecho ilegível]. Assim devem ter [trecho ilegível] os outros.

[trecho ilegível] o novo mensário, que, em os publicando, realizará honestamente a sua missão que hão de beneficiar as nossas letras e, em especial modo, as novas gerações, que vão surgindo

excessivamente abeberadas de ideais em cujo “modernismo” há uma boa dose de desconhecimento e de inexperiência... essas leituras serão de salutareos efeitos.

Sud Mennucci

O Imparcial – RJ

02 de maio (sábado) de 1925, p. 3

Crônica de livros: Gustavo Teixeira – “Poemas Líricos” – Oscar Lopes

CRÔNICA DE LIVROS

GUSTAVO TEIXEIRA – “Poemas Líricos” – Edição d’“Os Nossos Poetas”, mensário de S. Paulo, dirigido por Nuto Sant’Anna.

É muito louvável a iniciativa do Sr. Nuto Sant’Anna, nosso prezado confrade, divulgando, por meio de sua publicação, “Os Nossos Poetas”, a obra de certos escritores de mérito que ainda não lograram um mais amplo conhecimento dos admiradores da arte. Gustavo Teixeira, por exemplo, que não é um nome popular, já de há muito recebeu consagração da crítica, desde que fez editar “**Ementário**”, em 1908, e goza entre os intelectuais seus patrícios do prestígio a que faz jus o seu belo talento.

É, pois, com o mais vivo prazer que agora lemos os “Poemas Líricos” onde brilhantemente se consubstanciam as formosas qualidades de um estro da mais pura formação mental. Reunem-se, com efeito, em Gustavo Teixeira os atributos mais ambicionados na boa poesia. Há uma grande clareza na sua frase, o que imediatamente impõe simpatia pela sua linguagem limpa e nobre. Há uma larga ventilação de ideias errantes em seus poemas, o que lhes assegura a mais agradável permanência na memória dos leitores. Uma ânsia de perfeição se insinua em cada composição o que faz que seus versos surjam sempre impregnados de particular encanto. Tudo isso coloca Gustavo Teixeira ao nível dos bons poetas do seu tempo.

Já de entrada, à guisa de pórtico, o livro abre com o “Canto Real da Glória”, que é um primor no difícil gênero que Goulart de Andrade transplantou, com grande êxito, para a poesia brasileira.

Veja-se a primeira estrofe:

**“Sob o régio docel do heleno firmamento,
 Donde dos Titãs revéis foram precipitados,
 Homero, a lira à mão, celebra o valimento
 Dos argivos heróis por Palas aureolados;
 - Canta os feitos de Ajax e Ulisses, a bravura
 De Aquiles, o esplendor marcial e a formosura**

**Da deusa belatriz de graça peregrina
Que brande como Ílion, o gládio que fulmina...
Com dois versos conduz o plaustro da vitória!
E cores, luz e sons o semideus combina
Para alcançar o beijo olímpico da Glória!”**

As estrofes seguintes, que completam a estrutura técnica do poema, conservam o mesmo esplendor marmóreo, a mesma eloquência, igual elasticidade e vão desabrochar, com alta elegância, na invocação do Ofertório:

**“Egrégia Athene! Tu, que à terra pequenina
Lanças do Olimpo o olhar, que é benção opalina,
Protege os que, durante a humana trajetória,
Haurem o fel que o mundo ao Sonhador propina,
Para alcançar o beijo olímpico da Glória!”-**

Quantos poetas, na nossa língua, seriam, capazes de arrostar com as dificuldades de um canto real e vencê-las com fulgor igual ao que coroou o esforço de Gustavo Teixeira?

Tivemos aí uma amostra de sua inspiração e de sua capacidade de execução em um largo trabalho de métrica maior. Não nos fartamos ao prazer de apontar agora o “Angelus”, em tercetos de seis sílabas, que assim começa:

**“ Quando Vésper irradia,
Num lento rumor de prece,
Tange o sino: - Ave Maria!**

**No azul, a astral ardentia
De súbito resplandecer
Quando Vésper irradia**

**Por detrás da serrania,
Rezando, a lua aparece...
Tange o sino: - Ave Maria!”**

O poemeto continua com a mesma delicadeza de tons, a mesma segurança na factura, e termina, prolongando a sua vaga de sugestão, desse modo encantador:

**“Numa suave nostalgia,
A alma feliz se embevece
Quando Vésper irradia**

**Um véu de melancolia,
Tecido por anjos desce..
Tange o sino: - Ave Maria?**

**Cheiram flores na agonia...
A tarde é morta. Anoi-tece...
Quando Vésper irradia
Tange o sino: - Ave Maria!”**

Gustavo Teixeira, senhor absoluto da forma, é também um excelente baladista. Figuram no livro alguns desses modelos de tão cativante atração e em todos eles se verifica o mesmo domínio do poeta sobre as dificuldades a vencer, são igualmente felizes a “Balada das Rosas”, “Balada das Folhas Mortas”, ou a “Balada Cor de Rosa”. Mas a “Balada da Agonia”, de um misticismo profundamente comovedor, é uma peça poética do mais raro merecimento e por si só faria a reputação de um artista.

Ela na íntegra:

**(Jesus, sangrando pelas chagas vivas,
clama dolorosamente:)**

**“Para salvar a humanidade impura
Da voragem de tenebres ferais,
Subi a longa Rua da Amargura
Num círculo de monstros infernais,
Vertendo o suor das aflições mortais...
Vai parando em meu peito o coração
Que muita vez sangrou de compaixão
Da própria flor que parecia na haste!
Ardo de sede! Abrasa-me um vulcão!
Senhor! Senhor! porque me abandonaste?**

**Não tem mais fim a bárbara tortura!
Abafo a custo dentro da alma os ais
Da angústia que me abala e transfigura!**

**Meu corpo cheio de úlceras fatais,
 É um jardim de violetas funerais,
 Orvalhadas de sangue... E choro em vão
 Vendo uma rosa aberta em cada mão...
 Depois do triunfo, a morte... Que contraste!...
 Que é desses que eu guiei na escuridão?
 Senhor! Senhor! porque me abandonaste?
 Ó minha Mãe! ó Santa Criatura,
 Que neste mundo não verei jamais,
 Enxuga o pranto dessa face pura,
 Porque a dor dos teus olhos celestiais
 Vem fazer que estas chagas doam mais!
 Meu Deus! meu Deus! que atroz flagelação!
 A coroa de espinhos, a irrisão
 De um cetro não bastaram! E deixaste
 Pregarem-me na cruz da execração...
 Senhor! Senhor! por que me abandonaste?**

OFERTÓRIO

(Jesus, quase a expirar, volte os olhos para o céu:)

**Abre-se o azul da Mística Mansão...
 Descem anjos... É a Glória!... Ó Pai, perdão
 Se eu, esgotando o Cálix que me enviaste,
 Ousei clamar, numa hora de aflição;
 “Senhor! Senhor! por que me abandonaste?”**

Essa admirável balada é, na poesia patricia, uma exceção tanto pela “trouvaille” do refrão como pela dramaticidade com que se desenvolvem as estrofes. Remata à maravilha, como uma soberba, o formoso livro de Gustavo Teixeira.

OSCAR LOPES

Jornal do Brasil – RJ

06 de maio (quarta-feira) de 1925, p. 6

Registro Literário: “Poema Lírico” – Osório Duque-Estrada

POEMA LÍRICO, de Gustavo Teixeira

O autor deste novo livro de versos é paulista e reside, desde 1906, em São Pedro, cidade do interior, onde exerce as funções de Secretário da Câmara e da Prefeitura.

Em 1908 publicou EMENTÁRIO, livro de versos prefaciado por Vicente de Carvalho de que figura até hoje na minha biblioteca, bem encadernado e entre outras obras de alguns dos melhores poetas de sua geração.

Saudei o aparecimento da obra em um dos meus primeiros REGISTROS e, entre outras cousas, afirmei então:

“Não foram poucas as belezas, nem raras as preciosidades que essa leitura me deparou. Gustavo Teixeira é autor de algumas estrofes que poderiam ser assinados pelo mais aclamado dos poetas de nossa terra. Cultiva pouco o soneto, ou, pelo menos, com mais sobriedade que os outros vates de sua geração. É um novo título que o deve recomendar à estima pública, principalmente porque os sonetos só lhe saem da pena com o apuro e o remate que se devem sempre exigir em tais produções.”

E depois outras considerações no mesmo sentido:

“Muitas outras produções poderiam ser citadas, com grande lustre para o autor. Limito-me a deixar aqui os meus mais entusiasmáticos aplausos ao jovem artista do verso, afirmando que o Estado de São Paulo possui o seu segundo poeta na pessoa de Gustavo Teixeira.”

Isto escrevi há dezessete anos, quando só ele parecia querer aproximar-se do grande vulto de Vicente de Carvalho. Hoje São Paulo possui não um, mas uma plêiade de poetas de grande valor, e ao lado de Gustavo Teixeira brilham igualmente os nomes de Aristeu Seixas, Julio Cesar, Menotti del Picchia e outros.

Ainda assim, disputa-lhes galhardamente a primazia o autor deste POEMA LÍRICO, que ressurgue agora, maior do que em 1908, assinando versos que cinzela no seu obscuro e ignorado retiro de São Pedro, mas cujo alto merecimento pode ser desde logo aferido pelo poema inicial intitulado CANTO REAL DA GLÓRIA e que termina assim:

“Fídias contempla o alvor do Paros um momento,
E raspa-o: - e logo vão surgindo, arredondados,
Contornos feminis de um claro polimento,
Da venusta feição dos mármoreos sagrados,
Saltam lascas do bloco, estala a pedra dura:
- Um par de seios mostra a rara cinzelura,
Das curvas de Afrodite o encanto predomina,
E as pernas do brancor ondeante da neblina
Sustem do torso grego a perfeição marmórea
Com que o gênio imortal as gerações fascina,
Para alcançar o beijo olímpico da Glória!

Ardem os camafeus num vivo irisamento
Pelas patenas d’ouro e hostiários rendilhados,
Fulge a safira azul, chispa o rubi sangrento,
Entre o Glauco esplendor dos prasios abrasados...
Celini, num ardor, faceta opalas, fura
Caros [x]etais e crava o sol em miniatura
De um berilo oriental numa custódia fina.
De um carvão desengasta a estrela matutina...
Assim, com gemas abre um sulco astral na história,
Manejando o buril de ponta adamantina
Para alcançar o beijo olímpico da Glória!

OFERTÓRIO

Egrégia Atene! Tu, que à terra pequenina
Lanças do Olimpo o olhar, que é benção opalina,
Protege os que, durante a humana trajetória,
Haurem o fel que o mundo ao Sonhador proprina
Para alcançar o beijo olímpico da Glória!”

A segunda produção do volume é um soneto e intitula-se A SOMBRA DOS MONTES.

Pela ideia, pelo sentimento e pelo aprimorado labor do verso, revela igualmente um poeta e artista de grande merecimento.

É a seguinte:

“No exílio deste vale, onde me entumbo
Sob o velário das neblinas frias,
Meu coração é o pêndulo de chumba
Que marca as horas destes longos dias.

Morro de tédio, de pesar sucumbo!
O vento, que enche as solidões sombrias,
Vai propagando o fúnebre retumbo
Pelas furnas e alpestres serranias.

Só! Tu, que tinges de carmim as rosas,
E para a glória da alvorada existes,
Rasgas nas brumas amplidões radiosas!

Quero escalar os píncaros dos montes
Porque meus olhos vão ficando tristes
De saudade dos amplos horizontes.”

Da **BORBOLETA PRESA**, que é uma bela menina encarcerada na escola de São Pedro, basta citar as duas quadras finais:

“Depois pega na agulha e borda mais de uma hora;
Das suas alvas mãos brotam vermelhas flores.
Nunca nas nuvens d’ouro a rósea mão da aurora,
Com seus fios de luz bordou iguais primores!

E que alegria quando a injusta pena é finda!
Das crianças em meio às chusmas pressurosas
Sai de branco, irradiando, a sua imagem linda
Como um lírio de jaspe entre um florir de rosas!”

Não me forro ao prazer de reproduzir o bonito soneto intitulado **A HORA AZUL**:

“Todos os dias, mal desponta a aurora,
Porque ela disse que há de vir, desperto

E olho o caminho que num rumo incerto
Vai serpenteando pelo vale a fora.

Espero. Ela há de vir. O dia ao certo
Não sei; mas sei que, alegre como outrora,
Neste recanto, que Setembro enflora,
Hei de em seus braços ter o céu aberto!

Em honra da mais pura das violetas,
A primavera abre as mais lindas rosas
E pinta d'ouro e azul as borboletas.

Aves darão concertos cristalinos:
Tocarão sabiás flautas maviosas
E pintassilgos tocarão violinos..."

Leia-se agora a **ÁGUA QUE FOGE**:

“Entre oblongos calhaus, torcicolando,
Flui a nívea torrente serpentina,
Ora beijando os pés de uma colina,
Ora a mole dos montes contornando.

Aqui, sobre ela uma árvores se inclina,
O cabelo de folhas ensopando,
Além, das borboletas o áureo bando
Erinca esfolando o azul da tremulina.

Dá de beber a pássaros e flores,
E docemente, em líricos rumores,
Some-se no horizonte que se esfuma.

Assim, cortando gandaras e searas,
Foge, levando à flor das águas claras
Um diadema de pérolas de espuma..."

A segunda parte do livro, denominada **CATASSOL**, é feita de pequeninos quadros que são verdadeiros primores de graça e de poesia. Aqui está o que traz por título **VAIDADE**:

“Porque eu, num madrigal, te comparei às rosas
 Ficaste crendo que és das flores a rainha;
 E já queres subir as alturas prodigiosas,
 Ter surtos de condor com asas de andorinha!

É tão bom ser violeta, e, à sombra de uma leira
 Em flor, guardar intacto o aroma azul! Pois olha,
 A rosa de mais graça e púrpura é a primeira
 Que a coroa real de pétalas desfolha...”

Não lhe é inferior o SACRIFÍCIO INÚTIL:

“Diante do confessor te ajoelhas, e, tremente,
 Uns pecados pueris contas com voz que chora,
 Para ficar com a alma azul, resplandecente
 Como o céu ao tomar a comunhão da aurora

Murmuras em seguida as mais ardentes preces
 Mas Deus não te ouvirá, por mais que te confesses,
 Enquanto eu não perdoar o mal que tens me feito,”

Leia-se ainda A DOR MAIOR:

“Quando eu te disse o adeus da extrema despedida
 Sob o caramanchel, num plácido recanto,
 Tua alma soluçou de súbito ferida
 E teus olhos azuis encherram-se de pranto!

Mudo, sem o fulgor de uma dívida opala
 Nos cílios, abracei-te entre um pungir de abrolhos:
 Mas a dor que mais dói é aquela que se cala!
 O pranto que mais arde é o que não sobe aos olhos!”

Para terminar, o que traz por título A UMA MENINA, e que é igualmente um pequenino madrigal trescalando aroma e frescura:

“Nos teus olhares de doçura cheios
 Palpita a luz de um místico delubro,
 Mas sob a gaze que te esconde os seios
 Flameja um sol esplêndido de Outrubro.

Teus seios... Diz o colibri mais lindo
Que sente, ao vê-los, a emoção sincera
Que agita as aves quando vão florindo
Os primeiros botões da primavera...”

Não é preciso mais. Aí está, todo ele, e acrescido, o mesmo poeta de 1908, que já então encantava o grande Vicente de Carvalho, a quem denunciara a sua grande vocação de artista por esta simples e deliciosa quadrinha:

“Quem perde uma ilusão ridente, nada perde;
Pois outras ilusões
Se abrem no coração, que é uma roseira verde
Coberta de botões.”

Ao ilustre autor do POEMA LÍRICO os meus mais francos e mais sinceros aplausos.

Correio Paulistano – SP

06 de julho (segunda-feira) de 1925, p. 4

A Semana Literária: “Poemas Líricos” – Candido Motta Filho

“POEMAS LÍRICOS” – Gustavo Teixeira – Os nossos poetas n. 8, - Mensário dirigido por Nuto Sant’Anna.

Estas poesias de Gustavo Teixeira estão escritas nos velhos moldes. Poesia, aúcién regime! A feitura parnasiana quase, o enlevo pelo mundo helênico, pelas velhas figuras da mitologia, seguram o poeta num campo restrito de convenções e medidas.

Assim, penso eu agora diante da grande reforma na arte poética que aboliu o artifício em favor da personalidade.

Entanto, preso dessa cadeia de imagens e números, de ficções e regras, Gustavo Teixeira revela-se um grande poeta lírico, rico de emoções. As suas estrofes são seguras e harmônicas e nos cantam no ouvido agradavelmente.

Gustavo Teixeira é um poeta tristonho. Comove a mim a sua alma taciturna embalada no ritmo dos versos. A sua onda lírica cresce majestosa diante de meus olhos desconfiados! Suave poeta, distribuidor amável e gracioso de evocações singulares.

“Amo o silêncio. O lamento”

Da água que foge, a canção

Das aves, a voz do vento,

– Tudo me causa aflição.

“Busco o silêncio do leito:”

Mas, com acerbo pesar,

Descubro dentro do peito

Um velho sino a dobrar”

Percebo nos seus versos, uma enublada tendência satânica, a lembrar Baudelaire e Edgard Poe. Nesses tranSES de eloquência romântica Gustavo Teixeira perde a “inútil serenidade grega” e deixa que só expendá, mesmo com exágeros, o seu mundo de emoções: –

“Terno coveiro me espera rindo,”

“Cantarolando sombria trova.

“Já ouço os ecos da enxada abrindo”

“A minha cova”...

“Soltam corujas pios insanos”...

“Ninguém na terra chora por mim”...

“Ah, como é triste na flor dos anos

“Morrer assim!”

Com o talento, com a cultura, com a sensibilidade que tem Gustavo Teixeira, estou certíssimo que ele, libertando-se da tortura formal, construirá um duradouro edifício poético, digno de nossa raça e de nossa civilização de adolescentes.

Correio Paulistano – SP
24 de maio (domingo) de 1936, p. 3
Gustavo Teixeira – Nicolau Pero

GUSTAVO TEIXEIRA

Agora que a mocidade da nossa Faculdade de Direito, em vista às termas de São Pedro, acaba de homenagear o poeta do “Ementário”, cumpre-nos reivindicar para o velho e tradicional “Correio Paulistano” a glória de haver publicado, incentivando o grande artista, os primeiros versos de Gustavo Teixeira.

Álvaro Guerra, o mestre querido, e que ainda agora presta o culto da sua velhice gloriosa à nossa língua vernácula, redigia a seção literária “A propósito”, neste jornal.

Gustavo Teixeira, que nasceu em S. Pedro, no sítio de propriedade de seu pai Francisco de Paula e Silva, pertencente à antiga e conceituada família paulista, era criança ainda e apenas estudara as primeiras letras no próprio lar com sua mãe, a sua respeitável e inteligente matrona d. Miquelina Teixeira Escobar, que fora educada no Colégio das Irmãs de S. José, de Itu.

Seu pai era homem culto, apreciador das boas letras, e possuidor de excelente biblioteca, da qual faziam parte as obras dos nossos maiores poetas.

Gustavo, logo que aprendeu a soletrar, leu, com avidez, todos esses livros. Para satisfazer depois a ânsia interior que o levava a escrever, comprou o Tratado de Metrificação, de Antonio Feliciano de Castilho, e começou a fazer versos.

Um belo dia pega num dos seus sonetos e o remete a Álvaro Guerra. O mestre, admirado com a beleza dos versos, em desacordo com a linguagem mais ou menos fraca da carta que o poeta lhe escrevera, pede-lhe a prova de ser ele o autor do soneto remetido.

Gustavo responde imediatamente: defende a paternidade dos versos, e, referindo-se ao metro empregado, revela perfeitos conhecimentos de técnica.

Álvaro Guerra se convence, então, que está diante de uma grande revelação artística, e publica o soneto.

Foi a primeira vitória do poeta.

A mocidade da sua terra, num entusiasmo incontido, festeja o conterrâneo ilustre, que, menino ainda, via publicado no “Correio

Paulistano”, na seção entregue à grande autoridade de Álvaro Guerra, os seus primeiros versos.

Foi assim que começou o poeta.

Gustavo, embriagado com o próprio triunfo, lê, estuda, com afinco, e escreve, com aquele entusiasmo febril que faz os artistas, soltando ao vento, como um bando de andorinhas em revoadas os seus versos...

Vai depois para S. Paulo, onde residia o seu irmão mais velho, Francisco de Paula Teixeira.

Em companhia do irmão, dono de brilhante cultura e vasta biblioteca, Gustavo estuda com ele, enriquece o seu espírito e aprimora o estilo e educa sua vocação artística.

Em pouco, a colaboração do jovem poeta vem nos melhores jornais e revistas da época: “Correio Paulistano”, “Comércio de S. Paulo”, “A Notícia”, “Ilustração Brasileira”, “Capital Paulista”, “Minerva”, “Nova Cruz”, “O Eco”, “A Vida Paulista”...

Da reunião dos seus versos, surge o “Ementário”, tendo como paraninfo Vicente de Carvalho.

Foi uma estreia auspiciosa como poucas. A crítica literária, pela pena autorizada de Silvio Romero, Osório Duque-Estrada, Conde de Afonso Celso, Rocha Pombo, Humberto de Campos, Luiz Guimarães Filho, Goulart de Andrade, e tantos outros, artistas exigentíssimos todos eles, recebe o livro do jovem artista com hosanas. Chovem os aplausos, insuspeitos, de toda parte.

Estava consagrado o poeta.

Decorridos agora vinte e oito anos, a mocidade da Associação Acadêmica “Álvares de Azevedo”, da nossa Faculdade de Direito, num gesto que tanto a honra e eleva, veio, neste doce e festivo mês de maio, visitar o poeta, no seu retiro voluntário, nesta bela e encantadora cidade serrana, onde ele nasceu, sonhou e amou, para prestar-lhe significativa homenagem.

E, numa festa em que tomou parte, comovido, todo o povo da sua terra, a palavra sadia e moça de Diogo Pires de Campos, Auro de Andrade e Pero Neto, evocou a vida e a obra do grande poeta, recitando-lhe os versos admiráveis, para fazer sentir ao autor de “Folhas Mortas”, que não obstante o sopro revolucionário que agitou o campo das letras ultimamente, a sua arte equilibrada e perfeita, ainda conserva a realza e o esplendor antigos...

Oportuna essa homenagem, porque Gustavo Teixeira, solicitado por amigos e admiradores, vai enriquecer, dentro em pouco, as nossas letras, com a publicação de mais um livro de versos, “Último Evangelho”, do qual o “Correio Paulistano” já publicou alguns dos melhores sonetos.

Amando a sua arte, vivendo, neste retiro bucólico e ameno, para a sua arte, exclusivamente, Gustavo Teixeira obedece àquela fatalidade que arrasta e empolga os verdadeiros artistas.

É que Arte e Artista, amantes insatisfeitos levados irresistivelmente um para o outro, hão de viver sempre juntos, irmanados por um elo indissolúvel e eterno como Paolo e Francesca... Hão de perguntar, sempre, como o poeta do “Ementário”:

“Não é verdade, Amor meu, que
Nossas almas se buscaram
E, num lírico transporte,
Na foz do amor se juntaram,
Para a vida e para a morte?”

S. Pedro, maio, 936

NICOLAU PERO

A Noite – RJ

22 de março (segunda-feira) de 1937, p. 2

O poeta Gustavo Teixeira – “João Luso” (Armando Erse de Figueiredo)

O POETA GUSTAVO TEIXEIRA

O poeta Gustavo Teixeira é secretário da Câmara Municipal de São Pedro de Piracicaba ou Caldas de S. Pedro, como também lhe chamam. Aqui mora a bastantes anos, benquistado mas retraído, admirado, mas avesso a quaisquer relações ou convívios fora do círculo restritíssimo de amigos onde se sente em intimidade familiar. Com as outras pessoas fala o menos possível. Passa, a caminha da repartição ou à volta para casa, olhando a direita, como se não desse pelas criaturas e as coisas que por ali fora marcham ou estacionam. Usa pince-nez; e é de certo o único homem no mundo que ainda passa o cordão da luneta por traz da orelha, como é o último poeta que fala com respeito dos seus contemporâneos.

Se lhe louvam os versos, fica num enleio, num vexame, arrependido talvez de os haver feito e quase pedindo perdão de ter tanto talento. Porque a sua figura e o seu espírito foram o contraste mais singular. Por trás daquelas lunetas que se desviam, fogem dos outros olhares, há uma larga e ousada imaginação, que se expande incontivelmente, servindo a arte e criando a beleza. Se o semblante se nega e dá a impressão de querer apagar-se de todo, a alma – que nele absolutamente não tem seu espelho – como bem poucas se enche de inspiração, se exalta, se entrega ao seu sonho de sublimidade. E que extremo cuidado, que requintado esmero na execução de cada obra! Vejam como é admiravelmente trabalho este Retrato de Jesus (segundo Santa Brígida, Niceforo e Publio Lentulo):

*“Quase alto. Nem redonda a face nem comprida,
Não sendo musculoso, é de vigor dotado,
Lábios vermelhos e não grossos, Consolado
Sente-se que o vê, das mágoas desta vida.*

Nem muito levantada a testa nem caída,
Mas direita; o nariz igual, proporcionado;
Liso o louro cabelo até a orelha e ondeado
Para baixo, e, como este, a barba repartida.

A face de um tom róseo e docemente cheia;
Os olhos garços entre verdes. Belo, alteia
O corpo escultural, sem mancha, alvo, lunar.

Feições da Virgem, porte augusto e olhar profundo,
Não foi visto sorrir uma só vez no mundo!
Mas quanta vez se viu Nosso Senhor chorar!

Para a timidez de Gustavo Teixeira concorreu uma razão especial. O seu temperamento, já de natureza tristonho e como que amedrontado, sofreu aqui os maus tratos que determina uma rápida transformação do cenário e do ambiente. S. Pedro de Piracicaba, ou apenas S. Pedro, como oficialmente a designam, foi, até a alguns anos, uma localidade sossegada, obscura, estacionária, própria em verdade para abrigar este homem de ideal e de poesia, que vivia tanto melhor quanto mais o deixassem viver dentro de si. Nisto, aparecem “as águas” e todo aquele silêncio passa, dum dia para o outro, a burburinho, toda aquela solidão se anima precipitadamente. Surgem, como por encanto, os automóveis e os vastos ônibus que por aqui se chamam “jardineiras”. Abrem-se além das pensões inúmeras, dez ou doze hotéis, modestos embora, mas a que logo afluí uma clientela excessiva, em frequentes casos obrigada a recuar para Rio Claro ou Piracicaba e lá ficar esperando quarto vago. O jardim público em que meditavam os antigos moradores regorgita agora de passeantes. Há seis ou oito sorveterias, cinema, parque de diversões — tudo bem incipiente, é certo, mas já com uma freguesia entusiástica. Ora, no meio de tudo isso, o poeta sentia o seu refúgio invadido, revolvido, atreado pelos bárbaros do progresso. Precisava mais que nunca de se esconder, de se enclausurar na mansão suavíssima, e só ela inalterável, dos seus versos. Passou assim a compor com escrúpulo de ourives e enlevo de monge, o livro *O último Evangelho*, com sonetos em alexandrinos, outras tantas jóias de metal e lavor finíssimos. Admiram já o Retrato de Jesus; gozem o encanto de *Filha de Jairo* e do *Cego de nascença*:

Jairo, em Capharnaum, ao pé da filha morta,
Deixa a fio correr o doloroso pranto,
Tantos rogos em vão! Jesus demorou tanto!
Uma grande tristeza as almas punge e corta.

A mãe, numa agonia, a dor já não suporta:

Esmagada, sem voz, jaz, quase inerte, a um canto.
Começa o funeral. Nisto, envolto no manto,
No olhar trazendo o céu, Cristo aparece à porta!

- *“Porque chorais? Silêncio!” ordena com império,*
Calam-se a harpa, a doçaina, acitola e o psaltério
Que acompanhavam já o vôo da andorinha.

Exclama então a voz d’O que por todos vela:
“- Levanta-te, menina!” E a morta, calma e bela,
Abre os olhos, sorri, levanta-se e caminha...

Pensa: - *“Como será o céu, a estrela, a aurora?
As nuvens, o arrebol, as noites de luar?”*
E o cego, que tateia, ouvindo risos, chora
Nas trevas de uma noite opaca, tumular!

Jesus lhe põe as mãos nas pálpebras: - *“Agora
Vai à Fonte Siloé os teus olhos banhar”.*
No fundo do seu peito, onde a tristeza mora,
A alma, que a fé coroa ajoelha-se a rezar.

Lava os olhos. De chofre esplende o azul! Defronte,
Vê o sol que se eleva, as árvores, o monte,
E, a seu lado, perfil do Cristo envolto em luz.

Perto, fervilho um mar de lírios e de rosas...
E ele sente, mirando as coisas mais formosas,
Que mais bela que tudo é a imagem de Jesus!

Gustavo Teixeira conclui já o seu livro. Passa agora as boas horas da sua existência a repolir e reapurar cada soneto e, por assim dizer, cada rima. E sabe Deus os argumentos, primeiro, e depois a espécie de violência que tive de empregar para oferecer desde já ao público as três preciosidades que os leitores d’A NOITE me estão agora agradecendo.

Folha da Manhã – SP

19 de agosto (quinta-feira) de 1937, p. 6

O poeta da primavera – Octacílio Gomes

O POETA DA PRIMAVERA

(Copyright da Imprensa Brasileira Reunida Ltda. (I. B. R.) –
Exclusividade no Estado de S. Paulo para a “Folha da Manhã”)

OCTACÍLIO GOMES

Jahu a São Paulo, via Piracicaba. Em São Pedro, na rua que é a continuação da estrada poeirenta faço parar o automóvel e pergunto ao único cidadão que vejo:

- Sabe onde mora Gustavo Teixeira?

- É ali mesmo.

Indica-me uma casa, quase em frente. O poeta não está. Uma velha mucama, gordalhona e simpática, faz-me entrar e sai à procura dele. Parece acostumada a essas visitas de viajantes em trânsito, e nem sequer indaga quem é e o que deseja o visitante. Gustavo Tem amigos e admiradores em toda a parte, e de toda vem gente, que, de passagem por São Pedro, estaciona um momento para vê-lo. Até há pouco tempo, era o único atrativo do lugar. Agora as caldas, que já criam fama, começam a fazer-lhe concorrência...

A residência do suave cantor de Marina é de uma extrema modéstia. Do corredor exíguo, onde estou, percebo o piso de tijolos gastos de um canto de cozinha e distingo, através de uma porta mal fechada, um pequeno compartilhamento em que há, além de uma cama de ferro, uma mesa e cadeiras rústicas. É o quarto do vate. Tenho a impressão de que cometo uma grave falta devassando a intimidade alheia e desvio os olhos para o chão, para o teto para as paredes, enquanto concentro o pensamento na pessoa do são-pedrense ilustre.

Faço cálculos. Há talvez uns vinte anos que não o vejo. Raras notícias dele nesse longo espaço de tempo. Conheci-o em Santos aonde ia para banhos de mar, já com o nome laureado de autor do “Ementário”. Martins Fontes, que o amava, aproveitava-se da oportunidade de sua presença para lhe aplicar quanta injeção tonificante aparecia, de amostra, no seu consultório médico. Era um tímido. Teria uns 35 anos apenas, já havia sofrido muito, já as tragédias sentimentais lhe haviam posto sulcos no rosto e desconfiança nos olhos não obstante

a mocidade da alma a lhe florir em rimas. Vivia a enrolar os dedos na fita preta que, presa à lapela, lhe garantia a integridade do “pince-nez”. Era o seu cérebro. Como estaria agora Gustavo Teixeira, passados quatro lustros?

Ei-lo que chega. É o mesmíssimo Gustavo. Mais velho, apenas. Vinte anos mais velho! Mais rugas, menos cabelo, mas o mesmo “pince-nez” preso à mesma fita preta em que os dedos ainda brincam, a mesma timidez, a mesma sensibilidade, a mesma atitude de retração preventiva, que tanto pode ser o receio de um louvor à queima roupa, como o de um juízo menos favorável de sua arte. Pouca expansão, a princípio. O abraço, que eu lhe preparara, fica retido em meu coração.

Mas não demora a animar-se com a palestra. Falo-lhe de sua vida intelectual, recrimino-lhe o esquecimento voluntário a que se votou, reclamo-lhe versos, estímulo-o a falar de si, de sua obra, dos seus projetos. Sim, tem trabalho bastante, ultimamente. Compôs uma coleção de cerca de oitenta sonetos que formarão “O Último Evangelho”, dividido em três partes: Mirra, Incenso e Ouro. É toda a vida de Jesus em alexandrinos, da Anunciação ao Calvário. Um estágio superior da inteligência amadurecida e do espírito sossegado pelos anos. Mostra-me o volume datilografado, leio alguns sonetos ao acaso. Os versos têm a flexibilidade do jungo, amplos, claros e harmoniosos, a revelar o dedo do mestre que se exercitou em balados e cânticos reais. O meu entusiasmo é sincero e contamina o poeta. Ele se alegra, torna-se mais comunicativo. Tem outro livro a editar: “Êxtase”, em que reunira todas as suas poesias avulsas, inclusive dois longos poemas, “O Sonho de Marina” e “A canção da Primavera” de cem estrofes cada um.

O tempo, infelizmente, me é escasso. Tenho de prosseguir viagem e o abraço que não dei à chegada encontra à saída a correspondência desejada. Despeço-me saudoso daqueles rápidos instantes, contente comigo mesmo por haver conseguido insuflar um pouco de entusiasmo na alma do mais tímido dos homens e do mais modesto dos poetas.

*

O “Ementário”, ao surgir em 1908, constituiu um dos mais belos sucessos literários da época. A crítica com Vicente de Carvalho à frente, que lhe escreveu um prefácio que, no dizer de Sílvio Romero, é um belo pórtico a um edifício ainda mais belo, foi unânime em louvar e festejar a glória nascente de Gustavo Teixeira. Jornais e revistas do país e de Portugal viviam cheios de seus magníficos versos, que conseguiram impressionar até a alma fria da Escandinávia. Vários poemas seus foram

vestidos para o sueco... Chamava-se, então, Vicente de Carvalho, o poeta do mar, como a Olavo Bilac o poeta das estrelas. A Gustavo Teixeira, quando lhe conheci o livro admirável, achei que lhe cabia o título de poeta da primavera, tantas eram as flores que perfumavam a sua lírica suave. As suas mágoas eram profundas, e grandes as suas dores. Mesmo assim, porém, os jardins nunca deixaram de sorrir em meio as suas tristezas nunca os pássaros deixaram de cantar nos vergeis da sua fantasia, nem o sol deixou jamais de brilhar nos seus sonhos. De fato, Gustavo Teixeira nasceu com a primavera no coração. Mais tarde, bem mais tarde, veio ele demonstrar que eu tinha razão, escrevendo um dos seus mais formosos poemas, “A Canção da Primavera”. E ainda hoje, aos 55 anos de idade, a primavera fulge e canta na sua grande alma de artista.

*

Quando, há dias, a Academia Paulista de Letras foi desencavar Gustavo Teixeira do seu esconderijo de São Pedro, trazendo-o para a sua companhia e pondo-lhe de novo em circulação o nome quase esquecido, felicitei-o efusivamente. Mas aqui, de público, é à Academia Paulista de Letras quero apresentar os meus parabéns. Bem o merece a egrégia instituição que com tanta justiça se lembrou de premiar um dos mais legítimos valores da poesia nacional, oferecendo-lhe o diploma de uma precária mas honrosa imortalidade.

O Estado de S. Paulo – SP
07 de fevereiro (domingo) de 1943, p. 6
Gustavo Teixeira: o poeta do espírito – João Baptista

O POETA DO ESPÍRITO

João Baptista Pereira

Por volta do ano de 1920, quando iniciava a minha carreira de advogado, tive a imensa e inesquecível alegria de conhecer pessoalmente o humilde secretário da Câmara Municipal de São Pedro, lá nas fraldas dos chamados risonha e mística, suave e repousante, à qual devo tanto, não só pela acolhedora hospedagem, com que me recebeu, como pelo eficiente aprendizado de minhas primeiras letras de profissional do direito, que representa o jardim da infância de minha advocacia incipiente.

Gustavo Teixeira, o poeta da “roseira verde coberta de botões”, vivia oculto e invisível mesmo à população da cidade do apóstolo-pedra-fundamental do cristianismo.

Para vê-lo e conviver alguns instantes de sua espiritualidade translúcida, era preciso procurá-lo em sua casa antiga, de telha vã, em rua de gente pobre, mas afastado do centro, onde ele criava os seus valentes galos índios brigadores, exemplares típicos da raça, que eram o enlevo do poeta e o fixavam objetivamente à vida terrena.

Só, com sua cozinheira, a preta velha que, pacientemente, tomava conta do exilado, Gustavo Teixeira vivia mergulhado no pélagos infinito de seus sonhos de artista e de suas meditações de filósofo, com aquela resignação evangélica que edificava a quantos o procuravam.

Foi ali que o conheci de perto e auscultei os seus pensamentos mais íntimos sobre o mistério da vida e a ideia de sobrevivência da alma humana, pois Gustavo tinha uma crença inabalável e racional em Deus e na existência dos espíritos.

Conversávamos amiúde sobre os problemas transcendentais de nosso destino e penetrávamos muitas vezes pela bíblia a dentro, exumando os fatos gloriosos do Velho Testamento, por onde a Misericórdia do Senhor quis legar à humanidade de todos os tempos a afirmação peremptória de nossa imortalidade.

E quantas vezes desfilaram diante de nossa imaginação o rei Saul e a pitonisa de Endôr, Nabucodonosor e o festim do Baltazar, a mulher de Lot, vítima da curiosidade, convertida em estátua de sal ao se voltar

para ver a cidade condenada, Isaac e Abraão na terra de Moriah, sobre o monte “o Senhor proverá”. Pedro e João libertos pelo Anjo que lhes abriu os gonzos pesados do cárcere, Jesus a caminho de Emaús, Paulo caído por terra na estrada de Damasco ao ouvir a voz do Salvador, Zacarias advertido no templo pela entidade que anunciava a concepção em Isabel, sua mulher, a estéril, enfim toda a linda série de manifestações dos dóceis sonhos emissários do Criador.

Aquelas nossas tertúlias, às vezes interrompidas para dar entrada aos cavacos literários sobre a poesia e os prosadores, e afim de que Gustavo discorresse com sua autoridade de gênio iluminado, porque era ele um intérprete admirável não só de suas belas produções, como de outras de grandes vates brasileiros, portugueses, franceses, italianos e espanhóis, ficaram para sempre gravadas em minha memória, como oásis reconfortante no meio do deserto onde nos encontrávamos, não de “homens e de ideias”, mas de amadores das atividades espiritualistas naqueles remansos e bucólicos sítios do “hinterland” bandeirante.

A morte colheu Gustavo quando o fardo lhe era pesado demais e o mundo já o aborrecia, irresistivelmente.

Viveu sofrendo. Incompreendido no amor, porque os poetas não nascem para os deleites transitórios da vida conjugal, a morte constituiu para ele uma estupenda redenção e uma ressurreição solar, esta por ele mesmo definida no comovente soneto que nos manda de “lau dela”, dedicado ao seu berço natal, à cidade que elegera para seu “habitat” planetário na última jornada, e que foi verdadeiramente o seu grande e maior amor.

Gustavo adorava a sua São Pedro de Piracicaba, e a prova aí está na mensagem ritmada que lhe em via através da hipersensibilidade psíquica de Francisco Cândido Xavier, o jovem e mediúnico psicógrafo de mais de quarenta poetas desencarnados, conservando-lhes os estilos a estros, assim identificando-os nos pianos imortais do espírito onde vivem, amam e pensam embora “sem miolos na cabeça”, mas expressão feliz de Humberto de Campos.

Divulgando a produção “post mortem” de Gustavo Teixeira, quero também homenagear pessoalmente a cidade de S. Pedro de Piracicaba, que vive em minha saudade e no meu sincero reconhecimento; como símbolo e pórtico de minha iniciação na vida prática, após haver deixado as vetustas arcadas do velho mosteiro do largo São Francisco a Faculdade de Direito de S. Paulo.

Último instante, derradeira imagem
Nas procissões da sombra em longas filas...
Era a morte cerrando-me as pupilas
No doloroso termo da romagem.

Graças a Deus, a crença era meu pagem
E, buscando-lhe, ansioso, as mãos tranquilas,
Chorei de gratidão, só pressenti-las
Conduzindo-me à luz de outra paisagem!...

O'terra de São Pedro que amo tanto.
Com que angústia te vi, banhado em pranto,
Nos supremos e tristes estertores!...

Trabalha e espera sob os céus risonhos,
Que a morte é vida para nossos sonhos
E paraíso para nossas dores.

(a) GUSTAVO TEIXEIRA

O Estado de S. Paulo – SP
31 de março (quarta-feira) de 1943, p. 2
Gustavo Teixeira – Arlindo Barbosa

GUSTAVO TEIXEIRA
Arlindo Barbosa

Todos nós temos um baú íntimo, onde, de vez em quando, vamos procurar a vida... Achamo-la, esfrangalhada, esmigalhada em trechozinhos amargos e no meio desses amargos fragmentos, brilha, aqui e ali, uma recordação boa e sincera. Esse brilho projeta-se de longe, do fundo das horas passadas, onde palpita, sonha e vive um amigo que a morte levou, para torná-lo presente em todos os corações e em todas as saudades.

Meu baú íntimo atraiu-me em busca de recordações de Gustavo Teixeira, o tão humilde quanto grande poeta que nasceu, viveu e morreu na sua cidadezinha de S. Pedro, que muita gente teima em chamar S. Pedro de Piracicaba.

E pude encontrá-las e senti-las e para mais senti-las, volto, em pensamento, a S. Pedro, para rever a figura de Gustavo Teixeira, levando na alma e no coração toda a grandiosidade de sua arte de versejar e, por isso, admirá-la e compreender que esta admiração tocava as raias do misticismo e da veneração devida aos grandes poetas, muito especialmente quando esse grande poeta se acha aureolado de profunda humildade, como sucedia a Gustavo.

Numa tarde fria de junho de 1936, cheguei à terra de Gustavo. Cidade velha e pacata como as criaturas solteironas que têm uns restos de alegria, e com eles, não se divorciam totalmente do presente, muito embora prefiram o passado, porque no passado é que está verdadeiramente a razão da sua velhice...

S. Pedro, silenciosa e velha, dormia, naquela tarde, debaixo de um véu leve de neblina que lhe mandava a serra do Itaqueri, a leoa serena que se opôs ao avanço dos trilhos da Ituana, obrigando os homens do último império a tomar rumo diferente daquele, afim de que o progresso paulista fosse percutir nos mais longínquos sertões...

Em face de novo rumo, a cidade estacionou. Os homens tinham pressa e não perscrutaram os tesouros que a cidadezinha pobre ocultava no seu coração. Até que um dia, S. Pedro aparece no cartaz, ofertando suas águas miraculosas, vestindo-se com roupas novas para receber seus

hóspedes, a quem a ciática fisgava e a quem um rim incompreendido impunha larga lavagem.

Com as roupagens de S. Pedro, Gustavo apareceu no comentário burguês. A pouca mudança na fisionomia de sua terra nada o alterou. O mesmo homem pacato, sereno e doentio.

Quando fui vê-lo, em sua casa, confesso que pratiquei o melhor ato de minha vida. Vi-me de joelhos diante de sua figura alta e majestosa e sobretudo humilde. Aquela humildade era o prêmio de muitos desejado porque era a própria serenidade de um coração que muito sonhou, sonorizando os minutos da vida, atupindo de sonhos, ao mesmo tempo, outros corações anônimos que se iluminam com versos mágicos, para atravessar as noites de amargura com que a vida nos espera neste vale de lágrimas e de prosa, como dizia o Eça.

Para mim, S. Pedro desaparecera desde aquele instante e somente me ficou a pessoa de Gustavo. Ela era tudo. O pacato jardim público, com as palmeiras imperiais projetando-se na quietude da piscina; ruas de casas baixas e de terra vermelha; o nome de qualquer delas; o vulto de uma velhinha que passasse a caminho da igreja – tudo era do conhecimento de Gustavo. E a passos, fomos parar em sua casa, que era de porta e janela na praça onde se situa a Câmara Municipal, hoje simplesmente Prefeitura. Com um velho e sincero amor pela sua repartição, apontou-me para o edifício que vira nascer e onde, segundo falava, tinha muito que fazer. Era secretário da Câmara e redigia atas e consertava erros de redação dos políticos incultos e bem intencionados que sacudiram os primeiros empreendimentos em matéria de administração pública. Ali Gustavo bateu à porta. Minutos depois, apareceu uma mulher preta e gorda e luzidia, com os braços grossos à mostra e a gaforinha revolta. Era a velha ama do poeta. A única que o não abandonou em suas amarguras. E por isso, com ar maternal, recebeu-nos, recomendando a Gustavo seu remédio e sua dieta. Depois, desapareceu no meio de galinhas velhas, semi-depenadas pelo tempo, algumas pombas, um gato e um mamoeiro baixote e verdejante, abraçado de flores.

A preta velha explicou-me que as galinhas morriam de velhice, Gustavo não permitia, de modo algum, a sua matança. E ilustrando a conversa com uma prova viva, trouxe-nos um galo capenga e cego que esperava seus últimos dias à sombra da piedade do poeta e debaixo de um poleiro fresco e limpo.

Por essa ocasião, Gustavo ingressara na Academia Paulista de Letras. A notícia o comovera fundamentalmente. Mostrou-me velha fotografia

em S. Paulo, onde estivera pela penúltima vez. Datava de mil novecentos e dez. Estava entre poetas e jornalistas e desses me ficaram na lembrança a figuras de Julio Prestes e René Thiolier que, naqueles remotos anos, abriam as asas da inspiração para os vôos incipientes...

Minha intimidade com o autor do “Ementário” parecia já muito antiga, à proporção que ele mergulhava nos dias idos e de lá trazia, às vezes, com lágrimas nos olhos, uma carta, um poema, um recorte de jornal.

Falava compassadamente, na sua sala de trabalho, uma pequena mesa, ao lado de uma estante. Mostrou-nos a mim e ao poeta Epiteto Fontes, sua correspondência íntima com os vultos da Academia Brasileira de Letras, sinceramente encantados com seus versos. Não se tratava de simples elogios, de simples palavras de consolo, mas de expressões de profundo afeto e tentadores convites para exercer funções de relevo nesse ou naquele ministério, nessa ou naquela secretaria. Gustavo parecia satisfeito com as resoluções tomadas, de não deixar a sua querida S. Pedro. Nunca se arrependera. Lia-nos a correspondência de ministros e escritores da Academia e depois, olhava com satisfação pela janela, e seu olhar envolvia a pacatês daquelas ruas despreziosas onde dormiam [trecho ilegível] [x]çavam galinhas e mulheres conversavam à porta das vendas com os filhos pendurados das [x]vaias, quadro inalterável, e diário que os forasteiros encontravam e deixavam sem vestígio de sua passagem.

Seu grande amor foi S. Pedro e S. Pedro, como ele, escondeu no seu vasto seio, tesouros imensos. A terra, abandonada começou a reflorir com a descoberta de suas águas milagrosas. Revelou o seu coração numa angustiosa humildade. Assim, também, o coração de Gustavo começou a reflorir diante do seu livro “Último Evangelho”, uma série de impecáveis sonetos com que exaltou com pinceladas de mestre os quadros principais da vida do Divino Filho de Maria.

Nesse livro pôs Gustavo toda a sua arte e por causa desse livro, talvez, nunca pretendeu deixar sua terra, para um passeio ligeiro que fosse, tanto assim que nos confessou, mirando-nos com firmeza e ajustando o “pinçe-nez” bem junto dos olhos, que a última vez que visitara São Paulo foi em 1920! Não tinha tempo. A secretaria da Prefeitura tomava todos os seus minutos e com essa afirmativa, demonstrava que essa secretaria fora o seu derivativo predileto, o túmulo silencioso e amargo de sua mocidade desiludida. Tinha-lhe fundo respeito, atribuindo a ela todas as suas iniciativas frustras.

E deu-nos a conhecer, nessa memorável noite, os maravilhosos sonetos de seu “Último Evangelho”. Chegou a falar num possível editor e numas possíveis economias para uma edição por sua conta.

Nunca foi atraído pela chamada escola moderna. E argumentava que para a inteligência, o haver ou não “escolas modernas” era questão secundária. A arte, em sendo expressão de beleza absoluta, não se pode sujeitar a certas normas menos inflexíveis, uma vez que essas normas, por liberais, não exigem o apuro, a elegância, o polimento, a linguagem, o ritmo, o colorido e todos os demais pequeninhos elementos que adornam e elevam a poesia. A arte moderna, para os homens de talento, impõe muito mais exigências. Para os menos protegidos das luzes superiores, também nada exige...

Gustavo, portanto, poetando a moda antiga, seria o mesmo mavioso poeta da moda de hoje. Seu talento, sua bondade, seu drama íntimo escoimado de recalques e de vinganças, elevaram-no diante de todos nós. Jamais o tentaram acenos de bons empregos, relevo social, ondas fragorosas de cabotinismo, coisa que acontece comumente até mesmo a quem não sabe escrever uma linha em língua nenhuma e que quer aparecer e brilhar em qualquer circunstância de tempo, de lugar e de moda...

Foi por isso que acreditei na sinceridade dos ilustres membros da Academia Paulista de Letras, em eleger para ilustrá-la também, por valor que era, a figura de Gustavo Teixeira. Se a eleição lhe fora honrosa, não menos honrosa teria sido ao colendo cenáculo a presença do poeta, aliás, presença que se não verificou, pois a morte exigira antes...

Ora, um cenáculo que conta com um Francisco Pati, um Afonso Schmidt, Rubens do Amaral, Motta Filho, Soares de Melo, Menotti Del Picchia e outros nomes de elevada projeção em nosso mundo intelectual, não pode, de modo algum, relegar ao esquecimento o nome de Gustavo Teixeira. Como aconteceu à terra do poeta, que revelou os tesouros ao seu seio através de suas águas, seja-me permitido dizer que a Academia Paulista de Letras está no dever de tomar a iniciativa de “manifestar” o tesouro incomparável do coração de Gustavo – o “Último Evangelho” que, além de “Ementário”, enfeixa uma obra soberba, digna da mais ampla divulgação por todos os recantos onde chegue a refulgência dos bons versos e onde o nome de Jesus seja sinônimo de Bondade.

Aqui deixo meu pequeno sopro às cinzas que começam a encobrir a brasa viva da memória de Gustavo Teixeira. Produzir chamas é tarefa que escapa ao meu fôlego...

Correio Paulistano – SP (informado em nota manuscrita no recorte do jornal)

“Publicado por volta de 1950” (informado em nota manuscrita no recorte do jornal), p. n.i.

Gustavo Teixeira – Helio de Sousa

GUSTAVO TEIXEIRA

HELIO DE SOUSA

Um amigo fez há dias a justiça de se referir a mim como tendo sido o precursor da ideia de perpetuar a memória de Gustavo Teixeira no centro da cidade de São Pedro, sua terra natal. O caso liga-se à herma erigida no jardim local, e cuja inauguração deu margem a que Guilherme de Almeida, durante o ato, falasse sobre o grande poeta desaparecido.

DEZESSETE ANOS DEPOIS

A herma de Gustavo Teixeira em São Pedro e justamente no lugar onde se acha, tem para mim, com efeito, um significado singularmente superior. Em 1930, empenhei-me junto ao prefeito são-pedrense no sentido de ser dado o nome do poeta ao largo fronteiro à Igreja Matriz. Fiz correr pela cidade um abaixo-assinado, pois convinha dar à homenagem um colorido popular.

Mas o então vigário da paróquia se opôs. Exortou os fiéis a negarem sua adesão à lista por mim encabeçada. Gustavo era partidário da metempsicose. Emplacar com seu nome o largo da Matriz parecia uma ofensa ao culto católico. Parecia emplacar o espiritismo. O padre esquecia que o nome de Gustavo Teixeira era acima de tudo um patrimônio da cidade, representando uma glória positiva das letras paulistas, independente dos princípios religiosos que o poeta esposasse. Mas, esporeado por uma intolerância fanática, ele desencadeou tão violenta reação contra a iniciativa, que Gustavo Teixeira, não querendo servir de motivo para uma desarmonia na família são-pedrense, me procurou e pediu que torpedeasse a homenagem. Não o atendi o requerimento deu entrada na Prefeitura.

Que fez o poeta? Escreveu ao prefeito, confessando-se sabedor de um abaixo-assinado que se lhe referia e pedindo fosse o mesmo arquivado, já que não podia aceitar a homenagem.

Dezessete anos depois, vi com prazer o nome de Gustavo Teixeira na fachada do prédio do grupo escolar de São Pedro. Vi-o

também emplacado na praça central da cidade, onde justamente se inaugurou, como no resplendor festivo de uma ressurreição, a herma do genial artista do “Ementário”. Já ninguém lhe contestava o direito à imortalidade. Pouco importava saber se ele aceitava ou repelia a doutrina da reencarnação.

O PURO ARTISTA

Gustavo Teixeira mereceu o insigne privilégio de ser apontado como um dos maiores poetas líricos do Brasil. E dele se pode com justiça dizer que foi um artista puro. Amou e serviu a beleza com a exaltação de um convertido. Com exclusivismo. Com dedicação imensa e imenso idealismo. No sossego bucólico de sua vida simples, lá em São Pedro de Piracicaba, ele era como um voluntário da solidão, metido consigo e trabalhando para sua arte sublime. O culto do estilo impunha-se-lhe como nobre reação contra a forma frouxa e desatenta de certos românticos à Musset, então ainda inacreditavelmente apegados ao verso choramingas, parecendo espectrais sobreviventes de uma época perempta. Seu parnasianismo era antes o produto de uma convicção do que propriamente de uma simples questão de escola. Ele o que achava era que Flaubert tinha razão: que a obra de arte não podia sobreviver senão pelo estilo.

Por sinal que o “Ementário”, quando apareceu, foi uma revelação. Quer na suavidade, lírica da frase extreme, quer na transparência e na graça do pensamento elevado, tudo, nele, de princípio a fim, pelos seus tesouros de Beleza rara e de majestade palpitante, tudo contrastava com o feitiço diminutivo, simples, docemente retraído e modesto do poeta.

Os “Poemas Líricos”, arremessados à publicidade muitos anos depois, não superaram, a meu ver, o livro de estreia. Foram, todavia, uma brilhante confirmação das qualidades estéticas do poeta.

CONCLUINDO

Conheci Gustavo Teixeira na intimidade de sua pobreza e de sua modéstia, durante minha forçada permanência em São Pedro, de 1930 a 1931. Pude então apreciar os tesouros daquela grande alma, eu que já conhecia e admirava o fulgor de seu talento.

A herma do poeta, hoje erguida no coração da cidade que ele muito amou, constitui um ato de justiça e uma aplicação da lei da reciprocidade: é a homenagem da terra ao filho que tanto a engrandeceu.

O Estado de S. Paulo – SP

20 de fevereiro (sábado) de 1960, p. 3

Vida Literária: Gustavo Teixeira, o grego municipal – Leonardo Arroyo

GUSTAVO TEIXEIRA, O GREGO MUNICIPAL

A Editora Anhambi reuniu num único volume, de cerca de quinhentas páginas, com uma introdução de Cassiano Ricardo, as “Poesias Completas”, de Gustavo Teixeira. Poeta esquecido, e muito menos estudado, têm os leitores nesta obra oportunidade de apreciar, não somente uma expressão lírica, como um fenômeno literário de complexa realidade histórica. É que se estranha, como o faz Cassiano Ricardo, recordando uma observação de Emerson, como tenha sido Gustavo Teixeira “tão grego nas condições “municipais” em que escreveu o seu “Ementário”. Eis aí, parece-nos, o prejuízo maior de Gustavo Teixeira, com reflexos na sua obra. Faltou-lhe perspectiva histórica para situar-se nas coordenadas do fenômeno poético, fato cuja causa dispensa, nestas linhas, maiores comentários. O mal deste poeta foi ser grego municipal, um lírico voltado para si mesmo e de pouca exteriorização, pouca comunicabilidade, isolado no seu municipalismo de motivações muito pessoais ou intelectuais, e sem a necessária deformação para ultrapassar as fronteiras do seu meio cultural. Dir-se-á que queremos julgá-lo dentro de conceitos modernos. Nada disso. Mesmo dentro de sua época Gustavo Teixeira tem suas deficiências. Seu mal também foi o de ter escrito demais. Este excesso pode agora pesar na apreciação do seu valor, perturbando-o. Com todos os defeitos possíveis, contudo, Gustavo Teixeira foi sem dúvida um temperamento rico de lirismo, possui versos magníficos, não ignorou o segredo da composição poética. Morreu em 1937, ainda grego, alheio ao mundo além de seus limites municipais. Mas Gustavo Teixeira deve ser discutido, lido. Daí em conclusão, a importância desta iniciativa da Editora Anhambi.

A Gazeta – SP

Junho de 1961, p. n.i.

Gente Ilustre (15): O poeta Gustavo Teixeira – Silveira Bueno

O POETA GUSTAVO TEIXEIRA

Prof. Silveira Bueno

A cidade de Leme, entre Arara e Pirassununga, ocupa, em minhas recordações, precioso lugar. Em seu grupo escolar concluí meus estudos preliminares, aprendi a jogar futebol e também a fumar o primeiro cigarro, a primeira prova de virilidade com a qual se estadeia toda e qualquer adolescência. Tínhamos professores excelentes, grande era a curiosidade literária e já, aos domingos, no jornal da terra, todo me ufanava com as incipientes agressões à língua e à literatura, série de atentados que ainda hoje continua a perpetrar. Quando já me encontrava no quarto ano, em vésperas de receber o meu “diploma”, surgiu em nosso grupo escolar uma figura interessantíssima de professora ultramoderna, audaciosíssima para aqueles tempos já tão perdidos no passado. Chamava-se Dona Adelaide e a minha memória de criança não lhe guardou o sobrenome, se bem que nunca me esquecesse da sua personalidade. Morena, não de todo feia, magra, com leve buço masculino, trajava-se pouco femininamente, preferindo “tailleur” e gravatinha às saias rodadas da época. Dizia-se “sufragista”, adjetivo que nos vinha França e da Inglaterra, onde as mulheres lutavam pelo direito de voto, pela sua igualdade de direito aos homens. Naquele tempo, sufragista equivalia, mais ou menos, a comunista de hoje. Para ostentar a sua masculinidade, era quem dirigia o trole em que os professores da seção masculina se transportavam para o prédio bem distante onde funcionava essa parte do grupo escolar. Tudo isto me enchia de admiração, mas, quando vi, no primeiro número do jornal da cidade, um belo soneto assinado pela profa. Adelaide, corri à pensão onde ela residia para cumprimentá-la. Eram versos muito bem feitos, soneto realmente inspirado, e belo. Quando lhe manifestava a minha admiração, toda cheia de si, acrescentava:

- Desses, faço às centenas, de olhos fechados...

Voltei quase humilhado por aquela visita: fazia centenas, de olhos fechados, quando eu sofria horrores, suava frio durante toda uma semana para uma simples quadrinha! Que talento o da dona Adelaide! Comprei caderno especial para colecionar as suas poesias, pois, o jornal

de Leme continuava, aos domingos, a publicar os seus sonetos, cada qual melhor que outro. Mas certa manhã, quando todo o grupo escolar se encontrava em plenos labores, ouvindo-se apenas as vozes dos mestres a ensinar nas classes, eis que rebenta um vozerio do gabinete do diretor, coisa assim de briga, de ameaças de agressão:

- Corto-a de chicote! De rabo de tatu! Ladra despudorada!

Os professores saíram das classes, correram ao gabinete do diretor e como fosse meu irmão, também para lá corri, certo de que era com ele tal ameaça de chicote, de rabo de tatu e outras delicadezas. Lá estava um homem magro, de roupas de brim, chapéu de abas largas, bigodes ralos, tipo de caboclo, meneando na destra um temível rebenque. Quem seria? Por que estava tão indignado e ameaçando cortar de chicote a alguém do nosso grupo escolar? Era o poeta Gustavo Teixeira, então, residente em Cordeiros, hoje Cordeirópolis, segundo me disseram naquele momento. Por que estava assim em atitudes tão pouco poéticas? Quem seria a vítima que desejava cortar a rabo de tatu? Quase desmaiei quando soube de tudo: era a nossa sufragista, a nossa poetisa Dona Adelaide, que, ali, em Leme, a poucas horas de Cordeiros, tinha a coragem de publicar, dominicalmente, um soneto do poeta Gustavo Teixeira, como se fosse dela! Eram estes os sonetos que ela fazia, aos centos, de olhos fechados... E houve a surra prometida? Não: poeta ameaça, mas não bate... nem com uma flor, em mulher, ainda que fosse tão descarada plagiadora. Dona Adelaide não se achava no edifício e nunca mais a vimos: embarcou para a capital, pediu remoção, desapareceu, assim como desapareceram, o seu sufragista, e sua irrequieta masculinidade. O jornal de Leme, no primeiro domingo, já não trouxe um daqueles belos poemas da nossa magnífica professora. Dentro da minha desilusão de adolescente ficou o grande vazio daquela página, mas trago na memória a figura de ambos os protagonistas: a da plagiadora e a do poeta que nunca mais tornei a encontrar.

Muitos anos depois, quando já cursava estudos superiores, ao final de uma palestra em Jundiá, entre as pessoas que em vieram saudar, lá deparei com certo rosto que me pareceu conhecido:

- Dona Adelaide?

Era ela mesma! Magra ainda, mas vibrante e loquaz. Não me reconheceu: quando lhe falei no seu sufragismo de outros tempos, em Leme, prontamente se recordou daqueles dias da sua juventude. Estava aposentada já muito tempo, e, para encher o vazio de suas horas solteironas dedicava-se aos pobres, numa “Assembléia Espírita”.

- Lembra-se então de como era eu masculina?

- Se me lembro!...

- Pois, olhe, somente agora vim a descobrir a causa de todas aquelas expansões ultra-modernistas: em uma de nossas sessões, baixou o grande espírito de Napoleão Bonaparte...

- E que lhe disse?

- Que, desde a minha juventude se encarnara em mim! Daí aquele meu temperamento de homem, aqueles pulsos fortes com que conduzia o trole dos professores... Lembra-se?

- Como então? O espírito de Bonaparte vive em seu corpo?

- Vive, não! Manifestava-se através do meu temperamento!

Mais admirado ainda, muito mais do que quando visitei Dona Adelaide, naquela velha pensão de Leme, olhei o rosto da minha antiga professora: o pequeno buço de outrora era já verdadeiro bigode. Uma dúvida, porém, ainda me assalta: usava Napoleão bigodes? São mistérios dos tempos e do espiritismo.

A Gazeta [Literária] – SP

22 de outubro de 1966, p. n.i.

O verdadeiro perfil de Gustavo Teixeira – Justino Pinheiro

O VERDADEIRO PERFIL DE GUSTAVO TEIXEIRA JUSTINO M. PINHEIRO

A encantadora cidade de São Pedro de Piracicaba, que se espalha ao sopé da serra que lhe emoldura o casario e o envolve em amoroso amplexo, encerrou, no último domingo de setembro, a “Semana Gustaviana”, celebrada anualmente em homenagem ao seu filho dileto, o poeta do “Ementário”, Gustavo Teixeira.

Velho amigo, que conviveu com ele e dele conserva carinhosa lembrança, rebuscando antigos guardados, encontrou e trouxe-me um recorte de A GAZETA, de 26 de junho de 1961, com um artigo do prof. Silveira Bueno, intitulado “O poeta Gustavo Teixeira”, no qual traça o perfil distorcido e inexato do homem, apresentado como um ferrabrás, de palavreado e gestos truculentos e agressivos.

Narra o articulista o episódio de uma professora do Grupo Escolar de Leme, que publicava na edição domingueira do jornal local, como seus, sonetos e outras poesias do vate são-pedrense. Certa manhã, surge, de inópino, no gabinete do diretor da escola, um desconhecido, de rebenque em punho, que brandia ameaçadoramente, enquanto, aos gritos, perguntava pela “ladra despudorada”, para agredi-la a chicote, pelo furto dos seus versos. O temível agressor era Gustavo Teixeira, revoltado com o plagiato da professora de Leme. O fato não teve maiores consequências porque a plagiária não estava presente e até desapareceu da cidade, removendo-se para outra escola.

A apropriação indébita dos versos pode ter acontecido. Mas a narrativa da reação violenta do poeta merece formal contestação, ainda que tardiamente, mas com oportunidade em razão das comemorações da Semana Gustaviana.

Ninguém, na aprazível São Pedro tem conhecimento desse fato, ignorado até pelos parentes de Gustavo Teixeira, que lá residem, e que não passaria despercebido, pela singularidade.

O articulista refere que o poeta partiu de Cordeirópolis, onde residia, para a sua viagem de vindicta. Mas nesta localidade ele nunca morou, não tendo jamais saído da sua querida terra natal, salvo para curtas estadas nesta Capital.

Gustavo Teixeira foi um homem simples, de maneiras serenas e suaves, tímido, de uma timidez que atingia à humildade.

Era incapaz de manejar outra arma que não fosse a pena, que lhe servia para os misteres do cargo de secretário da Câmara local e, principalmente, para escrever os versos magistras, primorosos, dos seus devaneios poéticos.

A mão que empunhava a pena não apertaria jamais o cabo de um rebenque, na atitude inglória de agredir a mulher que lhe furtava os versos.

Nem o homem tímido, retraído, de personalidade marcadamente introversa, cujo coração, como disse Cassiano Ricardo, no prefácio das Poesias Completas, valendo-se dos próprios versos do poeta, era “uma roseira verde, coberta de botões”, seria capaz de explodir em palavrões e gestos desatinados.

Os botões daquela verde roseira não possuíam espinhos. O perfil de Gustavo Teixeira, debuxado no episódio narrado, não é verdadeiro. Quem o conheceu, vivendo entre os pássaros que tanto amava, na convivência fraternal dos seus amigos, com os quais disqueteava assentado sempre no mesmo banco do velho jardim da praça da Matriz, nas tardes que morriam suavemente enquanto o sol apagava-se paulatinamente, em afogueado ocaso, atrás dos altos morros que circundam a cidade, quem sentiu de perto a simpatia que se irradiava daquela figura magra de asceta, de feição suave, na qual o olhar absorto se escondia atrás do “pince-nez” de vidros grossos, quem tratou com o poeta e com o homem, não acreditará jamais que ele pudesse transmutar-se, despersonalizar-se, ao ponto de assumir o porte e o jeito de um valentão, brigador, a invadir uma escola à cata da ladra dos seus versos, para surrá-la.

O episódio não é, nem pode ser verdadeiro e não a afina com a vida sossegada, tranquila, do poeta, na tranquila e sossegada São Pedro.

Embora seja antiga a crônica do professor Bueno, sempre é tempo para restabelecer a verdade, corrigir o erro e reparar a injustiça, a fim de que a pessoa do vate são-pedrense, com ásperas arestas e com uma fisionomia que não lhe era própria.

Gustavo Teixeira foi sempre um bom, incapaz da bruteza que lhe é atribuída. Vamos conservar a verdadeira, a exata, lembrança de como ele foi, o Gustavo Teixeira de coração puro, “roseira verde coberta de botões”, que se abriam cada manhã ao rócio dos seus versos.

Conferência (livro integral – “Gustavo Teixeira: o poeta da Solidão e da Renúncia”)

18 de outubro de 1937, p. 1-28

Estabelecimento Gráfico CASA LIVRO AZUL – SP

Gustavo Teixeira: o poeta da Solidão e da Renúncia – J. Dias Leme

GUSTAVO TEIXEIRA
(O poeta da Solidão e da Renúncia)

Conferência realizada na noite de
18 de Outubro de 1937, no salão do
“Centro de Ciências, Letras e
Artes”, de Campinas.

Meus senhores

Com a entrada de Nelson Omegna para a Presidência do “Centro de Ciências, Letras e Artes”, parece que esta casa rejuvenesceu.

Já anda de boca em boca o eco das realizações culturais do “Centro”, nestes últimos meses, - demonstração soberba de que em Campinas também há gente que pensa no Belo e sabe entretecer a vida de coisas espirituais.

E, quando Nelson Omegna me disse que havia convidado o poeta Gustavo Teixeira para vir aqui receber uma homenagem de admiração, eu cá comigo mesmo, num arroubou entusiasmo, recordei em voz alta aquelas palavras de Magalhães de Azeredo:

“Porque me volta aos olhos, hoje, a tua
imagem, depois de um hiato escuro de anos e
anos?

Deixa que eu te contemple comovido e um
pouco perplexo.

A tua imagem é sempre bela.

A tua lembrança é sempre doce.”

Mas, meus senhores, é bem verdade o brocardo popular que afirma: “O homem põe e Deus dispõe”.

Depois de quase trinta anos de esquecimento, quando a Academia Paulista de Letras resolveu trazê-lo, pela sua mão, à cadeira de triunfo;

depois que os da geração atual, curiosos e embevecidos, aguardavam o reaparecimento do grande astro da poesia nacional, eis que a morte, - zombeteira e indiferente, fria e cruel, arrebatava para sempre, num ímpeto de inveja, o suave eremita de São Pedro de Piracicaba, deixando entre nós outros o vazio de uma decepção e a tristeza irremediável de quem perdeu um tesouro que não soube estimar.

Gustavo Teixeira, pode-se dizer, foi “o poeta do amor e da saudade”. Foi o monge lírico da solidão. Foi o sonhador que procurou sempre a penumbra para, - como as avencas, - viver tranquilo dentro de seus cismares.

Ao saber que fora eleito para a Academia Paulista de Letras, ficou desconcertado e profundamente inquieto. Ao receber centenas de cartas de cumprimentos e felicitações, sentiu a tortura da popularidade e ruborizou-se todo como se fosse assaltado pelo remorso.

Ao ver se ameaçado de receber homenagens e elogios, começou a temer que a sua vida de contemplativo fosse perturbada e que se profanasse o seu retiro. A notoriedade, a fama e a glória eram motivos para arrepelar a sua velhice ignorada e serena, pois ele mesmo havia escrito:

“E é um vago fumo, uma neblina
A Glória!”

Assim, talvez a festa que o “Centro” ia promover em sua honra mais o acabrunhasse, ao sentir-se glorificado em vida, - ele que jamais se preocupara com as vaidades do mundo e com as ambições dos homens.

A glorificação em vida é sempre torturante para os espíritos superiores, quanto é ridícula e fementida para os néscios e para as criaturas pavoneantes.

*
* *

Quase nada sabemos sobre a vida de Gustavo Teixeira. Do casulo da sua modéstia só nos veio o conhecimento de que era Secretário da Câmara Municipal de São Pedro de Piracicaba, onde sempre viveu. Deixou uma filha moça e morreu aos 55 anos de idade.

Nada mais. Nada mais, porém, é preciso.

Se é verdade, como dizem, que os gênios não têm pátria, os poetas também não precisam de certidão de idade, nem de árvores genealógicas para que todos conheçam a sua origem, os seus ancestrais e a sua descendência.

A história da sua vida se encerra quase sempre nos versos que compôs. A poesia é a descrição, em formas harmoniosas, dos feitos e dos sentimentos. É a fala cantante do coração. É a linguagem das emoções d'alma. Os versos são retalhos de confissões, são lágrimas rimadas, são soluços feitos trovas, são fragmentos de sonhos, farrapos de esperança. O coração dos poetas é um roseiral despetalando versos.

Só é poeta quem sabe fazer da vida motivos de poesia. Por isso é que Tristão de Ataíde sentenciou:

“Além do mais, todos que fazem versos se julgam poeta e é tão fácil fazer versos como é raro ser poeta”.

Os versos de Gustavo Teixeira têm poesia, - poesia cheia de beleza e enternecimento, porque exalta os nobres sentimentos e comove os corações mansos e simples.

Os moços escritores da nossa terra, que fizeram carreira luminosa e brilharam nas letras pátrias, quase todos saíram de cidades humildes. Querendo subir, querendo vencer, abandonaram seus lares, desamarraram-se da terra natal e correram em busca das grandes capitais do país, onde seus anseios pudessem encontrar eco, onde suas aspirações poderiam obter êxito.

Foi assim com Castro Alves e Fagundes Varela. Foi assim com Alberto de Oliveira e Coelho Neto. Foi assim com Humberto de Campos e Amadeu Amaral.

Logo que se emplumaram, abriram largos vôos para as alturas onde esplenderam e deslumbraram.

Gustavo Teixeira, no entanto, nada quis. Poderia ter sido tudo, mas preferiu ser apenas ninguém. A vida para ele era feita de doces e íntimas emoções. Se a ilusão despertava, nos neófitos das letras, a feira das vaidades e o amor material do gozo pelas coisas terrenas, - através das sensações violentas e mesquinhas, ele preferia ensimesmar-se na torre de marfim do seu temperamento de meditativo e solitário.

*

* *

Referindo-se à eleição de Gustavo Teixeira, para a vaga de Paulo Setúbal, na Academia Paulista de Letras, escreveu a “Folha da Manhã”:

“A escolha foi justa e feliz. Desse vate paulista, disse, com muito acerto, Vicente de Carvalho, ao prefaciá-lo o “Ementário”, seu primeiro livro de versos: “Gustavo Teixeira pertence ao resumido número dos que carregam sorrindo o peso da vida. Mágoas, e grandes, com certeza as terá sofrido: mesmo nos mais felizes a felicidade é, sobretudo, feita de resignação: e, nos poetas, a fantasia, aformoseando de miragens o horizonte, faz de quase todas as realidades desencantos. Mas as suas mágoas, não as desabafa ele em desespero e em indignação, arremessando contra o céu longínquo os seus versos, como flechas sibilantes e inofensivas... As suas tristezas são melancolias suaves: há sempre luar nas suas noites. O poeta do “Ementário” é um intelectual; creio que a sua única paixão absorvente, dominadora, será o verso”.

São de Otacílio Gomes, estes conceitos exatos, a respeito do grande poeta:

“O “Ementário”, ao surgir em 1908, constituiu um dos mais belos sucessos literários da época. A crítica, com Vicente de Carvalho à frente, que lhe escreveu um prefácio que, no dizer de Sílvio Romero, é um belo pórtico a um edifício ainda mais belo, foi unânime em louvar e festejar a glória nascente de Gustavo Teixeira. Jornais e revistas do país e de Portugal viviam cheios de seus magníficos versos, que conseguiram impressionar até a alma fria da Escandinávia. Vários poemas seus foram vertidos para o

sueco... Chamava-se, então, a Vicente de Carvalho, o poeta do mar, como a Olavo Bilac o poeta das estrelas. A Gustavo Teixeira, quando lhe conheci o livro admirável, achei que lhe cabia o título de poeta da primavera, tantas eram as flores que perfumavam a sua lírica suave. As suas mágoas eram profundas, e grandes as suas dores. Mesmo assim, porém, os jardins nunca se deixaram de sorrir, em meio às suas tristezas, nunca os pássaros deixaram de cantar nos vergeis da sua fantasia, nem o sol deixou jamais de brilhar nos seus sonhos. De fato, Gustavo Teixeira nasceu com a primavera no coração”.

*

* *

Ainda há poucos anos, assistimos à morte trágica de Hermes Fontes, o grande poeta sofredor e magnífico.

Sentindo-se só, viúvo de um amor todo feito de espiritualidade, Hermes Fontes, desiludido da vida, desesperado dos homens, rebelou-se contra Deus e procurou no suicídio o termo da sua angústia.

Batista Cepelos, outro poeta que foi um lapidador de versos, um fino joalheiro da poesia brasileira, sentindo-se desprezado, intoxicou o coração de pessimismos e, repudiando a vida que lhe fora um cálice de amarguras, procurou o refúgio da morte, despenhando-se do morro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro.

Gustavo Teixeira não. Soube ser forte, revelou-se sempre uma alma de eleição. Que importa se a vida é cheia de maldades? Que importa a ingratidão e as mesquinhas das criaturas humanas?

Um mundo interior, cheio de nobres virtudes morava-lhe no coração. Nada de imprecações. Só os fracos maldizem e se revoltam. Só os egoístas se rebelam contra os homens.

Ele detestava Ibsen e Nietzsche, porque compreendeu e praticou a célebre frase: - *“Se sofres, faz da tua dor um poema”*.

E a sua mágoa diluiu-se em versos meigos e tristes, o seu desencanto desmanchou-se em estrofes balsâmicas e enternecedoras.

Ele não sentiu o aproximar da morte irremediável, nem chegou a perceber que o seu fim estava próximo. Não teve necessidade de se arrepende e de se penitenciar para conquistar o céu.

“E Gustavo Teixeira é o último evangelista que, de lira em punho, dá ao mundo cristão um novo Evangelho, vazando nos áureos moldes que a poesia lhe proporcionou, e as letras pátrias mais uma peça literárias digna de figurar entre os clássicos, conforme noticiou a imprensa.”

São João Evangelista escreveu o Apocalipse porque fora desterrado para a ilha de Patmos, por ordem de Domiciano. O Apocalipse foi a revelação. São João, sentindo-se exilado, só pensava na sua igreja de Éfeso, deixando fixada em caracteres que atravessaram e atravessam os séculos, a interpretação da palavra divina.

Gustavo Teixeira exilou-se voluntariamente. Vivia-lhe no subconsciente aquele provérbio árabe: - *“um mediano bem estar tranquilo é preferível à opulência cheia de preocupações”*.

Em vez de procurar os salões doirados dos banquetes e recepções, a dizer madrigais às damas decotadas e rutilantes de jóias; em vez de andar pelas avenidas e teatros a ostentar sabedoria e mundanismo; “em vez de pensar na comédia sentimental de Versalhes, quando abades preciosos e viscondes duelistas respiravam o aroma da “Pompadour”, na frase de Agripino Grieco, ele preferiu de coração, gostosamente, a sua cidadezinha humilde e esquecida, para viver e sonhar, compondo seus versos, cantando seus desenganos.

Wells, - o famoso romancista e sociólogo inglês, escolheu o seu recanto campestre em Easton Gebe, onde construiu sua vivenda confortável, cercada de lindos jardins com largos artificiais e flores nenúfares.

Foi lá, no meio do luxo, na abastança da sua fortuna advinda dos seus livros maravilhosos, que ele escreveu e poetou, dando asas à sua imaginação genial, idealizando mundos fantásticos num futuro cheio de grandes realizações.

Kipling que viveu no seu castelo feudal, cercado de fâmulos, bafejado pela glória e pela riqueza, amava seu retiro feito da placidez morna da sua rica moradia, onde escreveu suas melhores obras.

D'Annunzio, que não perde achas da publicidade com que mantém a lareira da sua glória, vive a sua vida principesca, sentindo a volúpia de ser admirado pelos povos, deleitando-se com seus versos e seus feitos que já o imortalizaram na história da Humanidade.

Mas, meus senhores, o recolhimento e a obscuridade formam também um mundo misterioso que é a pátria dos predestinados.

As pérolas vivem e crescem no fundo dos oceanos.

São Pedro de Piracicaba foi sempre quase ignorada, porque paupérrima. Consta que há lá petróleo no seu solo. Agora, as suas águas já se vão tornando famosas pelas curas que têm realizado.

Mas, no tempo em que Gustavo Teixeira escolheu para seu habitat, era uma cidade modesta, graciosa e boa.

Para o poeta, entretanto, era como uma metrópole da ilusão. O seu casebre tão rústico era-lhe mais que um palácio. A paisagem que o rodeava era-lhe um cenário de luxuriante de árvores e bosques, onde a orquestra da passarada executava as mais lindas sinfonias. As noites de luar na sua terra, para ele, eram esplêndidas decalcomanias prateadas em alto relevo.

O luxo, o conforto e a riqueza dos gênios não causavam inveja a Gustavo Teixeira que, como um perdulário das rimas e dos versos, vestia o seu recanto com as roupas doiradas e cintilantes da sua poesia cheia de luz.

*

* *

Dizem que Gustavo Teixeira sofreu uma grande desilusão na sua vida. Dizem que viveu um romance de amor, como todos os poetas. Dizem que curtiu durante anos a angústia sem remédio de ser incompreendido e repudiado.

Não sei se isto é verdade ou lenda tecido em torno do seu nome. Nem esta hora é própria para desvendar certas coisas íntimas que devem ser respeitadas.

O que não resta dúvida é que seus versos revelam toda a sua história, todo o seu sofrimento. O que não resta dúvida é que ele foi um grande resignado e que a sua vida não foi mais do que um poema de Renúncia.

São de 1908, quando saiu o “Ementário”, estes versos magníficos:

“Quem perde uma ilusão ridente, nada perde;
 Pois outras ilusões
 Se abrem no coração, que é uma roseira verde
 Coberta de botões!”

Vê-se por aqui que o poeta ainda aninhava a esperança no coração. Percebe-se que ele, - cantor extasiado da Primavera, sentia florir aos seus olhos deslumbrados, as rosas vermelhas da Alegria.

Deve ter sido, naturalmente, no tempo em que se julgava feliz por ter ao lado quem enchia de encantos a sua vida sossegada.

Por isso ele escreveu aquela balada romanesca:

“Tu és o sol da minha vida!
 O teu amor de castelã,
 De um antro fez jardins de Armida,
 E dá-me a força de um titã...
 Eis-me, afinal, na Canaã
 Dos sonhos d’ouro, onde improviso
 Loas a Deus e odes a Pã,
 À doce luz do teu sorriso!”

Parece que esta vida de enlevo durou pouco. Parece que seu sonho de amor lhe custou grandes amarguras, porque na “Lira Azul”, ele confessava:

“Para cercar-te de flores,
 Vivo cercado de espinhos.”

O destino caprichoso e ciumento devia ter cortado os fios de ouro de um grande amor, a ponto de desterrar espontaneamente o mavioso poeta, que se refugiou em São Pedro, sozinho, silencioso e esquecido, sem uma queixa, sem uma revolta interior.

E assim ele ficou o resto da vida à espera de que a felicidade voltasse um dia. E assim morreu, ungido pela esperança.

Há muitas maneiras de interpretar a dor. Uns choram, outros amaldiçoam. Gustavo Teixeira interpretava deste modo:

“Meu coração te espera há quase um ano! E um ano
 Para quem ama é a eternidade.
 E à tona deste amor que é um agitado oceano,

Palpita a vela da saudade.”

Ouve a aragem noturna o meu lamento
 Que reboa através deste recanto.
 E não vens abrandar o meu tormento,
 Loiro lírio celeste que amo tanto.”

Seu lirismo converteu-se em religião estética, como em Byron e em Ruskin.

O retiro voluntário foi o cadinho acrisolado onde ele temperou o estro na forja dos grandes sofrimentos.

A arte é a libertação, como disse Ronald de Carvalho. A arte foi-lhe o refúgio e foi-lhe a nova caverna de Daniel onde ele aplacou os leões dos maus pensamentos, fazendo com a vara mágica do verso, jorrar da rocha do seu abandono os poemas delicados e os sonetos maravilhosos que são águas cristalinas da Poesia.

Naturalmente ele leu e decorou versículos de Isaías Caminha: - *“Fiquei de longe, sozinho, como sempre fiquei nessas coisas e como parece ser meu destino ficar sempre.”*

Assim se explica porque procurou o recanto natal onde passara a meninice e que lhe povoava a memória de tão gratas recordações. E, como um contemplativo, se enamorava da simplicidade virgiliana da sua gleba, sintetizando o mundo nas belezas simples daquela pacata e silenciosa São Pedro de Piracicaba.

É no “Ementário” que ele conta a alegria com que voltou para a sua cidade querida, escrevendo este soneto:

DE VOLTA

“Eis-me de novo no abençoado abrigo
 do sítio umbroso onde brinquei na infância!
 As flores, desatando-se em fragrância
 me cumprimentam com seu gesto amigo.

Borboletas e pássaros com ânsia,
 com a alegria do bom tempo antigo
 pousam-me no ombro, enquanto, a rir, bendigo
 esta esquecida, remansosa estância!

Tudo, ao me ver, de júbilo palpita!

Parece até que a abóboda infinita
acendeu as estrelas mais preciosas.

As moitas oferecem-me os regaços...
Como vos amo, ó árvores saudosas
que me embalastes muita vez no braços!”

Durante trinta anos o poeta, como um anacoreta da poesia, viveu à sombra do silêncio, embalando a imaginação na contemplação das coisas inatingíveis.

É na solidão que Deus fala aos homens. Foi na solidão que ele se sentiu como que inspirado para escrever o seu “Último Evangelho” que é uma centena de sonetos bíblicos. “É a vida de Jesus cantada pelo aedo de São Pedro, que nessa obra memorável se revela o cantor e o místico incomparável, na sublime beleza de sua arte, como escreveu S. T. M., no “Correio Paulistano”.

O “Último Evangelho” será mesmo uma coletânea de sonetos? Para mim é mais do que um “Flos sanctorum”. É um livro de orações. Seus sonetos são preces rimadas. São antífonas consoladoras.

Há certos versos que se tornaram populares. Andam no ar. A gente os repete em toda parte. “As pombas”, de Raimundo Correa, “Círculo vicioso”, de Machado de Assis, “Ouvir Estrelas”, de Olavo Bilac e “Esta vida”, de Guilherme de Almeida, são assim.

Mas, o “Último Evangelho”, de Gustavo Teixeira, é mais um livro de meditação. Lê-lo é tanto como rezar. É como “Da Imitação de Cristo”, do Conde de Afonso Celso. Os alexandrinos são puros e cantantes.

Quem, como eu, já anda quase deslembado do modo de orar, sente que a flor da fé anda lhe poderá desabrochar no coração, ao ler este:

PADRE NOSSO

“Padre nosso, que estais no céu, na estância flórea,
Hinos a ouvir, em mar de luz, no trono de astros,
Santificado seja o vosso nome! Glória
A vós que o olhar volveis aos que o dizem de rastros!

O vosso reino venha a nós como a alvorada!
Vossa vontade seja feita assim na terra

Como no céu donde dimana a lei sagrada
Que as almas ilumina e o bem supremo encerra.

Dai-nos o pão de cada dia, que imploramos,
As nossas dividas perdoais como perdoamos
Do íntimo da alma a todo nosso devedor.
Não nos deixeis cair em tentação. No mundo
Há tanto abismo, tanto báratro profundo!
Mas livrai-nos do mal, de todo mal, Senhor!

Estes versos devem ser lidos de mãos postas. Seus sonetos têm a unção de uns santos-óleos. São suaves e confortadores como um perdão.

Quem os ler, mesmo tendo o espírito saturado de descrença, mesmo tendo o coração fechado pelo ceticismo, sente a ternura invadir-lhe a alma e tem vontade de entrar numa igreja para rezar.

Um crítico, certa vez, estudando a obra de Rabindranath Tagore, disse que não se podia distinguir se os seus versos eram cânticos ou preces.

E a poesia, quando impregnada de misticismo, tem o sabor de um salmo bíblico que convida à meditação e eleva o pensamento para Deus.

Gustavo Teixeira foi chamado, e com justiça, o poeta evangelista, porque, nos últimos anos de sua vida ele viveu embevecido com as sagradas escrituras, traduzindo em versos líricos toda a magnificência poética da vida de Jesus. Seu pensamento vivia fixo no céu, cantando as belezas das passagens dos Evangelhos.

Rodrigues de Abreu, sentindo-se doente, de um mal incurável, voltou-se para Deus e escreveu os mais lindos versos em louvor ao Senhor.

Acaba de aparecer agora, com grande sucesso, o livro póstumo de Paulo Setúbal, “Confiteor”, no qual o autor conta como se converteu de novo à religião, tecendo um hino quente de sinceridade e de fé em louvor a Cristo.

Foi a tuberculose voraz que despertou nesses dois maravilhosos poetas a piedade cristã que tanta consolação lhes dera antes de morrerem.

São Francisco de Assis cantou as aves e os peixes. Hermes Fontes e Rodrigues de Abreu entoaram cânticos ao Senhor. Mas, na exaltação a Deus e nas glórias do Senhor, há uma paixão pelo infinito, há uma ânsia de redenção para em paga receber a bem-aventurança.

No “Último Evangelho”, ao contrário, há a beatitude serena de um crente compassivo que fez da resignação e da bondade a sua escada de Jacó.

Um grande pensador, percebendo que as novas leis e teorias sociais só têm trazido mais inquietação à humanidade descrente, não teve dúvidas em dizer que só a oração, diante de um crucifixo, poderia consolar aos que sofrem e aos que se desesperam.

Orar é conversar com Deus. Orar é como aconchegar os lábios ressequidos e sedentos a um veio de água, em meio do deserto. Orar é como que encontrar um poiso ameno para o viajante cansado e exausto. Orar é ser lembrado pelo céu, quando esquecido pelo mundo.

E Gustavo Teixeira foi um esquecido. A renúncia voluntária trouxera-lhe o esquecimento.

A esperança é a miragem consoladora dos que esperam alguma coisa. O esquecimento é a túnica

“*Que a gente veste para todo o sempre*”, como ele próprio o escreveu.

O esquecimento é o silêncio. E o silêncio é uma sepultura. A sepultura para os mortos, é a decomposição no fundo da terra. A sepultura do silêncio, para os vivos, é a introspecção, é a renúncia, é a humildade, é a ternura, é o “nunca mais”.

Gustavo Teixeira, já nos últimos tempos de existência, ao ver-se aclamado pelos seus admiradores sinceros, percebeu que os seus últimos sonhos, - como uma corsa fugidia, sumiam-se à procura do crepúsculo.

E, pendida a cabeça sobre o peito, pensativo e triste como um cisne, alheando-se mais ainda da vida, rememorou toda a sua história nos esplêndidos versos de:

RENÚNCIA

(A Manoel de Azevedo)

Cansado de correr atrás de sonhos loucos,
 Descanso. Nada mais desejo, nada mais!
 Os felizes são tão poucos!
 Felicidade! Um dia, eu vi partir do cais
 Numa palpitação de velas
 Cor de luar,
 As minhas flóreas caravelas,
 Para nenhuma só voltar...

Perscruto o mar. Ao longe, atrás de uma onda
 Que se arruía em espumas de cambraia,
 Deve brilhar Ofir, deve esplender Golconda...
 Mas fica tão distante aquela praia...

Só é feliz quem não procura
 A felicidade.
 A única ventura
 É nada desejar, de nada ter saudade.

Um dia,
 Em tempos que lá se vão,
 Eu também quis, numa alta fantasia,
 Fazer do mundo a volta num balão.

Hoje nada me tenta. Eu só aspiro à calma
 Beneditina, a paz monástica, a quietude.
 Fechou as asas a minha alma,
 Que não adeja e não se ilude.

Se, toda rosicler, a aurora me convida,
 Com o sorriso mais doce desta vida,
 A ver o mundo do alto da montanha,
 A deixar os meus hábitos de monge:
 Eu olho a encosta que de luz se banha
 E dou sinal que não...

- “É muito longe!”

*
 * *

Carlyle, numa das suas “Conferências”, classificou os poetas em Heróis e Profetas. Herói é aquele que vive na esfera interna das coisas, dentro do verdadeiro, do Divino e Eterno. Fichter chama o homem de letras, por isso, um Profeta, - sacerdote expondo o que é divino para os homens.

Gustavo Teixeira, por ser poeta, foi um profeta e mais do que um herói. Quem escreveu o “Último Evangelho” deve ter morrido em “odor de santidade”.

Otacílio Gomes disse que ele nasceu com a Primavera no coração. Ele, que sempre se enamorou da natureza que lhe enchia de encantos a pequenina gleba da sua cidade natal, cantou a estação das flores tal como um salmista, dando-lhe a sua inspiração, os seus versos e a sua mocidade. E, como se tudo isto fosse pouco, no dia exato da entrada da Primavera, num ofertório sublime, deu-lhe a própria vida de presente, como sua última homenagem.

Ao dormir agora, no regaço úmido da terra que ele tanto amou, a Primavera, - que trouxe música nos ninhos, que surgiu imponente com as suas guirlandas verdes de folhas, há-de naturalmente, sentir a falta do seu cantor apaixonado, do seu poeta enternecido.

E se Stecchetti queria que da sua sepultura brotassem flores que dissessem dos seus ais e dos seus versos que não foram escritos, eu creio que a Primavera, - daqui por diante, todos os anos, num preito de saudade, fará os ciprestes rezarem baixinho, fará as casuarinas gemerem de recordação, fará as roseiras chorarem suas lágrimas de pétalas sobre a campa de Gustavo Teixeira, onde forçosamente brotarão os “loiros lírios celestes” da sua poesia, cujo perfume, nas noites de luar, há de subir ao céu como um cântico dos cânticos.

Ensaio (em livro – “Fôlhas Esparsas”)
1954, p. 62-73
Indústria Gráfica Cruzeiro do Sul Ltda. – SP
Gustavo Teixeira – Antonio Osvaldo Ferraz

GUSTAVO TEIXEIRA
(2-IX-1949)

Meu trabalho não fixará juízos críticos, respeitantes a Gustavo Teixeira, mas terá a intenção, aberta e franca, de dizer as impressões recebidas ao contato dos seus poemas.

Tenho a certeza de que ninguém exigirá de mim mais do que proponho a narrar, dum modo tão simples, como um serão familiar à lareira. O tempo tão reduzido proibiu-me de fazer penetrante exame da obra do poeta são-pedrense.

Mas, seria preciso uma dissecação integral de sua obra para adquirirmos plena consciência de que ele é um poeta de verdade, é um artista de alto quilate?

Não. A sua consagração como poeta excelente vem desde o primeiro livro que publicou. “Ementário” foi recebido com o aplauso unânime de crítica do país. O agudo exame dos seus versos apenas nos faria sopesar mais profundamente a mensagem do autor, no requinte da sua sensibilidade, na afluência recebida durante a sua formação artística, na seleção das suas ideias e sentimentos, no lavor do seu estilo e nas cintilações da sua forma, no apuro do seu gosto e, em suma, na sua evolução espiritual.

Talvez não coubessem mesmo tais cogitações numa hora de homenagem. Homenagem é muito mais emoção do que lógica, muito mais coração do que cérebro!... E se me mandarem escolher entre cérebro e coração, escolherei o coração... O coração é a uma força poderosa e constante. É mesmo a chave do cérebro.

Está claro, o sentido desta homenagem é fazer crescer ainda mais o entusiasmo pelo poeta. E entusiasmo é uma etapa sentimental, é uma forma de amar.

Sintamos neste instante, com mais ardor, as páginas sutis, as páginas de fogo, as páginas de oiro, as páginas de revolta, as páginas de resignação do vate. Depois de apreciar a sua obra, todos nós, no sossego e recolhimento, esmiuçaremos, com respeito, paciência, penetração e

prazer comovido, as peças de que são constituídas as supremas glórias do artista.

“Ementário” veio a lume no ano de 1908. A crítica o recebeu batendo as palmas, em calorosos louvores. Vicente de Carvalho, primoroso poeta santista, ao escrever o prefácio da obra, teceu-lhe os mais rasgados elogios. Dentre as proposições saídas da sua pena, destaquemos as seguintes: “Basta, às vezes, um verso para revelar um poeta. Há versos que, por assim dizer, ficam fulgindo nos olhos e cantando no ouvido de quem os lê”. Mais abaixo cita, como um ponto alto da poesia patricia, esta estrofe de Gustavo Teixeira:

“Quem perde uma ilusão ridente nada perde!
Pois outras ilusões
Se abrem no coração, que é uma roseira verde
Coberta de botões”...

O prefácio de Vicente de Carvalho vai se estendendo, vai se desdobrando, vai se ampliando e mais versos e poema do vate são-pedrense são colocados em nichos realçantes. Mas Vicente de Carvalho agora contesta Taine que afirma que o homem é produto do homem. Gustavo, para ele, não pode ser produto do seu meio, do seu ambiente!

Eu me lembro de que ouvi algumas conferências literárias de Tristão de Athayde, no auditório de “A Gazeta”. E o respeitado crítico tudo explicava como um produto do meio, menos os homens de eleição. Estes, na opinião do crítico, eram uns privilegiados, superando o próprio ambiente...

Discordo desse misticismo em torno dos espíritos de polpa. Porque estes, embora dotados duma organização mais robusta, dumas circunvoluções mais acentuadas, duns nervos mais sensíveis, duns sentidos mais refinados, refletem, indubitavelmente, a realidade, os sonhos e os anseios do seu próprio meio. Mais bem dotado psicologicamente, Gustavo Teixeira é a maior síntese emotiva do seu próprio meio. Se teve pouco contato com rodas literárias da Paulicéia e nenhum contato com as esferas literárias do Rio, de Portugal, da França e de outros países, recebeu a sua influência pelo correio, como monologaria o Jacinto de “A cidade e as serras...”. Mas a substância da sua poesia, a palpitação arterial e nervosa da sua frase, o calor sanguíneo dos seus assuntos, isso, em grande parte, foi haurido em São Pedro, ao pé das ondulações azuis das serras, no pinturesco da região, no lirismo encantador dessa sociedade profundamente religiosa e infinitamente sonhadora. Ambiente de Dulcinéias e Julietas, de casas amáveis, de

paisagens amenas, de neblinas sutis, como poeira de cal, de bucolismo virgiliano, de cascatas sussurrantes, de passeios à fonte, agora substituídos por voltas em torno do jardim... Mas sempre a mesma simplicidade romântica de vida!

Ali, a igreja erguendo o seu campanário para o ar imóvel, como uma eterna prece, sorvendo, todas as manhãs, o primeiro gole de sol. Igreja das novenas, da purificação e da espiritualidade envolta em espirais de incenso. Igreja do mês das flores, do mês de Maria, das filhas de Maria... Das ladainhas e dos hinos sacros. Da austeridade do ritual e da amenidade dos Evangelhos. Do recalque e da libertação do confessionário...

Poucas ruas e um punhado de casas da eterna vigilância... Há uma medida sizada para a vida das pessoas!... Fugir da realidade para o país do sonho, eis o recurso! Nem todos fariam isso com brilho, mas Gustavo Teixeira o fez.

Meditem bem os que me seguem o fio do pensamento. De onde saiu a plêiade mais lírica e encantadora dos poetas nacionais? Da metrópole? Não. De Vila Rica: Cláudio Manoel da Costa, Inácio Alvarengo Peixoto, Silva Avarenga, Bartolomeu Antônio Cordovil, Bento de Figueiredo Aranha...

Ampliando mais as nossas vistas: de onde vieram Gioto, Rafael, Ticiano, Goya, Van Gogh, Renoir e o nosso imenso Portinari? E o Aleijadinho? E Bach, o matemático da música, e Mozart o poeta da música, e Beethoven, o filósofo da música? Nenhum, das grandes cidades. Saíram do campo ou da província.

A arte, em grande parte, é feita de sonho, e sonha-se mais do doce sossego ou na aborrecida quietação da província.

Manoel Bandeira, grande poeta modernista, que deixou de ser melancólico para banhar sua poesia na fonte da ironia e do humorismo, já afirmou, numa recente entrevista, que os seus versos não são escritos no bulício social do Rio de Janeiro, mas sim nas férias, quando se acha na vida vadia da fazenda. E esse Manoel Bandeira está sempre fugindo da realidade, está sempre no país do sonho...

“Vou-me embora p’ra pasárgada
Lá sou amigo do rei

Vou-me embora p’ra pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente

Que Joana a Louca da Espanha
 Rainha e falsa demente
 Vem a ser contraparente
 Da nora que nunca tive”.

No Brasil, o lirismo tem brotado vicejante de toda a parte, notadamente das províncias e das regiões do Nordeste. É verdade que para ser-se um poeta primoroso e refinado, de alto conceito nacional ou universal, necessário se faz passar por um árduo aprendizado, necessário se faz trabalhar paciente e beneditinamente para alcançar o esmero da forma, a expressão perfeita.

Um poeta de certo valor precisa possuir três qualidades inseparáveis: robusta intuição artística, convivência apaixonada com os livros e dedicação e amor à sua arte. Gustavo Teixeira, intuição privilegiada, erudição e cultura extraordinárias, grande cinzelador de magníficos versos, é bem o espelho perfeito do bom poeta. A poesia, essa arte suprema do ritmo e da harmonia, essa parte olímpica, fê-lo Himalaia de São Pedro, mas tão fulgurante que seus vivos raios de luz poéticos esparziram, como poeira de ouro incandescente e vibrátil, por todo o Brasil, levando-o a uma poltrona da Academia Paulista de Letras. Todavia, queiram ou não queiram os fados, Gustavo Teixeira é a síntese grandiosa e palpitante, a síntese triunfal de sua cidadezinha pitoresca e romântica, terra tão franzina e sutil que nos lembra uma tela sutil e vaporosa de Corot.

Folhando o “Ementário”, topamos logo com o vigor do estro do vate, em excelentes alexandrinos:

“Sob o pátio de um céu broslado de cambiantes,
 A galera real, de tírias velas tesas,
 Avança rio a dentro, arfando de riquezas,
 Cheia de um resplendor de pedras coruscantes.

Sob um dossel de bisso, entre espirais ebriantes
 De incenso, a escultural princesa das princesas
 Cisma... Remos de prata, à flor das correntezas,
 Deixam móveis jardins de bolhas trepidantes.

Soluçam harpas doiro às mãos de ancilas belas:
 Branda aragem enfuna a púrpura das velas

E à tona da água alveja um espumoso friso.

E a Náiade do Egito, ao ver a frota ingente
De Marco Antônio, ri, levando unicamente
Contra as lanças de Roma a graça de um
sorriso...”

Esta aí o poeta, repleto de imaginação, cheio de fogo na frase, cheio de música nos versos, mas um tanto apegado aos velhos assuntos, atinentes à Grécia antiga e à Roma. Assuntos de uso e abuso dos parnasianos como Herédia, Leconte de Lisle, Bilac e outros mais. Bilac, todavia, foi mais espontâneo e humano, menos convencional, no seu soneto que tem o mesmo nome.

Mas esse moço de vinte e cinco anos, que é Gustavo Teixeira, quando escreveu “Ementário”, tem coisas fluentes e sublimes assim:

“Orvalho que afogava as brancas açucenas,
Luzia como pranto em pálpebras humanas.
Os cravos, espalmando as pétalas serenas,
Tinham a cor triunfal das púrpuras romanas.”

“Ementário” compõe-se das partes: Amor, Aquarelas, Cambiantes e Os triunfadores. Todas elas encerram formosos poemas. Mas em Aquarelas o vate mostra mais firmeza, maior segurança, maior equilíbrio de concepção. O cérebro aí se equilibra melhor com o coração. A ideia se irmana com mais justeza à forma. Diria Amadeu Amaral: “Os impulsos são temperados com a disciplina, a inspiração com o aprendizado, a invenção com o estudo”. Desse capítulo, leiamos o soneto intitulado “A Águia”:

“Asas de ponta a ponta abertas no Infinito,
Quase roçando o Azul, já das estrelas rente,
A águia, no surto audaz, como os titãs do mito,
Tenta escalar o Céu, fitando o sol de frente.

E, sussurrando, solta o belicoso grito,
Que é a nota de um clarim vibrando heroicamente,
Quando, vermelho, o sol, o leão flamicitino,
Rola, sangrando luz, no boqueirão do Poente.

No ventre dos bulhões, onde se apinham raios,
Crava as garras de ferro e entre as nuvens
marinhas,

Indo as asas fechar nos cimos himalaios.

E, acima do homem vil, que anda gemer de
rastros,
No pináculo dorme o sono de rainha,
Tendo por trono – a Terra, e por diadema os
astros!”

Um grande artífice dos versos se denuncia por esse soneto!
Imagens encantadoras, brilho extraordinário da forma.

Mas o poeta não nos apresenta o seu lirismo caudaloso e exuberante. Quando ele mais se aproxima do seio da sua cidade natal, dos seus problemas, da sua angústia, da sua revolta, do seu desconsolo, da sua saudade, seu lirismo, abemolado, em tom menor, brota tão pessoal, tão brasileiro, tão nacional, que nos tomamos duma comoção tão contagiante e profunda. “Sua mensagem, diria Roberto Alvim Correia, tem o caráter de uma reivindicação a cujo contato o que mal existia em nós se anima, se expressa, toma consciência de si mesmo”. Essa transmissibilidade de fumegante emoção humana vemos em “Fugitiva”:

“Adeus! Já não és minha e não me amas! Nunca
Em tua alma floriu um sentimento nobre!
A dor de te perder a própria voz me trunca,
Mas, vai! deixa que a nau sem bússola soçobre!

Meu coração que o teu olhar espinhos junca,
Se estorce e plange como um sino em triste dobre.
Do meu castelo fizeste uma espelunca
De um asceta infeliz, de um miserando pobre!

Vai, andorinha!... Chega entre boreais rajadas
O inverno que faz voar os pássaros dispersos,
E veste de neblina as loiras alvoradas.

Mas embora de mim e do meu pranto mofes,
Hás de sempre escutar o choro dos meus versos,
Há de seguir-te sempre um séquito de estrofes!”

Atentemos ainda mais nessa aquarela de tintas suaves e esmaecidas. Há talvez nesses versos um influxo bilaqueano e raimundano:

VISÕES

(às meninas que eu amei)

“Ó vós que na manhã de minha mocidade
 Reduziste a pó as minhas esperanças,
 Porque vindes por entre as névoas da saudade
 Derramar em minh alma o perfume das tranças?”

Ó flores que trazeis o olor da virgindade
 E risos matinais em bocas de crianças,
 Deixai-me, enfim, em paz na minha soledade
 Apascentando o meu rebanho de lembranças!...

Mas se agora nos punge a dor do louco amante
 Que via em vosso olhar a estrela do Levante
 E ouvia uma canção em vossa ebriante voz

Quando em breve eu fechar os olhos entre círios
 Pagai-me em bogarís, crisântemos e lírios
 As santas ilusões que desfolhei por vós!”

Fechamos o “Ementário” e abramos agora “Poemas líricos”. No “Ementário”, Gustavo Teixeira é poeta romântico em transição para o parnasianismo. Muito embora tivesse sido um feliz estreante, não foi um libertado das convenções. A influência dos modelos se faz sentir de onde vez em seus versos e nos seus assuntos. Mas em “Poemas líricos”, publicados em 1925, já se nota maior emancipação do artista. Não claudica mais entre duas escolas. Foge do romantismo rançoso e do parnasianismo, que fez poesia principalmente com o apuro da forma.

Penetra no templo do simbolismo. Deixa de ser um grande discípulo e torna-se um mestre. Deixa de ser um lindo e saboroso fruto verdeengo e torna-se um pomo de ouro, sem nenhuma acidez, excelentemente sazornado.

A arte não é uma caduquice. Ela tem que acompanhar as grandes correntes do pensamento de cada época. Debussy cria uma música de timbres, politonal, de acordes vagos, feita da sequência de imagens sonoras. Manet cria telas impressionistas em que os mesmos objetos apresentam tonalidades infinitas de cor, levando-se em conta as horas do dia, o estado do céu, a atmosfera. Claude Monet, outro impressionista, pintou algumas dezenas de vezes a Catedral de Rouen, em todas as

horas do dia, para demonstrar a relatividade da sua cor. O estudo da cor e da luz absorveu a corrente renovadora da pintura: o impressionismo. Também na poesia houve inovação. Mallarmé cria uma poesia nova fazendo desaparecer nas brumas indecisas do simbolismo tudo quanto a poesia nos pudesse oferecer de vulgar. É a poesia musical, onomatopaica. “Mallarmé, diz Alvaro Lins, pretendeu retirar das palavras os seus elementos acidentais para atingir a essência poética das coisas que elas simbolizam”.

Leiamos este soneto de Gustavo Teixeira em que as palavras e ritmos sugerem algo de tétrico e sombrio:

“À SOMBRA DOS MONTES”

“No exílio deste vale, onde me entumbo
Sob o velário das neblinas frias,
Meu coração é o pêndulo de chumbo
Que marca as horas destes longos dias.

Morro de tédio, de pesar sucumbo!
O vento, que enche as solidões sombrias,
Vai propagando o fúnebre retumbo
Pelas formas e alpestres serranias.

Sol! Tu que tinges de carmim as rosas
E para a glória da alvorada existes.
Rasga nas brumas amplidões riosas!

Quero escalar os píncaros dos montes
Porque meus olhos vão ficando tristes
De saudade dos amplos horizontes!”

Aí o poeta afinou a sua lira pelas concepções estéticas universais do momento. Mas em “Lira Azul”, capítulo do mesmo livro, é que ele se desprende completamente de todas as influências, ou de modelos, ou de escola, e agigantou-se ainda mais na sua arte. Aí ele alcançou o equilíbrio, o aticismo, a expressão natural, a espontaneidade, a musicalidade, a sedução da forma e do estilo. Fez poesia da melhor, sem nenhuma eloquência. Quadrinhas sutis, graciosas e filosóficas. Imaginação pronta, delicadeza etérea de sensibilidade, tão tênue e vaporosa que culminou numa simplicidade luminosa e cintilante. É um estradivário nas mãos de um Bouillon, tocando em surdina:

“Vagueio pelas florestas,
 Pelo vale, pelo prado,
 Colhendo lírios e giestas
 Para ofertar-te, anjo amado.

Vê quantas acerbadas dores
 Me custam os teus carinhos:
 Para cercar-te de flores,
 Vivo cercado de espinhos!

No livro do céu profundo
 Eu lia, em letras radiantes,
 A sorte dos que no mundo
 Sonham dias fulgurantes.

Lia a tua: num transporte,
 As estrelas mais brilharam.
 Quando fui ler minha sorte,
 As estrelas se apagaram...

Amo o silêncio. O lamento
 Da água que foge, a canção
 Das aves, a voz do vento,
 Tudo me causa aflição.

Busco o silêncio do leito:
 Mas com acerbo pesar,
 Descubro dentro do peito,
 Um velho sino a dobrar...

Salgueiro, que te debruças
 Para chorar sobre as águas,
 Em vão sobre elas soluças!
 Não se vão as tuas mágoas!”

Essas quadrinhas me fazem lembrar um conceito de Giovanni Papini: “A poesia deve ser destilação refinadíssima em uma gota de perfume potente, de uma massa enorme de erva e de flores”.

Há tanto tempo, tinha eu pouco mais de vinte anos de idade, fui a São Pedro com o meu amigo jornalista Hélio de Sousa, afim de visitar Gustavo Teixeira. Modesto na atitude, cordialíssimo no trato, olhos vivos e faiscantes, acolheu-nos o poeta com satisfação sincera. Ouvíamo-lo conversar: uma nobreza de mentalidade, uma nobreza de sensibilidade!

Voltamos, àquele tempo, a Piracicaba, nossa queridíssima e amantíssima cidade natal. Mas ficou dentro do nosso espírito toda a aristocracia de encanto e de beleza espiritual do vate são-pedrense.

Apresentação para antologia (em livro – “Poesia Parnasiana - antologia”)

1967, p. 290-291

Edições Melhoramentos – SP

Gustavo Teixeira – Péricles Eugênio da Silva Ramos

GUSTAVO TEIXEIRA

GUSTAVO TEIXEIRA, poeta que via as rimas “sacudindo as asas cor de chama” e desejava que a estrofe soasse “como um clarim de prata”, pode representar, no começo de sua carreira, um dos aspectos epigonais de nosso parnasianismo, o baseado no vocabulário precioso, latinizado, e também na concepção plástica dos assuntos que descreve e na sonoridade do verso. A par disso, tinha poesias amorosas, de essência romântica, por vezes cor local como a que tinge alguns cromos e sonetos de B. Lopes, e até certas notas sociais.

Cassiano Ricardo, que estudou a poesia do bardo de São Pedro, acentua o seu derramamento em “poemas excessivos, longos demais, como ‘O Sonho de Marina’, ‘Última Página’, ‘Leda’, ‘Versos Brancos’ e muitos outros”, e também a sua falta de surpresa, quer no ritmo, quer na rima; aponta o poeta de Martim Cererê que onde há “violetas” se seguirão “borboletas”, ou vice-versa (embora não deixem de ocorrer várias parselhas de “violetas” e “Julietas”, acrescentamos nós). Isso também se havia dado entre os simbolistas: depois de “astros” viria “de rastros”, e o próprio Gustavo Teixeira não escaparia à combinação, no terceto final de “A Águia”, onde o homem anda a gemer “de rastros”, ao passo que a águia tem por diadema os “astros”.

Um de seus sonetos, “Cleópatra”, foi bastante elogiado por Vicente de Carvalho, que prefaciou Ementário, e Cassiano Ricardo giza igualmente que não é por acaso que um poeta pode reunir tantos recursos líricos e formais num soneto, e sim pela consciência de seu ofício. “Cleópatra” é composição de cunho hereditário, como várias das “aquarelas” de Gustavo. O que prejudica seus poemas publicados em vida, frequentemente, é não só a extensão, já assinalada por Cassiano Ricardo, mas ainda certa falta de tato vocabular e de senso de medida, a qual faz conviver em seus versos um tom elevado e palavras que decaem subitamente, imagens expressivas e outras postiças e sem vida, sonoridades quase ocas por vezes. Por isso mesmo, Gustavo Teixeira não atingiu com Ementário nem Poemas Líricos o primeiro plano,

mesmo em nosso neoparnasianismo; mas de qualquer modo representa bem, nessa primeira fase, o poeta do Interior que sonho com ideais inatingíveis de beleza, sendo mesmo estranho, como assinala Cassiano Ricardo, que “tenha sido tão grego nas condições ‘municipais’ em que escreveu o seu Ementário”. A publicação de suas poesias inéditas, principalmente as do Último Evangelho, viria mostrar que no fim da vida o poeta alcançara uma posição de equilíbrio, que se pode notar em vários sonetos daquele livro: sua arte é, então, bem mais simples e mais precisa, bastando para conceder-lhe, tranquilamente, um lugar ao sol entre os neoparnasianos.

Gustavo Teixeira nasceu em 4 de março de 1881 em São Pedro de Piracicaba, onde sempre viveu, com exclusão de breve período em que tentou o jornalismo em São Paulo. Conhece-se, desse tempo, uma fotografia sua, em que figura ao lado de Júlio Prestes, Batista Cepelos, Francisco Lagreca e René Thiollier (no livro deste, *Episódios de Minha Vida*, São Paulo, Anhambi, 1956, entre págs. 16 e 17). Exerceu as funções de secretário da Câmara Municipal de seu município. Eleito para a Academia Paulista de Letras na vaga de Paulo Setúbal, faleceu pouco depois, em 22 de setembro de 1937.

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

Ementário (1904-1907), São Paulo, Tip. Maré e Cia., 1908; Poemas Líricos, São Paulo, Os nossos Poetas, 1925; Poesias Completas, São Paulo, Anhambi, 1959 (reunindo os livros anteriores e copiosos inéditos).

BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR

Vicente de Carvalho, “Um Poeta” (prefácio de Ementário, reproduzido em *Páginas Soltas*, do próprio Vicente de Carvalho, São Paulo, Tip. Brasil, 1911, vol. I, e em *Poesias Completas* de Gustavo Teixeira, cit.; Cassiano Ricardo, “Gustavo Teixeira: Presente”, em *Poesias Completas*, cit.; Fernando Góis, *Panorama da Poesia Brasileira*, vol. V, *O Pré-Modernismo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969, pág. 197 e ss.

TEXTO

Poesias Completas, cit., págs. 71, 96, 486, 522.

Palestra (em revista)

Separata da Revista da Academia Paulista de Letras, n.º 94 – SP
s.d. [1977], p. 95-111

Gustavo Teixeira – Pedro Ferraz do Amaral

GUSTAVO TEIXEIRA⁵¹

PEDRO FERRAZ DO AMARAL

Sejam as minhas primeiras palavras um voto de aplauso e agradecimento à Prefeitura Municipal de São Pedro, tão bem exercida por Walmir Modesto, um homem empreendedor e enérgico, cuja benemerência seu nome não pode esconder; e à Secretaria Estadual de Cultura, Ciência e Tecnologia, tão bem administrada pelo sr. Max Feffer, que sabe dinamizar o apoio oficial às atividades literárias. Aplauso a ambos por essa atitude esclarecida, dando prosseguimento à Semana Gustavo Teixeira, ora na sua vigésima segunda realização; agradecimento pelo convite com que me distinguiram para vir falar aos são-pedrenses, o qual me permitirá o ensejo de prestar culto à memória de um grande artista, de quem me honro de ter sido amigo. Represento neste ato a Academia Paulista de Letras, que se associa a esta homenagem de louvação a Gustavo Teixeira.

QUANDO O CAFÉ NÃO TINHA PREÇO...

Um lar paulista, modesto mas saudável, naquele sítio de São Francisco, “perto da serra, quase ao pé da mata”, sumindo-se nas fraldas do Itaqueri, aí para os lados de Brotas e Santa Maria.

*“Perto, o bambual em cujo seio amigo
Cantam graúnas, e o pomar antigo
Com melros, tiés e gurundis em bando...
O ribeirão, o cafezal, a horta...”*

⁵¹ Palestra realizada em São Pedro, na 22ª Semana Gustavo Teixeira, no dia 22 de setembro de 1977, data do 40º aniversário da morte do poeta, por indicação da Academia Paulista de Letras, a convite da Secretaria de Estado de Cultura, Ciência e Tecnologia e da Prefeitura Municipal.

Gustavo Teixeira sofreu desde cedo as agruras da vida roceira, as quais marcariam para sempre suas feições tristes e melancólicas. O trato da terra, naquele tempo de café sem preço, mal dava para o sustento da casa, de tal arte que ele nem pode frequentar escola: aprendeu a ler e escrever com a própria mãe, dona Miquelina Teixeira de Escobar, uma senhora de grandes virtudes, educada no colégio São José de Itu, por onde passavam então as meninas filhas de fazendeiros de café. O pai, Francisco de Paula e Silva (lembramos que ele deveria assinar-se Gustavo Teixeira de Paula e Silva) era um homem cultivado, como se dizia antigamente, pois mantinha em casa uma estante de bons livros, entre os quais os dos grandes poetas brasileiros. O menino devorou-os todos e se afeiçãoou aos versos. Um de seus biógrafos refere que adquiriu por compra um exemplar do tratado de versificação de Antônio Feliciano de Castilho. Outro conta que ele também recebeu aulas primárias de Dona Gabriela César. Mas o que é certo é que logo mais se tornava mestre de primeiras letras na fazenda Campestre, de seu tio, Joaquim Teixeira de Toledo. Cantou depois “o lar querido que deixei chorando”, “o sítio umbroso onde brinquei na infância”. E lamentava a “batalha rude em que fiquei desiludido e exausto”...

4 de março de 1881 é a data do seu nascimento. Ao se instituir no País a República, era uma criança. Talvez a revolta de Floriano, em 1896, já lhe tenha dado o primeiro contato com a realidade nacional. Mas que importância poderiam ter esses acontecimentos, para um moleque de quinze anos, cujo enlevo eram o rio, as arapucas, os estilingues e os bodoques, que o punham em contato com a natureza? E de tal arte lhe calaram na mente as belezas da vida rural que seus primeiros versos, se não são bucólicos, esmaltam-se de reminiscências do campo.

Aos doze anos, já versejava. A esse tempo, o professor Álvaro Guerra, um grande conhecedor de língua vernácula, que lecionava na Capital, mantinha no “Correio Paulistano” uma seção sob o título “A propósito”, na qual dava guarida a composições de seus alunos e de outros neófitos das letras. Gustavo Teixeira foi louvado por ele e passou a colaborar em jornais de Piracicaba e Campinas.

EMIGRA UMA ANDORINHA..

Em 1901, aconteceu o inesperado.

*“Destas paragens que setembro enflora,
Donde nunca emigrou uma andorinha”...*

emigrava um jovem de 20 anos, chamado Gustavo Teixeira. Atendendo a sugestão de amigos, que lhe acenavam com as possibilidades de carreira, foi para São Paulo, onde passou a estudar com o irmão Francisco de Paula Teixeira. Aprendeu francês, italiano e espanhol, o que veio a constituir valioso cabedal para seu tirocínio literário. Versos de sua lavra foram divulgados pelo “Correio Paulistano”, “Comércio de São Paulo”, “A Notícia”, “Capital Paulista” e outros jornais, assim como pelas revistas “Ilustração Brasileiro”, “Minerva”, “O Eco”, “Vida Paulista” e outras. Publicações do Rio e de Portugal reproduziram-lhe os poemas.

Em 1905, estava no vespertino “Folha Nova”, dirigido por Garcia Redondo, engenheiro que veio a pertencer à Academia Brasileira de Letras. A vida intelectual da capital era intensa. Os acadêmicos de direito insuflavam alma à cidadezinha provinciana, que nem sonhava viesse a se tornar a megalópolis de nossos dias. Na imprensa diária borbulhavam nomes que se notabilizariam nas letras e na política. Eram Monteiro Lobato, Heitor de Morais, Ricardo Gonçalves, Vilalva Júnior, Francisca Júlia da Silva, Júlio Cesar da Silva, René Thiollier, Manuel Carlos, Júlio Prestes, Sampaio Freire, Alfredo de Assis, Paulino de Almeida, Simões Pinto, Tapajós Gomes, Francisco Lagreca, Eurico Sodré, Plínio Barroso, Ciro Costa, Alfredo Penteadado, Batista Cepelos e tantos outros. Em Santos, Martins Fontes e Agenor Silveira e uma plêiade brilhante.

Em 29 de setembro de 1951, “A Gazeta” reproduziu uma fotografia tirada em 1905, na qual aparecem alguns dos colaboradores da revista “A Musa”, dirigida por Prestes e Thiollier, figurando Gustavo Teixeira entre os seis jovens que a esse momento histórico chamaram “Embarque para a posteridade”. E não se enganaram. Eram eles: Júlio Prestes, René Thiollier, Francisco Lagreca, Batista Cepelos e Gustavo Teixeira, este com a gravata antigamente conhecida como gravata de “artista”, displicente laço de fita, a ocultar o peito alvo da camisa.

São desse tempo os versos que Gustavo Teixeira reuniu no “Ementário”: 1904-1907. A edição tem a data de 1908. Impressora, a Tipografia Maré & Companhia, de São Paulo. O êxito da publicação assegurou ao autor amplo lugar ao sol.

A VOLTA DA ANDORINHA

Gustavo Teixeira, aclamado nas tertúlias literárias, não se adaptava, porém, aos costumes da cidade, tão deferentes dos que

reinavam nesta sua pacata aldeia. Assim, baldaram-se os esforços dos amigos que o desejavam a seu lado: tornou ele à terra natal, engajando-se em modesto emprego municipal – secretário da Câmara – cujo estipêndio de 300 mil réis lhe permitia vida modestíssima, numa casa quase desprovida de móveis, em cujo quarto um indiscreto dividiu apenas uma cama de ferro, uma mesa e duas cadeiras rústicas.

A permanência na cidade grande acendeu-lhe saudades de seu cantinho são-pedrense. Num dos poemas dessa época, refere-se a longos dias de tédio, em que parecia morrer. E brotava-lhe espontâneo o clamor pelo regresso:

*“Quero escalar os pícaros dos montes
Porque meus olhos vão ficando tristes
De saudade dos amplos horizontes!”*

Vale recordar aqui que, depois da I Grande Guerra, contava Júlio Dantas com que a poesia estivesse à beira de um “longo colapso”. O autor da “Ceia dos Cardeais” escrevia: “A vida contemporânea é demasiado livre e demasiado aritmética para se sujeitar à disciplina e ao ritmo dos versos”. Gustavo Teixeira já pensava assim, quando, muito antes, buscou no ermo o ambiente necessário à permanência de seu culto.

Em São Pedro, Gustavo Teixeira continuou a ser o mesmo: tímido, retraído, humilde, a sensibilidade à flor da pele. Um caipira desconfiado, que, se não se abria a qualquer um no primeiro encontro, depois de se afeiçoar a alguém, todo se desfazia em confidências. Caráter puro, incapaz de maldade. Funcionário durante trinta e três anos, mesmo doente – conta uma testemunha da época – “era paciente e se condoia de todos, principalmente dos humildes”. Na solidão de seu eremitério, a vida interior se lhe sublimou, ascendendo a regiões aonde não chegava a maldade terrena. Um eremita cumprindo voto de pobreza. Guilherme de Almeida incorporou-o ao “reduzido número dos que carregam sorrindo o peso da vida”.

Olhos sonhadores, num semblante triste, largas rugas a vincá-lo e a magreza a imprimir-lhe ares de santidade. Havia nele, porém, alguma coisa a quebrar essa impressão: o pince-nez sem aros enganchado no nariz, do qual pendia fita negra de retrós ou veludo, presa à lapela, passando pela orelha, a qual lhe assegurava a permanência dos óculos, de que não podia prescindir. Aliás, houve quem registrasse o sestro que desse uso lhe adveio: nos momentos de ansiedade, desconfiança ou

desaponto, ele não tirava os dedos dessa fita, alisando-a e enrolando-a constantemente.

O POETA DA PRIMAVERA

Escreveu Otacílio Gomes, referindo-se a Gustavo Teixeira:

“As suas mágoas eram profundas e grandes as suas dores. Mesmo assim, porém, os jardins nunca deixaram de florir em meio a suas tristezas; nunca os pássaros deixaram de cantar nos vergeis da sua fantasia, nem o sol deixou de brilhar nos seus sonhos. De fato, Gustavo Teixeira nasceu com a primavera no coração. Mais tarde, bem mais tarde, veio ele a demonstrar que eu tinha razão, pois escreveu um dos seus mais formosos poemas – “A Canção da primavera”.

E o mesmo saudoso escritor jauense lembra que, se Vicente de Carvalho é o poeta do mar e Olavo Bilac o poeta das estrelas, Gustavo Teixeira bem poderia ser crismado de poeta da primavera.

Mas em Gustavo Teixeira não se encontrava apenas uma criatura emotiva, para quem a tristeza e a miséria circunjacentes eram motivo de constante preocupação. Organismo doentio, situação aliás de que decorria o seu sentimentalismo – ele se excedia em cuidados. Quando o tempo enfarruscava, era de vê-lo de capa e guarda-chuva, armado para o que desse e viesse. Contam-se interessantes episódios referentes à surrada capa que usava e ao presente de um amigo, que lhe trouxe da Europa “nova encadernação”... Auro Soares de Moura Andrade lembra que “sempre doente, temia o sereno, temia o chuveiro, temia traição do tempo”. Por isso, deitava-se às sete horas para se levantar às cinco. Mas, em verdade, como ler ou escrever à noite, naquele tempo em que a iluminação elétrica era deficiente? E não havia rádio e televisão...

Em 1917, Gustavo Teixeira esteve em Santos. O grande poeta Martins Fontes, grande médico também, conhecendo-lhe o precário estado de saúde, conta Otacílio Gomes, aplicou-lhe quantas injeções tinha em seu consultório e ainda o cumulou de amostras de vinhos e emulsões que lhe servissem à volta para casa. Aos 37 anos, ele já parecia um velho. Menotti Del Picchia aludia então à sua “vida penosa e escura, renteando pela indigência”.

UMA VISÃO DE PRESÉPIO

A cidade de São Pedro, mal servida por um pobre ramal da Estrada de Ferro Ituana, depois incorporada à Sorocabana – e isso num

tempo em que os trilhos da viação férrea constituíam o nervo da economia paulista, baseada na lavoura cafeeira – era, no entanto, um recanto sadio. Certo cronista, postado no alto da colina, dela teve uma visão de presépio. Uma rua imensa como uma réstia de luz no verde-negro da paisagem, a se casar com o abandono das esborcinadas alvas casas, culminando no jardim silencioso, onde a passarada trinava e borboletas adejavam, enquanto por ali carros de bois rangiam, carregados de frutos da terra. O jardim era o enlevo do poeta, que passava horas contemplando a natureza e se deliciando, ora com a ingenuidade e a candura da infância, ora com o fascínio encantatório da juventude álaçre. Em verdade, seus poemas estão plenos de imagens alusivas às meigas criaturas que Vicente de Carvalho chamava “entreabertos botões, entrefechadas rosas”...

Os últimos anos de vida de Gustavo Teixeira proporcionaram-lhe a antevisão do que viria a ser a sua amada aldeia. A descoberta das caldas de São Pedro mudou de uma hora para outra o aspecto da vila. A quando e quando, um avião da empresa das águas medicinais cortava os ares e ia pousar no aeroporto dos arredores. Gustavo persignava-se e rezava. “A ternura de sua alma” – disse alguém – assumia “a expressão de um agonizante diante do viático”...

O ÚLTIMO EVANGELHO

Concentrando-se então cada vez mais dentro de si mesmo, Gustavo engolfou-se nos estudos bíblicos, dos quais ressurgiu com “O Último Evangelho”, maravilhoso poema místico-religioso que Arruda Dantas muito acertadamente recomenda que o leiamos de mãos postas. E Manuel Carlos – outro grande poeta, injustamente esquecido, qualifica-o de “criatura angélica”, mansa e resignada.

Dado que falamos de Manuel Carlos, lembremos-lhe a afirmação de que a biografia de Gustavo Teixeira “cifra-se nisto: nasceu e morreu em São Pedro, e foi poeta, somente poeta!” Plenamente de acordo com o eminente magistrado, permito-me acrescentar, porém, que esse meio século de vida, entremeadado de ilusões e desilusões, povoa-se de aventuras sentimentais que geraram os seus admiráveis versos. Em verdade, a vida amorosa do poeta são-pedrense está toda nesses poemas, que são como o roteiro de sua peregrinação por este vale de lágrimas, onde ele verteu lágrimas de verdade! Neles não faltam sequer os nomes das namoradas com que sonhou. Sim, com que sonhou apenas, porque as amou quase sempre platonicamente.

É verdade que, como o outro, ele podia clamar: “Tenho um segredo n’alma, e um mistério na vida!” E amargou-o na solidão de seu castelo.

Conformado, cantava:

“Só é feliz quem não procura a felicidade! A única ventura é nada desejar, de nada ter saudade!”

PARNASIANO E LÍRICO

Admira que Gustavo Teixeira, nessa vida paroquial, fumando seu cigarro de palha, frequentando brigas de galos, sem nunca ter ido além de Piracicaba, São Paulo, e Santos, tenha-se alteado aos parâmetros da cultura que seus versos traem. Realmente, seus poemas de raro em raro baixas às coisas corriqueiras, que ele, aliás, sabia elevá-las a planos de dignidade. Em regra, paira alteroso, em ambientes que rescendem a pompas gregas, num contraste flagrante com sua modéstia nativa e, mais ainda, muitas vezes, sacrificando o pudor em que se encastelava. Era o timbre do parnasianismo, insistente e persistente nos temas mitológicos e pagãos. Abeberava-se ele nos parnasianos franceses do tempo, os quais, por sua vez, iam buscar sua força nos estudos históricos que se voltavam então para a Grécia.

Como o parnasianismo, extremado cultor da forma, Gustavo Teixeira primou pelo labor artístico do verso, trabalhado com caprichos escultóricos, na busca incessante da palavra certa (preferentemente a palavra rara) a engastar-se na frase sonora e clara. Todavia, cansado talvez de se alçar a píncaros acessíveis apenas à imaginação, deixou muitas vezes as alturas do Parnaso para burilar o canto real, o rondó, o rondel, a balada e outras formas poéticas de outrora – e nesses poemas revelou de todo desataviada a sua alma lírica.

ACASOS FELIZES DE POETAS

“Basta às vezes um verso para revelar um poeta”. Com essas palavras abre Vicente de Carvalho o pórtico maravilhoso que é seu prefácio ao “Ementário” de Gustavo Teixeira, em 1908. “Belo pórtico a um edifício ainda mais belo”, na opinião de Sílvio Romero.

Vicente de Carvalho tem razão. Não é grande cópia de poemas que indica a presença do poeta mas, como diz o artista de “Poemas e Canções”, é esse “acaso feliz, de felicidade rara em alguns, frequente em outros, mas que os deuses propícios só concedem aos poetas que de

verdade o são”. É o caso de Gustavo Teixeira, nesta singela quadra que encantou Vicente de Carvalho e que ressoa eternamente em nossos ouvidos:

*“Quem perde uma ilusão ridente nada perde:
pois outras ilusões
se abrem no coração, que é uma roseira verde
coberta de botões.”*

Outros poetas de verdade também foram premiados pelo acaso feliz. Lembremos Francisco Otaviano:

*“Quem passou nesta vida e não sofreu,
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida e não viveu!”*

E Amadeu Amaral naqueles versos:

*“Por que há de a onda parar, para que a espuma
brilhe?”*

E Luiz Pistarini, e Júlio Salusse, e Júlio César da Silva, o próprio Vicente de Carvalho naquele inesquecível soneto:

*“Só a leve esperança em toda a vida,
disfarça a pena de viver...”*

OS LOUVORES DA CRÍTICA

Não foi, porém, apenas o poeta de “Rosa, rosa de amor” a saudar há setenta anos o surgimento daquele “rapaz de vinte e cinco anos, nascido e criado em São Pedro de Piracicaba, onde vive, e exerce as funções modestas de secretário da Câmara Municipal”. Outros mestres das letras nacionais não pouparam louvores a seu estro – e entre eles se alinham os nomes de João Ribeiro, João Luso, Oscar Lopes, Leôncio Correia, Osório Duque Estrada, Alphonsus de Guimarães, Emiliano Pernet, Hermes Fontes, Carlos Góis, Conde de Afonso Celso, Júlia Lopes de Almeida, João do Rio, Luís Guimarães Filho, Rocha Pombo, Melo Moraes Filho e outros. Àquele tempo, como ainda hoje, os autores paulistas viviam de olhos na crítica da Capital Federal, cuja palavra era a consagração ou a derrota.

Goulart de Andrade, que era poeta de boa massa, disse que, diante do “Ementário”, contentava-se “com a felicidade de poder exclamar como Ulisses, na “Perfeição” do Eça: “Na verdade, este ouro é bom!” “E é com efeito do mais precioso filão todo este veeiro de poesia.” Em 1917, Aristeu Seixas estudou-o na revista “Panóplia”. E anos mais tarde Menotti Del Picchia exaltava a beleza “dos catorze versos imortais de “Cleópatra”, que Vicente de Carvalho já apontara como “um soneto sem mácula, mantendo de princípio a fim o vigor de expressão, a limpidez correntia das ideias na sobriedade harmônica das imagens e da frase”... E Cassiano Ricardo em 1959 perguntava: “Quem terá escrito, no Brasil, e no gênero então vigente, um soneto mais belo do que “Cleópatra”? Realmente um primor pictórico e escultural, lírico e formal, a denunciar no artista a perfeita ‘consciência do ofício’”.

Os “Poemas líricos” provocaram estas palavras de Oscar Lopes no “Imparcial” de 2 de maio de 1925:

“Reúnem-se em Gustavo Teixeira os atributos mais ambicionados na boa poesia. Há uma grande clareza na sua frase, o que imediatamente impõe simpatia pela sua linguagem limpa e nobre. Há uma larga ventilação de ideias errantes em seus poemas, o que lhes assegura a mais agradável permanência na memória dos leitores. Uma ânsia de perfeição se insinua em cada composição, o que faz que seus versos surjam impregnados de particular encanto.”

“Canto Real da Glória” – “é um primor no difícil gênero que Goulart de Andrade transplantou com grande êxito para a poesia brasileira.” Ele arrastou “as dificuldades de um canto real” e venceu-as. É uma amostra de sua inspiração e de sua capacidade de execução em um largo trabalho de métrica maior”.

“Senhor absoluto da forma, é também um excelente baladista. “Balada da Agonia” é, na poesia patricia, uma exceção tanto pela “trouvaille” do refrão como pela dramaticidade com que se desenvolvem as estrofes.”

A opinião de Duque Estrada e a de Leôncio Correia afinavam-se pelo mesmo diapasão. Para Duque Estrada, Gustavo “é autor de algumas estrofes que poderiam ser assinadas pelo mais aclamado dos poetas de nossa terra”. Para Leôncio Correia (“A Pátria” – 6-12-25) trata-se de um “poeta moderno, senhor de uma técnica segura e bela, cantando de forma tão encantadora como nenhum dos notáveis vates das grandes cidades o faz melhor”.

Em março de 1937, andou por aqui um famoso jornalista e escritor – Armando Erse – que, tendo fixado residência no Rio de Janeiro, participou dos acontecimentos literários que nas primeiras décadas deste século transformaram a Guanabara na meca dos nossos poetas e prosadores. Frequentemente as colunas do “Jornal do Comércio”, d’”O País”, d’”A Noite” e de outros grandes jornais, notabilizou o nome de João Luso, com que assinava seus rodapés, assim como os deliciosos “Contos de minha terra”. Daqui de São Pedro ele mandou para “A Noite” um artigo, publicado no dia 22 de março, intitulado “O Poeta Gustavo Teixeira”.

Dizia João Luso que a figura e o espírito do poeta “formam o contraste mais singular. Por trás daquelas lunetas que se desviam, fogem dos outros olhares, há uma larga e ousada imaginação, que se expande incontivelmente, servindo à arte e criando a beleza. Se o semblante se nega e dá a impressão de querer apagar-se de todo, a alma – que nele absolutamente não tem o seu espelho – como bem poucas se enchem de inspiração, se exalta, se entrega ao seu sonho de sublimidade. E que extremo cuidado, que requintado esmero na execução de cada obra! Vejam como é admiravelmente trabalhado este “Retrato de Jesus” (segundo Santa Brígida, Nicéforo e Públio Lântulo):

“Quase alto. Nem redonda a face nem comprida,
 Não sendo musculoso, é de vigor dotado.
 Lábios vermelhos e não grossos. Consolado
 Sente-se quem o vê – das mágoas dessa vida.

Nem muito levantada a testa nem caída,
 Mas direita; o nariz igual, proporcionado;
 Liso o louro cabelo até a orelha e ondedado
 Para baixo e, como este, a barba repartida.

A face de um tom róseo e docemente cheia;
 Os olhos garços entre verdes. Belo, alteia
 O corpo escultural, sem mancha, alvo, lunar.

Feições da Virgem, porte augusto e olhar profundo.
 Não foi visto sorrir uma só vez no mundo!
Mas quanta vez se viu Nosso Senhor chorar!”

Depois de traçar rápido perfil de Gustavo Teixeira e de apontar as linhas essenciais do progresso da cidade de São Pedro, referia-se João Luso a “O Último Evangelho”, obra em que tantos outros divisaram um poeta na plena posse dos atributos da perfeição. E citava os sonetos “Filha de Jairo” e “Cego de nascença”, que vale a pena ouvir:

FILHA DE JAIRO

Jairo, em Cafarnaum, ao pé da ilha morta,
Deixa correr a fio o doloroso pranto.
Tantos rogos em vão! Jesus demorou tanto!
Uma grande tristeza as almas pune e corta!

A mãe, numa agonia, a dor já não suporta:
Esmagada, sem voz, jaz, quase inerte, a um canto.
Começa o funeral. Nisto, envolto no manto,
No olhar trazendo o céu, Cristo aparece à porta!

– “*Por que chorais? Silêncio!*” – ordena com império.

Calam-se a harpa, a doçaina, a cítola e o saltério
Que acompanhavam já o vôo da andorinha.

Exclama então a voz d’O que por todos vela:

– “*Levanta-te, menina!*” *E a morta, calma e bela,*
Abre os olhos, sorri, levanta-se e caminha...

O CEGO DE NASCENÇA

Pensa: – “*Como será o céu, a estrela, a aurora?*
As nuvens, o arrebol, as noites de luar?”

E o cego, que tateia, ouvindo risos, chora
Nas trevas de uma noite opaca, tumular!

Jesus lhe põe a mão nas pálpebras – “*Agora*
Vai à Fonte Siloé os teus olhos banhar”.

No fundo do seu peito, onde a tristeza mora,
A alma, que a fé coroa, ajoelha-se a rezar.

Lava os olhos. De chofre esplende o azul!
Defronte,

Vê o sol que se eleva, as árvores, o monte,
E, a seu lado, o perfil do Cristo envolto em luz.

Perto, fervilha um mar de lírios e de rosas...
 E ele sente, mirando as coisas mais formosas,
 Que mais bela que tudo é a imagem de Jesus!

RETROSPECTO SENTIMENTAL

Conheci Gustavo Teixeira pessoalmente mas em rápidos encontros. Não me recordo das datas. Mas foi no “Jornal de Piracicaba”, onde ele publicava frequentemente versos, correspondendo-se com o grande jornalista Pedro Kraenbühl, o Hélio Florival das crônicas e redondilhas, quando não das charadas e logogrifos, campeão charadístico no Brasil e em Portugal. Depois, pelas alturas da terceira década deste século, quando em 1920 me foi dado conquistar pequena posição na imprensa paulistana, pude verificar quanto ele era prezado nas mais altas rodas literárias. A elas não pertencia eu, por certo, mas ciscava nos arredores, auxiliar que era de Amadeu Amaral, Monteiro Lobato, Léo Vaz e outros.

Estava eu então prestando modestos serviços à revista “São Paulo Ilustrado”, que Aníbal Marcondes Machado criara e que se publicava sob os auspícios do “Estado”, em cuja tipografia era impressa. De passagem lembremos que Aníbal Machado se notabilizara como repórter desde que, talvez em 1908, acompanhara, escondido debaixo de uma mesa, os trabalhos da reunião secreta do café. Aníbal entregara-me toda a obra de feitura da revista semanal, já vitoriosa devido a suas capas, em que se estampavam, uma a cada vez, fotografias de Freidereich, Heitor, Formiga, Bianco e outros astros do futebol de então. Pretendia ser – e foi – “um semanário popular de atualidades”.

A esse tempo, eu mantinha grandes relações de amizade com os intelectuais de minha querida Piracicaba, aonde tornava frequentemente em visita a parentes e também a eles, que tanto prezava e cuja memória reverencio religiosamente. Entre esses amigos do coração figurava João Batista Pfuhl, um grande artista do lápis, que se estiolou por aí, sem conseguir os almejados louros. Ele era destas bandas. Se não nasceu em São Pedro, estava ligado por traços de parentescos a famílias tradicionais da sociedade sampredense, como seja a dos Andrades, e talvez a dos Teixeiras. Aliás, sua modéstia revia muito à de Gustavo Teixeira. Era tímido e humilde, sempre a depreciar aquilo que fazia – e era mestre nos desenhos a lápis, na aquarela, nos quadros a óleo. O “Jornal de Piracicaba” publicou muitos traços dele, em geral retratos de personalidades da cidade, que eram transpostos para rudimentares

clichês, que saíam, no entanto, muito bem impressos. Não me lembro se era ele mesmo quem fazia tais clichês, mas tenho a certeza de que outro grande artista piracicabano, o saudoso Otávio Prates Ferreira, aproveitava no “Jornal” o reverso de clichês reticulados, para gravar seus trabalhos a nanquim, fazendo o ácido corroer a superfície não ocupada pelos traços.

João Batista de Andrade Pfuhl era filho de um cidadão benemérito de Piracicaba, descendente de nobres troncos germânicos, que podia usar o característico Von, designativo da gente bem da Alemanha. Refiro-me ao venerando Oscar Von Pfuhl, que conheci exercendo durante anos e anos as espinhosas funções de agente do correio de minha cidade natal, a cujo lado mourejava meu tio e padrinho Joaquim de Almeida Barros, outro cidadão íntegro e inatacável que a política transferiu brutalmente para outra cidade e afinal o exonerou, amargando ele durante anos os rigores do desemprego, até que fosse aproveitado em modestas funções de almoxarife da prefeitura.

Mas, voltando a Batista Pfuhl. Lembro-me de seu devotamento a Gustavo Teixeira e a toda esta gente boa de São Pedro, que costumava ser assunto de nossas conversações. Ele se foi, mansamente, deixando-me a impressão de um santo que, como Gustavo Teixeira, se alou para a imensidade. Sua passagem pela terra não deixou profundos sinais, mas está a exigir uma reparação, pois foi exemplo de bondade e correção e um talento artístico invulgar.

TRÊS CARTAS DO POETA

Rebuscando meus arquivos, modestos e não implacáveis, como se pretende o de um colega carioca, que frequentava as colunas de uma grande revista, fui encontrar três cartas de Gustavo Teixeira, que desejo oferecer à casa do poeta. Por elas, reconstruo pequena parcela do culto que sempre devotei a ele.

A primeira tem a data de 28 de dezembro de 1920. Papel sem timbre, dactilografada, envelope da Câmara Municipal, no qual substituí a abreviatura de Ilmo. por Exmo. Um selo de cem réis. Meu endereço: Caixa postal 1529. Depois das “saudações cordiais”, ele entrava logo no assunto:

“O Batista Pfuhl me disse que o Amigo deseja que eu colabore na sua revista “São Paulo Ilustrado”. Acedendo de toda boa vontade ao seu desejo, envio incluso um soneto, e mais tarde mandarei mais versos, o que não faço hoje mesmo por falta de tempo.”

Em 16 de fevereiro seguinte, um cartão dizia assim: “Ao amigo Pedro Ferraz, Gustavo Teixeira saúda, enviando colaboração para o “São Paulo Ilustrado”, e pedindo o obséquio de mandar a bela revista, cujos últimos números não tem recebido”. Os selos eram de cem e de cinquenta réis.

A última dessas cartas apresenta maior interesse. Manuscrita, datada de 9 de março desse ano de 1921, era-me endereçada para a redação da “Revista do Brasil”, aos cuidados do sr. Amadeu Amaral, Caixa postal 2-B. Três selos de cem réis, pois o conteúdo deveria ser o de três cartas.

Gustavo Teixeira acusava o recebimento de carta minha e dizia ter ficado muito grato por minhas “atenciosas delicadezas”. Cito estas palavras, não para me envaidecer, mas para que se anote a figura e a originalidade com que o poeta sabia exprimir essas coisas banais das relações sociais. Atenciosas delicadezas, as dele.

Eu devia ter-lhe solicitado poemas para a “Revista do Brasil”, que era propriedade de Monteiro Lobato e estava sob a esclarecida direção de Amadeu Amaral. Porque dizia Gustavo:

“De acordo com as suas ordens, envio diversas composições para o amigo entregar ao Amadeu, escolhendo para esse fim o que achar melhor. Eu erro sempre no juízo sobre os meus versos: ora condeno uns que não são de todo maus, ora julgo bons outros que não valem nada. Assim, a escolha dos versos para a “Revista do Brasil” fica ao cargo dos amigos.

Muitas lembranças ao Amadeu e um abraço do amigo muito sincero Gustavo Teixeira.”

A ELEIÇÃO PARA A ACADEMIA

O conhecimento do poeta por outros escritores, que aqui vinham curar seus males, abriu-lhes os olhos para a necessidade de maior atenção a Gustavo Teixeira. Seu nome voltou à baila. No dia 16 de maio de 1936, falando a estudantes de Direito, na Associação Acadêmica Álvares de Azevedo, sobre o tema “Como se deve escrever”, o grande contista Valdomiro Silveira incluiu-o entre os dos maiores poetas nacionais e declamou a balada “Folhas mortas”.

Os jornais da época, que dispensam então muitos cuidados a reuniões literárias, noticiaram largamente a palestra do “conteur” de Casa Branca exilado em Santos, enquanto outras manifestações iam pondo novamente em relevo a obra de Gustavo Teixeira. A Academia

Paulista de Letras, então presidida por Aristeu Seixas, compenetraram-se de seu dever. Amiudaram-se os trabalhos de catequese, em favor de Gustavo Teixeira, os quais chegariam a auspicioso termo.

Hélio de Sousa, jornalista de Piracicaba, radicado na Capital, interessava-se pela arte de Gustavo Teixeira. Convivendo nas “Folhas” com o acadêmico Rubens do Amaral, deste soube que o poeta do “Ementário” estava a pique de ser eleito para a Academia. Vai daí escreveu para cá, transmitindo as primícias da notícia. Gustavo respondeu-lhe nesta carta de 22 de abril de 1937, publicada na “Revista da Academia”:

“Meu caro Hélio,

“Um desagradável reumatismo, que me apareceu há dois meses e que me impede de agir, foi o motivo da demora da resposta da sua carta, que me causou surpresa. Eu não sabia do pé em que estavam as coisas. Sabia só que havia alguns casos acadêmicos que se interessavam pela minha candidatura.

“Pelo fato de residir longe de São Paulo e não ter relação com a maioria, ou quase totalidade, dos acadêmicos, eu sempre achei muito difícil a minha eleição. Aberta uma vaga, não faltam os candidatos bem relacionados.

“Entretanto, a sua carta veio mostrar que as coisas estão mudadas. É uma coisa honrosíssima para mim o que Você me conta. Guardei toda a reserva sobre o caso, conforme sua recomendação.

“Eu teria muito prazer em conhecer os pormenores do movimento, os nomes dos que se interessam por mim. Pela simpatia que sempre me inspirou, e que julgo ser correspondida, eu penso que à frente do movimento está também Rubens do Amaral. Quando Você julgar conveniente, conte-me as coisas todas.

“Vou escrever ao Otoniel Mota, a quem sou gratíssimo. Ainda não o fiz por não ter o endereço dele.

“Veja se me arranja uma lista dos quarenta membros da Academia. É só para eu fazer os meus palpites, isto é, ver os que poderão dar-me o voto. Tentei organizar uma lista de memória, mas faltaram uns dez nomes, dos antigos.

“O “Último Evangelho” está pronto e é provável que saia logo, ainda este ano. E queira aceitar, meu caro Hélio, um saudoso abraço do amigo, muito grato.

Gustavo Teixeira.”

Aí estão: o reumatismo impenitente, que decerto apressou a morte do poeta; a sua mais completa desinformação, isolado que vivia do mundo; a simpatia dos amigos, que eram tantos e tão devotados; e, e o que mais importa, os dados para a reconstituição biográfica de seus últimos tempos e da sua vitoriosa consagração.

Essas notícias eram de abril-maio. Não demorou a efetivação dos bons propósitos acadêmicos: falecendo Paulo Setúbal, o inspirado poeta de “Vida cabocla”, o romancista de tantos episódios notáveis de nossa história, vagou-se a cadeira n.º 10, criada para Eduardo Guimarães, sob o patrocínio de Cesário Mota Júnior, para a qual foi aclamado o poeta são-pedrense. Redimia-se a Academia, redimindo a injustiça que pesava sobre o vate. O que não impediu que certos acadêmicos displicentes perguntassem, no dia mesmo da votação: “Quem é esse Gustavo Teixeira?”

Conta-se que, quando soube da boa nova, Gustavo Teixeira ria e chorava como uma criança, em crises que lhe abalaram profundamente o sistema nervoso. A responsabilidade que via nessa merecia distinção foi-lhe aos poucos consumindo a escassa resistência física.

A MORTE DO PRÍNCIPE ENCANTADO

No dia 22 de setembro, Gustavo Teixeira recolhido ao leito, à noite anunciaram que tinham chegado duas cartas. Uma trazia-lhe a versão italiana de versos seus. A outra era de Graco Silveira, o suave poeta “Manhãs” e “Rapsódias”, a quem Gustavo muito admirava. Pediu Gustavo ao irmão Otaviano que a lesse em voz alta. Exultou ao ouvir as palavras carinhosas de Graco e de sua esposa Dona Dirce Prado da Silveira, poetisa também, que lhe enviava sua Balada a Martins Fontes, falecido havia pouco, em agosto. Insistiu em que lesse também o poema “in-memoriam”. Vale a pena recordar que a epígrafe posta à balada são estes versos de Martins Fontes: “Dentro de mim tatalam asas/ sonhando o Além”. E a poesia começa:

*“Ele era bom, ele era amado,
E para sempre adormeceu.
Ele era um príncipe encantado
E sua pátria o azul do céu.
À luz do sol, que resplandia,
Aos intermúndios irradiava
Por sobre a Terra onde viveu.”*

E termina por esta “Oferta”:

*“Rebunbe agora, astralizado,
Quem foi piedoso, embora ateu,
E tanto Bem há desfolhado
Por sobre a Terra, onde viveu.”*

Gustavo Teixeira, ao contrário de Martins Fontes, positivista, era católico praticante. Recebeu todos os sacramentos e pouco depois expirava, como que tendo recebido nessa balada a extrema-unção da Poesia. Porque também “ele era bom, ele era amado, e para sempre adormeceu. Ele era um príncipe encantado e sua pátria o azul do céu”... Para lá se alou “destas paragens que setembro enflora”, nesta data de 22 as 22 e meia horas, há quatro décadas. Contava 55 anos. E não chegou a tomar posse da ambicionada cadeira da Academia Paulista de Letras.

CLEÓPATRA

Para fechar estas mal traçadas linhas, como a nossa derradeira homenagem ao poeta que se foi há quarenta anos, ouçamos seu famoso soneto “Cleópatra”, um dos mais belos da língua portuguesa, a última flor do Lácio, inculta e bela:

Sob o pátio de um céu broslado de cambiantes,
A galera real, de tírias velas tesas,
Avança rio a dentro, arfando de riquezas,
Cheia de um resplendor de pedras coruscantes.

Sob um dossel de bisso, entre espirais ebriantes
De incenso, a escultural princesa das princesas
Cisma... Remos de prata, à flor das correntezas,
Deixam móbeis jardins de bolhas trepidantes...

*Soluçam harpas d’oiro às mãos de ancilas belas;
Branda aragem enfuna a púrpura das velas
E à tona da água alveja um espumoso friso.*

E a náide do Egito, ao ver a frota ingente
De Marco Antônio, ri, levando unicamente
Contra as lanças de Roma a graça de um
sorriso...

Prefácio de “Ementário”
1908, p. 3-14
Typographia Maré & C. – SP
Prefácio – Vicente de Carvalho

Basta às vezes um verso para revelar um poeta. Há versos que, por assim dizer, ficam fulgindo nos olhos e cantando no ouvido de quem os lê. Nem sempre se poderá dar a razão da magia com que nos seduzem. É difícil, quando não seja mais do que isso, decompor a trama sutil de que se tece toda a poesia de uma curta linha de poucas palavras. Definir a beleza tem sido aspiração de inúmeros críticos; não sei de algum que a tenha realizado. O que é certo é que a beleza se faz sentir, independentemente de se fazer compreender, num belo verso como em tudo que é belo.

Um verso desses é um acaso feliz, de felicidade rara em alguns, frequente em outros, mas que os deuses propícios só concedem aos poetas que de verdade o são. À cata dela malbaratam a vida inteira os que consagram ao culto das musas toda a inútil energia das suas faculdades desamparadas da vis divina. Poderá acumular-se, imenso pelo volume, o resultado do seu afinco; porque, nessa espécie bastante numerosa, nem sempre falta, e até sobra às vezes, a fecundidade. Conquistam eles a perfeição mecânica do metro, e adquirem legítimamente, com o suor do seu rosto e o concurso de dicionários, a riqueza, às vezes opulenta, das rimas... E co tudo isso, amontoando estrofes sobre estrofes, erguerão montanhas opacas de vulgaridades, de onde não se destacará nunca refulgindo o pequenino diamante inconfundível de um verso verdadeiramente belo.

Se a poesia é um bem – e assim há de parecer aos olhos dos que a namoram e requestram com paixão mal compensada e fiel – é bem que só se adquira par droit de naissance. Não há esforço que assegure essa recompensa sem causa, que os deuses prodigalizam unicamente aos eleitos da sua graça. Se existe alguma vaidade mais vã do que as outras, será a dos poetas vaidosos. Bem espremido, o seu grande merecimento está em terem nascido. Vanitas vanitatum.

Seria talvez preferível, no interesse todo estético de uma melhor simetria das coisas, que a perseverança no culto do verso, e a fecundidade, sobretudo a fecundidade, fossem atributos menos comuns nos versejadores infelizes, e mais intensos em alguns poetas, de voz

sonora e rara... É possível que os deuses parcialíssimos andem erradamente, nisso como em muito mais. A justiça é invenção humana a que os deuses votam o mais distraído desdém. A natureza é uma desordem moral permanente. Mas que se lhe dá de fazer? É lícito, pois a crítica é fácil, e não estamos incumbidos de executar melhor, criticar a ação dos deuses; mas não nos é dado corrigir-lhes os defeitos. Temos de aceitar o mundo como está feito à revelia da nossa opinião, e os poetas, bons ou maus, como nos aparecem nas obras que constroem por sua conta e risco.

Amemos os bons pelo bem com que nos favorecem, deliciando-nos a alma. A poesia tem alguma utilidade, ainda que só no ponto de vista puramente estético, como uma ornamentação da vida.

Perdoemos aos maus, fugindo-lhes. Mas não os condenemos a pena mais severa, e antes deixemos que os acompanhe e console a nossa simpatia. Eles são inteiramente inofensivos a quem não os lê. Há rigoristas intransigentes que classificam no quadro negro das más ações os maus versos. É exagero. Os maus versos só são imperdoáveis nos bons poetas. Com os vesejadores infelizes, afinal o que mais se perde – é o tempo deles; se é que se pode considerar perdido o tempo que subtraem às materialidades da existência para o consagrar a uma preocupação espiritual... Os que amam a poesia devem, senão estima, com fervor e boa fé, todos os zeros que têm dentro de si. Quem poderá calcular a porção de alma que já num ruim soneto?

Os metrificadores sem sorte praticam um voluntariado inútil, mas bem intencionado: dependesse da vontade deles, e seriam todos ótimos, e rendilhariam primores. Querem, e sem intensa fé, mas não podem. Onde está nisso culpa que não seja de um odioso, de um desvairado destino? Segundo a moral humana, o merecimento consiste no esforço, e o prêmio compete ao merecimento. Os deuses, ao que parece, não adotaram até agora a moral humana, que, a falar verdade, não se lhes terá imposto ainda pela autoridade de uma experiência suficientemente provada na prática. Eles darão talvez às nossas teorias irrefutáveis um irônico sorriso de benevolência. Quanto à regeneração dos seus costumes, é provável que resolvam nisso com a pachorra de quem dispõe da eternidade.

Vinha eu pensando tumultuosamente essas coisas vadias, a propósito de outra bem simples: o caso de um poeta novo, que se me revelou, e adivinhei por um dos que nasceram bem fadados, nesta singela estrofe:

Quem perde uma ilusão ridente nada perde:
 Pois outras ilusões
 Se abrem no coração, que é uma roseira verde
 Coberta de botões...

Pareceu-me, ao ler essa estrofe, que só um poeta de raça a teria escrito. Se eu fosse crítico, pouco me custaria de certo deslindar os elementos que compõe o encanto daqueles quatro versos encantadores. Os críticos de nada duvidam, e se abalançam a tudo. Mas não sou crítico, nem tenho inclinação para esse lado. Nunca achei quem me ensinasse porque me encanta uma alegre manhã de sol; nem o procurei aprender, o que aliás talvez só conseguisse fazer estudando-o menos nas claras manhãs em si mesmas, do que na minha própria alma...

Confesso-me incapaz de descobrir por mim as regras a que terá obedecido o poeta para conseguir dar àquelas curtas linhas todo o perfume de poesia de que tão impregnadas as sinto. E resigno-me a acreditar ingenuamente que ele, ao deixar cair da pena aqueles versos lindíssimos, nem se lembraria talvez de que havia no mundo regras para fazer lindos versos...

Uma estrofe assim é sempre um acaso feliz; acaso procurado ou não, pouco importa, mas que só se depara aos que os deuses parcialíssimos protegem. A inspiração é uma borboleta caprichosa, que só os afortunados encontram, e dentro de si mesmos... Um versejador vulgar, mourejando a vida inteira a forjar versos nos moldes de todas as regras, não lograria nunca incrustar na sua vasta obra aquele pequenino e luminoso diamante:

Quem perde uma ilusão ridente nada perde:
 Pois outras ilusões
 Se abrem no coração, que é uma roseira verde
 Coberta de botões...

Interessou-me a curiosidade pelo autor dessa estrofe. Indaguei; e vim a saber que era um rapaz de vinte e cinco anos, nascido e criado em São Pedro de Piracicaba, onde vive e exerce as funções modestas de secretário da Câmara Municipal. Não sei que vida ainda tão curta, e deslizada toda em tão remota e sossegada vila, possua história que se conte. Mas a alma do poeta é diferente da sua vida exterior; e tem uma interessante biografia, que se pode ler entre as linhas dos seus versos.

Percorrendo este livro, será fácil ir através dele imaginando a luta que renhiu, e as faculdades que nela teve de desenvolver o espírito de Gustavo Teixeira para atingir, no seu retiro quase sertanejo, uma arte tão culta e tão fina. Porque o Ementário é livro de um estreado; mas, de modo nenhum, de um principiante que apenas balbucia. Vejam este soneto:

CLEÓPATRA

Sob o pálido de um céu broslado de cambiantes,
A galera real, de tírias velas tesas,
Avança o rio dentro, arfando de riquezas,
Cheia de um resplendor de pedras coruscantes.

Sob um dossel de bisso, entre espirais ebriantes
De incenso, a escultural princesa das princesas
Cisma... Remos de prata, à flor das correntezas,
Deixam móveis jardins de bolhas trepidantes.

Soluçam harpas d'oiro às mãos de ancilas belas;
Branda aragem enfuna a púrpura das velas
E à tona da água alveja um espumoso friso.

E a Náiade do Egito, ao ver a frota ingente
De Marco Antônio, ri, levando unicamente
Contra as lanças de Roma a graça de um sorriso...

Pode-se afirmar com afoiteza que quem cinzelou tais versos é um artista. Qualquer aprendiz inspirado poderá fazer ressaltar, numa obra desigual, pelo meio de confusos defeitos, belezas inesperadas. Mas acabar um soneto sem mácula, mantendo de princípio a fim o vigor da expressão, a limpidez correnteia das ideias na sobriedade harmônica das imagens e da frase, é tarefa que só realiza um poeta já senhor de sua arte.

Como conseguiu Gustavo Teixeira, no seu inculto retiro de S. Pedro de Piracicaba, conquistas as preciosas qualidades de um fino e educado artista? Terá sido com esforçado amor de sua obra, e, principalmente, com muito talento, presumo eu. Taine quer à viva força que os artistas sejam um produto do seu meio. O moço poeta do Ementário dá um novo e vigoroso desmentido ao sistema já tão

contestado do crítico; e faz-se mais um exemplo de que o talento é planta sempre exótica, que germina, e brota, e floresce, e frutifica, ao acaso, na terra carinhosa dos jardins como nas frinchas de uma rocha.

Gustavo Teixeira adquiriu, ou adivinhou, os segredos da forma; e esse elogio inclui o da sua inspiração. Dizia Goethe com razão e graça que um poeta, enquanto apenas dispõe de uma rica ideia, não possui ainda cousa nenhuma. Em matéria de poesia, a expressão é tudo; com a condição, está visto, de ser expressão de alguma cousa, que dentro dela viva e palpita. Um belo verso há de conter forçosamente uma bela ideia, ou não será um belo verso, mas apenas um vago rumor. A poesia é uma arte puramente intelectual, e eloquente de natureza. Custa-me acreditar na eloquência possível de frases sem sentido, e sentido claro...

No verso, as ideias fundem-se na expressão, e não há meio de as separar. Não creio que haja poetas da forma, e poetas de outra espécie. Não sei de poeta digno desse nome que valha por obra em estilo atamancado, e não exprima, na língua de ouro dos versos que ficam, ideias e sensações ainda não ouvidas. De todos os tempos e em todos os poetas, os versos que ficaram são os que têm a eternidade da perfeição, porque evocam, num frase perfeita, flagrantemente representativa e modelarmente concisa, algum aspecto dessa maravilhosa, dessa variadíssima, dessa inesgotável paisagem que é a alma humana.

Referi-me à sobriedade do poeta; é uma virtude austera e definitiva, que só os mestres atingem, que só os verdadeiros artistas praticam. O abuso das imagens é tentador como quase todos os vícios. A beleza é simples; mas o exagêro dos ornatos tem um brilho falso que fascina os olhos ingênuos. Se há cousa incompatível com a poesia, é o gongorismo, que, nas literaturas, assinala as fases de pobreza e decadência, e, nos indivíduos, é uma doença incurável dos incapazes, e uma crise vulgar dos principiantes.

A poesia do Ementário flui como as claras e tranquilas nascentes de várzea, que apenas murmuram discretamente deslizando sobre uma areia macia. Gustavo Teixeira pertence ao resumido número dos que carregam sorrindo o peso da vida. Mágoas, e grandes, com certezas as terá sofrido; mesmo nos mais felizes a felicidade é sobretudo feita de resignação; e, nos poetas, a fantasia, aformoseando de miragens o horizonte, faz de quase todas as realidades desencantos. Mas as suas mágoas, não as desabafa ele em desespero e indignação, arremessando contra o céu longínquo os seus versos, como flechas sibilantes e

inofensivas... As suas tristezas são melancolias suaves; há sempre luar nas suas noites. O poeta do Ementário é um intelectual; creio que a sua única paixão absorvente, dominadora, será o verso. Não que se lhe depara, apenas o seduz o interesse estético. Os fenômenos da natureza graciosamente como assunto de estrofes. Em tudo quanto vê brilha um fulgor de rimas. Cantando as saudades de um amor feliz, o que mais o preocupa é o meio ambiente:

Fui há dias rever o sítio nemoroso
Onde tu me juraste amor, presa em meus braços,
E inda senti pulsar o meu coração ansioso
Como outrora escutando o ruído dos teus passos.

A lua, lampejando em lágrimas acesa,
Desfiava em pleno azul o místico rosário,
Difundindo por tudo a agônica tristeza
Que bebera no olhar da Virgem no Calvário.

Todo o jardim estava em flor como o deixamos,
Mas pairava por tudo um vago desconforto;
Horas e horas vaguei sob os floridos ramos
Como Jesus por entre as oliveiras do Horto.

O orvalho, que afogava as brancas açucenas,
Luzia como o pranto em pálpebras humanas.
Os cravos, espalmando as pétalas serenas,
Tinham a cor triunfal das púrpuras romanas.

O jasmineiro abria os flóculos de neve
Como um solto colar de congelados beijos...
Parecia-me ouvir no choro da aura leve
Da tua voz celeste os últimos harpejos.

Do veludo oriental das melindrosas flores,
Da boca juvenil das nacaradas rosas
Subia incensalmente um hálito de olores,
Uma fluida espiral de essências vaporosas.

A rosa do Japão, que, ao léu, estremecida
À brisa mais sutil que um sopro de criança,

Espetada no hastil, sangrando, parecia
Um coração suspenso à ponta de uma lança.

Os eflúvios da noite enchiam-me toda a alma
Como enchem uma igreja os vapores de incenso.
Havia no mexer de cada móbil palma
As mágoas que no adeus sacode no ar um lenço.

E atroz recordação dos claros dias idos
- Mar em que o meu batel não encontrava escolhos –
À boca me arrancou gemidos e gemidos,
Fazendo transbordar os lagos dos meus olhos!....

Com que saudade agora, a suspirar, me lembro
Dos beijos que me deste em horas de delírio!
Não te recordas mais? Sorria em flor setembro...
Pobre sonho! Não teve a duração de um lírio!

Percebe-se que o amor foi aí o pretexto, e a paisagem o assunto. O que encantou o poeta foram as minúcias do quadro em que ele se deteve a colher cuidadosamente imagens. E lindas imagens, inspiradas quase todas pelo mundo exterior; mas nenhuma que revelasse num grito eloquente de paixão, num gemido de angustiada ternura, numa fulgurante lágrima de saudade, o que o poeta sentia do seu amor perdido; nenhuma de que ressaltasse e em que revivesse o vulto dominante da mulher amada.

Gustavo Teixeira, intencionalmente ou não, encara e canta o amor como um gracioso ornato da existência. E se aqui deixo esta observação, é para melhor frisar com exemplo referente à mais vigorosa das paixões que fazem palpitar o coração humano, a impressão que me dá a poesia do Ementário: de que é naturalmente tranquila e discreta. Tenho ouvido afirmar com desdém que o amor é um velho tema. Velho, será; envelhecido, não – nem na poesia, nem na vida. Anacreonte e Petrarca, Salomão e Byron, Ovídio e Musset, Camões e Hugo, viveram e versejaram separados uns dos outros por séculos de distância; e todos amaram de amores novos e viçosos, e todos cantaram o amor com vozes novas e frescas. Por que supor estancada de repente uma fonte de inspiração que em todos os tempos manou sempre abundante? Dentre os

poetas, raros admitirão que não haja mais a dizer e ouvir do amor cousas interessantes; dentre os namorados, nenhum acreditará...

A arte, em todo caso, é a mais custosa e a mais exigente das amantes. A produção da obra artística demanda uma apaixonada energia. Na poesia, as rimas são um luxo suntuoso de pedras preciosas; as frases em que se moldam as ideias precisam ser de ouro, sonoro e fino. A poesia vive de riquezas que só se adquirem e acumulam por um áspero labor, garimpando assiduamente na língua; lapidando pacientemente palavras até pôr a descoberto o seu brilho íntimo, que é a sua significação precisa e luminosa, domando, corrigindo, encaminhando a inspiração, muitas vezes inconsciente, quase sempre tumultuosa, sempre descuidada; submetendo-se ao regime severo do número e do ritmo; e só assim se familiarizando com essa difícil, maravilhosa linguagem que tão poucos falam, e todos entendem...

Um livro como o Ementário representa – e disfarça na simplicidade aparente e procurada dos seus versos – um esforço violento e duradouro. Não o produziu o meio indiferente, senão hostil; fê-lo o poeta, sozinho, desajudado, consagrando-lhe o melhor de sua mocidade, sacrificando por ele a bem-aventurança tão cobiçada de se deixar viver; trocando a delícia fácil de apenas vegetar sobre a terra pela ansiosa tortura que é o desejo insaciável da perfeição. Só explica tão forte empenho posto em granjear tão modesto resultado, como é um livro de versos, aquele fortíssimo instinto, profundamente humano, que se rebela contra a morte, sonhando, para ainda depois dela, uma continuação modificada da vida... A ambição de deixar a sua alma ecoando sonoramente em outras almas, através dos tempos, é sem dúvida o incentivo dos poetas, e a ilusão de quase todos eles. Que recompensa melhor promete alguma religião aos que estimula na incerta e penosa conquista do céu?

Gustavo Teixeira quis gentilmente associar ao seu livro de estreia o meu nome envelhecido, e aos seus versos algumas linhas de inútil prosa. Submeti-me ao desejo amável do poeta, sabendo bem que nenhuma prosa alheia o recomendaria como os seus próprios versos. Dar conselhos é um dos privilégios que a idade se arroga, muito particularmente em prefácios, como este, enxertados em livro de estreante. Não sei se alguém terá autoridade para aconselhar um poeta de talento; eu com certeza não a tenho, e não a pretendo. Um poeta de talento sente, adivinha por intuição, o que mais convém à feição do seu

espírito. Se fosse possível, só um conselho seria lícito dar-lhe: o de ter inspiração, e muito amor à sua arte. São qualidades que se não adquirem a conselho de outrem. Demais, Gustavo Teixeira possui-as ambas, e em alto grau: prova-o triunfantemente o Ementário.

S. Paulo, 1908.

VICENTE DE CARVALHO.

Prefácio de “Poesias Completas de Gustavo Teixeira”, 1ª ed.
1959, p. 7-16
Editora Anhambi – SP
Gustavo Teixeira: Presente – Cassiano Ricardo

GUSTAVO TEIXEIRA: PRESENTE

A obra de quase todos os escritores – disse uma vez Joaquim Nabuco – se reduz a algumas páginas.

Tudo o mais, mesmo o que escreveram de sofrível, serve para contraste. Realça o mérito daquelas poucas páginas realmente válidas, ou gloriosas. Tem esse préstimo.

Os poemas de Gustavo Teixeira, em sua maior parte, parecerão pouco significativos em face das exigências líricas modernas e das pesquisas e recursos que ampliaram consideravelmente a concepção de poesia.

Mas essa parte menos valiosa dos seus versos – a maior extensão – serve, no mínimo, pra dar grande força a algumas admiráveis composições que ele nos deixou e que ora figuram (inclusive as póstumas) nestas “Poesias completas”.

Modesto como foi, isso será bastante à sua glória.

Quem terá escrito, no Brasil, e no gênero então vigente, um soneto mais belo do que “Cleópatra”?

Não obstante a ojeriza que o “new criticism” vota à biografia (e mesmo porque não sou crítico) parece-me indispensável esclarecer desde logo – como o fez Vicente de Carvalho em prefácio ao “Ementário” – que Gustavo Teixeira foi um poeta do interior.

Simples secretário da Câmara Municipal de S. Pedro de Piracicaba, suas desataviadas funções nunca passaram daí.

Sofreu ele, portanto, sob certo ângulo, as limitações decorrentes desse fato.

Como explicar então tamanha riqueza verbal como a ele que dá mostras em seus vários livros, num recanto de cidade singela e pitoresca?

Uma necessidade de compensação, possivelmente, como a que está implícita em “À sombra dos Montes”:

“Quero escalar os píncaros dos montes
 porque meus olhos vão ficando tristes
 de saudade dos amplos horizontes”.

Quanta vez tal desejo de “amplos horizontes” não terá pungido a alma do poeta em seu pequeno – embora afetivo – mundo municipal!

Outra curiosidade: o seu amor à Grécia, em S. Pedro de Piracicaba. Fala ele em “formas gregas de alabastro”; o seu poema “Horas Mortas” é dedicado “a uma grega”. Em “A um Poeta”, diz:

“Invoca a inspiração! Em teu auxílio chama
 os deuses imortais da Grécia primitiva!”

Os mitos gregos se imiscuem a todo instante em seu poetar.

Mas é sabido que há na vida de cada um de nós o “momento em que somos gregos”, como observa Emerson. O poeta talvez não tenha escapado a esse tributo; o estranho é que, simples como foi, em seu lirismo pessoal, tenha ele sido tão grego nas condições “municipais” em que escreveu o seu “Ementário”.

Não se quer dizer com isto que houvesse sido Gustavo Teixeira um “poeta municipal” em relação ao “federal”, segundo o malicioso poema de Drummond. Antes, não lhe faltou aquele “barro do município” a que alude Ribeiro Couto, condição pra ser “federal” no legítimo sentido de “brasileiro”.

Não lhe faltou sequer ser “grego”, isto é, universalizar-se pelo espírito.

Afinal, o verdadeiro poeta tem que ser tudo isso, a um só tempo; ser grego e ser municipal; regressar ao antigo e ser criança à hora em que bem o entenda...

Haverá, como é natural, quem lhe aponte e mesmo não perdoe os defeitos.

Um deles será a falta de contensão em numerosas composições inteiramente constituídas de versos alexandrinos, embora uns com cesura na sexta sílaba e outros de ritmo ternário.

Sem dúvida tais poemas são excessivos, longos demais, como “O Sonho de Marina”, “Última Página”, “Leda”, “Versos Brancos” e muitos outros.

Faltou-lhe talvez um pouco mais de autocrítica; faltou-lhe o senso da medida.

Se ele houvesse cortado a metade ou mesmo dois terços a cada uma de tais composições, podendo-as, teria sido mais feliz. Foi essa a receita que Mário de Andrade lembrou, por exemplo, com referência a Castro Alves cujos poemas, (alguns, naturalmente) pra se tornarem mais belos, deviam ser cortados na carne verbal excessiva, suprimindo-se versos e estrofes que estão sobrando, aqui e ali, nas suas “Espumas Flutuantes”.

No caso de Gustavo Teixeira, poeta das roseiras, o perigo do corte estaria apenas num erro de tática ou de tacto: ir aparar os espinho e, ao invés, cortar algum botão de rosa... Mas que importância teria para ele um botão a mais ou a menos? Outros botões (como as “ilusões ridentes”) não lhe faltariam. Pois o seu coração não era

“uma roseira verde,
coberta de botões”?

Além do excesso, a monotonia do ritmo invariável, com as suas tônicas incidindo sempre em sílabas pré-determinadas, redundando em hipnose.

Hoje se discute muito a respeito do ritmo como “elemento de expressão” – ritmo que se libertou do metro, quando, há algum tempo atrás, o metro é que determinava o ritmo. O verso livre – e eis uma coisa mais que sabida – realizou essa inadiável conquista. Mas não menos sabido é que o poeta, dentro do mesmo metro, pode variar muito de ritmo sem cair na monotonia, na “marcação de tambor” (como diria Richards) que é o metro como “forma especializada de ritmo”. A “especialização” então reinante era, apenas, a do ritmo sáfico ou do heróico.

Gustavo Teixeira, em seu tempo, preso às contingências da versificação, deixou-se embalar pelo ritmo pré-estabelecido e embalou também os seus leitores com esse poetar monocórdio, próprio de épocas de ritmo mais sossegado e sem problemas.

Quem o lia acostumava-se com a regularidade, através da limitação (definiteness) das surpresas que a rutura do ritmo a ocasiona. E esta rutura, diga-se com apoio no autor já citado, parecendo a frustração de uma expectativa, é, muitas vezes, mais importante que o sucesso previsto.

Versos nos quais, constantemente, encontramos só o que esperávamos, e nada mais, em lugar de algo que podemos e devemos receber, ou descobrir, são simplesmente tediosos e cansativos.

O mesmo se dirá do cacoete de rimar “violetas” com “borboletas” que Gustavo Teixeira praticou em excesso, e invariavelmente. O leitor encontra violetas e já sabe que vêm as borboletas; encontra borboletas e é infalível o ramo de violetas.

Verdade que o poeta de “Harpa Eólia”, procurou renovar sua temática, alguns vezes. Em “Altar” celebra feitos heróicos e figuras ilustres. Em “Misticismo”, como em “Último Evangelho”, evoca cenas bíblicas, sendo digno de nota “A Lenda das Andorinhas”, entre outros poemas. Em “Sonetos Antigos” exalta várias mulheres, de várias nacionalidades. Não obstante patriota, nascido em S. Pedro de Piracicaba, passa de “grego” a ter “coração cosmopolita”, como outro poeta disse a respeito de si mesmo.

“Os Párias” é um soneto de índole social – nota que ainda se encontra em “O Cego”, “Messalina”, “A Justiça de Deus”. As trovas de “Lira Azul” demonstram que o poeta não se limitou aos alexandrinos; que tanto cinzela um soneto parnasiano com também compõe pequenos ramilhetes de flores singelas de gosto popular.

Em assunto de influências, claro que ele as recebeu – como todos os poetas de qualquer época. Umas de ordem geral – como as de seu período estilístico – outras de ordem mais particular, como a de Luís Guimarães Júnior, tão pronunciada em “Morta”, “A Casa Paterna”, “De Volta”, “Noite de Inverno”, etc.

As traduções que figuram neste volume mostram, aliás, a sua familiaridade com os poetas em voga, ou de sua predileção: Stecchetti, Balville, Hug, Rollinat, Coppée, Tin Tun Sing, Oram Si e outros, estes orientais.

Não se lhe escasseou uma certa vocação para o epigrama, como em “No Dia em que Partiste” ou em “Morta”.

Mas o que mais conta em Gustavo Teixeira é o lírico amoroso, galanteador, com claros acentos de tristeza e polidez. Sob certo aspecto se pode dizer mesmo que o seu lirismo é próprio fenômeno poético que ele viveu. É a parte – diga-se – cordial dos seus poemas. E acontece que, não raro, o poeta intelectualiza mais a forma, dando-lhe sentido também estético e não apenas técnico. Então o nível de sua produção se eleva, em qualidade; e é então que o vemos na plenitude do seu estro.

Refiro-me, principalmente, aos “Poemas de Forma Fixa”.

Leia-se, por ex., esta “Balada Cor de Rosa”:

Desde que viste, foragida
estátua da Hélade pagã,

quebrei a lira enternecida,
em que gemia, como Ossian.
Minha esperança não foi vã,
A iluminar meu paraíso,
esplende a estrela da manhã,
a doce luz do teu sorriso.

Se a tua frente enlanguescida
beijo, num gesto de galã,
o olhar me volves, comovida,
do rosto em púrpura a maçã.
E em tua boca de romã,
onde alvas pérolas diviso,
fulge outra gema, em brilho irmã:
a doce luz do teu sorriso.

Tu és o sol da minha vida!
O teu amor de castelã
de um antro faz jardins de Armida
e dá-me força de um titã...

Eis-me, afinal, na Canaã
dos sonhos de ouro onde improviso
loas a Deus e odes a Pã,
à doce luz do teu sorriso!

OFERTA:

Será de espinhos amanhã
o chão de flores que hoje piso,
se me faltar, Aldebarã,
a doce luz do teu sorriso!

A “Balada Antiga”, a “Balada Lírica” apresentam o mesmo rigor formal, a mesma graça. Que galanteria em “Balada da Violeta”.

Agora, uma pergunta: foi Gustavo Teixeira um parnasiano, em seu verdadeiro sentido estilístico, além desse baladista encantador?

A releitura de “Cleópatra” será a melhor resposta a semelhante indagação?

“Sob o pátio de um céu broslado de cambiantes,
a galera real, de tírias velas tesas,
avança rio adentro, arfando de riquezas,
cheia de um resplendor de pedras coruscantes.

Sob um dossel de biso, entre espirais ebriantes
de um incenso, a escultural princesa das princesas
cisma... Remos de prata, à flor das correntezas
deixam móbeis jardins de bolhas trepidantes.

Soluçam harpas de oiro às mãos de ancilas belas.
Branda aragem enfuna a púrpura das velas
e à tona da água alveja um espumoso friso.

E a náiaide do Egito, ao ver a frota ingente
de Marco Antônio, ri, levando, ùnicamente,
contra as lanças de Roma a graça de um sorriso.

Encontra-se aí, nítido, o elemento “escultural”. A própria palavra se impõe em “a escultura das princesas”. O elemento “pictórico” está na “púrpura das velas”, como em todo o painel representando a embarcação e o rio. Embarcação cujos remos de prata, à flor das correntezas,

“deixam móbeis jardins de bolhas trepidantes”

Nota-se o efeito de “bolhas trepidantes” com a líquida “lh” (de “bolhas”) e a aliteração dos “t t” (em “trepidantes”) em continuação de “tírias velas tesas”. E se a luta entre o simbolismo e o parnasianismo foi uma questão de vogais, veja-se que aí se trata, não daquela “acústica transcendental” que via no “i” a voz no violino e no “u” a do contrabaixo (João Ribeiro) ou que recorria a “monofonias viciosas no verso e na rima” (Alberto) mas de caracterizada harmonia de vogais com os seus diferentes timbres em cada verso.

Vogais que não interessam apenas à estilística fônica como também adquirem algo de pintura nessa paisagem verbal. São mesmo (se se pode falar em vogais concretas) as bolhas desses jardins movediços em que se transforma o rio sob os remos de prata.

Por sua vez, a metáfora “móbeis jardins de bolhas” se apresenta admirável, num sentido “funcional” e não somente “evocativo”.

Mais que toda essa pompa de friso em alto relevo; mais que toda a riqueza das pedras coruscantes e do dossel de biso, mais que a “escultura de Cleópatra”, é o seu triunfo espiritual

... levando, unicamente,
contra as lanças de Roma a graça de um sorriso.

Não é por acaso ou simples sortilégio que um poeta reúne, assim, tantos recursos líricos e formais num soneto; é pela consciência do seu ofício; é pela sua “intensity of the artistic process”; é pela captação da beleza com a redenominação das coisas.

Torna-se mais difícil distinguir nos decassílabos da época – como observa Manuel Bandeira – o que é parnasianismo, sendo fácil fazê-lo em relação aos alexandrinos.

Se a distinção é essa, nada mais simples. O soneto em apreço é construído de alexandrinos; portanto, é parnasiano.

Talvez não se possa resolver a questão assim, tão sumariamente. Nada mais errôneo do que a impressão de que basta um soneto ser alexandrino naquela época para “parnasianizar-se”. Nem o mestre da “Estrela da Manhã” quis dizer tal coisa.

Muito menos confundir parnasiano com “clássico” ou com escrever bem.

Mas bastará o alexandrino ser solene, aristocrático, pra ser parnasiano? Também não me parece procedente semelhante arguição, mas apenas o resultado frequente de adquirir o verso alexandrino certa ênfase por uma questão de tonicidade e número de sílabas; pela amplitude que lhe empresta grave eloquência em dois de seis (pela cesura) e a ênfase desaparece:

“Quando uma virgem morre,
uma estrela aparece, etc.

Transformado o alexandrino bilaqueano em dois versos curtos, estará torcido, ipso facto, “o pescoço à eloquência”; cessa-lhe a solenidade e, por assim dizer, de alcandorado que é, passa ao redondilho menor, pedestre, despojado, seco.

O que caracteriza – e não é preciso nenhum esforço para o perceber – o alexandrino parnasiano, está em sua concepção estética, a da arte pela arte; está em sua temática peculiar, objetiva; na palavra

empregada a rigor (mot juste); em seus atributos plásticos, que variam entre pictóricos e esculturais.

É o que em “Cleópatra” atingiu Gustavo Teixeira, sem embargo de se tratar de um poeta do interior, cheio de pudor e modéstia.

E o atingiu sem confundir valorização da técnica com estética, sem confundir parnasiano com clássico, nem “forma” com regras de pura versificação. Antes, caracterizando uma concepção de poesia artística, como a dessa pequena obra-prima, notável pela dignidade, pela adoção de princípios e valores que a identificam, de sobejo, em face de outras experiências e de outros períodos estilísticos.

Verdade que já se fala em volta à clareza, ao contra-mistério, ao sentido exato das palavras. Há quem diga: quero que rosa seja rosa mesmo – desejo facílimo de ser atendido prontamente. Nem é novidade, uma vez que Fernando Pessoa (por ex.,) prefere o nenhum mistério das coisas em “O Guardador de Rebanhos”, operação talvez mais difícil ou, pelo menos, discutível depois que Valery falou no “mistério da claridade” e houve quem, por seu turno, escrevesse: “L’obscur m’est Clair et la lumière obscure”...

Não há, pois, razão alguma para, por suposta procuração de Mr. Teste, condenar-se o verdadeiro parnasianismo, nem para que hoje alguns novos esteticistas se ofendam tanto, quando a crítica lhes chama neo-parnasianos. Como se chamar alguém de parnasiano fôsse um insulto, igual ao que pretendeu aquele cocheiro aludido por Catulle Mendès e que, desejando xingar o seu freguês, exclamou-lhe: “parnassian, va”!

Por certo, os problemas de hoje são outros e não é Gustavo Teixeira que irá satisfazer às exigências, à complexidade da poesia moderna.

Seria mesmo absurdo examiná-lo sob esse aspecto; tão absurdo como querer descobrir nos poetas do passado apenas argumentos a combater.

O emprego da palavra a rigor, típico do parnasianismo, foi substituído pela invenção, pela recriação da palavra. A lógica foi substituída pelo subconsciente, a clareza pela obscuridade, o prazer poético pelo intelectual, o verso medido pelo livre, o modelo pela pesquisa, a linguagem corrente pelo dialeto lírico, etc.

Mas porque um Mallarmé vai ao extremo da obscuridade e do raciocínio vamos dizer que o nosso Casimiro de Abreu não foi poeta?

Não seria honesto, enfim, julgar Gustavo Teixeira hoje, mercê de uma concepção de poesia que já não é a sua. Torna-se preciso, até por

elementar imposição de perspectiva, situá-lo no período estilístico a que ele pertenceu (no dealbar do século XX) quando ainda em vigor (1908) os recursos poéticos tão bem fixados no prefácio do grande Vicente de Carvalho.

Porque, mesmo depois da Semana de Arte Moderna, manteve-se o poeta de “Ementário” alheio, até à morte (1937) aos problemas sociais, estéticos, ideológicos, líricos, de hoje.

Além disso, poemas de ontem só nos agradam hoje porque escritos ontem; escritos hoje, seriam anacrônicos... Sem a vivência que lhes assegura a sobrevivência.

Muita coisa poderia eu dizer ainda, de um modo geral, a respeito dos poemas de Gustavo Teixeira, ora polidos como em “Os Triunfadores”, ora puramente sentimentais como os que dedicou à filha ausente, em “Colar de Rimas”.

Mas não estou aqui – como o leitor já terá percebido – fazendo um estudo crítico de sua poética, senão apenas louvando a memória de um vate que amou, principalmente, a beleza e a humildade.

Direi apenas, para concluir, que Gustavo Teixeira precisa ser compreendido com o indispensável recuo no tempo. O artista de “Cleópatra”, dos sonetos líricos de “Cambiantes” (“A Agonia da Árvore”, entre muitos outros) e principalmente o das baladas, das formas fixas, então será lido com maior enlevo, e com a grata emoção que desperta, mesmo nos dias de hoje.

Daí a importância desta edição de suas “Poesias Completas” que Anhambi, orientada pela inteligência inquieta e aguda de Paulo Duarte, oferece ao público brasileiro.

CASSIANO RICARDO

Prefácio de “Poesias Completas de Gustavo Teixeira”, 2. ed.
1981, p. 9-13

Imprensa Oficial – SP

Introdução à poesia de Gustavo Teixeira – Maria de Lourdes Teixeira

INTRODUÇÃO À POESIA DE GUSTAVO TEIXEIRA

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA

Este prefácio, que me foi solicitado pelo Sr. Prefeito de São Pedro, parece-me supérfluo, desde que o presente volume traz os textos consagradores de dois grandes poetas, dos maiores de São Paulo e do Brasil – Vicente de Carvalho e Cassiano Ricardo. Entretanto, a fim de dar cumprimento ao honroso mandato e também prestar a minha homenagem ao poeta da cidade que é também a minha, aqui me reporto a algumas referências biográficas. E isso porque – segundo Lionel Trilling em sua obra *Literatura e Sociedade* – “o estudo das condições intelectuais em que uma obra literária é produzida não só é legítimo, mas às vezes até mesmo necessário para a percepção do seu poder.” E Simone de Beauvoir: “Um livro só adquire seu verdadeiro sentido quando se sabe em que situação, em que perspectiva foi escrito.”

Gustavo Teixeira nasceu a 4 de março de 1881, na então São Pedro de Piracicaba, no Sítio São Francisco, propriedade de seus pais, situada nas fraldas da Serra Itaqueri. Aí aprendeu a ler com a mãe, desenvolvendo-se a olhos vistos não só por sua inteligência incomum como também pelas vantagens que lhe proporcionava o ambiente doméstico. Pois sua progenitora era senhora de apreciável instrução, educada que fora pelas irmãs de São José, no Colégio Patrocínio, de Itu (tendo sido a segunda aluna matriculada naquele tradicional educandário tão ligado ao passado das matronas paulistas); e seu pai, Francisco de Paula e Silva, natural de Sorocaba, cursara o velho colégio paulistano Moritson e, a seguir, o seminário, que abandonara para casar-se, pouco antes da ordenação sacerdotal; dispunha de sólida cultura humanística, sendo latinista emérito. Adolescente, Gustavo teria na própria família ainda outro mentor intelectual: o irmão mais velho, Francisco de Paula Teixeira, homem de instrução incomum, que transmitiu ao mano o amor dos clássicos, lhe ensinou o latim, o francês, o italiano, o espanhol, e em cuja rica biblioteca o poeta se abeberou a vida inteira.

Cedo revelou Gustavo o pendor literário, ainda menino fazendo do Tratado de Metrificação, de Castilho, seu companheiro inseparável, e compondo os primeiros versos aos doze anos de idade. Podemos imaginá-lo, garoto estudioso, introspectivo e já solitário, diferente dos irmãos, à sombra do seu vale natal, tentando aprisionar a ave de ouro da nascente inspiração na rígida gaiola da forma preconizada pelo mestre português. Naqueles mesmos sítios pitorescos que mais tarde iriam sugerir ao poeta já consagrado tantos poemas de inspiração tipicamente bucólica, captada nas mais puras fontes da poesia tradicional do nosso idioma, quase de tradição clássica virgiliana.

Adolescente, foi durante seis meses professor de escola rural na fazenda Campestre, propriedade de seu tio Joaquim Teixeira, o magnata da região, senhor de muitas e enormes fazendas. Nesse retiro escrevia febrilmente. E a esse tempo, pela primeira vez deu a público seus poemas, no Correio Paulistano, na seção denominada “A Propósito”, redigida por Álvaro Guerra sob o pseudônimo de “Simplício”, que costumava divulgar poesias.

Em 1901, ou seja, aos vinte anos, veio Gustavo para a Capital a fim de seguir um curso superior e trabalhar na Folha Nova, vespertino fundado por Garcia Redondo. Passou também a colaborar n’A Vida Moderna e n’A Musa, revista mensal de arte e literatura de propriedade de René Thiollier e Júlio Prestes. Nesse período fez numerosos amigos, participou de rodas intelectuais, publicou com assiduidade trabalhos na imprensa. Datam de então algumas amizades que lhe foram fiéis durante a vida inteira, como entre outras, as de Júlio Prestes e Martins Fontes.

No entanto, inadaptado à vida de São Paulo, desistindo de seguir qualquer curso superior já que se sentia predestinado à poesia, cerca de dois anos depois regressou à sua terra natal, onde foi nomeado secretário da Municipalidade (cargo que desempenharia até o fim de seus dias, durante trinta anos). De São Pedro, a partir de então, só raramente se afastou, em viagens à capital do Estado, ao Rio de Janeiro e a Santos onde o atraíam os banhos de mar recomendados pelos médicos e a companhia de seu irmão Otaviano (outro erudito), que lá residia.

Não lhe faltaram ofertas de colocações bem remuneradas na imprensa paulistana e carioca, possibilitadas por amigos e admiradores, convites sempre recusados sistematicamente.

Foi, pois, reintegrado na paz de São Pedro, que em 1908, viu sair o seu livro de estreia, Ementário, hoje uma raridade bibliográfica, impresso na Tipografia Maré, situada na rua da Caixa d’Água, número

2, em São Paulo, prestigiado por elogioso prefácio de Vicente de Carvalho.

Não vou mencionar aqui trechos dessa apresentação, mesmo porque este volume a reproduz na íntegra. Mas não me furto ao prazer de relembrar o destaque dado pelo autor dos Poemas e Canções à estrofe gustaviana “Quem perde uma ilusão ridente nada perde...” – versos “amigos da memória” conforme disse Saint-Beuve, e que se gravam em nosso cérebro para sempre.

Para o moço retraído, absolutamente incapaz de cortejar a fama e a publicidade, era a consagração. De fato, o livro obteve completo êxito. Era o tempo em que pontificavam nas colunas e rodapés da imprensa carioca o apaixonado Sílvio Romero, o carranca Osório Duque Estrada, o lúcido João Ribeiro, e tantos outros críticos eventuais como até hoje o são quase todos os escritores: Goulart de Andrade, Coelho Neto (que, com uma de suas páginas retórica, inspirou a Gustavo o poema “Tântalo”), Afonso Celso, João do Rio, Luís Guimarães Filho, Emiliano Pernetta, Hermes Fontes, Melo Moraes Filho, Alphonsus de Guimarães, para só mencionar alguns dos que analisaram o Ementário exaltando-lhe os méritos, unânimes em lhe reconhecerem a espontaneidade da inspiração e o apuro da forma.

Desde então, insistentemente solicitado, do seu retiro do interior paulista passou o poeta a colaborar com frequência em revistas e jornais tanto de São Paulo como do Rio de Janeiro (era o tempo em que a imprensa costumava dedicar espaço à poesia), seus poemas sendo reproduzidos no Brasil inteiro. Além do Correio Paulistano, divulgavam-lhe as produções O Comércio de São Paulo, A Notícia, a Ilustração Brasileira, Minerva, Rosa Cruz, a Gazeta de Notícias, o Jornal do Brasil, etc. Colabora também na imprensa portuguesa, e poemas seus são traduzidos para o francês, o italiano, o sueco, o castelhano, publicados em revistas literárias estrangeiras.

Conquanto famoso, em nada se altera a substância incorruptível de sua modéstia. Continua na mesma existência tranquila, no seu mundo sensível e solitário, cumprindo as tarefas burocráticas, consagrando todo o tempo disponível aos livros, ao estudo, à poesia, cercado pelo carinho da cidade inteira que dele passa a orgulhar-se, respeitando-lhe a esquiva e a reserva. Ama cada vez mais a sua pequena cidade: o jardim público com a sombra de suas velhas árvores e o lago minúsculo onde se reflete um pedaço de céu; a comprida rua Coronel Veríssimo Prado que, em rampa, vai até à estação do trem da Sorocabana; o recorte azul ou roxo da serra do horizonte conforme seja manhã ou crepúsculo;

a modorra do casario singelo; os ritos habituais do cotidiano; o grave e plácido deslizar das horas, cuja sequencia ressoa a intervalos no relógio da torre da igreja com seu som familiar e antigo.

Em fevereiro de 1925 Gustavo publica o segundo livro, Poemas Líricos, que não teve a rumorosa acolhida do Ementário pela circunstância de que o Movimento Modernista já alterara o esquema dos valores estéticos, amoldando também o gosto de boa parte do público, em particular das gerações novas. Os Poemas Líricos, inéditos durante muitos anos, já eram então um anacronismo de gosto superado pelas técnicas renovadoras, ressumando certo aroma de flores fanadas. Além disso, o ostracismo voluntário do poeta o fizera um desconhecido dos leitores.

Os anos passam.

Em princípios de 1937, a Academia Paulista de Letras reconhece de público os seus méritos elegendo-o para a vaga de Paulo Setúbal, acontecimento que teve repercussão na imprensa. Gustavo recebeu congratulações providas do país inteiro, de velhos amigos e admiradores fiéis, mas não se animou a vir a São Paulo tomar posse da cadeira. A solenidade de praxe, com discursos e panegíricos, era absolutamente inviável para o seu retraimento e incompatível com a sua modéstia.

Nessa oportunidade, uma caravana de estudantes da Faculdade de Direito da Capital, por iniciativa da Associação Acadêmica Álvares de Azevedo, foi a São Pedro a fim de visitá-lo e demonstrar-lhe o seu regozijo pelo ato de justiça da Academia Paulista de Letras.

Coroando a série de manifestações de apreço nessa derradeira etapa de sua existência, como reconhecimento do valor de sua realização literária e da dignidade de sua vida toda ela dedicada às letras, a Câmara Municipal de São Pedro, por decisão unânime, resolveu outorgar o nome de Praça Gustavo Teixeira ao principal logradouro da cidade – o largo da matriz com seu jardim público.

Foi profunda a emoção que tais acontecimentos despertaram na extrema sensibilidade do poeta. Ainda bem que os recebeu em vida. Pouco mais que tardassem teriam assumido caráter póstumo. Pois nesse mesmo ano de 1937 faleceu, a 22 de setembro, tendo à sua cabeceira, por curioso desígnio do destino, outro grande intelectual paulista, “vanguardista experimentador” – Oswald de Andrade, sob quase todos os aspectos da antítese de Gustavo. Foi Oswald quem, de São Pedro, comunicou à imprensa brasileira através de telefonema à Agência Havas o falecimento do autor do Ementário.

A cidade inteira desfilou diante dos seus despojos, inclusive os rapazes do Tiro de Guerra e as crianças das escolas. Diante do seu túmulo, além de outros oradores, falou Oswald com emoção e carinho.

As placas da Praça Gustavo Teixeira foram inauguradas a 15 de novembro desse mesmo ano, acrescidas de nova homenagem: inaugurou-se ali também o busco do poeta, em solenidade cujo orador oficial foi Guilherme de Almeida.

Desde então, em São Pedro se comemora anualmente a Semana Gustavo Teixeira, com especiais tributos de admiração ao poeta da cidade, inclusive com a presença de um conferencista especialmente convidado a falar sobre ele e sua obra. E o Museu-biblioteca Gustavo Teixeira manterá acesa a chama de sua lembrança nas gerações futuras do seu berço paulista que ele tanto amou.

Em 1959 a Editora Anhambí publicou, em belo e cuidadosa edição, as suas Poesias Completas, incluindo as inéditas, organizadas por Cleómenes Campos e apresentadas por Cassiano Ricardo, edição essa há muito esgotada.

Não analisarei a obra de Gustavo Teixeira em si mesma. Vicente de Carvalho e Cassiano Ricardo já o fizeram com autoridade e justiça, em estudos que enriquecem este volume cuja publicação em boa hora foi promovida pela atual Prefeitura de São Pedro, assim comprovando seu interesse cultural e a fim de melhor comemorar em 1981 o centenário de nascimento daquele que é hoje um mito e um ídolo da cidade. Restrinjo-me às mencionadas referências biográficas, destinadas àqueles que nada sabem de Gustavo Teixeira, da solidão em que viveu realizou a sua poesia. Como Hölderlin, ele poderia dizer: “Sê tu, ó canto, o meu asilo amigo!” E ainda como o genial precursor do Romantismo alemão, também teve a sua Diótima que só lhe proporcionou sofrimento e pela qual passou o resto de seus dias a mastigar “a amarga e intragável erva do passado.”

Gustavo Teixeira poderia dar aos seus poemas aquela qualificação nitzscheana que serviu de título a um dos livros do polonês Milozs – *As Sete Solidões*, pois todas elas lhe foram companheiras durante toda a vida.

O culto de Gustavo Teixeira – enobrecendo a cidade e o povo de São Pedro – vem confirmar o conceito de Fernando Baldensperger quando escreveu que “o homem político é muito pouca coisa diante do poeta e do escritor”. Na verdade, quantos políticos de prestígio passaram por essa região, e qual deles deixou o rastro luminoso, a aura carismática de Gustavo Teixeira? Mas é que a poesia não foi apenas o complemento

do seu destino. Para ela e por ela viveu, e por ela não morreu e não morrerá nunca. Por ela continua vivo.

São Paulo, dezembro de 1980

ANEXO B – “Embarque para a posteridade”



Foto publicada no jornal “A Gazeta” (SP), de 29 de setembro de 1951, como título “Embarque para a posteridade”, acompanhada da seguinte legenda: “A fotografia histórica que nos foi cedida gentilmente pelo sr. Celso P. Teixeira, sobrinho de Gustavo Teixeira, e filho do prof. Francisco de Paula Teixeira, saudosos mestres de outros tempos, em São Paulo. Vêem-se, da esquerda para a direita: Júlio Prestes, René Thiollier, Francisco de Castro Lagreca, Batista Cepelos e Gustavo Teixeira.”.

**ANEXO C – Farmácia de Miguel Carretta, na Rua Nicolau Mauro
(São Pedro, SP)**



Foto cedida por Maria Stella Teixeira Fernandes Dutra.

**ANEXO D – Casa em que se hospedava Oswald de Andrade, na
Rua Nicolau Mauro (São Pedro, SP)**



ANEXO E – “Herma do poeta são-pedrense”

ANEXO F – Museu Gustavo Teixeira

ANEXO G – Acervo Gustavo Teixeira

ANEXO H – Estante de “caixas” do “Acervo Biblioteca G.T”

ANEXO I – Estante das demais “caixas”

